

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCIA COSTA GRAICHEN MURBACH

HISTÓRIAS INFANTIS E ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

CURITIBA – PR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCIA COSTA GRAICHEN MURBACH

HISTÓRIAS INFANTIS E ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção ao grau de Mestre em Educação Matemática, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna

CURITIBA – PR

Catálogo na Publicação
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Murbach, Marcia Costa Graichen
Histórias Infantis e Alfabetização Matemática./ Marcia Costa Graichen Murbach. –
Curitiba, 2017.
236 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade
Federal do Paraná.

1. Educação Matemática. 2. Alfabetização Matemática I.Título.

CDD 375.51



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS EXATAS
Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARCIA COSTA GRAICHEN MURBACH** intitulada: **HISTÓRIAS INFANTIS E ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

Curitiba, 17 de Maio de 2017.


CARLOS ROBERTO VIANNA

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


MARIA EDNÉIA MARTINS SALANDIM

Avaliador Externo (UNESP/RC)


ANTONIO VICENTE MARAFIOTI GARRIGA

Avaliador Externo (UNESP/RC)



AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna por me receber como sua orientanda. Gratidão pelo apoio às minhas ideias e projeto, pela tranquilidade com que orienta, pelas provocações e o fazer pensar. Gratidão pela escuta sensível e sempre atenta às minhas ideias, trazendo inúmeras contribuições nesse processo (nem sempre) prazeroso do desenvolvimento e escrita da dissertação.

Ao Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica e à Prof^a. Dra. Maria Ednéia Martins-Salandim, meu carinho e gratidão por aceitarem participar da banca de qualificação e de defesa, pelas valiosas sugestões no exame de qualificação, contribuindo imensamente com o trabalho proposto.

Gratidão ao meu amor, meu melhor amigo, meu companheiro, Cristiano. Pela paciência, carinho e colo, pelo incentivo constante ao meu crescimento e desenvolvimento, por acreditar tanto em mim, por ser você. Te amo.

Aos meus amados, Georgia e Rodrigo, pelo apoio nesse projeto de estudo, pela oportunidade e privilégio de ser mãe e tê-los nessa vida.

Aos coordenadores do programa professores doutores Carlos Roberto Vianna e Emerson Rolkouski e à secretária do programa, Antonyhella Santini.

Aos professores do PPGEEM, Emerson Rolkouski, Flavia Dias, Tania Teresinha Bruns Zimer, Marcos Zanlorenzi, Kátia Maria Kasper e Carlos Roberto Vianna, pela sensibilidade e cuidado, pelos saberes compartilhados e pelas inesquecíveis conversas.

Aos amigos de mestrado que compartilharam comigo momentos de aprendizado e que estiveram ao meu lado e me ajudaram em todos os momentos. Um agradecimento especial à Salete Pereira de Andrade e Cinthia Domit Zaniolo Renaux pelas indicações de colaboradoras para a pesquisa.

Gratidão Lizmari Crestiane Merlin Greca, pelo incentivo ao meu ingresso no programa, por estar sempre disponível para me ouvir e pela generosidade da tua amizade.

A todos os meus ex-alunos do Ensino Fundamental. O privilégio de poder aprender com eles proporcionou a reflexão sobre a minha prática como professora e o desejo de aprender sempre mais com os pequenos.

À Secretaria do Estado da Educação pelo afastamento concedido;

Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém.

(DELEUZE, 1987 p.22).

A função do professor é manter aberto um espaço em que cada um possa encontrar sua própria inquietude. (LARROSA, 2007 p. 147)

RESUMO

Essa dissertação tem como propósito evidenciar relações entre o aprendizado em matemática e a utilização de histórias infantis nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Busca-se, por meio dos estudos em alfabetização matemática, perceber possibilidades do uso das histórias infantis como recurso didático de aprendizagem juntamente com o conteúdo de alfabetização matemática previsto. Foram realizadas entrevistas com professores de escolas municipais da cidade de Curitiba e Araucária, no estado do Paraná. Fez-se a escolha pela metodologia da História Oral para ampliar o leque de possibilidades trazendo a fala dos próprios professores viabilizando a inserção dos sujeitos e as histórias de suas práticas docentes, dando vez a novos desdobramentos, indagações, reflexões e enriquecendo a constituição das fontes, da memória, da história e suas relações. Também foram entrevistados alunos do ensino Fundamental Fase I, com a intenção de evidenciar o que as crianças contam sobre a Matemática e as histórias infantis.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Matemática, Alfabetização Matemática, Histórias Infantis, História Oral.

ABSTRACT

This dissertation has the intention of pointing the relationship between mathematics learning and the usage of children's stories in the first years of the Elementary school. Seeking out, through mathematical alphabetization studies, to realize the possibilities of the utilization of those stories as learning resource along with mathematical alfabetazation provided. Municipal school teachers of the cities Curitiba and Araucária in the Paraná state were interviewed. The chosen methodology was Oral History was implemented in order to expand the range of possibilities introducing the speech of the own teachers enabling the insertion of subjects and their teaching practice stories, allowing new unfoldings, inquiries, reflections and enriching the constitution of the sources, the memory, the history and their relations. Also interviews were made with early Elementary School students, with the intent of displaying what children tell about Mathematics and children's stories.

KEYWORDS: Mathematics Education, Literacy in Mathematics, Children's Stories, Oral History.

SUMÁRIO

ERA UMA VEZ	08
PELA TRILHA DA HISTÓRIA ORAL	14
Caminhos da Pesquisa	18
PROFESSORAS E CRIANÇAS COMO PROTAGONISTAS	24
Um cenário para Marlene	24
A Professora Marlene conta suas histórias	25
Um cenário para Lúcia	34
A Professora Lúcia conta suas histórias	35
Um cenário para Claudete	40
A Professora Claudete conta suas histórias	41
Um cenário para Kátia	50
A Professora Kátia Conta suas histórias	51
Um cenário para Marcia	62
A Professora Marcia Conta suas histórias	63
CRIANÇAS INVENTANDO HISTÓRIAS	69
O jogo como abordagem	73
Um cenário para Diogo	77
Diogo conta sua história	79
Um cenário para Giovana	82
Giovana conta sua história	83
ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS - TRANSCRIÇÕES	86
UM CENÁRIO	131
Binômio Fantástico	138
ENTRETECER	145
REFERÊNCIAS	149
ANEXOS	154

Era uma vez

A Alfabetização Matemática, na perspectiva do letramento, nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, conta com a possibilidade de inúmeros recursos pedagógicos e metodológicos utilizados pelos professores em sala de aula. Como parte do processo de alfabetização da língua materna, observa-se a utilização das histórias infantis na rotina escolar. Fanny Abramovich afirma que vários tipos de aprendizagem acontecem em meio ao prazer e ao divertimento:

As histórias permitem a interdisciplinaridade: através delas podem-se descobrir —outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, sociologia, sem precisar saber o nome de tudo isso e muito menos achar que tem cara de aula.(ABRAMOVICH, 1995, p.17).

As histórias infantis contadas a partir de textos literários, de experiências vividas ou imaginadas e utilizadas como apoio à Alfabetização Matemática são mais do que um recurso didático pedagógico a partir do pressuposto que envolvem a leitura deleite, o estímulo à imaginação e o contato com a Matemática de forma significativa.

Ao instigar a fala das crianças – suas perguntas, suas proposições, a socialização de suas estratégias e a atenção às formas do pensar dos colegas - a problematização permite que elas se envolvam intelectualmente (porque pensam estratégias), socialmente (pela interação contínua com professor e colegas) e afetivamente, (porque criam laços de confiança, melhorando sua autoestima (MALDANER, 2011, p. 106).

O desejo de investigar as relações entre a Alfabetização Matemática e as histórias infantis surgiu da minha prática em sala de aula com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas quando iniciei este projeto de pesquisa muitas inquietações ainda estavam presentes. Por quê histórias e Matemática? O que me move para este tema? Quais as possibilidades pedagógicas ao usar histórias infantis nas aulas de matemática? Iniciei uma busca pelo motivo disparador dessa pesquisa e para isso precisei voltar no tempo...

Lembro de muitas histórias na minha infância, mas aquela preferida, a mais divertida, a que não tinha fim e marcou a minha memória foi uma historinha de acumulação¹, contada pela minha mãe e também pela minha avó. Com o passar do tempo, as histórias que faziam parte da minha infância se repetiram com o contar para os meus filhos e também para as minhas turmas de Ensino Fundamental. No início eram apenas histórias, deleite e diversão na tentativa de trazer para a sala de aula o prazer que ouvir e contar me proporcionava e nesse sentido a busca pela troca com as crianças.

Pode-se contar qualquer história para as crianças, a seleção e a escolha é feita pelo narrador a partir das suas intenções e “[...] do quanto saiba aproveitar o texto (enquanto texto e enquanto pretexto)” (ABRAMOVICH 1997, p. 20). Mas se a escolha parte do narrador, as intenções também são dele e, então, o que dizer sobre a leitura com o objetivo de aprendizagem de conteúdos previstos para a disciplina de matemática? O uso da literatura infantil como apoio pedagógico na alfabetização matemática esconde a fruição da leitura ou, o deleite, a imaginação e a criatividade tornam o conteúdo significativo? Nesse caminho a autora Nacarato, diz que “Os textos de literatura infantil podem ser uma alternativa metodológica para os alunos compreenderem a linguagem matemática neles contida, de maneira significativa...” (NACARATO, 2011), mas se a matemática está presente e as relações são feitas por nós, professores, como essas possibilidades podem acontecer de forma autêntica? Qualquer assunto é possível, mas não depende só da curiosidade da criança, mas também do desenrolar da vida, do mundo, das contradições. A abordagem precisa ser mobilizadora, verdadeira e esse momento, esse encontro, há que ser orgânico. Por muito tempo essa questão pairou sobre minha prática como professora e sobre minha paixão pelas histórias infantis.

Esse estudo investiga as possibilidades de alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis. A trilha percorrida inicia-se com o

¹ Contos em que os episódios são sucessivamente encadeados. Fases temáticas consecutivamente articuladas. (CASCUDO, 1972 p. 304). O disparador da narrativa apresenta a repetição de um mesmo evento ou situações semelhantes que se acumulam sucessivamente no desenrolar da história, até uma inversão da situação ou dos enunciados que a expressam quebrando o ciclo de repetições de forma surpreendente levando ao desfecho. Essa estrutura facilita a antecipação do que virá, por parte das crianças, tornando mais fáceis a leitura e a retenção da história.

contar sobre a escolha da abordagem qualitativa na pesquisa e os procedimentos metodológicos em História Oral, tendo como base para este estudo autores como José Sebe Bom Meihy, Paul Thompson, Carlos Roberto Vianna e Antonio Vicente Marafioti Garnica.

A história dessa pesquisa segue então com as personagens, as professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental Fase I, elas contam como se estabelece a rotina em sala de aula e o uso das histórias infantis como recurso pedagógico em suas aulas. As crianças, personagens que contam suas histórias, foram ouvidas e trechos dessas entrevistas têm o intuito de ilustrar as relações entre a Matemática e as histórias infantis, são um elemento para trazer à tona a fala das crianças sobre como elas entendem o que é Matemática.

Nessa perspectiva foi realizado, inicialmente, um levantamento prévio nas escolas da rede Municipal da cidade de Araucária (Escola Municipal Elírio Alves Pinto e Escola Municipal Nadir Nepomuceno Alves Pinto) e na cidade de Curitiba (Escola Municipal Maringá e Escola Municipal Vila Zanon) para compor o contexto do espaço da pesquisa. Para a preparação da entrevista é fundamental a busca por informações básicas por meio de coleta de informações ou entrevistas exploratórias, assim é possível delimitar seu campo de trabalho, problemas e possíveis soluções (THOMPSON, 1992 p. 254).

Para que essa nossa história tenha um cenário, um ambiente, busco na alfabetização, no letramento e na matemática a fundamentação para investigar as intenções pedagógicas relatadas pelas professoras sobre a utilização das histórias infantis aliadas à alfabetização matemática.

A criança carrega os conhecimentos do seu mundo e, ler ou contar histórias despertam o pensar, as possibilidades e capacidades de argumentação, a curiosidade, o desejo de resolver problemas e questionar possíveis soluções. Para Abramovich, “Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico” (1997, p. 143). O que nos leva a saber que é mais do que a novidade, o deleite, a imaginação solta e a criatividade a mil, como mostra também o caderno 1 do PNAIC (Pacto Nacional pela

Alfabetização na Idade Certa)² “A comunicação oral possibilita uma maior interatividade entre alunos e professor em sala de aula. Muitas vezes é no momento da exposição oral de um raciocínio que o aluno toma consciência sobre o seu modo de pensar, correto ou não”. (BRASIL. MEC, 2014 p. 25). Essa bagagem cultural, que torna a criança parte de uma cultura letrada dá lugar ao protagonismo em situações nas quais as estratégias pessoais possibilitam a ampliação de suas potencialidades e da maneira como irão ultrapassar suas limitações. (KLEIMAN, 2007 p.6)

Para tecer as possibilidades matemáticas e descobertas a partir das histórias, procuro dialogar com os autores em *Alfabetização Matemática: Adair Mendes Nacarato, Kátia Smole, Cristiano Alberto Muniz, Nilson José Machado, Alinna Spinillo e outros*. O fundante em alfabetização e letramento vem a partir do estudo das obras de Magda Soares e Angela Kleiman. Sobre o contar histórias e suas possibilidades busco a contribuição de Fanny Abramovich, Gilka Girardelo. Gianni Rodari traz um contorno a este cenário, com as potencialidades da língua e suas combinações fantásticas, o lúdico e o imagético das histórias, a tradição oral das cantigas e toda a gama de (re) significações e possibilidades que as histórias infantis e a matemática podem conter. Para Rodari, lógica e imaginação caminham juntas, a imaginação “nasce da intuição de um vínculo novo entre dois elementos que o acaso aproxima” (RODARI, 1982. p. 39).

Buscando não perder de vista o que é o objetivo conceitual no processo de aprendizagem, a trilha dessa história passa pelos documentos oficiais, os PCNs para o 1º Ciclo do Ensino Fundamental, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, as orientações da Secretaria de Estado da Educação do Paraná para o Ensino de 9 (anos), os Direitos de aprendizagem definidos pelo ministério da Educação e as Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal.

² Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. A formação acontece em Curso presencial de 2 anos para os Professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Acesso: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>

Após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96, em 20 de dezembro de 1996, Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam:

Um aspecto muito peculiar a este ciclo é a forte relação entre a língua materna e a linguagem matemática. Se para a aprendizagem da escrita o suporte natural é a fala, que funciona como um elemento de mediação na passagem do pensamento para a escrita, na aprendizagem da Matemática a expressão oral também desempenha um papel fundamental. (BRASIL, PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. Matemática. 1997, p.45)

Costurando a história e para que ela tenha um arremate, como forma de alinhar as compreensões que foram possibilitadas pelas entrevistas e a fim de mobilizar essas compreensões, valorizando as fontes e a riqueza de suas narrativas e atentar às contribuições das personagens dessa história, essa dissertação encontra em Jerome Bruner argumento para aproximar, a pesquisadora e o leitor desse estudo, das intencionalidades das professoras e crianças, sabendo que

[...] a narrativa, em todas as suas formas, é uma dialética entre aquilo que era esperado e aquilo que veio a ocorrer. Para que exista um relato, alguma coisa inesperada deve acontecer – de outro modo, não há o que se contar (BRUNER, 2014. p. 24).

A capacidade de composição e combinação, inerente às crianças e observada nas brincadeiras infantis, o que é reelaborado criativamente e o novo fazem parte desse processo, como afirma Soares “A criança, ao inventar uma história, retira os elementos de sua fabulação de experiências reais vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo” (2008, p.147).

É no momento de sensibilidade da fala das personagens, na experiência e, no contar sobre ela, que o plano e roteiro da entrevista traçado se depara com a intensa participação dos alunos. Para tanto, provoço você, leitor, para uma leitura exploratória desse relatório de pesquisa a partir das transcrições das entrevistas com as crianças, no capítulo **ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS - TRANSCRIÇÕES** (p. 86). Justifico essa proposta de leitura inicial não linear, na

possibilidade de um encontro com o momento das entrevistas e seus desdobramentos.

É a possibilidade de leitura como uma experiência na qual estamos abertos, sem o desejo de significações, apenas pela fruição da leitura, a descoberta do exposto na fala das crianças como evidenciado por Deleuze: “uma leitura em intensidade: há qualquer coisa que passa ou que não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar”³. Como um processo próximo ao encontrado nas leituras em Jorge Larrosa: um espaço aberto e sensível, para que cada um possa encontrar sua própria inquietude.

³ Segundo o proposto por Deleuze sobre as formas de ler um livro. Gilles Deleuze, *Conversações*. Editora 34, 1992, p. 16

Pela Trilha Da História Oral

O início dessa investigação me aproximou do estudo de metodologias de pesquisa e percebi diversas trilhas que poderiam ser percorridas no espaço denominado pesquisa qualitativa.

Em muitos momentos e com o surgimento de dúvidas entre uma ou outra forma de estabelecer a metodologia que seria utilizada, lembrei do escritor argentino Jorge Luis Borges, citado por Umberto Eco em seu livro Seis passeios pelo mundo da ficção, onde descreve o conceito de bosque como:

Um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção. (ECO, 1994 p.12)

Com essa metáfora, Umberto Eco justifica o uso do termo *bosque* para qualquer texto narrativo. Penso esse bosque também como a gama de possibilidades nas metodologias de pesquisa e na trilha pela qual iria percorrer.

Como em um bosque, os caminhos se bifurcam e as trilhas serão definidas por quem deseja o passeio: as escolhas são do caminhante.

Defini minha trilha pela História Oral. Comecei o namoro com essa abordagem antes do meu ingresso oficial no programa de pós graduação em Educação em Ciências e em Matemática, quando cursei a disciplina isolada Seminários de Pesquisa I, em 2014, na qual os projetos de pesquisa dos estudantes eram apresentados. Das diversas metodologias utilizadas, o encantamento pelo caráter vivo, presente e humano do movimento da História Oral foi imediato.

Fui seduzida e as leituras que se iniciaram trouxeram as certezas de que minha trilha, o meu caminho e a escolha pelos procedimentos metodológicos da História Oral seriam o que melhor traduziria este estudo pois, nela encontraria as possibilidades de escuta, a fala das personagens da história narradas por elas próprias, os sujeitos que se constroem em suas narrativas e se reconhecem como protagonistas. Encontro significado em Portelli (1997) quando este autor afirma que um roteiro de trabalho flexível dá vez não só ao que queremos ouvir,

mas também ao que o colaborador entende como relevante e, assim, as descobertas trazem outras perspectivas, novos olhares para além do que foi planejado. São essas lembranças que constroem a trilha pela qual o colaborador irá caminhar e constituir seu relato.

Sobre as possibilidades da História Oral em Educação Matemática, os estudos praticados pelo GHOEM⁴ grupo que busca compreensões e discussões acerca da História Oral para a Educação Matemática e que entende essa metodologia como um procedimento em trajetória na qual o processo de significações e (re) significações se estabelecem no caminhar da pesquisa, formaram os meios mobilizados para fundamentar este estudo. O grupo trabalha com narrativas e segundo Garnica, “história oral é *um* dos modos de criar narrativas e é, ainda hoje, o modo mais usualmente empregado pelo Ghoem, embora não seja o único” (2015, p. 5).

São estudos que mostram que o pesquisador, com seus objetivos e intenções, ao investigar a formação do professor e suas práticas buscam constituir fontes. Conforme Thompson, “Em alguns campos a História Oral além de resultar numa mudança de enfoque abre também importantes áreas de investigação” (1992 p.27).

As convenções de pesquisa estabelecidas mostram que, mesmo se constituindo em trajetória, sem uma rigidez absoluta ou tratamento estanque, há parâmetros usuais mobilizados nessa abordagem metodológica: a seleção dos entrevistados, a elaboração de um roteiro para as entrevistas, as entrevistas (que serão gravadas e/ou filmadas), a transcrição dessas entrevistas, a textualização (que constitui uma narrativa), a conferência por parte do colaborador e o seu aceite e, finalmente, as compreensões deste movimento todo. Procedimentos

⁴O Grupo “História Oral e Educação Matemática” – GHOEM – foi criado no ano de 2002. Sua intenção inicial foi reunir pesquisadores em Educação Matemática interessados na possibilidade de usar a História Oral como recurso metodológico. O GHOEM é um grupo multiinstitucional, agregando pesquisadores da UNESP e da FUNDEC (São Paulo), UFMS (Mato Grosso do Sul), IFMA (Maranhão), UFPB (Paraíba), UFMG e UFU (Minas Gerais), UFRN (Rio Grande do Norte), FURB (Santa Catarina), UFPR e UEM (Paraná) dentre outras universidades e instituições. Ainda que seus braços estejam espalhados em várias instituições brasileiras, o Grupo tem sua sede fixa na Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, os participantes do grupo são membros individuais de várias sociedades de pesquisa e, coletivamente, o Grupo História Oral e Educação Matemática – cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP – é membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Acesso: <<http://www2.fc.unesp.br>>

que, como afirmam as pesquisadoras Martins-Salandim, Souza e Fernandes, são parte fundante da pesquisa em História Oral:

falar “História oral” não é simplesmente trazer à cena um emaranhado de técnicas, mas um conjunto de procedimentos teoricamente fundamentados em autores e experiências, capazes de auxiliar na compreensão e na formação de horizontes para o mundo em que se vive, através das tramas possíveis entre memória, história, oralidade e o vasto universo de perspectivas que essa trama permite configurar. (MARTINS-SALANDIM, SOUZA, FERNANDES, 2010 p.57)

O roteiro e a preparação do projeto desta dissertação têm caráter temático: nas entrevistas busco, na fala dos professores e alunos, o objeto de pesquisa, a saber, as possibilidades de alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis.

Após as entrevistas⁵ das professoras e crianças, em mais de 6h de captação de áudio, chega o momento da transcrição, que implica transformar o áudio captado, a fala de cada colaborador, em texto escrito. Essa segunda parte constitui a entrevista, quando o entrevistador e o entrevistado vivenciam o início de uma relação na qual se espera que a busca pelo enfoque da pesquisa e os objetivos do pesquisador, preparados na fase inicial de roteiro se concretize. A partir disso, o momento da transcrição é aquele no qual o entrevistador, além de descrever em forma de texto o que foi dito, também cuida da interpretação do que foi observado no momento da gravação: as expressões faciais, o olhar, as mensagens corporais, elementos que podem ser registrados ou não.

A transcrição é a degravação bruta, sem recortes, com todas as palavras ditas, sem preocupação com erros, ruídos, palavras sem peso semântico ou repetições (Meihy, 2011 p. 140). É um processo longo, com muitos detalhes e normas técnicas previstas. Para o desenvolvimento dessa etapa, incorporando algumas das normas explicitadas por Preti (1999 p. 19-20) e Marcuschi (1986 p. 10-13), estabeleci alguns sinais que foram utilizados nas transcrições, como mostra a tabela:

Sinalização utilizada na transcrição das entrevistas gravadas	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(inc)

⁵ Material de áudio gravado em aparelho da marca Sony, modelo ICD – PX 333

Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	<i>Itálico</i>
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	[minúscula]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos ou da fala de outros narrada pelo entrevistado durante a gravação	“entre aspas”
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá

Como consequência dessa fase do projeto, tem-se a textualização, a elaboração de um texto a partir da transcrição da gravação, com as correções que o pesquisador julga necessárias. Nessa fase os erros gramaticais são suprimidos bem como as palavras sem peso semântico, o que visa dar fluidez ao texto (Meihy, 2011. P. 142). As textualizações completas das entrevistas com as crianças são incluídas em um capítulo à parte. No processo de textualização as informações da transcrição podem ser reordenadas, buscando criar um texto coeso e fluido: “a textualização deverá caracterizar a marca de autoria do texto, que certamente não é um texto produzido pela pessoa que concedeu a entrevista e, sim, pela que fez a textualização” (VIANNA, 2014 p. 77).

Concluindo o percurso, retorno às textualizações para as colaboradoras da pesquisa, as professoras. Busco nessa fase do projeto a legitimação, termo utilizado por Garnica (2003) para descrever a conferência, com possíveis alterações, propostas pelas colaboradoras, e, por fim, a cessão de direitos para o uso das entrevistas.

Como arremate, a tessitura final dessa história, as compreensões envolvem a experiência da narrativa, que possibilita a reflexão, outros olhares para a prática de ensino, outras atitudes, outras perspectivas.

Caminhos da Pesquisa

A escolha dos colaboradores parte do pressuposto de que no projeto de pesquisa elaborado, alguns critérios seriam estabelecidos para atender ao tema e ao objetivo do estudo: relacionar o aprendizado em matemática com a utilização de histórias infantis nos primeiros anos do Ensino Fundamental, evidenciando suas possibilidades a partir da fala das professoras e crianças, contadas por elas. Sendo assim,

- ✓ Busco professores alfabetizadores;
- ✓ Que estejam atuando em sala de aula há pelo menos cinco anos ou;
- ✓ Que tenham participado dos últimos programas de formação de professores de longa duração, Pró letramento ou PNAIC.

Nestes dois últimos critérios a intenção foi a perspectiva de que os professores realmente utilizassem a literatura ou as histórias infantis na sua rotina de aula pois, essas formações continuadas de longa duração trazem em seus cadernos de estudo incentivo explícito ao uso de histórias infantis como recurso pedagógico, o Programa Nacional do Livro Didático Obras Complementares (PNLD Obras Complementares), que está em atividade desde 2010 distribui a cada sala de aula do país um acervo de trinta livros variados, no ano de 2013 houve a ampliação do programa e o acervo, que inicialmente era apenas para turmas de primeiros e segundos anos, estendeu-se ao terceiro ano. No programa de formação do PNAIC, os cadernos de formação, em sua maioria, discutem as possibilidades pedagógicas utilizando obras literárias (Alfabetização em Língua Portuguesa cadernos 2 p. 39, caderno 3 p. 40, caderno 4 p. 36, caderno 5 p. 18-34, caderno 6 p. 15, na Matemática o caderno 2 p. 38, 85, caderno 3 p. 87, caderno 4 p. 37-39, caderno 6 p. 65-70, dentre outros). Sabendo dessa possibilidade e de que as professoras que participaram dos programas de formação teriam acesso a estratégias de utilização dos acervos enviados às escolas, tanto na formação de Língua Portuguesa quanto na formação de Matemática, estabeleci o critério visando aos professores envolvidos com o uso de histórias infantis para essa fase da alfabetização.

Com a ajuda das redes sociais, em específico o Facebook, elaborei um convite para os professores que participam de um grupo fechado, de orientadores de estudos do PNAIC (professores que recebem formação nas universidades em curso específico e têm a atribuição de formar, avaliar e acompanhar os professores alfabetizadores nas escolas dos municípios de sua responsabilidade). O acesso a esse grupo foi mediado por meu orientador que, ao me adicionar ao grupo, possibilitou a postagem do convite. Imaginei que, tendo em vista os muitos participantes, seria possível e até, por que não dizer, fácil, encontrar indicações de professores alfabetizadores dispostos a colaborar com a pesquisa. Grande engano.



Por essa via, apenas uma professora se interessou e, a partir dessa, a estratégia para encontrar colaboradores prosseguiu seguindo a ideia de rede:

Esse processo de procura dos depoentes frequentemente ocorre num processo de rede, pois dado que o tema faz parte de uma determinada comunidade, é usual que um depoente lembre-se de (e sugira) nomes de outros possíveis depoentes (GARNICA, 2007 p. 27).

A rede de colaboradores formou-se em duas frentes: a partir da professora Marlene de Fátima Gonçalves, do município de Araucária, que indicou duas outras professoras da rede municipal da mesma cidade. A entrevista com a professora Marlene foi realizada fora da escola, em um café de um shopping center de Curitiba. Em outro momento visitei a escola e fiz contato

com a professora Lúcia da Rocha Alves Pinto e com a professora Marcia Regina Kosinski, para agendarmos as entrevistas.

Para as entrevistas com as professoras da cidade de Curitiba a rede formou-se a partir de indicações de uma colega que trabalha na Secretaria de Educação do Município, Salete Pereira de Andrade. Duas professoras aceitaram participar da pesquisa e, com a autorização para as entrevistas nas escolas concedida pelo Departamento de Ensino Fundamental, da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, dei início aos contatos com as professoras e ao agendamento das entrevistas.

Definidas as colaboradoras, o preparo das entrevistas com os professores, para registrar o que dizem sobre as possibilidades da Alfabetização Matemática e os procedimentos metodológicos e materiais que utilizam em suas salas de aula, como estratégia fiz uso de palavras-chave (fichas com palavras estabelecidas a partir da temática/objeto da pesquisa com o intuito de instigar as lembranças e o desenrolar da entrevista).

Na tabela que segue estão as primeiras palavras selecionadas para a elaboração das fichas com palavras-chave. Nesse primeiro momento pensei em situações nas quais as histórias infantis poderiam surgir na fala das professoras. Separei em três períodos distintos, A infância, a formação inicial e os programas de formação e, por fim, a prática como alfabetizadora.

INFÂNCIA	FORMAÇÃO	ALFABETIZADORA
Histórias em casa	A matemática	Alfabetização
Histórias na escola	A linguagem	Letramento
Leitura/escrita	Alfabetização	A matemática
Leitura e matemática	As relações entre as disciplinas	A linguagem
A matemática	Programas de formação	Histórias na escola lidas/contadas/inventadas
Histórias lidas	Histórias na escola	Rotina e as histórias
Histórias contadas		O que as crianças contam

Histórias inventadas		Relações entre as histórias e a matemática
Língua materna e matemática		Narrativas em sala de aula
Alfabetização		Oralidade
		Escrita e matemática

Algumas palavras/expressões como, por exemplo: alfabetização, histórias na escola e matemática coincidiram nos três “períodos” de tempo em que optei por dividir as fichas. Então retirei as palavras/expressões repetidas, montei as fichas e um roteiro com perguntas caso fosse necessário. Algumas perguntas foram utilizadas, mas no desenrolar das entrevistas as perguntas elaboradas deram ênfase ao que a colaboradora trazia em sua história de vida e sua prática. Mais do que responder a perguntas, a intenção foi criar um caminho, uma trilha para a professora escolher por onde percorrer.

ALGUMAS PERGUNTAS PROPOSTAS
O que muda e o que permanece depois dos programas de formação?
Como acontece a rotina em sua sala de aula?
A utilização de histórias infantis em sala tem dia marcado para acontecer?
As crianças têm livre acesso a livros de histórias em sala?
E as relações interdisciplinares, como acontecem?
As situações matemáticas aparecem nas histórias?
Essas situações precisam ser explícitas nos livros?
Como acontece o trabalho a partir de uma história?
E os conteúdos curriculares, como ficam?

O roteiro estava pronto e o material preparado para a etapa delicada da entrevista: estabelecer um vínculo com o entrevistado, deixar o narrador contar, deixá-lo à vontade, utilizar gestos, acenos e atenção para valorizar o momento

e a história, tentar não interferir, não sobrepor a fala das personagens principais dessa história, as professoras e as crianças (a abordagem utilizada nas entrevistas com as crianças será retomada adiante). Percebi que as entrevistas, também chamadas de depoimentos dialogados, vão além de questionários, trata-se de um momento pelo qual o pesquisador ouve e constrói as personagens e o entendimento que ele busca está ligado às articulações feitas pelo entrevistado e suas narrativas (GARNICA, 2003, p. 11).

Na tabela que segue estão os nomes das professoras entrevistadas, locais e datas dos encontros. Como as entrevistas em história oral são fontes vivas para o conhecimento e (re) conhecimento do passado, juntamente com as imagens, documentos escritos, e todo tipo de registro produzidos a partir de um estímulo, cada momento é único e, compreendendo que o papel de entrevistadora seria o de instigar o entrevistado para que este “abrisse” suas memórias e ciente de que a atenção dada validaria a relação narrador e o ouvinte, em cada entrevista busquei uma conversa inicial, um bate papo entre professoras, um café: acolhimento.

Foram esses momentos que criaram algumas situações um pouco diferentes das estabelecidas no roteiro de pesquisa, como por exemplo, algumas professoras que insistiram em ceder fotos de atividades realizadas com as turmas para incluir nas textualizações. Inicialmente agradei, mas ainda não estava certa se iria utilizar imagens, não era a proposta. Após diversas experimentações na elaboração das textualizações de cada professora, as relações e a busca por possibilidades entre a alfabetização matemática e as histórias infantis foram se construindo aos poucos.

PROFESSORA	LOCAL DA ENTREVISTA	DATA
Marlene de Fátima Gonçalves	Terraza Café, Shopping Pátio Batel, Curitiba	21/02/2016
Lúcia da Rocha Alves Pinto	Escola Municipal Elírio Alves Pinto, Araucária	23/03/2016
Marcia Regina Kosinski	Escola Municipal Nadir Nepomuceno Alves Pinto, Araucária	23/03/2016

Claudete Rosa Cosmo	Escola Municipal Maringá, Curitiba	07/04/2016
Kátia Andrea Volcov Reizer	Escola Municipal Vila Zanon, Curitiba	13/04/2016

Um preâmbulo antecede cada textualização, visando a compor o cenário da entrevista. As informações coletadas no estágio de levantamento prévio, também parte do projeto, sobre o contexto escolar, tentam registrar um pouco dos momentos que antecederam as entrevistas das colaboradoras, a abordagem, o contato inicial, os esclarecimentos sobre os procedimentos metodológicos e o estabelecimento de vínculos entre pesquisadora e entrevistadas.

Professoras e Crianças como Protagonistas

Um cenário para Marlene

A Professora Marlene de Fátima Gonçalves é professora do segundo ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Elírio Alves Pinto no município de Araucária, Paraná. Participou do programa de formação continuada PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)⁶ É formada em Letras, escritora de livros infantis e atua como alfabetizadora há dezesseis anos.

Foi por meio do convite publicado na rede social Facebook para colaborar com esta pesquisa, enviado para as professoras orientadoras do PNAIC, que fizemos nosso primeiro contato. Trocamos algumas mensagens, expliquei a proposta da pesquisa e então agendamos a entrevista. Combinamos de nos encontrarmos para um café, marcamos em um shopping center de Curitiba no final da tarde, ainda não havia iniciado o período letivo. A professora estava em férias. Antes de iniciar a gravação retomei o tema e objeto da pesquisa, *As possibilidades em alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis*, a professora Marlene fez alguns questionamentos quanto à metodologia e então esclareci que a entrevista seria gravada para posterior transcrição de áudio e que após esta fase um texto narrativo seria construído: a textualização da entrevista e esta retornaria a ela e somente após sua autorização faria parte desse estudo. Expliquei minha proposta de utilizar recortes da fala de algumas crianças como recurso de ilustração para evidenciar a narrativa das professoras em relação à alfabetização matemática e as histórias infantis, nesse momento a professora Marlene me convidou para ir até a escola em um outro momento e conhecer seus alunos e, quem sabe, entrevistá-los. Convite este que aceitei com muita alegria, a rede para busca de entrevistados

⁶ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. A formação acontece em Curso presencial de 2 anos para os Professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Acesso: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>

na qual estes sugerem e indicam outros de seu grupo de relações e afinidades com o tema para esta pesquisa partiu da disponibilidade e colaboração da professora Marlene.

Apresentei para a professora as fichas com as palavras-chave, esclareci que a função dessas palavras era a de auxiliar nas lembranças e instigar a narrativa, e que ela estivesse muito à vontade para utilizá-las como preferisse. Marlene em um primeiro momento comentou que eram muitas fichas, mas depois, entre um café e outro, foi avivando suas lembranças e contando suas histórias.

A PROFESSORA MARLENE CONTA SUAS HISTÓRIAS

A escola Elírio Alves Pinto, é uma escola de periferia do Município de Araucária. A nossa comunidade tem uma parcela bem considerável de alunos carentes, a estrutura familiar é complicada, existem problemas sérios na escola por conta dessa estrutura familiar, mas é uma escola pequena, um lugar agradável para trabalhar, a estrutura física é um horror. Estão construindo uma escola nova ainda para esse ano.

O espaço em que a gente trabalha atualmente é um espaço bem ruim, não tem cancha⁷ funcionando, as aulas de Educação Física são feitas no pátio coberto na entrada da escola ou atrás da janela da minha sala de aula. É um espaço bem ruim para dar aula, mas em compensação tem grupo de trabalho na escola muito preocupado com a aprendizagem das crianças, de verdade. Comparando, eu já estive em outras escolas com estrutura física melhor, mas a qualidade do trabalho, a preocupação dos profissionais não era a mesma, então eu me orgulho da escola porque os profissionais preocupam-se mesmo com as crianças e a gente vê o trabalho acontecer. Eu trabalho quarenta horas na mesma escola e sempre com alfabetização, tenho dezesseis anos como alfabetizadora, desde o primeiro ano de magistério iniciei com alfabetização, me

⁷ **Cancha** (espanhol *cancha*, do quíchua *kancha*) *substantivo feminino* [Brasil] Recinto destinado à prática de certos .esportes, como basquetebol, futebol, pelada ou .tênis. = CAMPO, QUADRA "**cancha**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/cancha> [acesso em: 20-02-2017].

encantei e nunca mais larguei. Trabalhei e já tive experiências com outras turmas, mas sempre volto para a alfabetização.

Alfabetização foi minha paixão. Quando iniciei, na Fazenda Rio Grande, eu e um grupo de amigas fizemos um concurso, um salário muito baixo, mas era para experiência, não é? Eu pagava a passagem do bolso, na época não tinha carro, ia de ônibus e fiquei com muito medo de assumir turma de alfabetização e não peguei no meu primeiro ano. Lembro que quando eu iniciei as professoras que trabalhavam com primeira série na escola vieram para mim com aquela coisa de ba-be-bi-bo-bu e a-e-i-o-u e olhei para aquilo e pensei, “não, não é o que eu quero fazer! Acabei de sair do magistério, eu quero tentar aquilo que eu aprendi” comecei com eles por meio de texto e funcionou, nunca tive a prática de trabalhar com sílabas, porque queria mesmo testar se aquilo que eu tinha aprendido no magistério dava certo e depois percebi que deu.

Depois que iniciei sempre busquei fazer relação entre as disciplinas, mas teve uma época em que trabalhei em Curitiba, que a gente abusava muito, pegava um texto, por exemplo: as borboletas, do Vinicius⁸, com essa poesia começava a trabalhar com as borboletas, aí buscava um texto que trabalhasse com a metamorfose e ia buscando coisas, poderia ser com cores, a poesia trabalhava conceito de cor e aí quando você via, puxava muita coisa e aquilo nunca acabava, uma coisa puxava outra. Não estava claro, naquela época, o que era a interdisciplinaridade. Em Curitiba, eu saí da rede na época em que começaram a discutir um pouco mais esse assunto, lembro que nós tivemos uma palestra com a Madeslva⁹, da Federal¹⁰, depois da palestra eu disse para ela: “*nossa!...você me desconstruiu, porque tudo que eu faço na aula não é interdisciplinaridade, é encher linguíça!*” Voltei a pensar nisso agora com o PNAIC, essa relação entre disciplinas e o que é trabalhar com interdisciplinaridade. Voltei a pensar nessas coisas, a olhar para o currículo. No ano passado foi muito discutido com as meninas na escola, trabalhamos uma porção de coisas e quando vemos o currículo está lá inteiro e tem um monte de conteúdos que não trabalhamos, mas muitas coisas foram feitas em sala de aula!

⁸ Poesia “As borboletas” (Vinicius de Moraes, Rio de Janeiro. 1970) .

⁹ Prof^a Ms. Maria **Madeslva** F. Feiges, professora na Universidade Federal do Paraná

¹⁰ Universidade Federal do Paraná.

Mas não estava no currículo, então começamos, agora, com um pouco mais de cuidado, olhar a partir do currículo para trabalhar.

Particpei de bons programas de formação. Na prefeitura de Fazenda Rio Grande, na época em que iniciei a carreira existiam programas de formação muito bons, em Curitiba também teve alguma coisa, trabalhei seis anos em Curitiba. Já em Araucária, eu acho que, fora o PNAIC, o município tem um contexto de formações em alfabetização muito fraco, ao menos desde que estou na rede. Fico preocupada, até estava fazendo uma análise esse ano nas próprias formações, que as coisas ficaram muito esparsas, você trabalha um ano, tem muita formação de história, aí outro ano faz a formação de geografia, outro ano tem alguma coisa de língua portuguesa, mas falta a interdisciplinaridade. Não se vê as coisas trabalhadas no conjunto durante a formação e aí as pessoas cobram, “ah...cadê a interdisciplinaridade?”

Essa ficha é sobre as histórias contadas, quem não tem na vida lembrança das histórias contadas pelo avô, avó, pai e mãe! Acho que começava ali, mas eu particularmente sempre gostei muito de histórias e escrevo literatura infantil, sempre gostei demais de histórias. Na minha formação nós tínhamos pouco acesso aos livros, pouco acesso a livros de histórias, então, lembro que quando era criança estudava numa escola pequena, que era estadual na época, mas não tinha livros. Eu devia ser uma boa aluna, porque a professora sempre me mandava fazer coisas na sala da diretora e tinha uma estantezinha, deviam ser duas prateleiras de um metro de comprimento mais ou menos. Tinha alguns poucos livros de literatura, mas minhas professoras nunca levavam os livros para sala e toda vez que eu ia lá fazer alguma coisa, devia estar na segunda ou terceira série, eu ficava olhando para eles e pensava, “puxa, por que a professora não leva?” Não lembro muito de histórias na escola. Hoje, quando penso, contamos tanta história na sala de aula, fazemos relações das histórias com os conteúdos, na nossa época não, era tão disciplinar, parece que não tinha história no meio, não lembro, eu lembro das coisas que eu lia.

Com as histórias inventadas, penso nas minhas [risos], adorava inventar histórias desde criança, e as brincadeiras? eu gostava de brincar no grupo, mas gostava muito de brincar isolada também e ficava fazendo minhas festas, inventava que eu era princesa do milharal, ficava contando minhas histórias, brincando e inventando que tinha uns amigos imaginários, minha irmã até acreditava! contava com tanta veracidade as coisas que ela acreditava.

Pietra (6 anos) inventa histórias para suas bonecas:

Quando eu era pequeninha, eu pegava o livro e como eu não sabia ler, eu ficava imaginando as figuras e depois contava o que eu imaginava, até hoje eu faço isso.

As rotinas e histórias [ficha escolhida] na sala de aula, eu sempre gostei, não vou dizer que tive mudança radical e cem por cento com o PNAIC, porque sempre utilizei muita história na sala de aula, mas o fato de ter agora uma estante de livros na sala, os livros que o PNAIC trouxe, antes eu pegava um livro muito legal, que dava uma sequência didática bacana e começava a trabalhar com as crianças, mas estava acontecendo muito nos primeiros anos, depois, quando ia olhar novamente para a sequência organizada, não continha muitos conteúdos do currículo. Em língua portuguesa você abarca, porque de qualquer literatura é possível tirar muita coisa da língua portuguesa, mas quando tinha matemática, história ou geografia, as coisas iam ficando de lado. Agora acho que é um novo momento de aprendizado: olhar primeiro os conteúdos, depois buscar quais as literaturas contêm os conteúdos e que possibilitem essa relação interdisciplinar. Isso eu achei bacana e começou a ser discutido novamente agora [pausa pensativa]. Lembro que há uns dois anos atrás eu entrei na minha sala de aula, acho que estava tendo uma festa na escola e os pais estavam lá. As salas abertas, cheias de exposição e aí no finalzinho da tarde, quando já estava diminuindo o público, eu entrei na minha sala e fui organizar os livros no meu armário. Abri a porta da sala, sentei e comecei a organizar umas coisas, umas meninas entraram, não eram minhas alunas, eu estava na sala, eram alunas do segundo ano, entraram na sala as três e, como se eu não estivesse ali, sentaram em uma cadeira. Uma abriu um livro de história, as duas sentaram do lado e ela disse, “eu vou ler para vocês” e as outras ficaram ao lado dela, foram lendo os livros. Em um momento uma delas foi até a estante e pegou um livro meu, eu

tenho três publicações, pegou um livro meu e trouxe, sentou e disse “e esse aqui, foi ela que escreveu” e apontou para mim, foi nesse momento que elas me perceberam na sala de aula, eu achei tão interessante, pensei: “se não tivesse uma estante de livros que elas sentissem *donas*, porque é nosso, não é? Cada um pega o livro quando quer e devolve quando quer, ninguém fica pegando no pé, elas não teriam entrado na sala comigo lá dentro” coisa que pertence a elas, nunca vou esquecer, achei uma graça! Essa rotina que o PNAIC sistematizou, é de um jeito que agora não morre mais.

Ah! letramento o tempo todo, menina! E criança é tão bacana, porque você começa a falar um assunto de ciências e eles lembram de alguma coisa que viram na televisão, no computador ou que tem em um livro na sala. Com a matemática e a leitura de horas, por exemplo: era o início do conteúdo, comecei a explicar como surgiu e um menino disse, “professora eu vi uma ampulheta!” Eu não tinha mostrado o que era ampulheta ainda e ele: “vi ampulheta no livro!” Ele encontrou o livro na sala e mostrou aonde estava o desenho da ampulheta. O livro nem era de literatura, era um livro de matemática!

Essa ficha de [letramento em matemática](#): letramento é meio com tudo, tenho trabalhado bastante e essa parte vou confessar que eu falhava muito. Antes, sempre olhava para matemática como uma série de conteúdos para trabalhar, aproveitava aqueles exercícios que não exploravam muito a questão do letramento e estava preocupada que a criança aprendesse a fazer a leitura do relógio. Muito mais do que ela entender o que era o tempo, o que é a hora, mais preocupada que ela conseguisse resolver aqueles exercícios, resultado da operação mesmo,

o instrumental. Agora, nos últimos dois anos, penso em problemas abertos para eles e está muito divertido. As respostas são muito divertidas, quando vai para

Samuel (5 anos) mostra um pouco do que entende sobre o uso dos números...

Você sabe me dizer para que serve contar?

Ah, eu não sei dizer.

Você tem brinquedos? Quantos?

Trocentos mil.

Você já contou?

Já, quando eu era com uns quatro anos, estava no chão no tapete, e minha mãe me circulou com tantos brinquedos e aí eu fiquei contando, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

Então, Samuel para que serve contar?

Ah, contar dinheiro, fazer continha, essas coisas.

uma situação problema que exige cálculo, percebo que eles estão mais espertos para pensar, escolher a resposta certa. Antes tinham mais dificuldade, mesmo trabalhando com problemas que quase sempre acabavam tendo um resultado, eles tinham dificuldade em compreender. Vários tinham dificuldade de aprender e agora como trabalho bastante problema aberto, mesmo as crianças que tem dificuldade ou que ainda não conseguem fazer a operação e dar uma resposta, estão mais seguros e levantam hipóteses do que está acontecendo e pode ser porque a gente trabalha com mais histórias para poder levantar depois um problema. Então, eles ficam mais atentos àquilo porque o problema é interessante. Usando ábaco aberto, livreto ou outro material, ou se estão fazendo um trabalho em equipe e falta alguma coisa, já dizem, “ah! é só entrar mais alguém na nossa equipe e vai dar certo!” eles mesmos sabem ver esse tipo de problema, acho que letramento em matemática é o tempo todo.

Uma coisa que se discutia as vezes com as meninas do PNAIC é que a criança vai para escola e diz que só brincou. Particularmente acho uma maravilha, quando a criança chega para o pai e para mãe e diz: “eu só brinquei!” porque você ensinou muitas coisas, deu um monte de conteúdo naquele dia e a criança chega em casa e diz que só brincou, no outro dia o que ela quer? ir brincar na escola! O ponto de partida para a aprendizagem é isso, a criança tem que gostar de ir para escola.

Eu não usava muito História e Matemática, e depois o pessoal do PNAIC começou a pesquisar que com história dava para trabalhar, Matemática.

Nossa!, na maioria delas têm, não é? Mas tem que ser sem forçar a barra, porque muita coisa na Matemática a gente colocava aquelas coisas absurdas, que não tinham relação nenhuma com

Matemática, a gente forçava. E agora não, olha quanto livro, quanta coisa tem, às vezes não tem muitas coisas que dê para fazer relação com a Matemática no mesmo livro, mas você aprende com as crianças, por exemplo a contar o número de páginas que o livro tem, eles olham e “ah, professora, esse livro aqui tem vinte

Na história inventada pela Maria Eduarda (7 anos), a mãe fez um bolo gigante, do tamanho de uma casa. Pergunto se foram usados muitos ingredientes para fazer o bolo, ela explica como foi:

Eu ajudei. Ingredientes? Hum, eu acho que mais de 10. Uns 22, por aí.

páginas, esse aqui tem doze páginas”, não é? Ou quais situações-problemas o livro possibilita que depois dê para você fazer, resolver com eles no problema aberto e que servem também para a produção textual.

Localizar alguns livros que tenham possibilidades de trabalhar com a Matemática de forma mais esquematizada mesmo, a questão das medidas, tem alguns livros bem bacanas que trabalham medidas. A gente pesquisa umas coisas na internet com eles. É bem bacana fazer isso, procurar, trazer histórias para eles que tenham a relação da história com a Matemática e, às vezes eles mesmos contam, “professora, esse aqui, olha, aquele conteúdo que você trabalhou aquele dia que estava falando de hora, esse livro também fala”. Eles adoram contar. As narrativas em sala de aula são o que eles contam, isso é sempre bem importante colocar. Tem a troca com os outros professores, você conhece um livro, mas aí tem um outro colega que fala “legal, você trabalhou esse livro? Tem esse outro aqui também, olha que bacana, o que dá para fazer!”, coisas que antes nós não visualizávamos no livro de literatura. Parecia que o livro era só para trabalhar com Língua Portuguesa. Quando muito! Porque tem muita gente que nem usava para trabalhar em Língua Portuguesa. E agora você fica *caçando*, vai trabalhar tal conteúdo e pensa: “espera aí, qual a história que tem sobre esse assunto? ”

Descobri umas riquezas e às vezes me decepciono. Vou pelos títulos na livraria, até compro o livro, quando chego em casa vejo que não dá para trabalhar com o livro. Mas eu tenho feito muita atividade a partir dos livros de literatura, no que é possível fazer, tentando não forçar, tentando ser interdisciplinar sem forçar muito a barra com as crianças. Mas a gente tem usado muito mais histórias. Eu acho que há uns três ou quatro anos atrás, minhas aulas de Matemática raramente tinham um livro de história envolvido. E hoje em dia eu acho que em 70% das aulas de Matemática tem alguma história. Às vezes não dá história, não tem um livro de história, mas pelo menos uma narrativa oral, coisas que você lembra de contar ou inventa mesmo na hora para ilustrar aquele contexto, e funciona muito bem. É muito legal.

Uma coisa que eu aprendi e achei bem relevante, foi trabalhar com a criança muito mais para ela ter a noção dos conceitos nos anos iniciais. Antes a preocupação era muito grande em ensinar conteúdo. Acho que nem todo mundo que participou das formações do PNAIC compreendeu ainda, tem gente que é difícil de fazer entrar na cabeça a importância da criança ter a noção dos conceitos. Da criança compreender como aquilo funciona antes de internalizar o conceito. Como funciona a passagem da hora, o sistema do tempo, a relação de coisas com o dia a dia dela, com as atividades da sala de aula.

Os conceitos aparecem no jogo de inventar histórias com Diogo (6 anos).

E nessa história, você viu que a tua árvore é grande e é maior que o leão? Que árvore é essa que você desenhou? E cadê o tatu?

É uma macieira, o tatu está aí debaixo, ele é bem camufladinho também. Ele é bem pequeno, vou fazer uma bolinha pequena para você ver ele.

Ele é bem menor do que a árvore?

Bem menorzinho, ele é menor que o leão, a mulher e a árvore.

A minha rotina era muito pontual no conteúdo. Por exemplo: o calendário. Se era no segundo trimestre que iniciava o conteúdo do calendário, no início do ano eu não dava muita importância para aquilo, ia dar uma ênfase maior quando chegava no segundo trimestre porque era o conteúdo que deveria ser trabalhado. Hoje eu fiz uma inversão total nas coisas que eu trabalho. Agora, o relógio está lá no primeiro dia de aula e eu começo, no primeiro dia, a mostrar para eles como se lê as horas. Não interessa que o conteúdo está lá no último trimestre, é no primeiro que eles vão começar a olhar para o relógio. Eu gosto do calendário linear, fica fácil para eles visualizarem, trabalho desde o primeiro dia da aula e eles usam o outro calendário também, mas o linear é o que a gente marca todos os dias com as crianças. O tempo e a temperatura também, se está frio ou calor, sol ou chuva, é importante olhar com eles todo dia. Todas essas coisas que antes existia um tempo específico no conteúdo, eu, da minha parte, puxei tudo lá para o início do ano. Faço desde o início do ano e quando chega no final, a maioria das crianças está conseguindo fazer a leitura do calendário, está conseguindo entender quantos dias passaram, quantos dias faltam. E antes eu não conseguia atingir isso com eles porque trabalhava pontualmente, *quando* chegava o momento do conteúdo, e no restante do tempo não dava muita importância. Olha que coisa difícil de entender que é a noção de tempo para uma

criança de seis anos. As crianças do segundo ano têm seis anos, fazem sete em setembro, outubro.

Quanto mais a criança lê, melhor vai ficando a escrita. Teve um ano que eu peguei uma turma de segundo ano na metade do ano. Foi o ano que eu voltei da Secretaria de Educação e essas crianças estavam com muita dificuldade. A maioria não lia sequer palavras compostas por sílabas simples ainda, na metade do ano só consoante, vogal. Não ia para frente. Trabalhei com esses alunos e quando chegou no final do ano eu ia ter que reprovar vários, porque lá em Araucária tem a reprovação. Falei para a pedagoga: “Eu assumo essa turma no terceiro ano. Aprovo todos os que eu acho que tem que aprovar e assumo os outros no terceiro ano, todos os alunos da minha turma e os que mais couberem, mas os meus, quero todos”. Eles concordaram e no ano seguinte eu fui fazer trabalho de alfabetização com a turma. Mas eu tinha iniciado no segundo ano e no final do ano tinha uma aluna minha que lia super bem e fazia produções textuais, inclusive com paragrafação. Organizadinho, pontuação e quase nada de erro ortográfico. E aí olhando para ela eu pensava “é a única”, porque era uma turma bem complicada de trabalhar mesmo, muito difícil, mas essa menina, o que ela teve de diferente? A mãe trabalhava o dia inteiro e fazia tarefa com ela à noite, mas nada além dos livros que ela levava da escola para ler e das leituras que ela fazia na escola. Ela não tinha nada além daquilo, dizer que: “essa daqui foi mais estimulada em casa, a mãe produzia e corrigia com ela”, *não*, o diferencial era que essa aluna adorava ler. As outras crianças não gostavam. Ela lia o tempo inteiro, ela preferia ler do que brincar. Então, no final do terceiro ano a escrita dela estava como a de uma criança de quarto ou quinto ano. E a experiência dela de escrita era da escola. Não era mais que os outros, porque não dava mais para ela que para os outros.

Então, acredito muito que essa relação vem da leitura e interfere na aprendizagem. Quanto mais leitura, melhor a escrita, melhor a aprendizagem de tudo.

Um cenário para Lúcia

A Professora Lúcia da Rocha Alves Pinto é professora do primeiro ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Elírio Alves Pinto, no município de Araucária, Paraná. Participou do programa de formação continuada Pró Letramento¹¹ e também do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)¹² e atua como alfabetizadora há treze anos. Nos conhecemos na escola, fui apresentada a ela pela professora Marlene, colaboradora dessa pesquisa.

Contei um pouco sobre o tema da pesquisa e ela explicou que a atual turma da professora Marlene era “dela” no ano passado. Convidei a professora Lúcia para colaborar com o estudo, ela concordou e então marcamos a entrevista para a semana seguinte. Assim que cheguei nos acomodamos na biblioteca improvisada da escola (sala que divide espaço com a coordenação pedagógica) e começamos a conversa. Inicialmente retomei o tema e objeto da pesquisa, *As possibilidades em alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis* e expliquei a metodologia, na qual a entrevista seria gravada e depois transcrita e textualizada e o uso das fichas com as palavra-chave para auxiliar nas lembranças e instigar a narrativa. Deixei claro que a textualização contaria com recortes da fala de algumas crianças e que esse recurso seria utilizado de forma ilustrativa para evidenciar as relações entre a alfabetização matemática e as histórias infantis e que a textualização da entrevista retornaria a ela, colaboradora, e que somente depois da sua autorização faria parte desse estudo.

Com as fichas com palavras-chave nas mãos a professora Lúcia, pensativa e com muita calma foi distribuindo uma a uma em cima da mesa, em

¹¹ O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental.

Acesso:< <http://portal.mec.gov.br/pro-letramento?id=12346>>

¹² Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. A formação acontece em Curso presencial de 2 anos para os Professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Acesso: , <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>

uma ordem imaginada por ela, como que em um mapa mental. E, assim, iniciamos essa entrevista...

A PROFESSORA LÚCIA CONTA SUAS HISTÓRIAS

Logo que a criança chega na escola já se busca a rotina, a organização de sala de aula, as regras, os limites e o calendário. Quando eu estou estipulando o calendário e olhando todo dia, para a criança identificar, para ela ter noção de tempo, o tempo já está dentro da geografia, da história, da matemática, da língua portuguesa e eu costumo sempre mostrar nos dedos da criança para que ela saiba que tem segunda, terça, quarta, quinta e sexta.

Em sala eu estipulo alguns dias de atividades diferenciadas. Terça é o dia da massinha, então é atividade de língua portuguesa, ciências ou matemática. Sempre duas atividades, uma antes do intervalo e outra depois, já para começar a organizar para o sexto ano, para que eles tenham essa quebra de horário e de tempo. Porque a gente vive em função do tempo, infelizmente,

você direciona o que quer da sua aula, depois deixa um pouco livre. Eles sabem que segunda é o dia mais pesado, que é o dia que a gente faz a roda de conversa, conta o que fez no final de semana, senta, vê o calendário, vê o que vai trabalhar antes do intervalo e o que depois, os combinados, eles precisam da rotina, pois estão no primeiro ano. Quando chega o dia de literatura, eles podem ler durante os outros

A medida de tempo e o calendário pela fala da Giovana (6 anos):

Sobre o calendário que põe número? Tem uns negocinhos escrito sobre os dias, e tem que pôr o número, se foi quinta, no dia que foi a quinta tem que pôr número, e a “pro” risca o que foi antes desse dia, no próximo dia, ela risca esse e põe o outro número do lado e vai indo pela ordem de número.

dias também, mas quem termina a atividade tem o acervo de livros que separei em três: fiz um com o formato de uma caixinha para levar para casa, o segundo é a caixinha do primeiro ano e o terceiro é um carrinho de leitura. Sempre estou mudando porque eles não ficam com os mesmos livros sempre e nunca sabem quando eu mudo. Não tem um critério decidido antes, “ah hoje é a caixinha da sala”, *não!* eu que mudo, assim eles sempre estão curiosos e, quando termina a atividade cada um sabe que vai pegar o livrinho que já arrumo depois do

intervalo. Eles já sabem: “professora se eu terminar a atividade eu já posso pegar o livrinho“ você já vai condicionando, é o momento deles olharem.

Na quinta-feira eu sempre escolho uma literatura para fazer sequência didática. Costumo sentar no chão, eles sentam em volta, às vezes eles

sentam em roda e eu vou andando, conversando e mostrando o livro, depois tem uma sequência didática e mais atividade, de ciências ou de português. Nisso eles já aprendem a contar os dias, a semana, a rotina, as historinhas contadas na quinta-feira, eles têm a leitura, depois peço que cada aluno conte o que entendeu da história ou num momento eu pego na sequência do alfabeto “agora o ajudante do dia vai contar o que ele entendeu da história” sempre o ajudante é conforme o alfabeto e aí eles já começam a memorizar as letras do alfabeto.

As histórias na escola...inventadas! O que trabalhamos bastante na sala é fantoche, depois de uma leitura eu vejo os bonequinhos, de varetinha ou de dedo e eles tentam criar novas histórias, mas sempre com o foco da história principal. Eles fazem o reconto, recontar as suas histórias e criar novos papéis, é bonitinho de ver no primeiro ano. Fizemos na semana passada a dos três porquinhos, eles contaram os personagens, eram quatro: o caçador, o lobo, a

vovó e a chapeuzinho, eles se separaram em grupos de cinco, e perguntei “como vocês vão resolver agora?” Eu montei um fantoche para cada, cada um tinha o seu. Em dois grupos ficaram cinco crianças, porque eu tenho dezenove alunos, e eles resolveram: “professora e se eu pegar mais um lobo, eu posso ser a mamãe loba e o filhinho?” Achei bem interessante porque eles conseguiram se organizar naquele grupo, tinham as quatro varetinhas e pegaram um emprestado do outro. Foram criando as situações e tinha a contagem, eles tinham que se resolver. Nas relações entre as disciplinas, no caso o português e a matemática,

Sobre a leitura de histórias na sala de aula Maria Eduarda (7 anos) conta que:

Agora, no horário da leitura, tem um monte de cestas com livro, aí quando tem um tempinho que a gente não está fazendo nada, ou quando está chovendo, aí ela lê pra gente.

Sobre inventar histórias, Samuel (5 anos) conta que ainda precisa de ajuda:

Eu gosto. Invento história com ajuda do meu pai, da minha mãe, daí eles me ajudam a escrever, porque eu não sei escrever muito.

mas depois acabamos fazendo com todas: ciências, história e geografia porque nas séries iniciais conseguimos puxar tudo e nesse caso coloquei a contagem de personagens, porque estou iniciando a história dos números e a história de como iniciou a contagem. O porque do símbolo *um*, o numeral, porque o algarismo *um* se eu poderia só associar uma pedrinha, um bichinho a uma pedrinha, porque dos cinco dedos e que não comportaria trabalhar só usando os dedos da mão, mas que posso usar como meio para contagem. Sempre tento fazer essa associação, desde a história, os conceitos básicos que são importantes na matemática: o maior, o menor, o gordo, o magro, o alto, o baixo, o fino, o comprido, o curto. Sempre uso as histórias e tentando ver nas histórias o que eu posso tirar de conceito matemático que vai fazer a diferença na construção do número.

Uso a história da Gotinha Plimplim¹³. Eu estava montando uma sequência didática que abordava em que momento na leitura fala da chuva, da água, em que momento a chuva e a água influenciam na vida e em casa, por isso o letramento e a exploração sempre da oralidade. Trabalhamos muito na oralidade com as séries iniciais, depois no letramento matemático, sempre fazendo a ponte com as duas disciplinas, nunca trabalho só português.

E na matemática quando estou trabalhando os conceitos de comprido e curto explico para o aluno no início, eles são pequenos, a compreensão não é cem por cento, mas eles têm uma ligeira noção quando estou fazendo as comparações, “nessa história o personagem é alto ou baixo?” às vezes, dependendo do aluno que é mais curioso, ele pergunta: “por que você está perguntando isso professora?” E explico que é importante saber o que é direito e esquerdo, em cima e embaixo, porque quando for aprender a adição e a subtração alguns conceitos já tem que estar internalizados, mas explico para a criança no nível de compreensão dela. E o que é matemática, como surgiu, a [importância de contar e como os](#)

Para Pietra (6 anos) os números também aparecem na rotina da casa:

Ah, para contar quantas cenouras tem em casa, para fazer a comida ou também contar a alface. Na minha história tinha números na compra da menina.

¹³ **A gotinha Plim Plim.** Gerusa Rodrigues Pinto, ilustrações: Hugo Mattos da Silva. Editora FAPI. 2009.

números aparecem no nosso dia a dia. Então, nós voltamos essa ficha aqui, das histórias em casa e para as histórias inventadas. O termo: *inventada*, aqui, seria pelo homem. A construção do número, porque eu preciso saber contar, porque eu preciso subtrair.

E é impressionante, quando o ajudante do dia conta o número de folhas que ele vai entregar da atividade a ser realizada e *sobra*, alguns alunos falam “professora, faltou!”, aí você senta com o aluno, faz o pareamento, naquele momento mesmo, pega as folhas e explica: “olha aqui, você tem uma folha na tua mão e tem 19 crianças. Vamos contar quantos alunos, se você deu uma para cada, você acha que faltou ou você acha que sobrou?” é o momento de explicar o conceito do que é *faltou* e do que é *sobrou*, no primeiro ano eles não tem esse conceito formado, cabe a nós explicar, mas sempre com o material concreto para que ele visualize. Para ficar claro para eles. Por isso junto bastante material reciclado, procuro juntar muita tampinha de garrafa de várias cores e separar por cores, por quantidades, colocar em potinhos, depois trabalhar nos potinhos, de maionese mesmo: aonde tem mais, aonde tem menos, depois fazer um monte alto, um monte baixo, perguntar aonde tem mais, aonde tem menos, fazer a divisão entre eles com as pecinhas e perguntar se está certo, se aquele recebeu mais, se o outro recebeu menos, tudo com material concreto ou palito de sorvete, mas eu gosto bastante das tampinhas coloridas. Nossa, eles sabem juntar, sabem tirar.

Quando trabalho com o livro de história, a exploração da capa, o que eles viram no desenho, o que eles acham que é o desenho e alguns identificam, mas eles tem uma necessidade de, quando você está contando a história, tentar adivinhar o final. É muito interessante, alguns acertam e outros não, então entre

eles tem a discussão, é visível essa sequência porque se trabalha muito “o que aconteceu agora? O que vem depois” até para fazer a sequência didática da atividade, vai seguindo uma lógica, vai perguntando e eles vão sabendo.

Existem alguns livros que usam muito essa sequência, eu peguei esses dias um livro que vai trabalhar os números em literatura, falando do jacaré que

Das histórias da sala de aula Diogo (6 anos) conta sobre o livro que mais gosta

Eu gosto mais do João e o pé de feijão. Porque é o livro mais legal.

Ele planta um pé de feijão, eu gosto quando ele planta o pé de feijão gigante e vai até as nuvens.

doía o dente e chega um personagem que sugere alguma coisa para o jacaré resolver a dor de dente, depois chegam dois personagens e fazem outra sugestão e assim por diante. Quando leio para a criança faço a sequência: o primeiro personagem, por exemplo, a raposa, sugeriu que ele colocasse um palito na boca e o outro, o segundo, sugeriu que ele tomasse água, então quando chegar no terceiro eles precisam fazer essa sequência, eles fazem porque já têm essa rotina, essa sequência e essa sistematização das atividades para eles é natural.

Eu tenho o 'Beleléu e os números¹⁴', ele vai contando como aconteceu a história. Depois que eu conto a história, fazemos a análise, a interpretação oral e na sequência eles precisam saber como você falou dessa acumulação. Ele fala de quantidade, sobre os personagens e vai colocando os números de 1 a 10 e a criança precisa lembrar, mas isso sempre na oralidade e com mediação. Eles vão fazendo e seguindo a organização da história e isso aparece com qualquer história.

Nós montamos um portfólio com as atividades mais significativas, nas quais vejo a evolução da escrita e a evolução da construção do número. Essa é uma construção contínua.

Por isso, nas séries iniciais nós conseguimos fazer a interdisciplinaridade mais tranquilamente, diferente dos professores do 6º ao 9º ano, que às vezes tem um conteúdo específico e não conseguem puxar as outras disciplinas e, as vezes nem querem, até por causa do tempo, porque o tempo é curto, em pedaços, em blocos e o professor não tem a oportunidade de estar com outros professores de outra área por falta de tempo.

¹⁴ **Beleléu e os números.** Patrício Dugnani. Editora Paulinas. 2012. Boneco que a professora usa como recurso pedagógico construído a partir da leitura do livro infantil.

Um cenário para Claudete

A professora Claudete Rosa Cosmo trabalha na Escola Municipal Maringá, em Curitiba, há doze anos e é alfabetizadora há vinte e três. Este ano está com turmas de segundo ano do Ensino Fundamental. Até o ano de 2015 trabalhava com as turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental. Participou do programa de formação PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)¹⁵. Nosso contato foi por intermédio e indicação da minha colega Salete Pereira de Andrade, que trabalha na Secretaria de Educação do Município de Curitiba.

Com a autorização do Departamento de Ensino Fundamental, da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, fiz o primeiro contato telefônico e conversamos sobre a proposta de colaboração com a pesquisa. A professora foi muito solícita e disponível, agendamos a entrevista para a semana seguinte e nosso encontro foi marcado na escola. Conheci o espaço escolar com a professora Claudete, percebi um ambiente muito cuidado e organizado, com trabalhos e atividades dos alunos expostos em murais no interior da escola e, após ser apresentada à pedagoga da escola, Andressa, iniciamos uma conversa preliminar. Relembrei o objeto da pesquisa, *As possibilidades em alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis*, para então explicar a metodologia da entrevista.

Após mostrar as fichas com palavras-chave e esclarecer que depois da transcrição do áudio seria feita a textualização da conversa suprimindo os trechos que não fazem parte da temática da pesquisa, pois a abordagem metodológica era em História Oral Temática expliquei que a textualização contaria com recortes da fala de algumas crianças e que esse recurso ilustrativo seria utilizado para evidenciar algumas relações entre a alfabetização matemática e as histórias infantis. Argumentei que a textualização seria

¹⁵ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. A formação acontece em Curso presencial de 2 anos para os Professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Acesso: , <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>

devolvida a ela para verificação, sendo que as alterações poderiam ser negociadas e somente após o seu aceite final, concordando com o texto, este seria incorporado ao estudo.

Vale ressaltar que a professora pouco utilizou as fichas com as palavras-chave, preferiu contar sobre o seu trabalho sem esse recurso e em alguns momentos utilizei perguntas, que foram incorporadas à textualização, para desenvolver o tema e instigar sua narrativa. Ao final da conversa a professora Claudete ofereceu algumas fotos das atividades realizadas com as turmas, as imagens ilustram alguns trechos da textualização, juntamente com os recortes da fala das crianças colaboradoras da pesquisa, enriquecendo e trazendo à tona as possibilidades das histórias para crianças em sala de aula.

A PROFESSORA CLAUDETE CONTA SUAS HISTÓRIAS

Essa questão, que às vezes aparece, de “que *matemática* é essa que tem nas histórias”, é porque percebemos muito os problemas de contagem nesses primeiros anos e acho que até os livros de literatura estão proporcionando mais significado para esses conteúdos de matemática. Para essa fase de segundo ano, utilizo a história dos “Dez Saczinhos”¹⁶. São dez saczinhos que gradativamente, vão sumindo. Pois ficam doentes, vão presos... até chegar ao zero, aborda a contagem decrescente e no final mostra que eles aparecem novamente, aí entra a ordem crescente. Quando resta apenas um, a Cuca reaparece com todos, ficando novamente dez. Então, explorando os personagens, as crianças conseguem ver a questão de ordem. Em outros livros, o dos “pezinhos”¹⁷, *nossa!* aquela contagem de cinco em cinco foi uma maravilha! Quando leio a história, eles já vão imaginando, questionando e

¹⁶ **Os dez saczinhos.** Tatiana Belinky, Ilustração: Roberto Weigand. Editora Paulinas. 1998.

¹⁷ **Livro Pelegrino e Petrônio,** Zivaldo. Editora Melhoramentos. 1983.

possibilitando novos caminhos. “olha, contando esse, mas ele só tinha um pé, se tivesse dois então já ia para o dez” e a coisa vai acontecendo.

O trabalho com a literatura é bem produtivo. Além da criança ter a leitura deleite, exploramos os personagens, com aquele momento de emoção mesmo, o que tem por trás da história, verificar todo esse lado e conseguimos aliar a matemática. Uma das atividades sobre medidas que eu fiz com o terceiro ano e que deu muito certo foi trabalhar a história do “Elefante nunca esquece”¹⁸ *nossa! muito boa aquela história!* Exploramos toda a história, o porquê do abandono, a aceitação, o preconceito, a diferença e fizemos cartazes. Não foi forçada a barra, mas tinha que trabalhar as medidas de comprimento e de peso. A gente conseguiu fazer coisas maravilhosas, trouxe para a sala um elefante desenhado em papel, de um metro e um pouquinho, não era o tamanho ideal do elefante, só que medimos com barbante e conseguimos mostrar na sala qual seria o tamanho real dele e que não caberia na sala, que não teria como trazer nem foto no tamanho real e que eles também não iriam ver um elefante por aqui, porque não é da nossa região, mas nos desenhos que eles fizeram e nos relatos, conseguiram desenhar o tamanho deles bem pequenos e o elefante gigante. Então, eles conseguiram entender direitinho a proporção de cada objeto no espaço, do elefante, das coisas, comparamos com a porta,

Giovana (6 anos) explica:
E para que serve contar?

Às vezes a gente conta para somar e às vezes para escrever, para pôr as ordens dos números.



¹⁸ **Elefantes nunca esquecem!** Anushka Ravishankar. Ilustração: Christiane Pieper. Editora Manati. 2009.

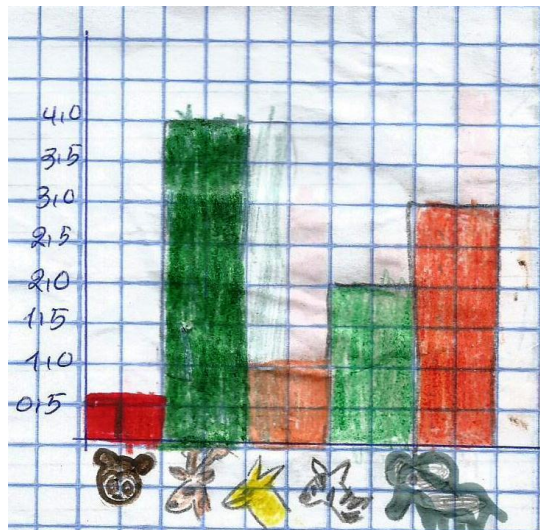
com a carteira, com o armário e o livro.

Com essa turma de terceiro ano, é claro que não parou na matemática. Fomos para produção de cartazes, refletir sobre o preconceito e envolvemos com a história. Eles vão ajudando a conduzir, quando a história é gostosa e dá margem para a criança criar, conseguimos desenvolver um projeto maravilhoso.



Um projeto do ano passado que tenha conseguido aliar tudo isso? Esse do elefante eu consegui, porque depois procuramos a medida de outros animais e fizemos um comparativo. Foi feito gráfico das medidas, teve a ideia de maior, menor, qual o animal maior, mais pesado, mais leve e claro que já vem outro livro aliado àquele primeiro, porque tem o tamanho dos animais e vários

outros animais que pode estar aliando a isso. Então, começa em um livro e geralmente acaba puxando outros que vão dar uma base maior. E quando eu for trabalhar medida, com certeza vou escolher algum outro livro de literatura, porque no ano passado com a turma da manhã, eu tinha feito do jacaré e esse eu consegui fazer cartaz no tamanho total dele do comprimento e deixar no quadro, eles visualizaram o tamanho, mediram o tamanho real que tem o animal.



Uma outra questão também, o tangram, *nossa!* foi muito gostoso trabalhar esse, achamos nas figuras do tangram o sapo apaixonado pela pata¹⁹, são dois animais totalmente diferentes, e um se apaixonou pelo o outro. Os outros animais, personagens da história falaram: “ah, não vai dar certo. Um voa e o outro não sai do chão, um tem as

¹⁹ **O sapo apaixonado.** Max Velthuis. Editora Caminho. 1998.

quatro patas e o outro só tem duas” ninguém acreditava e eles enfrentaram esse preconceito e acabaram ficando juntos. Fizemos com o tangram a dobradura do sapinho e da pata. As crianças disseram: “ah, deixa eu fazer mais esse!” e surgiram outras histórias e passamos para a música da ciranda, cirandinha. Conseguimos fazer as personagens, a Terezinha, ela com formato diferente, mais abaixadinha, o outro correndo e assim a construímos pessoas com vários movimentos. Então, tanto de um livro de literatura ou de uma música se pode dramatizar e ir aliando aos conteúdos e claro não precisa ser necessariamente a matemática, mas você consegue unir todos e, eu acho, que fica um trabalho muito prazeroso.

Nas histórias inventadas, o que deu muito certo foi quando eles criaram vários personagens, animais e objetos com o tangram e depois tinham que criar em cima daquilo que desenharam. Além das formas e geometria, ali eles conseguiram montar uma história e cada um fazia o seu relato e já registrando: “era uma vez um sapinho que estava na lagoa” e faziam a casinha com tangram também e na casa morava um menino e do jeitinho deles, criavam a imagem e em cima da imagem criavam a história. Com as formas

Na história inventada por Diogo (6 anos) o cenário, personagens e a resolução de um problema são registrados em desenho:

Vou fazer um pássaro, um leão, a juba, leão macho tem juba a fêmea não tem.

Vou fazer um urso, vou tentar fazer um urso, não sou muito bom de fazer isso, ele está tão bravo do leão não ter chegado ainda, vou fazer uma pessoa aqui, ela está com medo do leão, vou fazer uma mulher O leão tem que avançar na mulher. O leão ataca de fininho, tem uns matos grandes! vai avançar na mulher.

O mato é maior ou menor do que o leão?

O mato é maior, não, o mato é do tamanho normal ele se agacha, sai correndo e avança.

E o leão está longe ou está perto da mulher?

Está longe, fica melhor longe porque quando ele avançar, se for uma pessoa, a pessoa não corre mais rápido, aí ele fica agachado, dá um salto bem alto e vai em cima da mulher.

geométricas é possível fazer uma maquete a partir desse trabalho, para não ficar todos aqueles cubos e pirâmides soltos. Monta a maquete, trabalha o conteúdo de história e pode até contar uma história a partir disso.

E nem precisa procurar muito. Os livros de literatura agora, quase todos eles, estão dando o enfoque na história ou na matemática, não é só aquela leitura deleite para você ler e ficar fantasiando, de literatura mesmo no mundo da fantasia já mudou bastante, você vê mais que a “Branca de Neve e os sete

anões”, pode fazer outros jogos reunindo os sete, fazer a contagem com os próprios anõezinhos e criar problemas. E se cada um tivesse o casaco que estava com três botões? Aí entra a multiplicação, e se a criança for maior, você consegue pensar mais ainda.

Não precisa necessariamente o livro para isso, às vezes é só relembrar uma história e depois que você clareou a mente para que eles pensem, eles mesmos ajudam: “ô professora, isso aconteceu assim, assim” então, as regras dos jogos você cria e quando vê já está mudando, mesmo porque às vezes imaginou de uma forma e na hora do jogo não dá tão certo.

O que tem acontecido bastante em leitura e matemática é o relato do que aconteceu após uma atividade: “eu ouvi a história e nós fizemos isso e depois a professora montou um jogo” coisas estranhas que acontecem no jogo, que eles também colocam, acabam formando nesse relato um texto. O texto depois é trabalhado e entra a parte da escrita que partiu do que ele construiu, do que ele jogou, do que ouviu. E o relato tem mais entusiasmo do que simplesmente pegar e escrever sobre uma figura ou escrever a história que mandaram escrever. Ele vivenciou, construiu e o relato sai bem mais organizado, muitas vezes até a questão do parágrafo, que é tão difícil entrar na cabecinha deles, eles conseguem lembrar, porque a cada nova ideia vai lembrar daquela parada e vai começar o parágrafo. Fazendo depois a reescrita de um dos relatos ou um relato coletivo também, para não ser sempre relato individual. Variando, outras vezes criando jogos com eles e, então, acontece a escrita na matemática. Registrando e calculando. E também a parte de escrita, que sempre estamos corrigindo, organizando e reestruturando.

Nessas histórias a geometria aparece também, bastante e principalmente quando foca naquilo que se tem a intenção, quero desenvolver *isso*, então, ela aparece. E mesmo não aparecendo tanto, estamos o tempo todo cercados pela questão de número, de forma. Aqui nessa escola saímos bastante, até para ver o tronco das árvores, ver o que tem de diferente no muro, a casinha que eles estão construindo no fundo da escola, o formato das janelas, além de estar em sala lendo, chamando atenção para as formas, estamos levando na quadra e observando isso e aquilo e depois quando abrem uma página no livro: “ah, lembra aquele dia que a gente foi ver” e eles adoram mesmo. Até quando

vai medir a árvore eles vão lá abraçar o tronco. É bem animado mesmo de trabalhar quando a gente faz, só que na verdade, sair da sala gera conflito. Porque um quer falar mais do que o outro quando, na sala, em um espaço fechado você consegue manter, fora tem que observar, deixar, tentar não interferir muito e quando volta aí sim consegue estabelecer as regras. Cada um tem seu tempo para explorar as ideias e depois tento organizar o trabalho.

E tem as histórias que eles trazem de casa, chegam contando para os pais, os pais também contam outras coisas e ajudam a criar. Acredito que eles fazem muito com os filhos, porque as crianças chegam contando e aí no contar já querem construir outra, sempre vem resultados de casa e toda vez que você pede para eles “ah, eu gostaria que você montasse um boneco” *nossa!* a gente vê a participação dos pais em peso mesmo! Aqui, principalmente. Essa comunidade colabora muito, é bem participativa, vê a alegria da criança em fazer e mostrar e vem esse retorno, porque se não fosse assim eles não iriam conseguir.

Com relação ao letramento, eu acho que ajuda bastante porque se a criança é curiosa ela vai pesquisar sozinha, você dá o enfoque e todo livro que você leu para ela, ela quer emprestar. Corre para procurar se tem na biblioteca ou pega o meu, porque acabamos comprando muitos

Samuel (5 anos), relaciona as histórias que inventa ou escuta quando perguntado se nas histórias tem números:

A gente vê. Lá na minha rua a gente vê cada carro com cada placa! Número das casas, número da rua, número de tudo lá. Número do portão.

Acho que tem, eu não me lembro se tem ainda, porque a minha mãe me contou eu não sabia se era verdade, então caí na dela, mãe é mãe, né?

livros, porque, as vezes, não tem o livro que você gostaria, mas se você leu em sala já perguntam: “você me empresta, professora?” E eles levam mesmo, leem, mostram para os pais e essa alegria sempre faz com que a gente se anime a continuar nesse trabalho cada vez mais animada.

Outra história que deu muito certo foi a “Bruna Galinha de angola”²⁰. Trabalhamos a questão do racismo, o respeito à cultura africana que contribui tanto aqui para o Brasil e depois, nas pintas da galinha formamos um jogo também. Eles jogavam o dadinho e iam conseguindo palitinhos, fazendo um

²⁰ Bruna e a galinha d’angola, autora Gercilga Almeida (2004) retrata o universo mítico africano representado pela Galinha d’angola e sua relação com a criação do universo.

montinho. Quando conseguiam dez palitos, não ia fazer amarradinho²¹ como estamos acostumados, mas pegavam uma pintinha e colavam na galinha. Se você jogasse bem, se tivesse sorte, sua galinha ia estar cheia de pintinhas, senão ela ficaria com pouco. Depois dessa, quando trabalhamos com os animais, colocamos as pintas na onça e teve uma dinâmica com os pais, eles se empolgaram muito. Essas coisas acontecem e se a gente levar a sério e não desistir também, porque muitas vezes pensamos: “ah, não vai dar certo”, mas se você começar com coragem, a coisa vai acontecendo mesmo.

Das relações com a disciplinas, quando que se trabalha com projeto e é uma coisa bem fácil de fazer, sem ficar forçando a barra, porque em tudo você consegue conciliar a língua portuguesa que é o básico, acaba focando mais nisso, porque eles precisam ler e escrever. Mas vai se tentando, mesmo na língua de portuguesa, a contagem de número de letras, contagem das sílabas e o tempo todo organizar as informações em gráfico e em quase todos os trabalhos se faz o relato através de um gráfico, porque se faz a pesquisa é preciso organizar o resultado de alguma maneira, então, volta na matemática.

Pietra (6 anos) conta como ela vê os números nas aulas de Língua Portuguesa:

Tem números, porque as vezes a professora pede para contar quantas palavras a gente escreveu.

Como está nesse segundo ano? Agora nesse começo não está dando para trabalhar muito, porque tem crianças que estão compreendendo bem a construção do número, tem outros que estão até o três, o cinco. Então, tem que fazer um trabalho de construção para base. Por isso estou usando bastante os materiais manipuláveis para tentar despertar essa vontade. Nesses primeiros momentos não consegui muita coisa, espero até o final do ano estar com eles bem mais espertos.

²¹ Amarradinho: material manipulável utilizado no programa de formação continuada, PNAIC, como estratégia para vivenciar os agrupamentos do Sistema de Numeração Decimal nos primeiros anos do Ensino Fundamental. “Amarradinho para o grupo da dezena, Amarradão para a centena e Solto para as unidades até o nove”. PNAIC, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **Construção do Sistema de Numeração Decimal. Caderno 3/** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014 p. 27.

Faço muito com eles a roda de conversa, nesse primeiro momento não está acontecendo. Leio a história, a discussão tem que ter poucos itens e ser rapidinha, porque eles são muito ativos e querem fazer, só fazer! Não sei se eles estão acostumados a esse ritmo, eles chegaram e tem que fazer, fazer, a primeira coisa quando pego o livro eles já querem saber: “o que eu vou escrever?” Explico que é preciso pensar e não só simplesmente escrever por escrever, mecânico. Até conseguir esse comportamento de reflexão, de respeitar a vez do colega, de ouvir, de construir, é bem difícil. Mas complicado mesmo é fazer a roda.

Como aqui se trabalha muito com projeto já estou passando para sequência didática, mas não estou deixando dos livros de literatura também. Comecei trabalhar o livro do monstrinho²² para ver as regras de comportamento. Como o monstrinho deveria se comportar na sala, porque ele foi expulso da sala,



porque chegou e virou tudo e não conseguia desenvolver ou deixar a professora ou os alunos desenvolverem o trabalho... na matemática criei um joguinho que é um monstrinho e ele não tem cabelo. O primeiro o desafio é perguntar se ele vai ficar até o final careca ou cabeludo. São cinco fiozinhos de cabelo feitos com grampos de roupa e a dupla começa jogando os dados. No lado do dado grande está marcado os números e as operações: mais um, menos um e os sinais de mais e de menos. Se conseguir *mais um* põe um grampinho no monstrinho, se conseguir *menos um* vai tirar aquele fio do cabelo. Depois faz toda a contagem com o grupo, porque eles estão agora nesse processo inicial dos números, conseguem fazer a contagem, visualizar o sinal e ir incorporando esses conceitos matemáticos da adição. Sempre estou procurando fazer, é uma sequência bem longa e sempre acaba achando uma outra história de monstro no caminho, estamos nesse enfoque agora.

²² **Beleléu e os números.** Patrício Dugnani. Editora Paulinas. 2012.

No fundamental é mais fácil. E se vê a alegria das crianças, porque é claro que não fica uma sala tranquila quando eles começam a criar querem mostrar, um inventa uma coisa, o outro já inventou outra, não são coisas iguais, tem o desafio, tem que estar correndo o tempo todo, tem que estar aberta, porque não é fácil, mas é gostoso, é bom ver o resultado final para conseguir dizer “ah, é isso que eu queria mesmo e deu certo esse resultado”. E depois, quando eles resolvem uma situação problema pronta e conseguem pensar e analisar em cima daquilo, porque desperta a curiosidade. A agilidade mental fica bem mais aguçada.

E, às vezes, daquele que a gente menos espera, que às vezes é a criança que tem muita dificuldade de memorização, de fazer o básico, na hora que você está conversando surgem ideias bem legais dessas crianças, ideias bem criativas, que talvez o outro que é rápido, que já está lendo e que está preocupado em escrever não pensou, essas são as surpresas. As crianças, pela vivência delas, são curiosas e adoram contar. Contar sobre tudo, é preciso analisar sempre para conseguir desenvolver o trabalho da maneira que se quer.

Um cenário para Kátia

A professora Kátia Andréa Volcov Reizer trabalha na Escola Municipal Vila Zanon, em Curitiba, trabalha como Agente de Leitura no período da manhã e professora do primeiro ano do Ensino Fundamental no período da tarde. Participou do programa de formação continuada PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)²³ e também participa das formações oferecidas pelo município para as professoras que são agentes de leitura na escola. Nosso contato ocorreu pela indicação da Professora Salete Pereira de Andrade, colega que trabalha na Secretaria de Educação do Município de Curitiba.

Já com a autorização do Departamento de Ensino Fundamental, da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, fiz o primeiro contato telefônico e conversamos sobre a proposta de colaboração com a pesquisa. A professora demonstrou interesse em participar e agendamos uma conversa para conhecer a escola na semana seguinte. Quando cheguei, a professora Kátia fez questão de apresentar todos os espaços da escola, que é marcada por muitas produções feitas pelas crianças expostas nas paredes. Tem um pátio interno com livros à mostra para as crianças utilizarem no horário do recreio, muitos jogos e um pequeno palco feito para dramatizações com bonecos. A professora me apresentou a funcionárias e professoras de outros anos do Ensino Fundamental e percebi uma escola ativa, com profissionais envolvidos com o trabalho pedagógico e com as crianças. Fomos até a biblioteca da escola e começamos a conversa, inicialmente relembrei o objeto da pesquisa, *As possibilidades em alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis*, para então explicar a metodologia da entrevista.

Após mostrar as fichas com palavras-chave e esclarecer sobre a transcrição e a textualização da entrevista, que o texto produzido retornaria a ela para verificação, sendo que as alterações que ela entendesse como necessárias

²³ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. A formação acontece em Curso presencial de 2 anos para os Professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Acesso: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>

seriam negociadas e poderiam ser realizadas. Expliquei, também que os recortes das entrevistas das crianças, também colaboradores nessa pesquisa, seriam incorporados ao texto com o objetivo de ilustrar e evidenciar as percepções da professora sobre a utilização de histórias infantis no espaço escolar e suas possibilidades.

A PROFESSORA KÁTIA CONTA SUAS HISTÓRIAS

Acho que podemos começar pela alfabetização, que é a minha área. Para mim, a alfabetização é o ponto principal da vida escolar de uma criança e é nesse processo que vão ficar todas as coisas boas que a criança vai aprender e as ruins, hoje eu posso te afirmar pela minha vivência em tantos anos de trabalho, que as coisas ruins estão marcando mais do que as boas nesse processo. Nós somos cobrados para que a criança saia lendo e fazendo operações simples até o final do ano e o que acontece? Existem professores que levam isso ao pé da letra, acabam esquecendo a parte lúdica do aprender e do ensinar, as relações interpessoais com esses alunos, abandona-se toda a vivência que a criança tem fora da escola, o que importa é conteúdo.

Sabe essas cobranças? Estou falando politicamente mesmo, estão tão fortes em cima do professor que ele quer cumprir conteúdo e acabou, ele quer fazer a parte prática e esquece do momento de cada aluno, do tempo de cada um de aprender, não está levando em consideração isso, vai passando como se fosse uma máquina em cima de tudo para conseguir que no final do ano a criança esteja lendo, não importa se ela não sabe o que ela está lendo.

Daniel (8 anos) conta sobre a rotina de sala de aula:

Bom, nos dias que tem lição de casa ela começa conferindo a lição de casa, depois nós fazemos outra lição, às vezes ela manda bastante lição de casa, no caso é um dia de lição e é um dia de corrigir, mas ela sempre manda lição para nós e o que não deu para fazer no dia ela manda para casa. Daí vem o lanche, o recreio, mais lição e chega a hora de ir embora.

Então, como entrar no letramento? A criança não consegue fazer nenhuma relação do que vê na escola com o que ela vive, quando ela vai fazer uma leitura ela não consegue, não faz interpretação porque está só

Maria Eduarda (7 anos), e pra que serve fazer continha?

Pra gente aprender mais. Ah, pra gente ficar cada vez melhor nos estudos.

decodificando, porque toda a vivência, que é tão rica e que temos que explorar para que ela coloque todos os sentimentos, que ela tenha vontade de contar o que conhece, o que desconhece e que tenha liberdade com o professor. Porque a partir desse ponto que se consegue saber como encaminhar o trabalho, se não conhece essa realidade como vai encaminhar? É preciso saber o que os teus alunos sabem, conhecem e está faltando isso.

Alfabetização e letramento tudo bem, mas param na alfabetização e o letramento é abandonado, a criança não consegue fazer relação, porque a criança não é ouvida, porque isso atrapalha, toma tempo, uma atividade que ia fazer em uma aula você faz em duas. Então, isso vai dificultando o trabalho, e essas coisas vão ficando marcadas neles.

Se estou dizendo que falta escuta? Falta escuta, e muita. Já ouvi que professores tem que consertar meus alunos no ano seguinte, porque falam demais, só que eu não consigo ver uma criança de cinco anos dentro de uma sala de aula que não fale, para mim é impossível. Como ela vai aprender sem falar? Acho que aí, entrando nessa parte, na oralidade, conhecemos essas crianças só nesse momento. É quando eles têm oportunidade de falar e não falar por falar e aí que eu digo que entra a oralidade, é uma fala direcionada, é uma fala buscando o conhecimento, para que esse conhecimento seja produtivo dentro da tua sala de aula, não é sentar e ouvir só o que ele fez no final de semana. Tudo bem, tem momento para isso, mas é a busca de trabalhos para que a criança consiga raciocinar para falar, que ela consiga falar no que ela está pensando, para que ela tenha discernimento do que ela fala e não só falar por falar, porque é claro que todos falam, mas com esse entendimento de saber se colocar, saber o que falar na hora da pergunta, colocar a sua posição, saber argumentar, isso vai ficando porque é perda de tempo para muitos profissionais. Fica difícil ter um bom trabalho. Como essa criança vai estar no segundo ano?

No quinto ano? O que a professora vai trabalhar, *meu Deus do céu*? Que textos as crianças terão que elaborar, textos com que conhecimento? Com que vocabulário? Se ela não fala, se não conhece, se não lê, se não ouve. Fica com vocabulário restrito, com aqueles textos sem entendimento, sem concordância. O que as crianças contam para mim é primordial para o meu trabalho, eu quero ouvir, eu quero saber o que eles têm para trazer e o que eu posso oferecer para eles a partir disso, desse ponto.

Falar em histórias fica complicado porque eu trabalho em dois segmentos, de manhã eu sou agente de leitura, à tarde eu sou professora de primeiro ano e frequento formação de agente de leitura e também de professora. Fico no meio termo falando em histórias. Como agente de leitura não posso usar o livro como um material didático, a literatura está aqui para incentivar a leitura, para a criança ter o prazer de ler o que ela quiser, a hora que ela quiser. Já na sala de aula o livro é utilizado como apoio. Eu penso que, como tudo na vida, tem um meio termo, dentro da minha sala eu não uso livros só como subsidio para trabalhar alguma coisa, eu uso, às vezes, em algumas sequências, em um encaminhamento, mas dentro da minha sala. Aqui na escola em todas as salas têm o cantinho da leitura com bons livros, para a hora que eles quiserem, quando terminam as atividades podem pegar o livro, sentar no lugar que quiserem na sala, fazer a leitura sozinho, com amigos, eles têm outros momentos e são livros maravilhosos. A criança, principalmente quando ela gosta de ler, quando ela ouve uma história e que depois essa história está participando da atividade dela, do que ela vai fazer do registro, ela tem prazer porque tem conhecimento daquilo, ela tem propriedade para falar, ela viaja, se quiser fazer uma produção de texto a criança cria sobre aquilo, porque vivenciou e dá prazer a ela. Particularmente não vejo mal, o que eu vejo sim, é se o livro só for usado com esse objetivo, se a criança não tiver outros momentos com ele, aí sim, ela nunca terá o prazer de ouvir uma história.

Aqui na escola todas as quartas-feiras tem o “tempo de ler”²⁴. São vinte minutos em que a escola inteira para e todos leem: professores, alunos e funcionários. É o momento em que ora a professora faz a contação de história,

²⁴ Projeto da Escola Vila Zanon, em Curitiba. Toda a escola para por vinte minutos uma vez por semana para ler. Participam desse momento todos os alunos, professores e funcionários da escola, desde 2006.

ora uma dramatiza uma história com os fantoches, outra com um livro e as crianças podem ler revistas, gibis, livros. A cada semana uma professora organiza de uma maneira. Penso que se for propiciado para as crianças a literatura por prazer, a leitura por prazer em outros momentos, não tem mal nenhum utilizar a história como apoio em sala. Quando eu vou de manhã nas formações como agente de leitura eu ouço “não pode ser usado” aí quando eu estou à tarde eu vou para o PNAIC, todos os encontros tinham a parte para incentivar a utilizar os livros e eu fico no meio termo. Aproveito o momento da biblioteca, porque atendo todas as turmas. Aproveito para que eles tenham esse momento de prazer

mesmo, que é o momento de vivenciar o livro, de conhecer autor, eu aproveito esse momento e na minha sala eles têm esse momento com a agente de leitura da tarde, tem comigo em outros momentos e eu uso para encaminhar as atividades quando eu acho necessário.

A história é importantíssima, qualquer que seja, ela tem que estar presente. Ali é que a criança consegue dar asas à imaginação mesmo, que ela consegue viver tanto, que às vezes eles pedem para contar três, quatro vezes o mesmo livro. Você não pode ouvir mais a história e eles querem, porque ficou marcado por algum motivo. Aqui na escola já faz oito anos que temos o projeto, nem um ano deixamos passar, repetimos, tentamos renovar, uma vez no mês eu faço contação para todos porque acho muito importante a literatura, ela tem que estar na vida deles, se não for agora depois fica difícil. Do sexto ano em diante já começa a cobrança em cima de livro, e eles odeiam, é síntese, é não sei o quê, o adolescente já começa a deixar de gostar de ler, tem que aproveitar agora para formar esses leitores.

Giovana (6 anos) conta sobre a “hora da leitura”

Às vezes a gente faz hora da leitura. Na hora da leitura a gente lê um gibi, ou um livrinho, ou tem o “contar história” pela professora, ou a gente faz com a professora da biblioteca a leitura. E como são essas histórias, o que você gosta nas histórias?

Eu gosto da história que tem menininha e um ganso e tem um monte de histórias junto num livrinho, também gosto da história de uma zebra, que tem nos livrinhos da sala. Tem um gibi que eu gostei e a professora deixou levar para casa para eu trazer depois.

O máximo é quando a gente deixa, dá a oportunidade a eles, por exemplo, na minha turma nessa época do ano não tem ninguém lendo. Quando eles têm essa intimidade com o livro, porque no começo do ano eles dizem “pro, não sei ler” e eu falo “mas você consegue ler as imagens, você consegue ler o autor pela imagem, ele também consegue transmitir o que ele quer, o que ele pensou na hora de escrever o livro” no começo eles ficam meio receosos e depois, primeiro inventam a história como querem, da maneira que eles pensaram e eu deixo. Aquele livro fica rolando e eles vão criando as suas histórias, quando eu leio e aí chega um determinado momento que chega a hora de mostrar o que o autor realmente quis dizer, que não era o que se imagina, é uma coisa! Nossa, é muito engraçado, eles falam e eu começo a questionar “por que que vocês acham que estava acontecendo isso?” e vem as interferências das hipóteses deles, “por que vocês pensavam que era assim?”, “ah, professora porque tinha tal figura”, “ah, porque a cara dele estava desse jeito”, “ah, é porque ele estava vestido assim” e as invenções saem do arco da velha. Por quê? Porque eles têm acesso a vários livros, quando eles têm um leque grande de informação, a cabecinha vai longe, vai longe.

Na matemática, veio muito material bom do PNAIC e tem livros mais antigos, para quinto ano, quarto ano. Os professores ficam meio esquecidos da parte lúdica do ensinar. Percebo que, quando conhecem alguns livros se animam para mudar o seu trabalho à partir do livro, isso acho um ponto muito positivo porque eles não tem um foco, eles tem o livro didático e trabalham em cima daquilo e, às vezes, no livro didático aparece uma sugestão de livro de literatura, como o da “Família Gorgonzola²⁵”, partindo dali eles se animam para fazer outros tipos de trabalho, porque eles não têm. Voltando na formação, não fazem, não participam, não tem acesso a esse conhecimento de diversificar o trabalho, quando acham alguma coisa e, na maioria das vezes, o que tem no livro didático é sugestão de livro de literatura infantil, é daí que partem o trabalho, já começam a pegar ideias de outras professoras e o trabalho começa a ter um outro direcionamento.

²⁵ Os problemas da Família Gorgonzola. Eva Furnari. Editora Global. 2001.

É muito produtivo não partindo sempre dele, do livro. O trabalho ampliou muito com os cursos de formação. Vou usar o exemplo do PNAIC porque é o que está mais novo, as pessoas que fizeram tiveram a oportunidade de conhecer os dois lados, a teoria e a prática. Normalmente na nossa formação, nas nossas capacitações da rede municipal, normalmente eram práticas. Uma pincelada de teoria e algumas práticas, porque era o que as pessoas precisavam no momento, as pessoas precisavam *mudar* o seu trabalho, mas ficava faltando um pouco da teoria e no PNAIC eu vi as duas coisas: a teoria e a prática e pegou muito na parte do letramento matemático, eu vi muitas pessoas mudarem a sua visão em relação a matemática com esse curso, com esse programa. O trabalho com a matemática em sala era muito mecânico, muito sistemático, a matemática era aprender os números e fazer continha, isso era matemática, essa era a função do professor ao ensinar matemática, os alunos só precisavam conhecer os números e fazer conta.

Mas cadê a matemática fora daqui? Começando na minha turma, por exemplo, ainda tenho uma briga muito grande, porque eu sei que tenho um cronograma para cumprir, eu sei disso, mas não é por isso que eu vou pular coisas importantes para os meus alunos. Sempre trabalhei a parte de classificação, seriação, ordenação e todos os critérios mais as [sequências](#) no início dos dois primeiros meses porque muitas crianças nem escola frequentaram. Aí passava para quantificação, contagem numérica, contagem de material, contagem, contagem, contagem. Quando eu encontrava com alguma professora de outra escola a pessoa falava: “nossa, eu já estou no número nove!” Pergunto: a criança sabe o que são nove coisas? Ela sabe a quantidade? Não, ela sabe que aquele símbolo se chama nove e cadê a importância? Sempre me

Samuel (5 anos) conta sobre as formas geométricas e sequências na sala de aula e também em casa:

Na aula, a gente pegava o bloco e ia fazer sequência: triângulo, círculo, triângulo, triângulo, círculo, triângulo.

Em casa nós temos um play 2 e com a ajuda do meu pai ele me ensinou tudo das formas. Tem a bola, o triângulo, tem o x, essas coisas. Eu agora tenho Xbox e estou aprendendo as letras, no vídeo [na tela] a gente pode ver uma coisa, o nome do jogo!

preocupei muito com isso, em trabalhar essa base primeiro para então partir para o sistema de numeração decimal e trazer muito deles para dentro da escola. A importância do número, porque hoje em dia os nossos alunos mudaram tanto, as crianças hoje não são o que nós fomos, *meu Deus!* eles têm acesso a tanta coisa! Tento que eles tragam primeiro de tudo, aonde o número está, figuras ou até a criança que não traz figura ela fala, qual é a importância daquele número, por que ele é tão importante? Por que é tão importante o número de uma casa? Por que é tão importante um número de um calçado? Por quê?

Levantar muito questionamento em cima disso para que ela saiba e consiga entender a importância daquilo que está por vir. Então, quando começar o trabalho com número a criança vai saber de onde veio, não é só olhar no quadro e copiar, que é o que acontece e, quando chega no terceiro ou quarto ano, não sabe o que é dezena, não conhece a ordem dos números. Ou a gente sabe que foi passado, mas não foi compreendido, ou então teve alguma falha em algum lugar. Busco dentro da minha sala constantemente na oralidade trabalhar a medida de tempo, o calendário, todos os dias. Eu não faço registro, eu não trabalho com a parte escrita, só que na oralidade eu trabalho todos os dias. Meses, ano, dias, dias da semana, ontem, hoje, passado, presente, futuro, diariamente. Sabemos o quanto é difícil para eles, o calendário é muito difícil para a criança aprender, se não for batido isso todo dia e com significado: “o que vocês fizeram ontem? O que teve de aula ontem? e Volto na rotina. O que nós fizemos? Hoje é quarta, hoje é o dia do tempo de ler, o que terá amanhã?” Para que eles tragam as informações, para que estejam sempre fazendo a cabecinha funcionar. Porque é fácil a criança olhar, decorar e escrever e posso pensar: “a minha parte eu estou fazendo, mas estou fazendo o todo? Estou fazendo *tudo* o que é preciso para [essa criança ser letrada?](#)” Não, está falho.

Essa parte eu acho que tem que ser muito revista, porque se não é trabalhado da maneira correta na língua portuguesa,

Sobre a função dos números fora da escola, Maria Eduarda (7 anos) conta:

Quando é uma casa para alugar, tem o número de telefone, serve pra gente conversar.

O meu irmão faz faculdade e a namorada dele também, a namorada dele vai trabalhar como professora de Educação Física. Na lição dela tem bastante números

imagina na matemática. Existem pessoas que não sabem o que é letramento matemático, o trabalho é só literalmente a decodificação de símbolos e as operações e fica complicado. O legal da matemática é que querendo ou não usamos ela para que ensine outras disciplinas. As pessoas não conseguem pensar dessa maneira, falam: “ai, meu Deus do céu, como que eu vou fazer essa sequência, vou colocar tudo primeiro”. Primeiro, que não vai colocar tudo, você vai colocar o que for pertinente o que é cabível ali na sequência didática, mas na construção de um gráfico, são tantas as oportunidades que se pode aproveitar, aproveitar em outras disciplinas, em geografia, por exemplo, simular “enes” situações em que trabalhar, mas se a pessoa focar a matemática só naquele conteúdo fechadinho da disciplina mesmo, não abrindo o leque para outras situações...

Aí entra o letramento, nas outras coisas que se vive e nem sabe que está vivendo, porque às vezes a criança fala “ah, professora, mas aonde que eu vou usar matemática, aonde?” Não percebem que, mesmo não conhecendo os números, elas trazem muito conhecimento. Penso que é nossa obrigação trazer isso para eles, porque na família a matemática é única e exclusivamente operações. Na hora que eles vão resolver uma situação problema mesmo, da vida, quantas pessoas ficam paradas, não conseguem encontrar soluções para aquilo, não conseguem porque a cabeça está parada.

Não conseguem. Só que cadê essa resolução de problemas no nosso dia a dia? Sempre alguém acaba resolvendo e não permitindo que eles pensem, por quê? Porque leva tempo. E eu volto no tempo, tudo leva tempo e então, atrapalha o andamento. E as coisas acabam ficando, acabam passando batido por isso, porque as pessoas se preocupam mais com a quantidade do que com a qualidade e é difícil para quem está do outro lado tentando fazer da maneira correta escutar: “ah, meu Deus, mas você está aí ainda? Meu Deus, você está fazendo isso ainda?” Eu aprendi que não me importa muito o que os outros falam. Aqui na escola eu tenho um exemplo, a nossa pedagoga ela tem muito conhecimento. Quando eu entrei aqui, eu não sabia trabalhar. Aprendi a trabalhar na prefeitura e devo muito a ela, que me ensinou muito, ela me ensinou a valorizar a produção da criança e infelizmente na rede privada isso não existe, o que existe é o “belo aos olhos”. Se está bonito visivelmente, tudo muito lindo,

caderno lindo, tudo perfeito e para mim era isso. Eu não conseguia ver o belo na produção deles porque esteticamente não era e ela conseguiu com que eu visse o outro lado, que para aquela criança chegar naquilo o que pensou, passou, sofreu.

A na utilização das histórias? Muito significativo, porque quantos livros trazem neles que a história precisa da resolução, os personagens vão encontrando a forma de resolver o problema e eles transferem o que leram, o que ouviram na história, eles conseguem, eles têm a capacidade de passar isso para a vida deles. E é possível, porque a criança, a cabecinha viaja, se conseguimos encontrar uma solução para um problema discutindo, argumentando, por que não dentro da sala? Então, partindo daquela história, podemos intervir: “vamos mudar então o problema, era daquele jeito na história, como podemos resolver esse problema de outra maneira? Na história foi resolvido dessa forma, mas existe outra maneira de resolver? Como poderia ser feito?”

A história inventada por Diogo (6 anos) sobre qual a quantidade necessária de alimento para um leão:

A jaca grande dá para alimentar uma noite toda. Uma jaca inteira dá para *quase* alimentar um leão. Se ele comer toda a jaca não vai dar, mas se ele tirar mais uma ele parte no meio, aí vai dar, porque ele vai estar com bastante fome. O resto ele deixa na casa dele.

Indiferente se você escolheu aquele livro com o intuito da matemática, não necessariamente, por isso digo que ele está nas outras áreas, ele não precisava, você não precisou escolher aquela história, eu vou trabalhar este livro para resolução de problemas, *não!* Você utilizou aquele livro para o prazer da leitura, a criança leu, ouviu, foi delicioso, na sua aula de matemática você pode levar aquele questionamento, “crianças! a personagem tal, viveu essa situação e encontrou essa solução, quero que vocês me digam, alguém pensou de outra maneira, que poderia ter encontrado outra maneira?”, quantas ideias vão surgir e se não surgir *aí* é o problema, *aí* tem que buscar outras formas para que essas crianças consigam pensar e raciocinar. Para poder encontrar soluções, porque se eles não falam nada, o problema é pior ainda, é maior ainda se ninguém falar nada.

A rotina é importantíssima na minha turma, se eu não faço as crianças ficam perdidas, porque a passagem de tempo para elas é muito complicada. Se visualmente está ali e eles sabem o que vem antes de uma atividade e depois, vão organizando o raciocínio, o pensamento deles fica menos ansioso, eles conseguem organizar até o seu sentimento. A aula de educação física é uma aula que eles esperam ansiosamente, se eles não sabem o dia da semana que ela é e descobrem somente no dia da aula ou eles não sabem que horas começa, eu não dou aula, não consigo porque eles ficam eufóricos: “professora, o professor está

chegando? O professor está chegando? O professor está chegando?”. Mas, se ele viu a rotina, sabe o que vai acontecer, olha e espera. Nem pergunta.

No momento que eu vou trabalhar calendário eu trabalho contagem, quando faço a chamada, faço a contagem da quantidade de meninas, de meninos, faço com eles a quantidade total de alunos, na quantidade total como o resultado sempre é um número alto, passamos para o quadro valor lugar, mostro a quantidade de alunos e, no concreto, vamos contar a quantidade. Um palito para cada criança, a partir disso retomo: “vamos ver quantos palitos é preciso para formar uma dezena?” nesse momento já estou trabalhando ordem, quando eu vou trabalhar o calendário, a passagem do tempo, o antes, o depois, peço para eles procurarem no quadro numérico o dia, eles mostram o número que era referente ao dia de hoje, isso com variação de calendário, tenho três tipos de calendário na sala para que eles conheçam e peço para eles trazerem outros diferentes de casa.

No final da atividade eles podem ler histórias, quando tem alguma história no expositor que eles queiram muito, em um determinado momento eu

Giovana (6 anos) conta sobre a rotina da sala de aula:

A rotina é assim, a gente põe os números, por exemplo, ontem foi dia 10, aí tem que pegar os palitinhos: dez na portinha da unidade, quando ficar já com 10 tem que ir para a portinha da dezena, depois quando vai virar 100 vai para a portinha da centena.

Depois tem que contar as meninas, os meninos e pôr o numerinho [as quantidades] das meninas e dos meninos e somar quantos que fica junto, menina e piá junto.

E na tua sala você lembra quantas meninas e quantos piás têm?

Tem cinco meninas e piás tem onze, aí ficou dezesseis.

paro e leio para eles e quando eles gostam do livro vai uma, duas, três, quatro, cinco vezes, quantas eles acharem que é necessário para matar a vontade de ouvir a história.

Como eu uso muito livro, faço muitos jogos partindo desses livros. Ora usando personagem, ou fazendo jogo de percurso, fazendo jogo de palavras, ou de personagem. Acho que a maioria dos meus jogos partem de histórias, faço muito esse conhecer didático partindo de história, não necessariamente o trabalho começando pelo livro, pode ter outro ponto de partida que não foi o livro, mas uma hora vai chegar nele.

Nas histórias em casa ainda o trabalho está meio complicado, porque a realidade das famílias de hoje não permite, é uma pena, mas eu fiz um trabalho, eu estou fazendo um projeto com um livro que chama “ O aniversário do seu alfabeto”²⁶. Nessa proposta as crianças levam dois jogos para casa, um alfabeto móvel, uma mascote, o livro e mais um caderno com o diário do que eles fizerem naquele momento e com algumas informações pensando na matemática, porque como o livro fala do seu alfabeto, eu queria que eles falassem um pouco deles. A idade, com quem eles moram, o tamanho, a altura, o tamanho do sapato, só algumas informações. É engraçado que, a maioria das crianças volta contando que a família não leu o livro ou não jogaram, porque a família não teve tempo. Sabemos que a realidade é essa, infelizmente, isso é estrutura de família e infelizmente nas nossas famílias não são todas que tem. Então, percebo que fica falho. E a gente vai tentando, cobrando e incentivando, vai propiciando situações para que isso vá, mesmo que volte incompleto, mas foi! E, vai mais uma vez e mais uma e assim nós vamos tentando, tentando e tentando, de pouquinho em pouquinho, se conseguimos alguma mudança.

²⁶ O aniversário do seu Alfabeto. Autoria de Amir Piedade, editora Cortez. Conta a história da personagem Alfabeto que estava fazendo uma festa de aniversário. Os convidados, as letras, levavam presentes ao aniversariante. A história tem sua virada quando os irmãos gêmeos “ss” e “rr” chegam na festa. <<http://www.cortezeditora.com.br/aniversario-do-seu-alfabeto-o-1558.aspx/p>> acesso em: 13/jan/17.

Um cenário para Márcia

A Professora Márcia Regina Kosinski é professora do primeiro ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Nadir Nepomuceno Alves Pinto no município de Araucária, Paraná. Participou do programa de formação continuada Pró Letramento²⁷ e também do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa)²⁸ e atua também como professora de Arte na rede municipal. Nosso primeiro contato foi por indicação da professora Marlene de Fátima Gonçalves.

Nos encontramos na Escola Municipal na qual ela leciona a disciplina de Arte para os primeiros anos do Ensino Fundamental, conversamos um pouco no horário de intervalo. Contei um pouco sobre o tema da pesquisa e agendamos a entrevista para o mesmo dia, no período da tarde, na escola que atua como alfabetizadora. Chegando na Escola Nadir Nepomuceno Alves Pinto a primeira impressão foi de uma escola grande, com bastante espaço e organizada. A professora Márcia me recebeu na biblioteca, iniciamos a conversa e expliquei o objeto da pesquisa, *As possibilidades em alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis*, quanto a metodologia, contei que a entrevista seria gravada e depois transcrita e textualizada e que utilizaria as fichas com as palavra-chave como apoio à narrativa. Esclareci também que a textualização contaria com recortes da fala de algumas crianças, não necessariamente alunos da sua turma de primeiro ano e que esse recurso seria utilizado para ilustrar e evidenciar as relações entre a alfabetização matemática e as histórias infantis, expliquei sobre a textualização da entrevista, que esta retornaria a ela para correções, complementações e ajustes e que só faria parte do corpo da pesquisa com a sua autorização.

²⁷ O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental.

Acesso:< <http://portal.mec.gov.br/pro-letramento?id=12346>>

²⁸ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. A formação acontece em Curso presencial de 2 anos para os Professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Acesso: , <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>

A professora Márcia inicialmente ficou resistente ao fato da sua identificação no texto, mas esclareci que era parte fundamental na metodologia, que busca a fala das colaboradoras narradas por elas próprias e a importância de se registrar os pontos de vista da prática docente pela voz de quem está diariamente em sala de aula. Com o aceite da professora iniciamos a entrevista.

A PROFESSORA MÁRCIA CONTA SUAS HISTÓRIAS

Livro de literatura a gente usa para a matemática, também por conta do PNAIC. Antes usava, mas usava pouco. *Eu* usava, mas usava menos. Fiz uma atividade sobre os opostos, então, trabalhava as noções topológicas, vendo o maior, o menor, no livro didático ou na atividade pronta e a partir daquele livro dos opostos²⁹: “esse livro é menor que esse outro, mas ele não é o menor em relação aos objetos que tem nessa sala de aula”. O que que é maior e o que é menor em relação ao quê? Eles foram me dizendo “professora esse é menor”. Então o que é maior, o que é menor? Mas o que é menor que isso? O que é menor ainda que isso? *Nossa!* Acho que melhor do que ficar passando o conteúdo no livro didático, que sempre no começo do ano vem um monte de coisa, marque um x no maior, no menor, no pequeno, no grande, mas em relação ao quê? Isso foi uma *cutucada* feita pelo PNAIC, usar o livro de literatura mesmo, foi uma atividade que eu fiz e achei bem bacana e na verdade a gente começa a ter um olhar diferente para o livro de literatura, porque às vezes só conta a historinha e acabou-se!

Então achei que foi bem bacana mesmo, esse ano eu fui trabalhar a história dos números, fiquei até decepcionada, porque fiz uma dramatização das pedrinhas, das tampinhas e não deu muito certo, mas aí tinha aquele outro livro “E eles queriam contar”³⁰. Quando eu levei o livro, passei no Datashow e senti que eles entenderam, mas enquanto eu trabalhei na sala com dramatização e eu mesma contando não foi assim. Parece que se eles não visualisassem o livro não tinham entendido, tem alguns que ainda não entenderam, que decepciona, mas eles são bem imaturos ainda, é uma construção. Vi que eles começaram a

²⁹ “ANIMAIS E OPOSTOS” Sebastiano Ranchetti, Ed UDP, 2011.

³⁰ “E ELES QUERIAM CONTAR” Autores: Faifi e Luzia Faraco Ramos, Ed. Ática, 1996.

perceber que o número tem uma função, como foi construído e que foi passado para o calendário e tem aqueles que já sabem o que que é dezena, como é formada. Foi por conta desse processo e não foi assim, rapidinho. Demorou mais de um mês de aula e tem língua portuguesa, tem matemática, mas acho que está bem demorado, bem lento, mas que vai caminhar, espero que caminhe! Veja, a mesma coisa aconteceu o ano passado só que a turma reagiu diferente, no começo fiquei bem chateada com a turma, porque, *poxa vida*, a gente se esforça, se dedica, mas eles não centravam, não ficavam, não prestavam atenção, agora eles

Daniel (8 anos) explica sobre uma história contada pela professora, para que serve contar?

Para gente aprender tipo dos antigos egípcios, que foi uma história inventada, eles usavam às vezes para contar boi, contar carneirinho, contar ovelhinha.

Porque ainda existem vários fazendeiros, daí a gente usa para saber as dezenas.

E será que só fazendeiro que conta?

Não, a gente também, para pique esconde, esconde-esconde, polícia e ladrão.

estão começando a entrar no ritmo. A turma é fechadinha, vem do CMEI³¹. É esse o caminho, por mais que demore mais com essa turma, eu vou continuar do meu jeito, sabe? Esse jeitinho, ligando uma coisa com a outra, usando o livro de literatura.

Aquele outro dos Dez Sacizinhos³², nós fizemos também com eles no ano retrasado uma outra atividade, foi bem bacana porque quando li o livro pela primeira vez nem tinha percebido que a Cuca estava lá no cantinho em todas as páginas. Fui perceber só depois. No dia que contei a história eu só fui mostrando e não falei da Cuca, eles percebem muito antes do que eu, contei a história e perguntei para eles quem apareceu e eles sabiam que era a Cuca. E ela é pititiquinha, “meu Deus, e eu li duas vezes para perceber que a Cuca estava lá!” Porque eu li, fiz a leitura das palavras e eles fizeram a leitura das imagens. Acho que eles percebem muito melhor do que a gente, esse momento deixou de ser só uma leitura deleite, fizemos uma atividade com o livro, dos numerais, da

³¹ Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI)

³² Livro infantil de Tatiana Belinky e Ilustração de Roberto Weigand (1998) poesia que de maneira divertida usa a matemática numa brincadeira de subtrair sacis. Prêmios: Altamente Recomendável FNLIJ - Categoria Criança (1998) FNLIJ - Melhor ilustração (1998) Prêmio Jabuti (1999).

relação do numeral e quantidade e achei bem bacana porque eles também precisam muito recortar. A gente fez uma atividade de recorte, não de pintura, às vezes pintar muito cansa, mas precisa desenvolver isso e era perto da época do folclore, ligamos com outras coisas. Trouxe um filme do saci de 1952! Eu contei com eles quanto tempo tinha passado, o filme era em preto e branco, o filme é do sítio do pica pau amarelo e falei “nossa já faz tantos anos!” fui contando de 10 em 10 e eles fizeram relação com outras coisas, não só aquele filme, aquela atividade em si, foi muito bom.

Eu acho que tem coisas que a gente não consegue fazer. A sequência didática, por exemplo e também não tem muito tempo para ficar pensando só em sequência, mas quando você consegue colocar eu acho que rende mais. Faz mais sentido para eles, e até para mim, como professora, acho que é melhor, eles veem que tem uma unidade, que a professora falou de um jeito e fez relação com aquilo outro, tanto é que aquela da história dos números (do livro Eles sabiam contar), quando eu passei no Datashow fez sentido, eles pescam, eles são espertos! Eles percebem a intenção, eles conseguem

As histórias e a rotina em sala de aula para Giovana (6 anos)

E quando é atividade da historinha é sobre a historinha que a professora contou que ela faz atividade?

Não, é sobre uma outra coisa, às vezes a professora, não é sobre a hora da leitura, às vezes a “pro” pede para gente fazer uma atividade, ela lê uma historinha, mas não sobre a hora da leitura, para gente pensar...para gente desenhar.

perceber que não estava fazendo só por fazer, foi aí que eles começaram a se concentrar mais. O trabalho no CMEI é diferente que o da escola e às vezes na escola a gente dá mesmo uma atividade mais isolada, por exemplo, alguma coisa de conteúdo e que nem sempre tem como ligar com tudo, nem tudo tem como fazer sequencia didática, eu pelo menos não consigo. Com o passar do tempo vamos aprimorando as sequencias didáticas velhas e criando outras.

Essa ficha é sobre os Programas de formação, eu acho que os professores que estão lá dando a formação eles têm a mesma prática que a gente. O que me faz melhor no PNAIC, às vezes, é uma palavra. Sabe por quê? As informações, para mim, elas não são tão boas, mas elas são boas porque *cutucam* sabe? Eu organizo minhas atividades de acordo com aquilo que eles

falam, mas do meu jeito! Então, acho que fiz muita atividade boa depois do PNAIC, é a metodologia de cada um, mas na hora que a gente organiza a atividade, se for pegar uma atividade pronta eu tenho a aula de um jeito, mas na hora que *eu organizo* ela, penso no registro, eu estou pensando no encaminhamento. Copiar é uma coisa, mas você pegar e organizar é outra e acho que o resultado final sai melhor, acho que é da formação do PNAIC. As outras atividades são muito fraquinhas, as do PNAIC, elas chegam a cutucar porque as professoras que dão, elas são professoras, não é? Elas não perderam o chão da sala de aula, por isso que é bom. Então a orientadora cutuca a gente, há uma troca de experiência entre os professores, é bem válido e é o que faz valer a pena! Acho que por isso é bom.

No livro *Dez casas e um poste*³³ trabalhamos a casa, a rua, as cores, é um livro que dá para organizar uma sequência didática. Além de ser uma leitura boa, além disso, ainda consegue ligar com conteúdo. Também tem um cantinho da [leitura na sala](#), eles pegam e trocam livrinhos todo dia, se bem que estou meio perdida ainda esse ano, tem dias que eu esqueço de mandar eles trocarem porque eles me deixam *tão atarantada*, mas no ano passado e retrasado funcionava como um relógio! É livrinho de literatura simples, só que o livrinho está em um tipo de lancheira, ele abre. Mando para as meninas e para os meninos, esse ano está meio cedo ainda e não mandei, mas eles querem levar a lancheira com o livrinho, acho bem bacana também, que quanto mais eles lerem melhor. Vejo que quanto mais contato com o livro é melhor.

Para Maria Eduarda (7 anos) sobre a hora da leitura em sala, que é feita em duplas,

Nessa hora, a gente às vezes fica meio perdido, porque algumas vezes tem livro que quase não tem desenho, tipo do Leonardo Da Vinci...

Falando da matemática, esse cartão aqui é matemática nas histórias, nós colocamos as histórias na matemática. Fiz uma história sobre a função social, copiei de um livro, fiz uns cartõezinhos da função social dos números que não tinha a parte escrita, só o desenho. Era a personagem da menina que ia com

³³ **Dez Casas e um Poste que Pedro Fez**, Bernardi Jr, Hermes. Editora Projeto.

o pai buscar um livro da história dos números numa livraria e aí apareciam diversas funções dos números e fui pedindo para eles contarem a história, “olha, o que é que tem, o que aconteceu aqui?” Eles foram contando, a história teve um início, meio e fim! A intenção era para contar que na vida da gente sempre o número está presente, que a gente tem que ver, olhar no ônibus, no relógio, na placa, no preço das coisas. Foi bem bacana, eu trabalhei tanto a história dos números dentro da sala, muitas coisas e pesquisa para casa: “qual o número do sapato, qual o número da casa, número do telefone” parece que fechou, eles perceberam que sabem! Aí eu comecei a trabalhar diferente, achei que também era a matemática dentro da história que eles foram inventando na sala e eles foram contando.

Histórias contadas na minha turma, este ano, quase não tem. É muito pouco porque as histórias deles, não dá para deixar muito, só quando eu pego um livro, porque senão eles tumultuam muito a sala, mas ler livro eu sempre leio para eles, se a gente não lê o livro eu levo para informática e passo no computador os livros do pen drive que a secretaria mandou. acho que é até melhor que no livro, é bom o contato com o livro, mas ali todo mundo vê melhor a imagem, então eu acho que para minha turma, compensa mais, eu gosto de trabalhar assim. [Eles contarem história e inventar](#), ainda não deu esse ano, infelizmente, mais acho que vai dar!

As vezes a gente pede, “vão ler esse livro” e até é engraçado eles contarem a história, pelo desenho e depois quando aprendem que tem

começo, meio e fim, começam a ler e vão contar a história mas não sabem falar baixo, Nossa é bem legal, chega a ser engraçado, eles contam um pro outro, eu também gosto de chamar eles na frente, “venha contar história para professora e para turma!” tem uns que tem a oralidade melhor, contam melhor, outros já nem tanto, mas desenvolver esse gosto pela leitura, independente se o que está contando tem sentido ou não tem, o sentido não importa, ele vai aprender, mas está fazendo a leitura da imagem!

Sobre as **histórias inventadas** Diogo (6 anos) conta:

Você brinca de inventar história na tua casa? Com quem?

No final de semana algumas vezes com meu pai, no meio de semana com minha mãe. Eu invento a história, aí eu conto para minha mãe. Ela inventa e conta pra mim.

Para os alunos pequenos a gente não diferencia, “agora é aula de matemática” A gente vai falando para eles pensarem na matemática e é tudo junto, não trabalhamos só história, geografia, ciências, português, matemática. Os conteúdos e disciplinas estão todos ligados, a gente não diferencia para eles, trabalha junto, eles nem percebem, tem turma que as vezes pergunta “nós vamos ter matemática?” Porque o pai e a mãe às vezes falam em casa, porque eles ficam colocando a matemática, a família fica, mas eu era ruim em matemática, eu era muito ruim em matemática, e a matemática para eles é tão simples! Eles usam faz tempo e nem percebem essa diferença de matemática, português, história, geografia e ciências. Então é tudo junto, tem leitura no português, tem na matemática, eles não sabem, eu trabalho tudo junto. E tudo junto e misturado, e assim eles entendem, eles aprendem.

Maria Eduarda (7 anos) explica aonde os números e a contagem aparecem fora da sala de aula.

É, eu acho que mais na Educação Física, porque a gente está fazendo apresentação para festa Junina, e também tem que contar.

Crianças inventando histórias

A trilha percorrida para estabelecer os critérios de escolha para as minhas colaboradoras crianças seguiu o objetivo da pesquisa, investigar o aprendizado em matemática com a utilização de histórias infantis nos primeiros anos do Ensino Fundamental, evidenciando suas possibilidades a partir da fala das crianças, contadas por elas próprias. Sendo assim busquei por:

- ✓ crianças em fase de alfabetização, mais especificamente entre o primeiro e o terceiro ano do Ensino Fundamental;
- ✓ crianças de diferentes instituições de ensino, já que o estudo não tem por objetivo estabelecer uma análise ou comparação entre o ambiente social das crianças ou de metodologias de ensino das escolas que frequentam.

Utilizando mais uma vez a ideia de rede, iniciei a busca por crianças que poderiam ser entrevistadas através das professoras que participaram da pesquisa. Foi um caminho de negociações. Por mais que todas tenham gostado da proposta, apenas duas professoras da rede municipal se dispuseram a colaborar com a intermediação entre a escola e as famílias, para que as entrevistas com as crianças realmente acontecessem. É preciso esclarecer que sem a ajuda, o apoio e a disponibilidade delas, as crianças não estariam contando suas histórias nesse estudo. Para mim, como pesquisadora, mais um aprendizado valioso: a pesquisa se faz a muitas mãos, há uma interdependência nesse caminhar, assim, as professoras que foram entrevistadas e os alunos são colaboradores, visto que a participação é espontânea e entrevistador e entrevistado precisam estabelecer uma relação no processo, o entendimento de colaboração (MEIHY, 2011 p. 20).

Acredito que entrevistar crianças demanda alguns cuidados, muito mais em relação aos adultos do que a elas próprias: crianças gostam de inventar, contar histórias e brincar, mas o que se mostrou essencial nesse percurso, foram os detalhes em relação aos documentos necessários para a autorização dos responsáveis para a realização da entrevista.

Com a autorização inicial das professoras, coordenação pedagógica e direção, iniciei a fase de entrevistas. As autorizações dos responsáveis vieram

após esse momento. Essa estratégia pareceu ser a mais prudente, pois os pais teriam acesso ao conteúdo da fala de seus filhos primeiro, para então autorizar o seu uso. Para isso, disponibilizei o áudio das entrevistas para as famílias.

Em Araucária, uma das professoras mostrou-se extremamente disponível e me convidou para conhecer sua turma de segundo ano. No dia marcado, logo que cheguei na escola ficou evidente a curiosidade das crianças com a visita, contei que estava na escola para brincar de inventar histórias e a maioria da turma, muito animada com a proposta, queria participar. Expliquei que naquele dia eu conversaria com três alunos, mas que voltaria em outro momento para brincar de contar histórias para a turma toda. Como eu não conhecia as crianças, a professora, apesar de não saber qual seria a estratégia de aproximação e entrevista, apenas o objetivo, indicou duas meninas e dois meninos. Das crianças indicadas nessa escola, uma das meninas não quis participar e um dos meninos foi transferido para uma escola em outra cidade antes da autorização dos pais para a entrevista ser incluída nesse estudo.

Em Curitiba, em uma escola da rede municipal, a indicação partiu da professora entrevistada, mas os alunos não pertenciam à sua turma, realizamos a entrevista no período da manhã e logo que cheguei, durante um café na sala de professores, expliquei a proposta e o objetivo da pesquisa ao grupo, duas professoras aceitaram e indicaram seus alunos. As crianças, dois meninos e uma menina, aceitaram conversar e realizamos a entrevista no mesmo dia.

Sentindo necessidade de outras histórias, de outros olhares infantis para o meu objeto de pesquisa, recorri a uma escola da rede particular de Curitiba. O contato com a coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental, Maria Cristina, foi por indicação de uma colega, Cinthia Domit Zaniolo Renaux, que trabalha na mesma instituição, mas em outro nível de ensino. Agendamos uma reunião para esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, estratégias de abordagem com as crianças e metodologia. A Professora Maria Cristina mostrou-se muito disponível em conversar com alguns pais de alunos para, então, agendarmos um horário para as entrevistas com as crianças. Na mesma semana realizei as entrevistas com duas meninas do segundo ano e, de maneira similar às outras, a aproximação partiu de uma conversa, para posterior abordagem com o jogo de

inventar histórias, o meio utilizado como estratégia para que as crianças contassem sobre as histórias e a matemática.

As crianças entrevistadas estão identificadas pelo nome e idade, optei por não caracterizar cada criança pela instituição de ensino que frequentam ou o ano do Ensino Fundamental em que estão matriculadas, conforme foi explicitado no tocante aos critérios de escolha das colaboradoras crianças para as entrevistas. Alguns recortes das transcrições dessas entrevistas estão inseridos nas textualizações das professoras em formato de caixas de texto.

As caixas de texto, com trechos das entrevistas, são tratadas como uma imagem, uma ilustração. Sem o intuito de verificação ou validação de conceitos, tem a propositiva de inquietar e desacomodar a experiência de leitura. O que as crianças contam, sobre as histórias infantis e a matemática, inseridas nas textualizações das professoras, são um encontro, uma relação com algo que se experimenta, que se prova, uma abertura ao que é exposto.³⁴

Foram realizadas duas textualizações das entrevistas das crianças: Diogo Novais da Silva e Giovana Rodrigues Costa e juntamente com as transcrições de todas as crianças entrevistadas, estão incluídas nesse capítulo.

Na tabela abaixo o nome de cada criança entrevistada e sua idade.

CRIANÇAS	IDADE
Diogo Novais da Silva	06 anos
Samuel Teixeira Antunes	05 anos
Giovanna Rodrigues Costa	06 anos
Pietra Suplicy Sanches	06 anos
Maria Eduarda Ramos Sales	07 anos
Daniel Nascimento Anhaias	08 anos

³⁴ Como afirma Larrosa a propósito da experiência e da leitura como formação:

“o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.” (LARROSA, 2002 p. 19)

“Pensar a leitura como formação implica pensa-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor. “ (VEIGA- NETO, LARROSA, in: COSTA, 2007 p. 129)

As crianças contam suas histórias e não há relação entre os alunos e as professoras entrevistadas, a desvinculação deu-se no processo de textualização das entrevistas. A proposta da pesquisa com as crianças caminhou a partir do que essas narrativas poderiam despertar: suas experiências e perspectivas em relação às histórias nas aulas de matemática. O contar das crianças, espontâneo, ingênuo, rico, aproximava-se das professoras por diferentes vias e essa trama, como em uma urdidura, desenhou diferentes padrões justificando a dissociação entre professoras e alunos.

As crianças trazem consigo o que tem de compreensão do mundo das letras e do mundo dos números e o desenrolar da alfabetização cria o pano de fundo para que aquilo que cada uma já conhece se organize e novos personagens possam surgir nas suas histórias.

Larrosa leva à reflexão quando afirma que,

[...] a infância é o outro: o que, sempre, muito além do que qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio no qual se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhida. Pensar a infância como algo outro é, justamente, pensar essa inquietude, esse questionamento e esse vazio. É insistir mais uma vez: as crianças esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua. (LARROSA, 1998,p.69)

Cada criança entrevistada, esse *outro*, aberto, disponível ao inexplorado e que possuidor de linguagem própria se põe diante do novo sem temores, pelo simples prazer de contar e ser ouvido, proporcionaram situações inquietantes durante a experiência das entrevistas. Crianças que eu não conhecia. Algumas se envolveram com a proposta da entrevista de imediato, outras abriram mão da proposta do jogo e participaram ativamente da entrevista como uma conversa e, aquelas mais tímidas, por vezes desconfiadas e com certa dificuldade de formação de vínculos, demandaram momentos de intensa negociação. Muitos desses momentos foram além do planejado, do roteiro ou dos modelos foram absolutamente questionadores das certezas e seguranças do ser pesquisadora.

O jogo como abordagem

Não há dúvida que brincar significa sempre libertação.
(BENJAMIN, 1984, p. 64)

Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações.
(EXUPÉRY, 1994, p. 8).

Existem muitos momentos para se contar histórias para as crianças, o primeiro contato começa através da voz da mãe, do pai ou dos avós. São situações que podem ser vivenciadas pelas crianças nas quais elas interagem com o mundo, com a imaginação, com a curiosidade. Assim, as ideias para solucionar problemas e as possibilidades de descobrir e sentir emoções aparecem. Ao contar histórias para crianças podemos ser um pouco cúmplices do autor, o divertimento e a brincadeira dão espaço para emoções como a tristeza, a raiva, a alegria e a segurança, criando o repertório de emoções de cada criança. Ao inventar uma história a criança de forma mimética traz para o seu mundo o que conhece, vive e percebe das relações do mundo adulto. (ABRAMOVICH, 1997, p. 16-22).

Na escola, a roda de histórias faz parte da rotina. Como um momento de encontro, permeado de significados antigos do contar história para crianças. As histórias contadas pelo professor, são a base para a construção das narrativas das próprias crianças, que se constituem na interação com o mundo adulto, representado pelo professor e mediado pelo uso da linguagem. No desenvolvimento narrativo da criança, segundo Perroni,

A criança, assumindo já o papel de narrador e dominando uma certa técnica de construção de narrativas, pode agir de acordo com os limites que o tipo de discurso impõe. É assim que, nas situações de discurso lúdico, em que se diz: "Isto é um jogo", os "casos", assim como as "estórias", são aceitos; uma vez que os dois interlocutores aceitaram o jogo, dispensa-se qualquer obrigatoriedade de plausibilidade do narrado (PERRONI, 1983 p.170)

As histórias possuem natural entendimento de jogo, de brincadeira. O lúdico predomina e a fruição das relações afetivas com o outro, aquele que é companheiro de aventura, vão além das intenções primeiras do fato simples de ouvir e contar uma história. Para Girardello, “A essência da brincadeira opõe-se à lógica produtivista, mesmo nas situações em nossa sociedade em que parece ter sido por ela incorporada, em pacotes de lazer tão previsíveis como bandejas de fast-food ”(GIRARDELO, 2003 p. 07).

As entrevistas nesse estudo seguiram a metodologia da História Oral e como uma forma de aproximação com as crianças, considerei as obras de Gianni Rodari, autor italiano que tem na fantasia, imaginação e criatividade elementos para a criação de histórias. Adaptei o jogo binômio fantástico (o contador de histórias) para o momento das entrevistas com o propósito de instigar a fala das crianças a partir da imaginação e criatividade ao inventar histórias

Este jogo, que utiliza palavras para a criação de uma narrativa oral, tem como regra que uma história pode nascer de um binômio fantástico, mas sempre é preciso alguma distância entre as duas palavras, causando estranheza insólita uma à outra, bem como uma aproximação discreta, obrigando a imaginação a instituir um parentesco entre elas e criar um conjunto fantástico em que esses elementos convivam. O acaso contribui para a escolha do binômio neste jogo, as palavras escolhidas por sorteio e como uma brincadeira, trazendo a singularidade necessária para formação do binômio (RODARI, 1982, p. 22).

Para Rodari o pensamento forma-se em dupla, a ideia de mole não se forma nem antes nem depois da ideia de duro, mas contemporaneamente em um encontro produtivo e cita Henry Wallon: “O elemento fundamental do pensamento é esta estrutura binária, não apenas os elementos que a compõem, a dupla, os pares são anteriores ao elemento isolado” (RODARI, 1982, p. 21).

✓ Proposta de jogo: Jogo contador de história – Binômio fantástico

Cada participante escreve duas palavras em fichas de papel previamente entregue, deposita sua contribuição na caixa de criação (caixa para depositar as palavras aleatórias) e depois, faz-se o sorteio de duas palavras para iniciar o jogo. Inicialmente trabalhando com o estranhamento das palavras, como relacionar? Para criar uma relação de dependência entre as duas palavras

usaremos uma preposição (do, com, no, de...) O que poderá surgir da junção dessas palavras? O que estas palavras podem trazer? Que histórias criar? Que imagens surgem? O próximo passo será a invenção de uma ou mais histórias e o registro em desenho da atividade.

Como o jogo previa uma narrativa livre, mas ainda não tinha sido utilizado em entrevistas, preparei um roteiro com perguntas que serviriam de apoio, caso necessário, para instigar a fala das crianças, como sugere Martins em sua dissertação quando cita Alina Spinillo,

Algumas questões que talvez pudessem ter sido feitas nas duas entrevistas poderiam ser as mesmas sugeridas por Alina Galvão Spinillo (SPINILLO, 2014), no texto “Para que serve a Matemática na perspectiva das crianças” disponível no Caderno 02 “Quantificação Registros e Agrupamentos” do PNAIC (BRASIL, 2014c).

Para que serve a Matemática?
 Para que servem os números e as operações?
 Para que serve medir?
 Para que serve contar?
 Para que serve fazer continhas? (MARTINS, 2016 p. 129)

Como metodologia em movimento, a História Oral abriu possibilidades no tratamento das situações que se apresentaram. Com cada uma das crianças novos fatos surgiram. Em duas entrevistas o jogo de inventar histórias não aconteceu, as crianças entrevistadas contaram da sua rotina na escola e as perguntas do roteiro foram utilizadas. Em outra situação, ao final da entrevista, a criança entrevistada disse que lia para mim sua história preferida (em um gibi), a surpresa ocorreu quando ao virar as páginas com muita atenção ela não verbalizava, não “contava a história lida”, foi preciso alguns momentos para que eu compreendesse que ela estava lendo “em pensamento” (palavras dela). A entrevista é um momento único, o instante em que ocorre não tem retorno, não há volta. Bruner afirma que,

a narrativa, em todas as suas formas, é uma dialética entre aquilo que era esperado e aquilo que veio a ocorrer. Para que exista um relato, alguma coisa inesperada deve acontecer – de outro modo, não há o que se contar (BRUNER, 2014. p. 24).

A capacidade de composição e combinação, inerente às crianças e ricamente observada nas brincadeiras infantis é reelaborada criativamente e o

novo faz parte desse processo, como assevera Souza “A criança, ao inventar uma história, retira os elementos de sua fabulação de experiências reais vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo” (SOUZA, 2008, p.147). As narrativas das crianças apresentam um outro olhar e, quem sabe, algumas pistas para outras perspectivas e discussões sobre as possibilidades de utilizar a metodologia da História Oral em entrevistas com crianças pequenas na Educação Matemática.

Antecedendo cada textualização das crianças, similar ao desenvolvido com as professoras, há um preâmbulo que compõe o cenário das entrevistas. Neste texto incluo a conversa inicial com cada uma, a aproximação e o estabelecimento de vínculo para a realização da entrevista, o contexto e o ambiente escolar e as curiosidades que elas trazem. Resgato a experiência de momentos únicos, em que foi possível perceber por quais caminhos as crianças escolheram caminhar e o que contar, nesse perambular entre a matemática e as histórias infantis. Na leitura das histórias contadas pelas professoras e seus alunos, a trilha que sigo faz parte das minhas intenções relacionadas ao objeto de pesquisa, mas também envolvida com a percepção do que foi experienciado e mobilizado no momento de escolher qual caminho percorrer.

Um cenário para Diogo

Diogo Novais da Silva tem seis anos, é aluno do segundo ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Elírio Alves Pinto no Município de Araucária, Paraná. Nos conhecemos na escola. Fui apresentada a ele e ao restante da turma pela professora Marlene, colaboradora dessa pesquisa.

Logo que entrei na sala do segundo ano “A”, turma do período da manhã, encontrei dezenove crianças muito animadas com a minha visita. A professora tinha avisado ao grupo que uma professora iria até a escola para conhecer a turma e conversar. Expliquei a todos que estava ali para conversar e brincar de inventar histórias e que não poderia conversar com todos naquele dia, mas que voltaria para contar uma história para a turma em um outro momento. Compromisso que foi realizado duas semanas depois. Estabeleci com a professora que as entrevistas seriam feitas com as crianças que desejassem brincar, sem escolhas prévias por parte dela ou por mim.

Diogo foi rapidamente se adiantando e dizendo que queria conversar e foi a primeira entrevista nesse encontro. Fomos nos encaminhando para a biblioteca da escola, espaço improvisado em uma sala dividida com a coordenação pedagógica. A escola está mudando de espaço físico, um novo prédio está sendo construído e essa foi a tônica da conversa durante o curto percurso que fizemos. Muito falante, Diogo foi logo mostrando a escola e contando sobre as mudanças que aconteceriam.

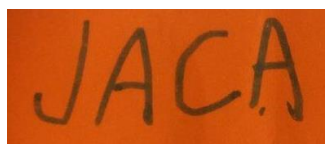
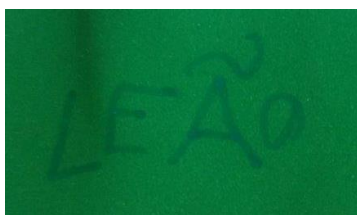
Chegamos na sala, nos acomodamos e contei a ele que a entrevista seria gravada. Conversamos sobre a rotina de sala de aula e ele demonstrou interesse pelas histórias, contou suas preferências e que em casa brinca de inventar histórias com seu pai nos finais de semana e com a mãe durante a semana. Perguntei como era a brincadeira e muito espontâneo ele disse que era só inventar e depois contar.

Expliquei que faríamos um jogo de inventar histórias. Combinamos as regras e como ele contou que ainda não sabia escrever muitas palavras, decidimos que o registro nos cartões poderia ser feito com desenhos ou com a palavra escrita. Na “nossa” regra do jogo faríamos três cartões e dessa vez não haveria sorteio, cada um inventaria a história com as palavras do outro e

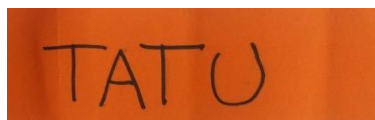
conforme o desenrolar da história o registro seria feito em desenho, utilizando os materiais que estavam disponíveis (papel tamanho A4, lápis de cor, caneta e canetinhas hidrográficas coloridas).

Diogo, com seis anos é um menino muito expressivo, mas estava desconfiado. Como era nosso primeiro contato, a abordagem para a explicação e combinados das regras do jogo foram livres, buscando criar vínculos para que ele sentisse mais confiança para se expressar. Depois que os cartões com as palavras estavam prontos e dobrados, Diogo demonstrou o desejo de rever a regra do jogo para que o sorteio se realizasse, resolvemos então colocar os cartões na caixa e sortear as palavras que seriam utilizadas na história de cada um.

As palavras registradas pelo Diogo



As palavras registradas por mim:



Palavras sorteadas por Diogo para a sua história: **Leão e árvore.**

A história foi sendo criada juntamente com o registro em desenho, dessa forma a narrativa é entremeada de descrições do cenário e das personagens no desenvolvimento da trama inventada.

DIOGO CONTA SUA HISTÓRIA

Eu gosto de histórias e a professora conta. Ela pede para ninguém falar, todo mundo fica quieto e aí começa a história. Gosto mais daquela do João e o pé de feijão, é legal. O João planta um pé de feijão que cresce e fica gigante. Isso não existe, eu já vi porque meu pai já plantou e não fica grande [mostra a altura da cintura].

Já brinquei de inventar histórias na minha casa, às vezes, no final de semana é com o meu pai e no meio da semana é com a minha mãe. Eu invento e conto para ela e ela inventa e conta para mim.

Eu não gosto nada de fruta [em uma referência à palavra sorteada - árvore], comia quando era pequeno, gostava de manga quando eu estava lá na minha casa, na Bahia. Meu pai veio para cá, praticamente eu nasci aqui, minha mãe estava lá e eu nasci aqui.

Estou fazendo um pé de maçã. E um tatu subindo, uma grama. Na macieira, no pé da árvore, tem um tatu que é bem pequenininho e está camufladinho. Minha história começa assim: É um pé um pé de macieira, e um leão vai lá e derruba todas maçãs e leva para o urso. O urso que manda nele e que está tão bravo, porque o leão não chegou ainda. Tem uma pessoa, ela está com medo do leão, é uma mulher. O leão quer avançar na mulher. O leão chegava de fininho e tem uns matos grandes, ele vai avançar na mulher! O mato é maior do que o leão. Não! O mato é do tamanho normal, ele se agacha e sai correndo, sim! E avança. Ele está longe, quando ele avançar a pessoa não corre mais rápido e ele fica se agachando, ele dá um salto, bem alto! E vai em cima da mulher. Ele é um guepardo, é mais rápido (vi isso num programa de leão na televisão) e o cadarço do tênis da mulher está desamarrado, se ela tropeçar, aí o guepardo avança. Fim da história.

Registro da história do Leão



Chega a minha vez de contar a história que desenhei, é hora de brincar de inventar história. Diogo está envolvido e percebo que este será um bom momento para explorar alguns conceitos relacionados à alfabetização Matemática. Deste ponto em diante identifico as intervenções e respostas de Diogo em cor azul para identificar as vozes enunciadas.

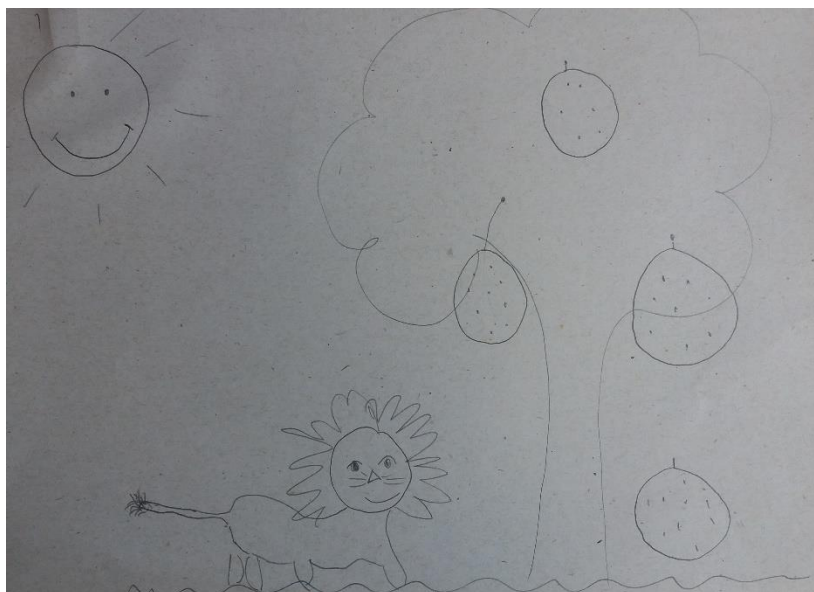
Palavras sorteadas: **Leão e Jaca**

O meu leão estava na floresta passeando e parou aqui perto de um pé de jaca.

É, não ia dar para escrever, “comeu a jaca” [faz referência ao cartão escrito com uma tentativa de elaboração da frase].

Ele pode comer as jacas quando quiser, **Tem quatro**. Uma caiu no chão e ele vai comer, e outras ficam na árvore. **Três, e tem mais jaca na árvore do que no chão**. Será que tem jaca para alimentar esse leão inteiro? **A jaca grande dá para alimentar uma noite toda. Uma jaca inteira dá para quase alimentar um leão. É se for duas jacas vai partir uma daí já dá tudo.**

Se ele comer toda a jaca não vai dar, é muito, mas, se ele tirar mais uma ele parte no meio daí vai dar porque ele vai estar com bastante fome. Ah! Entendi. Daí o resto ele deixou na casa dele.

Registro da história

Um cenário para Giovana

Giovana tem seis anos, estuda na Escola Municipal Vila Zanon, na cidade de Curitiba. A escola é muito organizada, expõe em suas paredes várias produções dos alunos e uma das propostas para estimular o hábito da leitura é o projeto semanal de leitura para todos da escola. Alunos, professores e funcionários param suas atividades por vinte minutos uma vez por semana para ler. Nesse dia e horário a leitura é livre. As salas de aula possuem espaços chamados de “canto da leitura” e vários livros de literatura infantil ficam à disposição dos alunos. Há também a biblioteca da escola para trocas e empréstimos. Conforme a explicação da professora responsável pela biblioteca, Kátia Andréa Volcov Reizer, colaboradora dessa pesquisa, além da leitura livre semanal há também atividades que estimulam as crianças, como por exemplo o teatro de bonecos e contação de histórias. Essas atividades são realizadas pelas professoras da escola mensalmente.

Similar às outras entrevistas com as crianças que participam dessa pesquisa, o contato inicial com o grupo aconteceu por intermédio da professora da turma, Elis.

Fui apresentada à turma e perguntei quem gostaria de participar de um jogo de inventar histórias e também de conversar e a Giovana imediatamente demonstrou o desejo de participar. A entrevista com a Giovana foi realizada na biblioteca da escola.

Iniciamos uma conversa e expliquei a proposta do jogo, mas diferente das outras crianças entrevistadas, a Giovana queria conversar. É uma menina falante e articulada e quando mostrei o gravador e disse que a nossa conversa ficaria gravada ela ficou muito animada. Percebi nesse momento que o tom e a abordagem para essa entrevista teria que ser diferente das anteriores. A Giovana estava interessada na entrevista, na conversa, no contar.

GIOVANA CONTA SUA HISTÓRIA

Tenho seis anos e estou no Primeiro ano A. Gosto dessa escola. No ano passado eu estudava em outra escola e a minha professora é a Elis.

Hoje, primeiro a gente conversou um pouquinho sobre a dengue, depois a gente fez a rotina, a leitura do alfabeto e a gente escreveu na mesa. Só que a professora fez mágica e não dava para ver se estava escrito. Isso porque senão, a professora [diretora da escola] ia dar uma bronca na professora Elis! Depois disso a gente fez atividades, lanche, recreio, agora vai ter outra atividade para fazer e depois a saída.

Às vezes a gente faz a hora da leitura. Lê um gibi, um livrinho ou a professora conta a história. Outras vezes a hora da leitura é com a professora daqui da biblioteca: a professora Kátia.

Eu gosto da história que tem uma menina e um ganso. Tem um monte de histórias num livrinho só, também gosto da história que tem uma zebra. Tem um gibi que eu gostei e a professora Elis deixou levar para casa para trazer depois que ler.

Às vezes, a professora lê. Não é na hora da leitura, a “pro” pede para gente fazer uma atividade, ela lê uma historinha para gente pensar, ver se lembra de uma parte da história para desenhar depois.

Na sala de aula é que fazemos a rotina: a leitura do alfabeto, às vezes a gente faz um desenho e tem que tentar escrever, ou às vezes é no livro ou numa folha, no livro a pro (a professora) põe um carimbo de tentativa de escrita.

A rotina é assim: a gente põe os números na portinha³⁵, por exemplo: ontem foi dia 10, aí tem que pegar os dez palitinhos na portinha da unidade.

³⁵ O calendário foi confeccionado utilizando-se caixinhas de sabonete encapadas. A professora utiliza canudinhos para formar as quantidades que representam os dias do mês. A partir do dia 10, faz-se o grupo que representa a dezena, por exemplo, no dia 14, a criança coloca um grupo de 10 canudinhos mais 4 canudinhos representando a quantidade 14. Todos os dias o calendário é trabalhado, incorporando-se à rotina de crianças e professores, indagando: que dia foi ontem? Que dia é hoje? Quantas unidades devemos acrescentar para representar o dia de hoje? Nesta mesma atividade também é explorado o antecessor e sucessor, tanto das quantidades, quanto dos dias da semana. Ao final de cada mês, a professora retoma o calendário para analisar com as crianças, quantas semanas completas teve o mês e quantas incompletas. (Relato de experiência da Professora Marlene Brunnequell, da rede municipal de educação de Rio Negro – PR publicado no caderno 06, p. 68 PNAIC. Esta atividade foi incorporada à rotina da turma do 1º ano da Escola Municipal Vila Zanon em Curitiba – PR)

Quando ficar com 10 tem que ir para a portinha da dezena e depois quando virar 100 vai para a portinha da centena.

Tem um outro calendário, de pôr os números. É assim: tem uns negocinho ali escrito sobre os dias, aí tem que pôr o número. Se foi quinta, no dia que foi a quinta tem que pôr o número e a pro [professora] risca o que foi antes desse dia. No próximo dia ela risca esse e põe o outro número do lado e vai indo pela ordem de número. Hum... hoje é dia... hoje é dia treze.

Ai temos que contar as meninas, os meninos e pôr o numerinho ali das meninas e dos meninos e somar quantos ficam. Menina e piá³⁶ junto.

Pesquisadora: Você lembra quantas meninas e quantos piás têm na tua sala?

Tem cinco meninas. Piás tem onze, aí ficou dezesseis.

Pesquisadora: E para que serve contar?

Às vezes a gente conta para somar e às vezes para escrever, para pôr as ordens dos números.

Antes do recreio a gente fez uma lição sobre um joguinho. Primeiro tinha que ir passando a bola como se fosse batata quente, mas sem jogar, a professora tinha que ficar de costas sem olhar para gente. Quando ela fala “parar” alguém que parou com a bola vai ter que ir lá na frente e entregar a bola para a professora. Tem que fechar o olho, pegar um papelzinho dentro do saco e vai ter que mostrar para todos, tem um desenho de proibido ou não. Eu lembro que tinha “proibido fumar” e para estacionar pessoa cadeirante.



Fig 2 calendário (PNAIC, cad 6 p. 68)

³⁶ pi-á: *substantivo masculino*. [Brasil] Menino. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://www.priberam.pt/dlpo/pi%C3%A1> [acesso em: 04-02-2017].

Teve também uma lição sobre as formas. Tinha três formas, com cores diferentes, todas eram iguais, todos os triângulos eram da mesma cor e o quadrado era de outra cor, mas os outros eram iguais, tinha que montar um desenho, depois que a gente colar e esperar secar vamos desenhar para formar alguma coisa.

ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS: TRANSCRIÇÕES

Apresento as transcrições das entrevistas com as crianças: Diogo Novais da Silva, Giovana Rodrigues Costa, Samuel Teixeira Antunes, Pietra Suplicy Sanches, Maria Eduarda Ramos Sales e Daniel Anhaias.

A transcrição é a degravação bruta (transformação do áudio em material escrito), sem recortes, com todas as palavras ditas, sem preocupação com erros, ruídos, palavras sem peso semântico ou repetições (Meihy, 2011 p. 140). Para o desenvolvimento dessa etapa, incorporando algumas das normas explicitadas por Preti (1999 p. 19-20) e Marcuschi (1986 p. 10-13), estabeleci alguns sinais que foram utilizados nas transcrições, como mostra a tabela:

Sinalização utilizada na transcrição das entrevistas gravadas	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(inc)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	<i>Itálico</i>
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	[minúscula]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos ou da fala de outros narrada pelo entrevistado durante a gravação	“entre aspas”
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá

Somente após essa fase dá-se início às textualizações: a elaboração de um texto narrativo com as correções que o pesquisador julga necessárias. Como afirmam as autoras:

A textualização é um esforço de trabalhar com o transcrito. Passagens podem ser reordenadas, vícios de linguagem ou “muletas linguísticas” (ah é! né, tá...) podem ser excluídos ou mantidos, frases podem ou não ser complementadas. Esse é um momento em que se tenta manter o “tom vital” do narrador. (MARTINS-SALANDIM. SOUZA. FERNANDES, 2010 p. 59)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O DIOGO

Duração do Áudio: 00:24:35

Pesquisadora: Esse é um jogo de inventar histórias. Você gosta de histórias?

Diogo: Gosto.

Pesquisadora: E na sala de aula, você conta história? Você escuta história?

Diogo: Ela [a professora] conta história, ela pede para ninguém falar. Todo mundo fica quieto, conta história, ela conta história uma bem legal.

Pesquisadora: É? Qual que você gosta mais?

Diogo: Eu gosto mais do João pé de feijão.

Ah é! Porque?

Diogo: Porque é mais legal.

Pesquisadora: Oque que tem de legal na história do João?

Diogo: Porque ele planta um pé de feijão gigante. Eu gosto quando ele planta o pé de feijão gigante.

E aí o que que acontece com o pé de feijão?

Diogo: Fica gigante e vai até as nuvens.

Pesquisadora: E será que isso existe?

Diogo: Não.

Pesquisadora: Não? Você já viu um pé de feijão?

Diogo: Já.

Pesquisadora: E que tamanho ele era?

Diogo: Desse tamanho [mostra a altura da cintura], meu pai já plantou. Meu pai já plantou um pé de limão pensando que era um pé de laranja. Ele ficou com dó.

Pesquisadora: E você já brincou de inventar história?

Diogo: Já.

Pesquisadora: Aqui na escola ou na tua casa?

Diogo: Na minha casa.

Pesquisadora: Você brinca de inventar história na tua casa? Com quem?

Diogo: Umas vezes com meu pai, no final de semana. Algumas vezes no meio de semana com a minha mãe.

Pesquisadora: E como que é isso de inventar história?

Diogo: Eu invento a história, daí eu conto para minha mãe.

Pesquisadora: ela também inventa história e conta para você?

Diogo: sim.

Pesquisadora: tem um jogo que é de inventar história, você já aprendeu escrever?

Diogo: Já

Pesquisadora: Oque que você já sabe? Várias palavras, poucas?

Diogo: Algumas.

Pesquisadora: Algumas! Tem esse papelzinho colorido e você pode escrever uma palavra, ou desenhar, escrever uma coisa, desenhar uma coisa, mas que seja uma palavra só. Por exemplo: escrever a palavra *coruja*. Você já sabe escrever coruja?

Diogo: Não.

Pesquisadora: Não? Tudo bem, então você pode desenhar uma coruja, quando a gente não sabe escrever a gente pode desenhar.

Diogo: Mas eu também não sei desenhar uma coruja.

Pesquisadora: Pode ser do teu jeito, tudo bem!

Diogo: Coruja eu sei.

Pesquisadora: Mas a palavra quem vai escolher é você não eu, então você escolhe o que você quiser, entendeu? Então, eu tenho aqui uns lápis, umas canetinhas que você pode escrever nesse papelzinho uma palavra que você queira, e eu vou escrever também uma palavra que eu queira. Combinado! E depois eu te conto como é que é o jogo. Primeiro a gente escreve a palavra ou desenha a palavra e depois eu te conto como é o jogo está bom? Então você pode escolher, e eu vou pegar essa daqui, não pode me mostrar está? Cada um

desenha o seu ou escreve. E dobra o papelzinho, pode se coisa, pode ser bicho, pode ser gente, pode ser o que você quiser. Vamos fazer dois cada um?

Diogo: Vou fazer três. Eu vou fazer em três partes.

Pesquisadora: Vamos combinar a regra do nosso jogo? Quantos papezinhos a gente vai poder escrever cada um? Vamos combinar? Não pode ser muito para a história não ficar muito comprida, mas também não pode ser pouco.

Diogo: Faz dois. Ah! Três está bom.

Pesquisadora: Três está bom. Combinado!

Lanche? [barulho do sinal da recreio]

Diogo: Hum, hum.

Pesquisadora: Diogo a brincadeira é assim: você tem três e eu tenho três, combinado? Você me dá os teus e eu te dou os meus, aí agora você tem essa folha que é tua, e essa é a minha, da minha história. Você faz a tua história, eu faço minha história, certo? E nesse jogo não tem ganha nem perde, mas tem uma coisa que é muito mais legal que é inventar. Eu vou inventar uma história com as tuas palavras e você vai inventar uma história com as minhas palavras, que tal? Topa?

Diogo: Vamos sortear?

Pesquisadora: Então não vamos trocar os papezinhos? Tudo bem, podemos mudar a regra antes do jogo começar. Coloque os teus aí na caixa, vou pôr os meus também.

Pesquisadora: As tuas palavras são bem legais, estou pensando numa história. E você entendeu as minhas? O que que eu escrevi?

Diogo: Olha um tatu.

Pesquisadora: Olha um tatu?

Diogo: Olá.

Diogo: Olá tatu!

Pesquisadora: Olá Tatu? Pode ser! E o que mais que tem aí?

Diogo: Olá, tatu e árvore.

Pesquisadora: Então vamos fazer uma história e desenhar? Eu vou desenhar uma e você desenha a sua. As palavras que você sorteou foram: leão estava e jaca? Você gosta de jaca?

Diogo: Eu praticamente, a minha gosta. Eu não gosto nada de fruta.

eu comia quando era pequeno mas agora eu não gosto.

Pesquisadora: Entendi,

Pesquisadora: Também está fazendo uma árvore.

Diogo: Estou. Eu gosto de manga.

Pesquisadora: De manga você gosta?

Diogo: Eu gostava quando estava na minha casa, lá na Bahia.

Pesquisadora: Você morava na Bahia?

Diogo: Hum, hum. Dai meu pai veio para cá. Não... praticamente eu nasci aqui, minha mãe casou lá e eu nasci aqui.

Pesquisadora: Me conte uma coisa, você sabe que tamanho tem uma jaca?

Diogo: Desse tamanho aqui.

Pesquisadora: Que tamanho é isso? Grande ou pequena?

Diogo: O meu tio já comprou uma jaca desse tamanho aqui uma vez. [mostra com as mãos – bem grande] Nossa! A jaca estava bem fedida.

Já estava bem fedida.

Porque eu não gosto de jaca.

Vou fazer uma bem grande.

Estou fazendo um pé de maçã.

E um tatu subindo, uma grama.

Pesquisadora: Agora vamos combinar assim, você vai fazendo o teu desenho e me contando a tua história. Como começa a história?

Diogo: Começa assim: é um pé de macieira, daí um leão vai lá e derruba todas maçãs e leva para um urso. Um urso que manda nele.

Vou ver se consigo fazer um urso né? Praticamente eu não sei fazer um urso normalmente. Vou tentar fazer um leão. Não sei fazer nada de bicho.

Pesquisadora: Hum, eu também não.

Vou tentar fazer um. Eu sou melhor fazer estádio, aí sou bom.

Pesquisadora: Hum.

Diogo: Eu sei fazer estádio. Eu faço um estádio do tamanho dessa folha aqui, um estádio bem grandão, um quadrado, um redondo... assim, e também o que a pessoa preferir eu faço no estádio. Eu vou abrir uma lojinha de pintura de estádio. Sabe, meu pai me ensinou a pintar bem bonito, porque geralmente eu pintava bem feio, daí meu pai me ajudou. Ele me ensinou a pintar bem bonito.

Pintava bem feio, mas *muito* feio! Vou pegar uma canetinha azul para fazer um céu, uma amarela para fazer o sol. Não sou muito ruim de fazer sol. Não sou muito bom de desenhar.

Pesquisadora: Mas o teu desenho está ficando bem bacana.

Eu sou mesmo bom em fazer estádio. Estádio é o mais fácil de fazer. Vou fazer um pássaro aqui. Pássaro... deixa eu ver, fazer um leão aqui, a juba...leão macho tem a juba a fêmea não tem.

Fazer um urso aqui. Deixa eu tentar fazer um urso, não sou muito bom de fazer isso, ele está tão bravo do leão não ter chegado ainda! Ah, vou fazer uma pessoa aqui, ela está com medo do leão. Vou fazer uma mulher aqui, eu não sou muito bom de fazer dedo.

Pesquisadora: Eu também não.

Diogo: Muito grande.

Pesquisadora: Terminou tua história?

Diogo: O leão tem que avançar na mulher. O leão está de fininho, assim óh! Uns matos grandes assim. Oh! vai avançar na mulher aqui.

Pesquisadora: o mato é maior ou menor do que o leão?

O mato é maior. Não, o mato é do tamanho normal. Ele se agacha e sai correndo, sim! E avança.

Pesquisadora: O leão está longe ou está perto da mulher?

Está longe. É, fica melhor. Fica melhor longe porque para quando ele avançar. Se for uma pessoa, quando ele avançar a pessoa não corre mais rápido, daí ele fica se agachando, ele dá um salto bem alto assim! E vai em cima da mulher.

Pesquisadora: Entendi! Então ele está preparando.

Diogo: Para avançar.

Pesquisadora: Ele corre mais rápido do que a mulher?

Diogo: Ele é um guepardo.

Pesquisadora: Ah, é um guepardo!

Diogo: Já vi nisso num programa. Eu assistia com meu pai. Assistia um programa de leão.

Pesquisadora: Agora me conte uma coisa, nessa tua história tem um guepardo que está se preparando e que está abaixadinho para avançar na mulher, ele é mais rápido, foi isso que você me disse?

Diogo: sim.

Pesquisadora: Ele é mais rápido, e ela?

Diogo: O cadarço do tênis dela para ela correr está desamarrado, se ela tropeçar, daí o guepardo avança.

Pesquisadora: e como termina essa história?

Diogo: Termina, que o guepardo tem uma família e doze filhotes.

Pesquisadora: Doze filhotes... mas o guepardo avançou na mulher?

Diogo: Hum, hum! tinha uma aqui, tinham mais duas aqui. Estava se preparando para avançar nas duas, por último ela avança nessa e dava três.

Pesquisadora: Entendi, E nessa história você viu que tua árvore, ela é grande e é maior que o guepardo? E a tua mulher é maior ou menor do que a árvore?

Diogo: É menor.

Diogo: Que árvore é essa mesmo? que você tinha dito?

Diogo: Uma macieira.

Pesquisadora: Ah! Uma macieira. E o tatu?

Diogo: Hã? O tatu está aí debaixo, ele é bem camufladinho também.

Ele é bem pequeno, está aqui óh! Vou fazer uma bolinha pequena para ver ele.

Ele é bem menor do que a árvore, bem menorzinho, ele é menor que o leão, a mulher e a árvore.

Pesquisadora: entendi, e no final? O guepardo tem uma família?

Diogo: É, de doze filhotes.

Pesquisadora: Doze filhotes, muito bom! Vai desenhar a família dele também?

Diogo: Se eu conseguir fazer, eu não sou muito bom de fazer filhote.

Pesquisadora: Ah, mas pode fazer assim do teu jeito.

Diogo: Eu vou fazer que só tinha uma mulher, que deve ser mais fácil.

Pesquisadora: Está bem!

Diogo: Ah! A gueparda vai avançar aqui na mulher, eu vou fazer um matão grande aqui para não perceber a gueparda, ela não tem a juba, vou fazer diferente, fazer aqui dois matos grandes. Assim... a cabeça, fazer praticamente pequeno porque não vai dar para fazer aqui. Agora essa aqui vai ser as garras, porque realmente é claro que um guepardo tem umas garras, fazer umas pintas, parecendo uma onça pintada.

Pesquisadora: Muito bom!

Diogo: Não sou praticamente tão bom assim, em fazer o desenho.

Pesquisadora: Você é muito bom para contar história, muito bom! Parabéns! E agora eu posso tirar uma foto do teu desenho? E você quer levar o teu desenho para pintar depois?

Diogo: Hãhã.

Pesquisadora: Quer? Ou você quer deixar comigo?

Diogo: Pode ficar.

Pesquisadora: Pode ficar comigo? E você quer ver meu desenho? Qual eram as minhas palavras? Leão e jaca, lembra?

Eu desenhei, então... O meu leão estava na floresta passeando e parou aqui perto de um pé de jaca.

Diogo: eu não ia dar para escrever, comeu a jaca.

Pesquisadora: Ah, mas será ele pode comer a jaca quando quiser? E quantas jacas tem?

Diogo: Tem quatro.

Pesquisadora: E se ele comeu a jaca, uma jaca essa aqui, caiu no chão e ele vai comer. Quantas jacas ficam na árvore?

Diogo: Três.

Pesquisadora: Três? Tem mais jacas na árvore ou jacas no chão?

Diogo: Na árvore.

Pesquisadora: E você acha que tem jaca para alimentar esse leão inteiro?

Diogo: A jaca grande dá para alimentar uma noite toda.

Pesquisadora: Uma jaca inteira dá para alimentar o quê?

Diogo: Uma jaca inteira dá para *quase* alimentar *um* leão.

Pesquisadora: Dá para *quase* alimentar um leão?

Diogo: É, se for duas jacas vai partir uma daí já dá tudo.

Pesquisadora: Como assim? Me explica direito que eu não entendi.

Diogo: Se ele comer uma jaca não vai dar, mas se ele tirar mais uma ele parte no meio daí vai dar tudo, porque ele vai estar com bastante fome.

Pesquisadora: Ah! Entendi.

Diogo: Daí o resto ele, ele deixou na casa dele.

Pesquisadora: Muito bem, então muito obrigada, gostou da nossa conversa?

Diogo: Sim.

Pesquisadora: Eu também gostei muito Diogo. Vamos lá que eu vou te levar!

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A GIOVANA**Duração do Áudio: 00:9:44****Pesquisadora:** Você já viu um gravador alguma vez?**Giovana:** Uhm, uhm.**Pesquisadora:** ele é como um celular, ele grava a voz da gente e as histórias que a gente conta.**Giovana:** Hum...**Pesquisadora:** Legal, né, bacana. Me conte, quantos anos você tem?**Giovana:** Seis.**Pesquisadora:** Seis anos e você está no primeiro ano?**Giovana:** Primeiro ano A.**Pesquisadora:** Primeiro ano A, hum... muito bem. Você gosta dessa escola, Giovana?**Giovana:** [faz um sinal afirmativo com a cabeça]**Pesquisadora:** É. Você já estudava aqui o ano passado?**Giovana:** Não, antes eu era de outra escola.**Pesquisadora:** Uhum. E agora você está estudando aqui nessa escola. Como é o nome da tua professora?**Giovana:** Elis.**Pesquisadora:** Elis. E o que você faz na sala de aula que você acha mais legal?**Giovana:** É que a gente faz rotina, a leitura do alfabeto, às vezes a gente faz um desenho e aí a gente tem que tentar escrever, ou às vezes é no livro ou numa folha, aí no livro a "pro" põe um carimbo de tentativa de escrita, a gente faz atividade e a gente joga, a gente às vezes aí a professora às vezes faz um joguinho para gente jogar.**Pesquisadora:** Que bacana, Giovana, quanta coisa você faz na escola, que legal.**Giovana:** A gente também faz educação física.**Pesquisadora:** Também faz educação física, tudo isso e faz educação física também, é mesmo? E como é a rotina, me conte.

Giovana: A rotina, a rotina é assim, a gente põe os números assim, a professor, por exemplo, ontem foi dia 10, ai tem que pegar os palitinhos dez na portinha da unidade quando ficar já com 10 ai tem que para a portinha da dezena ai depois quando vai virar 100 vai para a portinha da centena.

Pesquisadora: Que coisa bacana.

Giovana: Ai gente tem que contar as meninas, os meninos e pôr o numerinho ali das meninas e dos meninos e somar quantos que fica junto, menina e pia junto.

Pesquisadora: Hum, menina e pia junto. E na tua sala você lembra quantas meninas e quantos pias têm?

Giovana: Tem cinco meninas e pias tem onze, ai ficou dezesseis.

Pesquisadora: Ah, que coisa e você já sabe tudo isso, que bacana, né, aprendeu um monte de coisa já nessa escola. E a professora gosta de contar história?

Giovana: Às vezes a gente faz hora da leitura, as vezes na hora da leitura a gente lê um gibi ou um livrinho ou contar história pela professora ou a gente faz com a professora daqui da biblioteca a leitura.

Pesquisadora: com a professora Katia, é?

Giovana: Sim

Pesquisadora: Ah, sei. E como são essas histórias, o que você gosta das história?

Giovana: Eu gosto da história que tem menininha e um ganso lá que tem um monte de histórias assim junto num livrinho, também gosto da história de uma zebra lá da escola que tem dos livrinhos e tem um gibi lá que eu gostei que a professora Elis deixou levar em casa para eu trazer.

Pesquisadora: E essa da história do livrinho da zebra tem na sala de aula ou é aqui da biblioteca?

Giovana: É lá da sala de aula.

Pesquisadora: Ah, é lá da sala, e da menina também é lá da sala de aula?

Giovana: Uhum.

Pesquisadora: E você lê na sala?

Giovana: Uhum.

Pesquisadora: Hum... entendi. Que coisa bacana que é isso. E depois que tem a leitura, depois que a professora conta a historinha e ai ela faz atividade também?

Giovana: UHum, ai a gente faz atividade, ai (ininteligível), recreio, outra atividade, saída.

Giovana: Ou quadra ou brinquedo às vezes.

Pesquisadora: Sei. E quando é atividade da historinha é sobre a historinha que a professora contou que ela faz atividade?

Giovana: Não, sobre uma outra coisa, às vezes a professora, não é sobre a hora da leitura, às vezes a pro pede para gente fazer uma atividade, ela lê uma historinha, mas não sobre a hora da leitura, para gente pensar vê se a gente lembra de uma perto da escola para gente desenhar.

Pesquisadora: Hum, entendi, para desenhar uma parte da história e não da hora da leitura de outra história, que daí a professora lê na sala, é isso?

Giovana: Uhum.

Pesquisadora: Hum, que bacana. E o que mais que tem? Ah, e tem o calendário?

Giovana: sobre o calendário que põe número?

Pesquisadora: É.

Giovana: Assim, a gente, assim, a gente uns negocinho ali escrito sobre os dias ai tem que pôr o número se foi quinta ai no dia que foi a quinta tem que pôr número, ai a pro risca o que foi antes desse dia ai no próximo ela risca esse e põe o outro número do lado e vai indo pela ordem de número.

Pesquisadora: E hoje vocês já fizeram o calendário?

Giovana: Uhum.

Pesquisadora: E hoje que dia que é, você lembra?

Giovana: Hum... hoje é dia, hoje é dia treze.

Pesquisadora: E que dia da semana será que é hoje?

Giovana: Não sei.

Pesquisadora: Não lembra essa parte, mas vocês fizeram essa parte?

Giovana: Uhum.

Pesquisadora: Quando chegou na sala?

Giovana: Primeiro a gente conversou um pouquinho sobre a dengue aqui, depois a gente fez a rotina, depois a leitura do alfabeto, a gente escreveu na mesa, só que a professora fez magica ai não dava para ver se, ou senão professor ia dar uma bronca na professora, heim? Ai depois disso a gente fez atividades, ai lanche, recreio, ai agora outra atividade a gente vai fazer e saída.

Pesquisadora: e qual foi a atividade que vocês fizeram antes do recreio?

Giovana: Antes do recreio a gente fez uma lição sobre um joguinho, primeiro assim, o primeiro a gente tinha que ir passando a bola como se fosse batata quente, mas sem jogar ai a professor tinha que ficar de costas sem olhar para gente, ai ela tem que falar já para começar, sem olhar para gente, quando ela fala parar ai alguém que parou com a bola tu vai ter que ir lá na frente com a bola entregar a bola para a professora, tem que fechar o olho, pegar um papelzinho dentro do saco ai quando a gente pegar esse papelzinho dentro do saco ai vai ter que mostrar, tem um desenho de proibido ou não, tinha eu me lembro que tinha “proibido fumar” e um negócio para estacionar para pessoa com cadeirante.

Pesquisadora: Hum, entendi. Que bacana essa atividade!

Giovana: Aí a gente fez uma atividade que tem umas coisas erradas, que tinha uma moto sobre a linha sobre cadeirante, sobre o cadeirante descer ai tinha pessoa atravessando sobre a faixa branca, mas o sinal estava fechado para as pessoas, ai agora está fazendo uma lição sobre placas ai a gente ainda não fez, mas a gente vai começar a fazer.

Pesquisadora: Vai começar a fazer, entendi. Que coisa bem bacana, heim. E vocês já estão fazendo atividades de contar? Além da rotina, de contar as quantidades?

Giovana: UHum.

Pesquisadora: E para que será que serve isso contar?

Giovana: A gente às vezes a gente conta para somar e às vezes para escrever, para pôr as ordens dos números.

Pesquisadora: E a professora já fez atividade de medir?

Giovana: Não.

Pesquisadora: Não, ainda não. E já fez atividade das formas?

Giovana: A gente fez uma lição sobre as formas que tinha três formar, ai elas contaram cores diferentes, todas eram iguais, todos triângulos era a mesma cor e o quadrado era de outra cor, mas os outros eram iguais, ai a gente quer montar um desenho (ininteligível) ai depois que a gente colar a gente esperou secar para gente desenhar para formar alguma coisa.

Pesquisadora: Hum... entendi, muito bacana. Eu gostei muito de conversar com você Giovana, sabia? Você é muito bacana, muito legal, sabe muito da escola já. Muito obrigada.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O SAMUEL

Duração do áudio: 00:10:30

Pesquisadora: Então, Samuel você é do primeiro ano, né?

Samuel: Uhum.

Pesquisadora: E quantos anos você tem?

Samuel: Cinco.

Pesquisadora: Cinco? E você estuda aqui nessa escola desde o ano passado ou começou esse ano?

Samuel: : Desde o ano passado.

Pesquisadora: É. E o que você gosta aqui nessa escola?

Samuel: : Eu gosto (ininteligível), dos meus amigos, tudo.

Pesquisadora: Uhum.

Samuel: : E eu, daí eu brinco com os meus amigos tudo mais, daí lá na minha sala o que acontece? A gente faz o calendário tudo, daí essa parte passou, a gente pode, eu acho legal a professora ela leva a gente na quadra, essas coisas.

Pesquisadora: É?

Samuel: : É. Daí tipo assim, um dia eu tive que fazer uma tarefa, estava difícil, mas eu consegui, mas já passou, já passou faz tempo.

Pesquisadora: Que tarefa era, você lembra?

Samuel: : De matemática.

Pesquisadora: Hum... e o que tinha de difícil?

Samuel: : ela perguntou oito mais oito ai eu falei “ai meu Deus me ajuda” daí eu não sabia, daí (ininteligível), daí ele me ajudou daí que eu fui saber.

Pesquisadora: E como que você conseguiu resolver esse problema?

Samuel: : Com ajuda do meu amigo.

Pesquisadora: E o teu amigo te ajudou de que jeito?

Samuel: : Ele falou, ai, tal, tal, tal, daí eu falei, que número que é? daí ele falou, não sei qual número lá, daí eu falei, o pro eu sei, daí ela (ininteligível) logo, só me deu o parabéns assim, só.

Pesquisadora: E como que vocês resolvem as atividades de problema na sala de aula?

Samuel: : Ah, com ajuda dos amigos, tudo mais, que hoje eu consigo ajudar um monte de amigo meu, tipo assim...

Pesquisadora: e tem os materiais lá que também ajuda?

Samuel: : Tem. Tipo assim, tipo os meus amigos a gente está fazendo assim, daí quem não sabia daí eu tive que ajudar daí que eu já tinha terminado, daí eu tinha que fazer tal número lá, ele colocava no quadradinho daí não sabia fazer o número, daí eu pegava o giz ia lá no quadro e mostrava.

Pesquisadora: Ah, que bom então que você ajudou, muito bem. E você gosta quando tem hora da história?

Samuel: : Sim.

Pesquisadora: Sim?

Samuel: : É.

Pesquisadora: O que você gosta nessa hora?

Samuel: : Daí a gente pode dar um tempo, porque daí tem um amigo nosso que se chama Rafael ai ele se acalma um pouco daí ele fica calmo lendo o livro daí eu e os meus amigos pode ficar lendo, quer dizer, conversando, porque ele é o mais arteiro da sala.

Pesquisadora: Entendi, daí fica bom.

Samuel: : É.

Pesquisadora: E quando a professora conta a história?

Samuel: : Daí eu fico lá quieto.

Pesquisadora: E você gosta das histórias?

Samuel: : Gosto.

Pesquisadora: É? e depois da história tem atividade?

Samuel: : Daí a gente faz umas coisa assim, a gente vai, a gente joga um jogo, essas coisas, daí a gente depois a gente faz atividade daí depois o lanche e depois o recreio e depois mais uma atividade daí tem dia que daí já vai embora, mas hoje a gente vai na quadra.

Pesquisadora: Hum, entendi. Quando tem história que a professora está contando do livro, tem matemática na história?

Samuel: : De vez em quando.

Pesquisadora: Como que é?

Samuel: : Assim, dois mais dois.

Pesquisadora: Na história, assim direto?

Samuel: : Direto não, de vez em quando, de vez em quando que eu leio tipo assim...

Pesquisadora: Como que é um tipo de história que tem assim dois mais dois, você lembra de alguma que a professora contou?

Samuel: : Não lembro acho que era no pré quando ouvi, que tinha um livro lá no pré que tinha continha assim no final, daí a professora, também a professora ficou lá no quadro só para mim (ininteligível) essas continhas, daí ela falava “dois mais dois” daí eu “quatro”, “quatro mais quatro”, “oito”, daí assim foi.

Pesquisadora: entendi. E você sabe me dizer para que serve contar?

Samuel: : Tipo assim, ah, daí eu não sei dizer.

Pesquisadora: Não?

Samuel: : Não.

Pesquisadora: Tem alguma ideia? Para que serve número?

Samuel: : Para contar?

Pesquisadora: Contar para quê?

Samuel: Ah... eu não sei.

Pesquisadora: Você tem brinquedos?

Samuel: Tenho.

Pesquisadora: Quantos?

Samuel: Trocentos mil.

Pesquisadora: Trocentos mil. Você já contou?

Samuel: Já, porque eu tenho, minha mãe quando eu era assim com uns quatro anos eu estava no chão no tapete, ela me circulou com tantos brinquedos, ai eu fiquei contando, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, ela falou (ininteligível) Samuel.

Pesquisadora: Então, Samuel para que serve contar?

Samuel: Ah tipo assim, contar dinheiro, fazer a continha, essas coisas.

Pesquisadora: Hum, entendi. E a gente vê isso bastante na rua, em casa, os números na escola?

Samuel: A gente vê.

Pesquisadora: É?

Samuel: Lá na minha rua a gente vê cada carro com cada placa.

Pesquisadora: Hum, isso tem mesmo, é verdade.

Samuel: Número das casas, número da rua, número de tudo lá.

Pesquisadora: Sei.

Samuel: Número do portão.

Pesquisadora: então, será que tem mesmo número nas histórias?

Samuel: Acho que tem, né, porque eu não me lembro se tem ainda, porque a minha mãe me contou eu não sabia se era verdade então, fui lá e caí na dela, mãe é mãe, né.

Pesquisadora: Mas história inventada também pode ser, não pode?

Samuel: É.

Pesquisadora: Você gosta de inventar história?

Samuel: Gosto.

Pesquisadora: Hum.

Samuel: Eu invento história com ajuda do meu pai, da minha mãe, daí eles me ajudam a escrever, porque eu não sei escrever muito.

Pesquisadora: Uhum, está aprendendo, né?

Samuel: Tô.

Pesquisadora: Uhum, é isso mesmo.

Samuel: Que por exemplo, eu copio tudo, tipo assim, escola municipal (ininteligível), daí eu vou lá escrevo daí eu vou longe, eu não tenho pressa.

Pesquisadora: Certo. Muito bem. Mas quando você inventa história, você gosta de inventar história para contar ou para escrever a história?

Samuel: Não, eu conto daí eu dou para os meus amigos, que daí eu já tenho uma história repetida já, que ela deu mais de vinte, aí eu dou para os meus amigos, de vez em quando eu invento...

Pesquisadora: Uhum, entendi. E na tua sala de aula vocês já fizeram atividades com as formas?

Samuel: Sim.

Pesquisadora: É?

Samuel: Acho que semana retrasada já, foi assim, a gente pegar bloco e ia fazer sequencia assim.

Pesquisadora: Hum, sequência.

Samuel: Daí a gente, fazia assim, triângulo, círculo, triângulo, triângulo, círculo, triângulo.

Pesquisadora: Uhum, entendi. Então, essas formas vocês já aprenderam na sala de aula, né?

Samuel: é, quadrado, círculo, essas coisas.

Pesquisadora: Uhum. Muito bem.

Samuel: Com ajuda do meu pai, que nós tem um play 2, entendeu? Daí ele me ensinou tudo as formas tudo.

Pesquisadora: No play 2 tem mesmo, é verdade.

Samuel: Tem a bola, o triângulo, tem o x, essas coisas.

Pesquisadora: Uhum, é isso mesmo.

Samuel: Eu também agora eu tenho Xbox, eu estou aprendendo as letras daí... no vídeo a gente pode ver uma coisa, o nome do jogo meu pai abaixa o jogo, daí ele pode ver o nome do jogo, daí se eu tiver uma caneta por perto lá eu pego a caneta e escrevo ou senão se não tem caneta eu pego um lápis e pego um papel.

Pesquisadora: Certo. Samuel e agora será que você pode contar aquela história para mim?

Samuel: Posso.

Pesquisadora: Pode?

Samuel: Uhum.

Pesquisadora: então, tá bom, eu vou esperar você pegar tá.

Samuel: Uhum.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PIETRA

Duração do Áudio: 00:25:49

Pesquisadora: ...da sala de aula? Como que é? Você chega e aí...

Pietra: Aí a gente faz ficha e depois a gente tem uns minutinhos de leitura...e o meu parceiro é o Luca... que a gente tem parceiro.

Pesquisadora: Tem parceiros.

Pietra: É. E daí depois a gente lancha, depois a gente, às vezes, tem aula... é... tem aula especial ou às vezes a gente tem aula de português, matemática, ciências e história. Isso de manhã.

Pietra: E de tarde a gente almoçar ne, que a gente fica de tarde. Daí a gente vai para um tempinho de brincar, assim, que é recreação ali no parque ou, quando está chovendo, na biblioteca ou da sala.

Pesquisadora: Uhum.

Pietra: E daí também... daí tem... a gente começa... como no dia de natação, a gente... como hoje, terça e quinta, a gente sempre... é... vai direto pra natação...

Pesquisadora: Uhm...

Pietra: depois a gente lancha, daí faz lição, então tem um tempo de brincar ali na quadra, aí depois faz lição.

Pesquisadora: Uhum.

Pietra: Depois daí a gente brinca e terça tem o dia de parque, daí a gente... a gente espera todo mundo fazer a lição, daí a gente vai pro parque, mas é... daí quinta, como hoje, a gente tem (encontro) ao invés de brincar no parque. De tarde daí eu vou embora sempre no meio da história porque eu tenho balé.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Pietra: E daí, como sexta, que eu fico só quinta, terça e sexta, é... eu sempre... é... é assim, daí a gente vai pra sala, faz lição, a gente sempre pega brinquedo, que é o dia do brinquedo, sexta, e daí a gente vai é... pra culinária... e o lanche também. e depois a gente brinca, fica brincando lá e depois a gente tem... e... a gente tem aula de costura, que daí a gente costura e depois a gente tem uns minutinhos pra brincar ali na quadra e depois eu vou embora, porque...

Pesquisadora: Já está na hora.

Pietra:...é... não... é... não está na hora. Eu sempre vou embora 17h terça e quinta e sexta porque eu tenho... a minha mãe precisa de ajuda com o meu irmão também, porque o meu pai chega tarde e daí eu sempre... é... tenho... é... o balé, depois da escola. Eu fazia segunda e quarta, também, mas e terça e quinta eu ia embora, só que daí começou a me incomodar as aulas, assim, de terça... é... quarta... terça... segunda e quarta.

Pesquisadora: Entendi. Me conte um pouquinho como que são as aulas normais, aquelas de português, matemática...

Pietra: Ah, ela... às... a tia Poli que ensina matemática e português e ciências, daí ela sempre vê no livro, que é uma atividade...

Pesquisadora: Uhum.

Pietra:...que daí ela... é... daí ela passa pra gente. Só que ontem, como teve aula de português, a gente... ah... ela só contou uma história com texto.

Pesquisadora: Uhum.

Pietra: E daí depois daí depois a gente tinha que... era produção de texto, a gente tinha que falar assim... é... pra ela as coisas que aconteciam, tipo assim. Quantos contos de fada tinham no texto? Daí tinha 2, daí a gente falava 2, ela anotava no quadro, mas esse não precisava do caderno.

Mas assim, às vezes ela passa uns exercícios e a gente copia no quadro sempre.

Pesquisadora: E a tia Poli dá aula de Matemática...

Pietra: Não, ela dá aula de... desculpa, é português e ciências.

Pesquisadora: Ah, português e ciências.

Pietra: Isso.

Pesquisadora: E aí a tia Michele que dá aula de Matemática?

Pesquisadora: Matemática e história. Entendi. E são essas as matérias que tem.

Pietra: É. Matemá... português, ciências... é... é... Matemática, ciências e história.

Pesquisadora: E elas são bem separadinhas, não são todas juntas.

Pietra: Não.

Pesquisadora: Não?

Pietra: É... sexta, a gente não tem aula, assim, tipo de matemática. A gente só tem aula especial mesmo e é um horário difícil, né?

Pesquisadora: Ah, entendi. Na sexta-feira daí faz as atividades das fichas.

Pietra: Isso.

Pesquisadora: Muito bem.

Pietra: De tarde é tudo isso mesmo.

Pesquisadora: Então de tarde é tudo isso.

Pietra: É, que eu falei antes.

Pesquisadora: E de manhã, nas aulas de português, ou nas aulas de matemática, tem histórias?

Pietra: De manhã?

Pesquisadora: Sim.

Pietra: Como assim?

Pesquisadora: Aquelas de livro, de literatura, de livrinho de historinha. Na sala de aula tem livro?

Pietra: Tem, mas a tia conta. Às vezes.

Pesquisadora: Às vezes?

Pietra: É... porque... é... no primeiro [primeiro ano] não, a gente tinha em vez de matemática, português, história e ciências, a gente tinha conto lá na biblioteca, só que agora a gente já tem... é... a aula e a gente... só dá um tempinho assim que ela conta história, assim.

Pesquisadora: E depois faz alguma coisa com aquela história, alguma atividade? Ou só conta mesmo, pra todo mundo ouvir.

Pietra: Conta.

Pesquisadora: Uhm.

Pietra: Conta mesmo.

Pesquisadora: Não tem como aquele texto que você me disse, que a professora perguntou quantos...

Pesquisadora: Isso na verdade é da ficha, que ela estava explicando é a ficha, como que era para fazer, só que daí ela explica de uma forma diferente para gente.

Pietra: Entendeu?

Pesquisadora: Entendi. É o jeito de explicar a ficha, mas o livrinho de historinha não tem na sala de aula para vocês lerem?

Pietra: Não. Tem, só que daí normalmente um aluno traz o livro.

Pesquisadora: Uhum.

Pietra: Porque ela não tem tempo assim de escolher tanto assim.

Pesquisadora: Uhum

Pietra: Daí o aluno traz e ela conta.

Pesquisadora: Ah, daí a profe conta a história, mas... quando vocês terminam a atividade, vocês podem pegar uma leitura?

Pietra: A gente termina de... ah, quando a gente termina as fichas, tipo 3, normalmente é... três fichas para você fazer.

Pesquisadora: Uhum. No dia ou na aula?

Pietra: No dia.

Pesquisadora: No dia.

Pietra: Daí a gente pode parar, assim.

Pesquisadora: Uhum, entendi.

Pietra: E daí a gente daí tem daí tipo a gente traz um livrinho da casa pra ler naquele horário, dá.

Pietra: E também... é... o livro dali da escola também dá.

Pesquisadora: E você gosta de história?

Pietra: Uhum.

Pesquisadora: Gosta?

Pietra: Gosto bastante.

Pesquisadora: Tem alguma preferida? De algum livrinho que você gostou muito e que você lembra?

Pietra: Tem.

Pesquisadora: Qual? É uma que chama Contos de Fadas para Meninas, que eu tenho lá em casa.

Pesquisadora: Ah, é? E você gosta desse?

Pietra: Gosto.

Pesquisadora: Que bacana.

Pietra: Eu estou lendo de noite.

Pesquisadora: E você já brincou de inventar história?

Pietra: Não.

Pesquisadora: Não? Nem com os amigos, nem sozinha? Assim, de inventar uma historinha qualquer?

Pietra: Não, só inventei pra minhas bonecas.

Pesquisadora: Ah, mas para as bonecas também vale. Também vale inventar para as bonecas. E você gosta de inventar histórias de que tipo?

Pietra: Quando eu era pequeninha, daí eu... eu pegava o livro e como eu não sabia ler, daí eu ficava imaginando as figuras... é... assim e depois contava o que eu imaginava, assim.

Pesquisadora: Que bacana,

Pietra: É. Até hoje eu faço isso.

Pesquisadora: E depois que você descobriu qual era a história de verdade do livro?

Pietra: Ah, daí eu fico lendo de verdade, né.

Pesquisadora: Agora você já sabe ler!

Pietra: Isso, só que quando eu não sei umas palavras, daí eu invento.

Pesquisadora: Ah, está ótimo, também dá certo, porque aí você inventa a história com o teu jeito. Então, vamos brincar de inventar história? Vamos? Tem uma brincadeira que é assim... Eu tenho aqui algumas fichinhas. Nessas fichinhas, a gente faz um combinado primeiro. Pode ser duas para você e duas para mim. Três para você e três para mim, como a gente combinar. O mais importante é que, em cada fichinha, você vai escrever uma palavra...uma coisa, um objeto, um animal, o que você quiser, não importa, da tua imaginação e eu vou escrever nas minhas fichinhas também alguma coisa que eu quiser da minha imaginação. Depois, a gente coloca as fichinhas nessa caixa e aí vem a parte divertida, a gente vai ter que mexer, mexer, mexer na caixa para tirar duas palavras.

Pietra: Aham, daí acho que... assim... eu acho que eu já brinquei disso... eu acho que é... que a gente pega e daí tem um nome e daí a gente tem que inventar história com aquele nome.

Pesquisadora: Isso mesmo. Então, vamos lá? Três para você ou duas?

Pietra: Pode ser três.

Pesquisadora: Três. Três para mim, também. Agora espera aí que eu vou te dar os lápis. Um lápis de escrever?

Pietra: Pode ser.

Pesquisadora: Um lápis de escrever para mim. Pietra, você vai usar esse ladinho da mesa e eu vou usar o ladinho de cá.

Pietra: Pronto.

Pesquisadora: Uhm. Pronto? Então vamos dobrar e colocar na caixinha para fazer um sorteio? Sabe que essa caixinha se chama caixinha de criação de histórias? E aí, nela, a gente coloca todas essas ideias e depois... Bem, aí, nós temos duas possibilidades. Uma é você pode começar a história, você sorteia e conta a história e aí pode contar a história e desenhar ao mesmo tempo.

Pietra: Coincidência também foi que eu brinquei ontem disso com a minha mãe.

Pesquisadora: É, brincou com a tua mãe? Que bacana, daí é muito legal, né? Você pode contar a história e desenhar?

Pietra: Está bom.

Pesquisadora: Ou, né? Porque desenhar é sempre bom e você quer folha branca ou dessas aqui?

Pietra: É... branca.

Pesquisadora: Branca? Tem aqui lápis de cor, tem canetinha. E eu acho que a gente já está ficando meio apertada aqui, eu vou pegar mais uma mesa. Vamos lá para o sorteio? Uhhhhhhh. Pode colocar a mãozinha. Duas palavras, vamos lá? A primeira.

Pietra: Menina.

Pesquisadora: Menina. E a outra? A história tem que ser com as duas juntas, hein? E o que que elas podem relacionar, vamos lá. Vamos ver se você pega uma minha, agora? Oh! Pegou uma tua de novo!

Pietra: Casa.

Pesquisadora: Casa. A: E a menina? Está na casa, a menina com a casa, a casa da menina, a casa da menina, o que será isso? Que história que dá para fazer?

Pietra: Não sei, vou inventar.

Pesquisadora: Vai inventar, então está bem. Você pode...ir desenhando e contando ao mesmo tempo? Ou você quer pensar para contar depois?

Pietra: Posso ir contando.

Pesquisadora: Vou colocar aqui para facilitar.

Pietra: É... tinha uma casa e daí a menina, ela estava passeando...

Pesquisadora: Uhum...

Pietra:...porque a mamãe dela pediu para ela comprar umas coisas...

Pesquisadora: Comprar umas coisas.

Pietra:no mercado.

Pesquisadora: No mercado. Mas essa menina já sabe comprar coisas no mercado? Já?

Pietra: É adolescente.

Pesquisadora: Ah, adolescente. Entendi. Se ela fosse pequena, ela não saberia?

Pietra: Também, porque o mercado era perto, na frente.

Pesquisadora: Ah, porque o mercado era pertinho.

Pietra: E... daí... ela estava com fome e daí ela também é... queria comer as cenouras que ela gostava. E daí a mãe dela... ela pegou... ela estava pendurando roupa no varal...

Pesquisadora: Estou gostando...

Pietra: E... a amiga dela chegou pra brincar com ela, daí ela esqueceu da cenoura e depois começou a brincar de pega-pega.

Pesquisadora: Uhm... com a amiga.

Pietra: Daí elas entraram em casa e almoçaram juntas e depois... é... a mãe dela pediu pra ela ir pra casa, só que daí ela ficou sem nada pra fazer. Daí, ela foi arrumar a casa com a mãe e... só, acho.

Pesquisadora: É? Muito bem. Gostei da sua história. Me conte uma coisa. Você acha que nessa historinha que você me contou agora tem matemática?

Pietra: Uh-uh. (sinal de negação com a cabeça)

Pesquisadora: Não? Em nenhum pedaço?

Pietra: Uh-uh.

Pesquisadora: Mas a menina foi no mercado comprar coisas. Então essa menina sabe fazer continha? Para que serve fazer conta?

Pietra: Pra quando você crescer, tipo se você não... se você não saber, daí você não conseguir pagar o condomínio, entendeu?

Pesquisadora: Mas será que fazer conta só serve para quando a gente crescer? Você usa fazer continhas com a tua idade, com o teu tamanho? Aonde?

Pietra: Pra aprender também.

Pesquisadora: Para aprender também. E fora da escola, em outras coisas.

Pietra: Ah... em outras coisas, eu gosto de brincar, assim, de matemática porque, assim, eu sempre... eu inventei brincadeira que você tem que pegar 5 palitinhos e você também, daí você escolhe um deles, daí você estica a sua mão atrás e fecha a mão com o palitinho dentro...

... e com a outra você faz a mesma coisa, daí ela tem que adivinhar quantos palitinhos você tem aqui e o outro ali. E daí, a gente anota no papel quantos pontos, daí a gente vai somando...

Pesquisadora: Uhm, esse é um jogo bem bacana, esse é um jogo bem legal.

Pietra: até acabar os palitinhos.

Pesquisadora: Uhum. E para que você acha que servem os números?

Pietra: Pra contar, pra aprender, né?

E também pra... pra brincar com os números.

Pesquisadora: Como?

Pietra: Assim, tipo... é... a gente inventou a brincadeira com os números, assim, a gente conta pra fazer música.

Pesquisadora: Uhm... essa também é uma boa ideia. E fora da escola para que servem os números?

Pietra: Ah, pra contar quantas cenouras tem em casa, pra... pra fazer a comida...

Pesquisadora: Uhm.

Pietra: Ou também o alface.

Pesquisadora: Uhum. Então, de repente, tinha números nessa tua história.

Pietra: Tinha.

Pesquisadora: Aonde será que eles estavam?

Pietra: Na compra? Eu acho que só, né?

Pesquisadora: Para que será que serve a matemática?

Pietra: Não sei.

Pesquisadora: Tem uma ideia?

Pietra: Uh-uh.

Pesquisadora: Não? Mas você faz aula de matemática.

Pietra: É... só que daí ela passa umas continhas e umas textos pra gente ler.

Pesquisadora: Uhum.

Pietra: E fora de casa, assim, não sei.

Pesquisadora: Não? Na vida? Na rua?

Pietra: Não sei.

Pesquisadora: Não lembra? Mas talvez tenha, não é?

Pietra: Uhum.

Pesquisadora: Fora fazer continha, brincar com os números que você me disse que gosta, né? É... além disso, o que mais gosta das aulas de Matemática?

Pietra: Eu gosto de... qual a aula, assim, tipo? Eu gosto bastante da história e de ciências.

Pesquisadora: É? E nas aulas de história e de ciências, também tem números?

Pietra: Tem.

Pesquisadora: Tem?

Pietra: Às vezes, né, porque daí às vezes ela pede.. tipo... contar quantos brinquedos tem no Egito, entendeu?

Pesquisadora: Uhm... entendi, então também tem números ali naquela história. E nas aulas de ciências, têm, também, será?

Pietra: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe?

Pietra: Acho que não.

Pesquisadora: Não lembra disso? Mas na aula de história, você já viu. E na de português, será que tem?

Pietra: Tem, porque as vezes ela pede pra contar quantas palavras a gente escreveu.

Pesquisadora: Uhm, entendi, então também pode ter, né.

Pietra: Uhum.

Pesquisadora: Então, para que será que serve número?

Pietra: Não sei, assim.

Pesquisadora: Mas ele existe.

Pietra: Uhum.

Pesquisadora: É bom, não é, brincar de contar história, ou contar história ou inventar história? O que será que é mais legal?

Pietra: Não sei.

Pesquisadora: Ou ler história?

Pietra: Acho que os dois, os três, os quatro.

Pesquisadora: Quatro? Verdade?

Pietra: É. Então, está bem. Gostei muito de conversar com você. Muito obrigada.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A MARIA EDUARDA

Duração do Áudio 00:25:31

Pesquisadora: Mas você gosta de história de que tipo? Todo tipo de história?

Maria Eduarda: Eu gosto mais de Halloween.

Pesquisadora: De Halloween. Ah... Por quê?

Maria Eduarda: Ah, eu gosto de coisa mais assustadora, tipo filme de lobo, essas coisas.

Pesquisadora: É? Que coisa, hein, diferente? E nos livros de história?

Maria Eduarda: Eu gosto mais... é... do Diário de Uma Banana.

Pesquisadora: Ah, Diário de Um Banana. Sei. Sei qual que é. E aqui na escola, na sala de aula, como é o que vocês fazem?

Maria Eduarda: A gente, às vezes uma... às vezes uma ficha bem fácil, às vezes uma ficha que a gente demora uma semana pra fazer e também as fichas são um pouco fáceis... tem mais fácil do que difícil, porque difícil vai ficando cada vez que a gente vai... é... eu acho que quando a gente vai ficando um pouco mais grande, as fichas ficam mais difícil.

Pesquisadora: Uhm, entendi. É, né? E você vem para escola de manhã e fica até tarde.

Maria Eduarda: Aham. Quando eu tenho sapateado eu fico aqui até umas 19h.

Pesquisadora: Uhum.

Maria Eduarda: Eu não gosto muito de balé porque é muito calmo. Eu prefiro sapateado e judô.

Pesquisadora: Você gosta de coisas mais agitadas?

Maria Eduarda: É.

Pesquisadora: Uhm, entendi.

Maria Eduarda: Tipo judô, luta, capoeira, sapateado.

Pesquisadora: Uhum.

Maria Eduarda: Circo.

Pesquisadora: Coisas agitadas. E na sala de aula de manhã, com a tia Poli e a tia Michele, vocês têm aula de matemática, português?

Maria Eduarda: Ciências, história... é... história, geografia... é... produção de texto.

Pesquisadora: Uhum.

Maria Eduarda: Muitas coisas.

Pesquisadora: Muitas coisas. E cada professora dá aula de umas coisas... é isso? De umas matérias.

Maria Eduarda: É... é duas professoras em cada sala, só que pros bebês é mais.

Pesquisadora: Ah e nas aulas tem leitura de livros...

Maria Eduarda: Tem... Só agora que agora é o horário da leitura.

Pesquisadora: Uhum. Mas vocês leem ou a profe lê?

Maria Eduarda: A gente lê. A gente tem uma dupla.

Pesquisadora: Ah, vocês têm uma dupla.

Maria Eduarda: Eu sou com a Clarissa, que ela não é muito... minha melhor amiga e eu gosto de um garoto. De três, na verdade. Eu gosto do Lucas, do Antônio e do Vini.

Pesquisadora: Uhum. Mas a tua dupla é a Clarissa.

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: E como que é a leitura nessa hora?

Maria Eduarda: Nessa hora, a nossa leitura... a gente às vezes fica meio perdido, porque tem algumas vezes que tem um livro que quase não tem desenho, tipo Leonardo Da Vinci...

Pesquisadora: Uhum.

Maria Eduarda: ...que tem muitas páginas e que não tem desenho.

Pesquisadora: E aí? Isso é bom, isso é ruim...

Maria Eduarda: Eu, tipo, não gosto do horário da leitura, é muito calmo.

Pesquisadora: Ah, porque é muito calmo. Entendi. E tem hora que a professora lê para vocês alguma história?

Maria Eduarda: Não, só... é... tem...

Pesquisadora: Tem?

Maria Eduarda: Quando a gente traz um livro...

Pesquisadora: Uhm...

Maria Eduarda:...e dá tempo. Porque você não tirou aquelas outras canetinhas?

Pesquisadora: Ah, porque a Pietra não quis usar.

Maria Eduarda: Mas eu queria usar aquelas.

Pesquisadora: Ok. Então, mas, na hora de leitura, que a professora faz a leitura, é o livro de alguém que traz. É isso?

Maria Eduarda: Não. É que agora, no horário da leitura, sendo que um monte de cestas com livro, daí tem livro, daí quando a gente tem um tempinho pra gente é... que a gente não está fazendo nada, quando está chovendo, daí ela lê pra gente

Pesquisadora: Uhum.

Maria Eduarda: Ou a gente brinca de Lego.

Pesquisadora: Mas nas aulas, na hora da aula, tem algumas histórias que depois a professora faça uma ficha depois sobre aquela história?

Maria Eduarda: Tem, na aula de ciências, de história... é... que a gente antes estava conversando sobre a Índia, depois sobre o Egito e agora a gente começou a falar sobre os 10 Mandamentos.

Pesquisadora: Uhum. entendi. Mas a história não é de um livrinho de historinha.

Maria Eduarda: Não. É... umas histórias antigas, da Bíblia.

Pesquisadora: Sei, entendi. E nas aulas de língua portuguesa ou lá na aula de português, tem historinha de livrinho...

Maria Eduarda: Uh-uh.

Pesquisadora:... infantil? Desses livrinhos... de criança

Maria Eduarda: Na aula de português?

Maria Eduarda: Não.

Pesquisadora: Não?

Maria Eduarda: Na aula de português, a gente sempre tem que escrever alguma coisa.

Pesquisadora: Uhum. E na aula de matemática?

Maria Eduarda: Na aula... é... na hora de matemática, eu gosto mais porque eu adoro fazer continha.

Pesquisadora: Uhum.... e para que serve fazer continha?

Maria Eduarda: Pra gente aprender mais.

Pesquisadora: E aonde usa isso, você sabe? Para que que a gente aprende a fazer conta?

Maria Eduarda: Não sei.

Pesquisadora: Não sabe?

Maria Eduarda: Ah, pra gente ficar cada vez mais melhor nos estudos.

Pesquisadora: Uhm, mas e na vida, para que as pessoas usam, será?

Maria Eduarda: Não sei.

Pesquisadora: A Maria Eduarda usa fazer continha fora da escola?

Maria Eduarda: Eu não sei, às vezes uso porque eu gosto.

Pesquisadora: Mas só faz a continha?

Maria Eduarda: Uhum. Às vezes eu brinco de professora, porque eu quero ser uma professora de sapateado.

Pesquisadora: Uhm, entendi.

Maria Eduarda: E de natação.

Pesquisadora: E na aula de matemática, quando você está aqui na escola, tem números, né?

Maria Eduarda: Tem. Bastante.

Pesquisadora: Bastante. E você sabe para que serve número?

Maria Eduarda: Não.

Pesquisadora: Para que a gente usa números?

Maria Eduarda: Não sei.

Pesquisadora: Porque será que a professora ensina na sala, na escola?

Maria Eduarda: Pra gente ficar mais esperto.

Pesquisadora: Está, mais e daí, vai usar os números aonde?

Maria Eduarda: Na faculdade.

Pesquisadora: Na faculdade. E na vida?

Maria Eduarda: Na vida? Eu acho...

Pesquisadora: Maria Eduarda, na tua vida...

Maria Eduarda: Eu acho que na minha lembrança.

Pesquisadora: Tem números na tua vida? Quando você está tua casa...

Maria Eduarda: Aham.

Pesquisadora: Quando você sai de casa...

Maria Eduarda: O meu irmão faz... é o que o meu irmão... ele faz faculdade e a namorada dele também.

Pesquisadora: Uhum.

Maria Eduarda: E eles... é... o meu irmão... é... ele vai trabalhar na Oi e a namorada dele vai trabalhar como professora de Educação Física. Na lição dela, tem bastante números.

Pesquisadora: Uhm, na lição dela tem bastante números. E na tua casa, tem?

Maria Eduarda: O que?

Pesquisadora: Números.

Maria Eduarda: Tem quando eu desenho, brinco de professora...

Pesquisadora: Uhm... E em outros lugares, quando você sai, você números por aí?

Maria Eduarda: Uhum. Quando é uma casa para alugar, tem o número de telefone.

Pesquisadora: Hum... então para que serve números? Já pensou nisso? Porque tem o número que é do telefone?

Maria Eduarda: Pra gente conversar.

Pesquisadora: Hum... Então, você pode pensar para que será que serve matemática? Para que?

Maria Eduarda: Pra gente ficar cada vez mais esperto.

Pesquisadora: É? Muito bem. É uma boa... é um pensamento bom. Vamos fazer a nossa brincadeira?

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: Vamos? A brincadeira é assim. Primeiro, a gente tem um combinado e nessa caixinha tem várias palavras.

Maria Eduarda: Está.

Pesquisadora: Você escolhe, pensa em três coisas. Ok?

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: E eu penso em três coisas também. Aí você escreve essas três palavras, uma em cada papelzinho. Pode ser o que você quiser. Pode ser bicho, pode ser objeto, pode ser cor, pode ser qualquer palavra e aqui dentro

tem algumas palavras que foi do jogo que eu fiz com a Pietra e aí, o combinado agora é assim.

Maria Eduarda: Hum.

Pesquisadora: A gente vai tirar essas palavras, e colocar só as tuas e as minhas novas ou a gente vai deixar para o sorteio.

Maria Eduarda: Eu quero que você deixe e a gente põe a... essas...

Pesquisadora: Mais palavras.

Maria Eduarda: É.

Pesquisadora: Ok. Então vamos lá.

Maria Eduarda: Pra ficar mais difícil.

Pesquisadora: Para ficar mais difícil. Então muito bem. Então vou... inven... pensar mais coisas aqui.

Maria Eduarda: Tem que dobrar?

Pesquisadora: É melhor, a gente coloca lá dentro.

Maria Eduarda: Eu prefiro dobrar assim.

Pesquisadora: Hum?

Maria Eduarda: Eu prefiro dobrar assim.

Pesquisadora: Ah, mas é que se você dobrar muito pequenininho, daí como que vai saber que esse é igual ao outro? Hum? Então vamos dobrar todos assim, menorzinho, igual você fez?

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: Dobra duas vezes, então, né?

Maria Eduarda: Eu não terminei.

Pesquisadora: Não tem problema, eu só vou guardando esses. Pode por aqui. Muito bem. Então, ai, ai, ai. A brincadeira agora é escolher duas palavras.

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: Certo? Pode ser qualquer uma?

Maria Eduarda: Tem que escolher duas?

Pesquisadora: Duas. E com essas duas palavras, a Maria Eduarda vai inventar uma história. E você pode ir desenhando a história e me contando ou você pode só contar a história, mas pode desenhar, usar os lápis de cor, as canetinhas, esses outros que tão aqui também, ok? Sorteia?

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: Pode pôr a mãozinha dentro da caixa. Ai, ai que emoção.

O que será que é este...

Maria Eduarda: Bolo...

Pesquisadora: Hã?

Maria Eduarda: Bolo.

Pesquisadora: Bolo? Quem será que escreveu essa?

Maria Eduarda: Foi a Pietra.

Pesquisadora: Ah, é a letrinha da Pietra. Muito bem. Agora, próximo.

Sem espiar. Escolheu?

Maria Eduarda: Uhum. Família.

Pesquisadora: Família. Hummmmmm...

Maria Eduarda: Não posso trocar aquele?

Pesquisadora: Por que?

Maria Eduarda: Porque está muito difícil inventar a família com bolo.

Pesquisadora: Bolo com família.

Maria Eduarda: É, não combina.

Pesquisadora: Bolo de família?

Maria Eduarda: Não, não combina.

Pesquisadora: Por que?

Maria Eduarda: Ué, eu acho que não combina. Posso trocar, por favor?

Pesquisadora: Mas aí não é o combinado da nossa história.

Maria Eduarda: Por favor...

Pesquisadora: A gente combinou que seriam duas palavras sorteadas.

Vamos pensar? Que histórias que dá para pensar? Pode bolo de família, bolo com família, pode ser família do bolo, pode ser... o que será que dá para imaginar com isso? Hum... Eu acho que dá.

Maria Eduarda: Eu já sei.

Pesquisadora: Viu como você sabe? Claro! Então, deixa eu guardar aqui. Você vai desenhando e me contando?

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: Ok.

Maria Eduarda: A minha mãe fez um bolo...enorme...

Pesquisadora: Enorme... quer dizer quanto?

Maria Eduarda: Tipo... até aqui.

Pesquisadora: Hum...

Maria Eduarda: E eu fui correndo... é... querendo comer e ela falou para, que era só depois do jantar.

Pesquisadora: Uhm...

Maria Eduarda: É só isso.

Pesquisadora: Você vai desenhar o bolo?

Maria Eduarda: Eu fiz errado.

Pesquisadora: Tudo bem, pega outra folha, se você quiser começar de novo. Então, me conte.

Maria Eduarda: Daí, eu falei 'Eba" e fui correndo.

Pesquisadora: Foi correndo para aonde?

Maria Eduarda: Comer o bolo.

Pesquisadora: E cadê o bolo, que eu não estou vendo aí.

Maria Eduarda: É o que eu (vou desenhar).

Pesquisadora: Quem está desenhadinho aqui? Você e quem mais?

Maria Eduarda: Minha mãe.

Pesquisadora: Você e tua mãe. Quem é você e quem é sua mãe?

Maria Eduarda: Essa daqui é eu e essa é a minha mãe.

Pesquisadora: Ah. E a tua mãe, é menor ou é maior do que você?

Maria Eduarda: Maior.

Pesquisadora: Maior.

Maria Eduarda: É porque agora ela ficou menor e eu fiquei tipo um pouquinho mais grande.

Pesquisadora: Hum. E o bolo, que tamanho é esse bolo?

Maria Eduarda: Não sei.

Pesquisadora: É maior do que vocês duas? É um bolo gigante? Vai até aonde?

Maria Eduarda: Até aqui.

Pesquisadora: E aí é o que? O que seria isso? Que altura seria essa?

Maria Eduarda: Não tem uma régua?

Pesquisadora: Não tenho uma régua. Pensa numa outra coisa para explicar que tamanho é esse bolo

Maria Eduarda: 22.

Pesquisadora: 22 o que?

Maria Eduarda: É... tamanho.

Pesquisadora: Tamanho?

Maria Eduarda: É. Altura, na verdade.

Pesquisadora: Hum... mas 22... não sei muito bem o que é 22... 22 é do tamanho da carteira?

Maria Eduarda: Uh-uh.[aceno negativo com a cabeça]

Pesquisadora: É do tamanho do que?

Maria Eduarda: Eu acho que é do tamanho de uma casa.

Pesquisadora: Ah, do tamanho de uma casa. Entendi. Então esse bolo, que foi correndo comer, é do tamanho de uma casa.

Maria Eduarda: É, só que não dá pra desenhar maior porque senão não dá pra escrever a história.

Pesquisadora: Ah, mas você não precisa escrever a história, você pode só contar. E tem o teu desenho. E o que mais tinha essa história. Você estava com a tua mãe, as duas foram... quem fez o bolo?

Maria Eduarda: Minha mãe.

Pesquisadora: Ah, a tua mãe fez um bolo gigante, do tamanho de uma casa?

Maria Eduarda: Uhum. E eu ajudei.

Pesquisadora: E você ajudou. Será que usou muitos ingredientes para fazer esse bolo?

Maria Eduarda: Sim.

Pesquisadora: Quanto será, hein, Maria Eduarda?

Maria Eduarda: Hum, eu acho que mais... mais do que 10.

Pesquisadora: Uhum.

Maria Eduarda: Uns 22, por aí.

Pesquisadora: Por aí. Muita coisa, né. Não é mesmo? E você e a sua mãe fizeram esse bolo gigante?

Maria Eduarda: Você acha que ficou muito claro?

Pesquisadora: Hum, só depois do almoço. Entendi. Não pode ser antes do almoço. É isso?

Maria Eduarda: Não pode. Porque senão enche a barriguinha de bolo e quando vai comer, não quer... não quer comida porque não vai caber daí. É com... ah, não é. Pensei que fosse com.... ah, esqueci o nome. É carimbo?

Pesquisadora: Não, não é.

Maria Eduarda: Não é?

Pesquisadora: Me conte e tem mais alguma coisa na sua história?

Maria Eduarda: Tem....

Pesquisadora: O que?

Maria Eduarda: E a gente foi passear, mas não tem lugar pra desenhar.

Pesquisadora: Tudo bem. Vocês foram passear para onde?

Maria Eduarda: É... pra uma festa.

Pesquisadora: Mas levaram o bolo?

Maria Eduarda: Não.

Pesquisadora: o bolo era outra coisa.

Maria Eduarda: É... na minha... é que a gente estava preparando o bolo pra minha festa e a minha festa era em... no salão de dança.

Pesquisadora: Hum. E aí o bolo era para tua festa.?

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: E será que ia bastante gente na tua festa?

Maria Eduarda: Ia.

Pesquisadora: Quantas pessoas?

Maria Eduarda: Ah, é.. se eu fizesse amanhã a festa de 15 anos, eu ia convidar todo mundo... todo mundo do colégio e até do Solitude.

Maria Eduarda: Você já foi lá no Solitude?

Pesquisadora: Já.

Maria Eduarda: O meu pai... ele trabalha lá e aqui.

Lá tem muita casa, a informática também é uma casa.

Pesquisadora: Então vamos voltar na tua história.

Maria Eduarda: Uhum. Você tem outra folha?

Pesquisadora: Era uma festa... É isso?

Maria Eduarda: Uhum.

Pesquisadora: é que ia muita gente.

Maria Eduarda: Gigante.

Pesquisadora: Maior...

Maria Eduarda: Do que um elefante.

Pesquisadora: E nessa festa?

Maria Eduarda: Eu dancei sapateado.

Pesquisadora: Ah, nessa festa você dançou sapateado... Quando você faz aula de sapateado, vocês contam?

Maria Eduarda: Conta.

Pesquisadora: Na música?

Maria Eduarda: Se a gente conta quantos passos a gente tem que fazer? Sim, sempre. É... sempre faz na mente.

Pesquisadora: Na mente. Então existem coisas onde a gente usa os números e a contagem fora da sala de aula também Maria Eduarda?

Maria Eduarda: Uhum. [acena afirmativamente]

Pesquisadora: Olha aí que você não lembrava. Aonde que a Maria Eduarda usa o número?

Maria Eduarda: No sapateado. No balé.

Pesquisadora: No balé, no sapateado, será que tem mais coisas que você vai conseguir lembrar?

Maria Eduarda: É... eu acho que mais na Educação Física, que a gente está fazendo apresentação... é... pra festa Junina, que também tem que contar.

Pesquisadora: Entendi. Também tem que contar. Acho que a tia Kika veio te chamar, mas vamos terminar a nossa história? E aí, como termina?

Maria Eduarda: E... todo mundo saiu feliz.

Pesquisadora: Uhm, que bom.

Maria Eduarda: Já é horário do lanche?

Pesquisadora: Acho que deve estar perto. Você quer levar o seu desenho ou deixar para mim?

Maria Eduarda: Quero levar.

Pesquisadora: Então está bem. Combinado.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DANIEL

Duração do Áudio: 00:08:52

Pesquisadora: Espera só um pouquinho Daniel, antes de você me contar como é a sua rotina da sala de aula, me conte quantos anos você tem.

Daniel: Oito.

Pesquisadora: E você está aqui nessa escola já a bastante tempo?

Daniel: Um ano.

Pesquisadora: Há um ano, no segundo ano você estava aqui. Agora você está no terceiro ano, é isso? Então, me conte um pouquinho como é a rotina da sala de aula?

Daniel: Bom, nos dias que tem lição de casa ela começa conferindo a lição de casa, depois nós fazemos a lição, às vezes ela manda bastante lição de casa... no caso é um dia de lição e um dia de corrigir, mas ela sempre manda lição, para nós fazer e se não deu no dia ela manda para casa, daí vem o lanche o recreio daí mais lição daí chega a hora de ir embora.

Pesquisadora: E como são essas atividades? a lição que tem na sala, do é?

Daniel: Matemática, geografia, história, o que mais? Ah, língua portuguesa.

Pesquisadora: Me conte, na sala de aula, nas aulas vocês fazem atividades de leitura?

Daniel: Não.

Pesquisadora: Não tem leitura na sala de aula?

Daniel: Não, tem sim.

Pesquisadora: Tem um dia que tem leitura?

Daniel: Sim, toda quarta tem.

Pesquisadora: Toda quarta tem leitura, que cada um lê o que quiser?

Daniel: Não, a professora traz, daí tem uns livros lá na estante para nós pegar.

Pesquisadora: Mas você escolhe o que você quiser?

Daniel: Sim.

Pesquisadora: Escolhe o que você quiser. E tem também aqueles que a professora conta história?

Daniel: No segundo tinha, eu não lembro, não tem aqui, só tipo na lição que ela conta uma história.

Pesquisadora: Como é isso? Lição que conta uma história?

Daniel: Tipo, um dia que nós estava aprendendo como foi fundado Curitiba, daí ela contou a história.

Pesquisadora: Hum, de como que aconteceu e tudo mais. Mas aquelas histórias dos livros, as história de imaginação ou história que sejam inventadas, tem? A professora ainda conta história na sala? Dos livrinhos de historinhas mesmo?

Daniel: Acho que não.

Pesquisadora: Não?

Daniel: Só no segundo ano que ela contava.

Pesquisadora: No segundo ano tinha livrinho de história, que a professora contava?

Daniel: Tinha.

Pesquisadora: Você lembra de alguma?

Daniel: Não.

Pesquisadora: Não lembra de nenhuma? E na sala de aula, a professora não conta história?

Daniel: Não, só na hora da lição.

Pesquisadora: E nas aulas de português tem história?

Daniel: É, de vez em quando.

Pesquisadora: De vez em quando. Qual o material que usa na aula de português?

Daniel: é o mesmo de todas.

Pesquisadora: Hum, é um caderno...

Daniel: O lápis.

Pesquisadora: O livro.

Daniel: O livro é de vez em quando.

Pesquisadora: O livro é de vez em quando.

Daniel: Dai nem uso o caderno e a borracha, às vezes é para gente recortar alguma coisa e colar, daí ela entrega a cola e a tesoura.

Pesquisadora: e como que é a aula de matemática?

Daniel: Aula de matemática está acontecendo agora, daí ela está explicando e ela já... e corrige.

Pesquisadora: Mas vocês estão aprendendo o que agora?

Daniel: Aprendendo os números ordinais, inclusive eu sei o nome de todas as dezenas.

Pesquisadora: É?

Daniel: Minha mãe fez eu escrever e copiar os números ordinais até o centésimo.

Pesquisadora: Uhum, entendi. E na aula de matemática tem jogo?

Daniel: Não.

Pesquisadora: Não?

Daniel: Só tipo quando termina a lição, BEM de vez em quando.

Pesquisadora: E tem atividade que tenha livro na aula de matemática? Não tem história com livro de matemática na aula de matemática?

Daniel: Não lembro muito bem.

Pesquisadora: não lembra, nesse ano você não lembra?

Daniel: Sim, é que eu estou estudando, mas agora ela ainda não contou então, não lembro.

Pesquisadora: E você sabe me dizer para que serve contar?

Daniel: Para gente aprender tipo dos antigos egípcios... que foi uma história inventada (ininteligível) antigos egípcios então, eles usavam, às vezes para contar boi, contar carneirinho, contar ovelhinha.

Pesquisadora: e para que a gente usa contar hoje em dia?

Daniel: Porque ainda existem vários fazendeiros, daí a gente usa para saber as dezenas.

Pesquisadora: E será que só fazendeiro que conta?

Daniel: Não, a gente também.

Pesquisadora: É?

Daniel: Para pique esconde, esconde-esconde, polícia e ladrão.

Pesquisadora: Das brincadeiras?

Daniel: Sim.

Pesquisadora: E na vida?

Daniel: Na vida eu já usei, mas não lembro como que foi.

Pesquisadora: Uhum. Você sabe me dizer para que serve medir?

Daniel: Medir... bom, eu lembro que a minha mãe mediu o termômetro a minha temperatura.

Pesquisadora: Hum, então é uma função, né?

Daniel: Sim.

Pesquisadora: Será que é só esse medir que existe?

Daniel: É, existe medir dezena.

Pesquisadora: O que mais?

Daniel: Medir números.

Pesquisadora: Medir números? Como é medir números? eu não sei.

Daniel: Também não sei, eu estou chutando.

Pesquisadora: não sei muito bem como que é isso.

Daniel: Eu também não.

Pesquisadora: Será que existe?

Daniel: Não.

Pesquisadora: Ah, tá, entendi. E você acha que existe matemática na sala de aula junto com história?

Daniel: Tipo às vezes ele consegue dar as matéria, matemática, história, às vezes é matemática, geografia o que está acontecendo hoje.

Pesquisadora: E como é isso? Uma aula de história e outra aula de matemática?

Daniel: Sim.

Pesquisadora: Mas é separado?

Daniel: É, é meio que junto, porque da geografia é bem mais fácil que a gente copia do caderno eles dão isso para aprender.

Pesquisadora: Me conte uma coisa, você mora perto ou mora longe aqui da escola?

Daniel: Longe.

Pesquisadora: Longe?

Daniel: Muito.

Pesquisadora: Muito longe. Você vem para a escola de ônibus, de transporte ou de carro?

Daniel: Carro.

Pesquisadora: De carro.

Daniel: É que ó, o meu pai tinha um mercado perto, mas ficou... que eu gostava eu era parceiro dele, tinha uns vinte amigos naquela escola, daí eles tiraram, porque eles venderam o mercado, daí o meu pai comprou perto daqui, mas eu não moro lá, eu estou morando lá na rua Maria Nicolas.

Pesquisadora: Entendi. Agora você está estudando aqui e você vem de carro todo dia.

Daniel: Sim.

Pesquisadora: E esse caminho da tua casa até a escola, você sabe mais ou menos como é?

Daniel: Da minha casa até a escola? Lá do mercado até a escola?

Pesquisadora: Ou do mercado até a escola.

Daniel: Mais fácil da minha casa.

Pesquisadora: O mercado é perto?

Daniel: Tem um mercado daí eu desço aqui, daí tem uma subidona assim, daí eu vou subindo daí tem que que subir, eu estou falando como que eu vou de carro.

Pesquisadora: Sim, tudo bem, estou entendendo.

Daniel: Dai tem tipo uma floresta lá naquela rua então, passa por lá, daí vira, daí vem aqui nessa rua, daí minha mãe sempre para por ali, ali na frente escondidinho às vezes.

Pesquisadora: entendi. Você tem irmãos?

Daniel: Só um, de dezoito.

Pesquisadora: Ah, um irmão grande já.

Daniel: Eu peço umas coisas para ele, ele nunca me dá.

Pesquisadora: Então, é assim que funciona a escola para você?

Daniel: Sim.

Pesquisadora: Está bem então, muito bom te conhecer Daniel, obrigada.

Daniel: De nada.

Um Cenário

As fábulas servem à matemática como a matemática serve às fábulas. Servem à poesia, à música, à utopia, à política: em suma, ao homem inteiro, e não só ao fabulista. Servem porque na aparência não servem para nada: como a poesia e a música, como o teatro e o esporte (RODARI, 1982 p. 139).

Retorno ao jogo de inventar histórias já utilizado como forma de abordagem para as entrevistas com as crianças: o binômio fantástico. A primeira ideia para a utilização do jogo como uma forma de sistematizar o que foi exposto pelas professoras surgiu após a minha apresentação dessa pesquisa durante o Ciclo de Seminários do Ghoem³⁷, em Bauru. Em uma conversa informal com a Professora Ednéia,³⁸ durante o almoço, ela esboçou a perspectiva de articulação entre as textualizações utilizando o jogo binômio fantástico como estratégia. Essa ideia me encantou, foi reforçada no exame de qualificação e aprovada pelo meu orientador. Percebi com ela uma possibilidade de trazer à tona o “tom vital” (MEIHY, 2007; MARTINS-SALANDIM; SOUZA; FERNANDES, 2010) das entrevistas, nesse caso, usando a frequência com que as palavras surgem nas textualizações.

Com as crianças partimos das palavras escritas por elas em fichas que posteriormente foram sorteadas. A imaginação e o acaso aliaram-se para dar suporte para a invenção de histórias.

Um novo jogo poderia buscar relações entre palavras recorrentes nas textualizações das entrevistas das professoras. Um dos critérios sugeridos por Gianni Rodari é o da distância entre as duas palavras, causando estranheza uma a outra, bem como uma aproximação discreta que obriga a imaginação a instituir

³⁷ Ciclo de Seminários "História Oral e Educação Matemática", do GHOEM - Grupo História Oral e Educação Matemática, ocorrido nos dias 04 e 05 de agosto de 2016, das 8h às 17h, no Auditório do

Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências, Unesp – Universidade Estadual Paulista – campus de Bauru/SP.

³⁸ Prf^a. Dra. Maria Ednéia Martins Salandim. Professora do Departamento de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência - UNESP – Bauru. Membro do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática - www2.fc.unesp.br/ghoem . Professora integrante da banca de avaliação dessa dissertação de Mestrado.

um parentesco e criar um conjunto fantástico onde os dois elementos estranhos convivem (RODARI, 1982, p. 21).

Assim, a escolha das palavras ao acaso proporciona liberdade à imaginação, como o proposto por Max Ernst no conceito de “desambientação sistemática”, quando um elemento constrói um contexto inédito ao usual e por Viktor Skolovskij em relação ao “estranhamento” que pode ocorrer entre elas, ampliando-as e libertando-as de seu significado cotidiano (RODARI, 1982, p. 22).

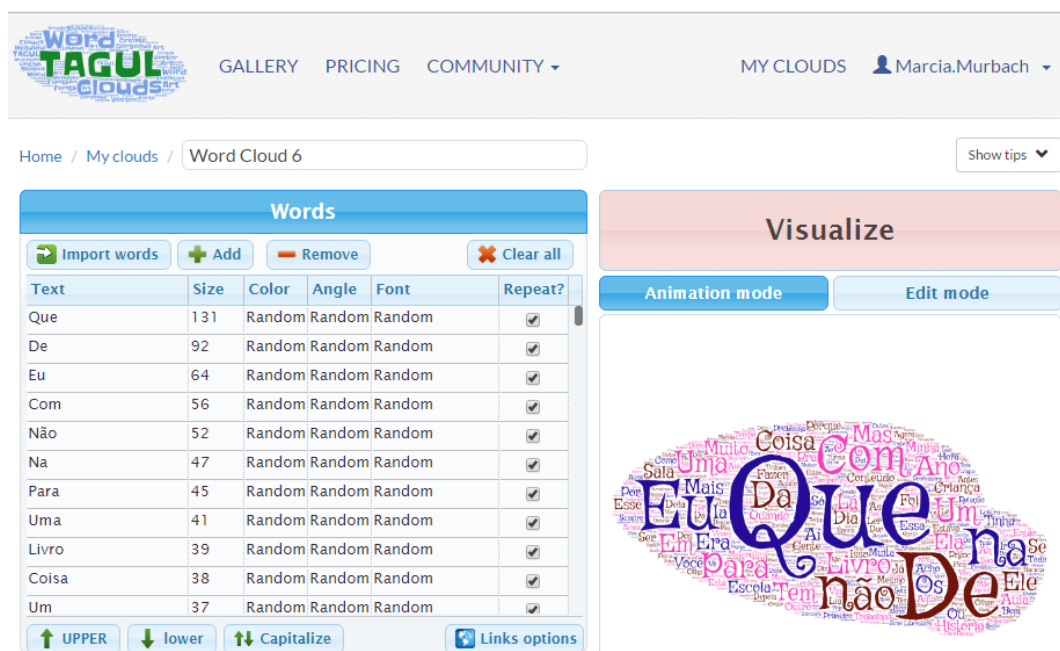
Para organizar as palavras de cada textualização utilizei uma ferramenta de contagem de palavras. Inicialmente o Editor de texto Word permitiu localizar algumas palavras que se repetiam nas entrevistas. Mas essa tentativa foi frustrada porque não se adequava com minha intenção de fazer uma escolha "ao acaso". A ferramenta não relacionava as recorrências em cada textualização de forma concisa e isso me provocou mais inquietações e questionamentos: como relacionar as palavras das diferentes textualizações? Como não interferir diretamente na escolha? Eu desejava que o jogo de palavras fosse feito a partir do que foi dito pelas professoras entrevistadas.

Como consequência dessas perguntas iniciei uma busca por outras ferramentas que pudessem auxiliar nesse processo. Alguns aplicativos e programas realizam essa função e acabei encontrando os que fazem a contagem de caracteres e apresentam uma listagem de repetições de palavras

Percebi que as possibilidades se ampliavam e acabei encontrando um aplicativo que elabora “nuvens de palavras”. As nuvens de palavras demonstram, por meio de uma imagem, a frequência de ocorrências de palavras em um texto. É uma ferramenta adequada ao propósito do jogo, sendo que quanto maior o número de vezes que as palavras aparecem no texto, maior será a fonte utilizada na imagem gerada para exibir essa palavra. O resultado apresentado daria as palavras que fariam parte do jogo.

Existem vários aplicativos que realizam essa tarefa, entre eles o *Wordle*, *Tagul* e o *Word Cloud Generator*. Optei por utilizar o *Tagul* para a criação das nuvens de palavras de cada textualização das professoras, dessa forma a regra do jogo binômio fantástico poderia ser satisfeita e a história contada.

Esse aplicativo simples chamado “*Tagul Word Cloud Art*”, identifica no texto selecionado as repetições e suas quantidades, formando a “nuvem de palavras”. As textualizações foram submetidas a esse processo integralmente. Para chegar à imagem final da nuvem de palavras alguns passos precisam ser seguidos, o aplicativo busca todas as repetições e, nessa primeira etapa, palavras (principalmente os conectivos) precisaram ser retiradas. Nesse processo, manual, é preciso selecionar as palavras que serão retiradas para a elaboração da nuvem. A imagem a seguir é da página do aplicativo, nela o texto integral foi adicionado e todas as palavras repetidas são listadas com a contagem de recorrências.



The screenshot displays the Tagul Word Cloud Art application interface. At the top, there is a navigation bar with 'GALLERY', 'PRICING', and 'COMMUNITY' links, and a user profile for 'Marcia.Murbach'. Below the navigation bar, the page title is 'Home / My clouds / Word Cloud 6'. The main content area is divided into two sections: 'Words' and 'Visualize'.

The 'Words' section contains a table with the following data:

Text	Size	Color	Angle	Font	Repeat?
Que	131	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
De	92	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Eu	64	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Com	56	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Não	52	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Na	47	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Para	45	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Uma	41	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Livro	39	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Coisa	38	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Um	37	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>

The 'Visualize' section features two buttons: 'Animation mode' and 'Edit mode'. Below these buttons is a preview of the word cloud, which is a colorful, abstract shape composed of various words, with 'Que' being the most prominent word.

Após essa etapa a nuvem de palavras é formada a partir da frequência de repetições em cada textualização.

Home / My Word Art / marlene Show tips ▾

Words


Import words
+ Add
Remove
Clear all

Text	Size	Color	Angle	Font	Repeat?
Livro	38	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
História	28	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Criança	25	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Escola	21	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Conteúdo	17	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Aula	16	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Matemática	15	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Problema	10	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Relação	8	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Pnaic	8	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>
Alfabetização	7	Random	Random	Random	<input checked="" type="checkbox"/>

UPPER
lower
Capitalize
Links options

Visualize

Animation mode
Edit mode



Apresento a seguir, as nuvens de palavras formadas a partir das textualizações de cada professora. O método utilizado para elencar as palavras que foram utilizadas no jogo binômio fantástico é estatístico, mas a história que será criada revela uma escolha. Se, em uma experiência de leitura nos limitamos à exibição de um código, transformamos o texto em um elemento para ser analisado e não em uma voz que deve ser ouvida. (LARROSA, 2003, 493). As imagens das nuvens trazem a experiência de relembrar a voz das professoras em suas entrevistas. Perceber pistas de suas ideias, inquietudes, contextos e assim, elaborar o cenário para algumas compreensões.



Nuvem de palavras formada pela textualização da Professora Marlene



Nuvem de palavras formada pela textualização da Professora Lúcia

Binômio Fantástico

Afinando a escuta, retomando alguns contextos e momentos significativos das entrevistas, as nuvens de palavras trazem o tom sensível mobilizado nos pensamentos enunciados pelas colaboradoras dessa dissertação. Para Larrosa, as palavras determinam nossos pensamentos:

E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras (LARROSA, 2002 p. 20).

Para tanto, o caminho segue por entre as palavras formadas nas nuvens. O cenário se faz nos binômios: Letramento/Livro e Matemática/Rotina e os vínculos formados entre esses elementos. A minha escolha pessoal dos binômios está ligada à atenção que essas palavras produziram. Uma questão ao que me é sensível, ao que me tocou quando observei as nuvens. O leitor poderia fazer outras escolhas, buscar outros olhares e possibilidades para agir como disparador do jogo de histórias.

Criando a aproximação das palavras ou seu afastamento, algumas perguntas poderiam ser feitas: o letramento está no livro? A matemática está na rotina? A matemática e o livro? O livro de matemática? A rotina do letramento? O letramento da matemática? Similar ao vivido pelas crianças que participaram do jogo de inventar histórias nessa pesquisa, me deparo com a gama de possibilidades provocadas pelos binômios. As relações criadas e o estreitamento ou afastamento entre as palavras escolhidas para a história que segue tem como fundamento o jogo e as percepções desencadeadas pela experiência de leitura das textualizações das professoras.

Essa é a história de muitas conversas que se transformaram em texto. Entrevistar professores tem algo de estranho e de próximo à rotina de quem

trabalha no universo escolar. Por um lado, há a aproximação inerente da profissão, também sou professora e minha experiência com crianças pequenas em fase de alfabetização estabelece alguns vínculos com as professoras entrevistadas mesmo antes de conhecê-las pessoalmente. Por outro lado, o papel de pesquisadora assumido nesse estudo provoca o afastamento que se faz necessário à pesquisa, pois, a dissertação busca investigar as possibilidades em alfabetização matemática tendo como referência as histórias infantis.

O livro e o letramento... o letramento no livro?

O binômio Letramento/Livro sugere rever os Elementos Conceituais e Metodológicos para definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º E 3º Anos) do Ensino Fundamental:

O aprendiz precisa avançar rumo a uma alfabetização em sentido lato, a qual supõe não somente a aprendizagem do sistema de escrita, mas também os conhecimentos sobre as práticas, usos e funções da leitura e da escrita, o que implica o trabalho com todas as áreas curriculares e em todo o processo do Ciclo de Alfabetização. Dessa forma, a alfabetização em sentido lato se relaciona ao processo de letramento envolvendo as vivências culturais mais amplas. (MEC, 2012 p. 27)

As professoras entrevistadas abordam a alfabetização na perspectiva do letramento, em algumas situações sugerem que o objetivo da alfabetização necessita estar entrelaçada ao fazer social, em um contexto de concepção social da escrita, de forma que o sujeito não apenas saiba ler e escrever, mas estabeleça e realize as práticas sociais que são mediadas pela escrita. Concepção que está em oposição a uma proposta tradicional, na qual a leitura e a escrita estão fundamentadas na aprendizagem de habilidades individuais. Entendem que a criança participa de muitos eventos de letramento mesmo antes de estar inserida no universo escolar, antes mesmo de saber ler e escrever. São situações de letramento, como afirma Soares:

O emprego dos verbos integrar e articular retoma a afirmação anterior de que os dois processos – alfabetização e letramento – são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas

sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita (SOARES, 2004).

As afirmações de Magda Soares estão em consenso com o explicitado nos Direitos de Aprendizagem citado acima, assim como o apreendido pelas professoras colaboradoras dessa pesquisa no que refere aos recursos pedagógicos que possibilitam articular a alfabetização e o letramento. Os diversos gêneros textuais, a contação de histórias, os jogos, as situações de rotina de sala de aula: como a construção do calendário e sua prática, as tentativas de escrita não convencionais (a escrita antes de saber escrever) e outros recursos, fazem da alfabetização e do letramento processos indissociáveis e (inter) relacionados. São articulações que vão de encontro ao que propõe Rodari quando afirma que, “A mente é uma só. Sua criatividade pode ser cultivada em muitas direções. As fábulas (escutadas ou inventadas) não são “tudo” que concerne à criança. O livre uso de todas as possibilidades da língua não representa senão uma das direções em que a criatividade pode expandir-se” (RODARI, 1982, p. 139).

O binômio Letramento/Livro expande-se no contar das professoras, o acervo de literatura infantil enviado pelo Programa Nacional do Livro Didático Obras Complementares (PNLD Obras Complementares) a partir de 2010, em que as escolas municipais recebem trinta livros de literatura infantil em temas variados aproximou o mundo das histórias das disciplinas curriculares para além da Língua Portuguesa. Os programas de formação de professores, à exemplo o PNAIC, estimulam explicitamente a utilização das histórias infantis como recurso de apoio pedagógico para as diferentes disciplinas, inclusive a matemática. As professoras contam do trabalho com esse recurso didático em sala de aula, mostram certa insegurança em algumas situações, a professora Kátia, por exemplo, diz que realiza cursos de agente de leitura e neles a indicação é a de que a leitura deve ser trabalhada a partir da fruição, sem um compromisso didático, para a formação do sujeito leitor. Essa é uma situação que, na fala da professora, contrapõe os programas de formação de professores. Como conclusão a professora reconhece a função da leitura como deleite para esta fase de ensino e que incentiva esses momentos, mas que utiliza os livros de histórias como recurso pedagógico pois entende que possibilitam saberes

além do conteúdo curricular previsto, em especial se tratando da matemática tornando o conteúdo lúdico e de interesse dos alunos, ampliando as oportunidades de aprendizado.

A professora Marlene já utilizava os livros de histórias infantis em suas aulas muito antes dos programas de formação estimularem essa prática, mas afirma que o fato dos programas possibilitarem a confecção de uma pequena biblioteca em sala, com o envio de novos títulos, a frequência das leituras e contação de histórias nas aulas aumentou, bem como as atividades com as sequências didáticas com o apoio do livro de histórias como recurso pedagógico.

Este é um aspecto interessante: compreender que a utilização das histórias infantis em sala de aula pode articular outros saberes e que o letramento se faz no social: nas práticas sociais que nos servem de referência e também na escuta do outro. As intenções pedagógicas narradas mostram o encaminhamento a partir do que pode formar e transformar de forma significativa o sujeito que aprende no binômio letramento/livro.

Para Abramovich, “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (ABRAMOVICH, 1991, p. 23). Incluo aqui o termo utilizado por Vianna na palestra de abertura do XX EBRAPEM³⁹, em Curitiba: “Matematicar”. Quando o brincar com a matemática traz, por meio das vivências, a possibilidade de *pensar* a matemática.

Mais que um jeito de aprender, brincar é o jeito de as crianças serem. Não é uma coisa que possa ser substituída, reembolsada amanhã, ou uma preparação para o futuro. As crianças precisam brincar hoje e todos os dias de sua infância. [...] Se não brincarem – muito – quando crianças, não conseguirão aprender (nem ser) direito depois. (GIRARDELO, 2006 p. 65);

A associação da brincadeira e dos jogos com situações de ensino pode desencadear, no aluno, um processo de interesse e significação na construção de novos conceitos matemáticos, visto que ele terá que desenvolver estratégias para alcançar o objetivo do jogo. Ressalta-se que a incorporação do jogo, em sala de aula, favorece, também, o desenvolvimento da criatividade e do respeito mútuo, do senso crítico,

³⁹ Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática – realizado na Universidade Federal do Paraná - UFPR, na cidade de Curitiba, em 2016.

da participação, da observação e das várias formas de uso da linguagem (ZIMER in: SEED, DEB/PR, 2010 p.162)

São vieses que se aproximam das afirmações de Emília Ferreiro e Ana Teberoski em relação à autonomia intelectual no processo de aprendizagem: "É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo" (FERREIRO, TEBEROSKY, 1985 p. 26). Para as crianças o que é falado também precisa ser vivenciado e as histórias infantis contadas a partir de textos literários, de experiências vividas ou imaginadas surgem como possibilidade de apoio à alfabetização na perspectiva do letramento, tanto para a língua escrita quanto à alfabetização Matemática.

É possível notar uma sintonia entre as professoras entrevistadas pelo aspecto interdisciplinar que esse recurso possa trazer, mas que o percurso e a busca por articulação e diálogo entre as disciplinas ainda é um caminho que necessita maior discussão e formação.

A rotina e a Matemática, a rotina da Matemática, a Matemática na rotina...

A criança inicia a apropriação da língua materna e da matemática antes de se reconhecer no processo escolar e não há dissociação entre esses dois sistemas de representação da realidade, são aspectos que se interligam. Contudo, o ensino da matemática e da língua materna, convivem nas escolas ainda isoladamente e à parte de outras áreas de conhecimento ou das experiências vividas pelas crianças (MACHADO, 2001 p. 15). Para o autor há uma relação de complementaridade entre esses sistemas de representação, uma impregnação mútua entre a língua materna e a matemática.

Essas relações indicam que são possibilidades para a aprendizagem, pois, estimulam o hábito da leitura, contribuem na compreensão dos enunciados dos problemas, na construção de conceitos e na apreensão da linguagem matemática (SINCLAIR,1990; MACHADO, 2001; ANDRADE, 2009; NACARATO, 2001; SMOLE e MUNIZ, 2013).

As colaboradoras dessa pesquisa afirmam que a matemática não está mais tão isolada como disciplina na rotina em sala de aula e que os encaminhamentos são voltados para a articulação das diferentes áreas de conhecimento, mas que por vezes ainda é um processo ao qual precisam se organizar.

Para a professora Marcia, as histórias infantis contadas em sala são ricas e possibilitam o desenvolvimento de sequências didáticas nas diversas disciplinas e conteúdos, mas que demanda tempo e nem sempre é possível sua realização. Reconhece que as etapas proporcionadas pelas sequências trazem mais significado aos conteúdos previstos e que é preciso uma organização por parte do docente para que se efetive de forma autêntica.

A professora Claudete entende que os trabalhos realizados nos projetos avançam em uma diversidade de conhecimentos e que muito pode ser entrelaçado. Ela utiliza as histórias infantis aliadas à matemática de maneira interdisciplinar, buscando nas histórias a apresentação, desenvolvimento ou encerramento dos conteúdos previstos no currículo da disciplina.

Mesmo não sendo usual o trabalho com resolução de problemas com crianças que ainda não leem, as professoras alfabetizadoras dos primeiros e segundos anos do Ensino Fundamental, colaboradoras desse estudo, trazem para a rotina da sala de aula esta estratégia na organização e planejamento do trabalho pedagógico. Seja oralmente e com registros em desenho ou nos diversos jogos utilizados e construídos com as crianças a resolução de situações problema aparece com frequência.

O relatado afirma que a partir dos últimos programas de formação de professores de longa duração, a investigação e resolução de problemas em matemática partem de diferentes encaminhamentos e recursos pedagógicos: utilizam as histórias infantis, a leitura de imagens, os jogos, a roda de conversa, dentre outros. Para então, elaborar as sequências didáticas que serão apresentadas aos educandos. Para Smole e Muniz,

no âmbito escolar existe a crença de que a criança somente poderá solucionar as questões voltadas para a área da matemática após adquirir uma série de conhecimentos anteriores [...] isso não é verdade, uma vez que no decorrer da alfabetização há atividades que podem ser realizadas sem que a criança necessariamente leia as situações problema propostas [...] é possível desenvolver situações

problematizadoras envolvendo números e operações sem que a criança necessite do conhecimento das operações fundamentais, mas de modo que ela venha a construir esse conhecimento enquanto resolve os problemas (SMOLE; MUNIZ, 2013 p.70)

As professoras narram episódios da rotina em sala de aula em que situações problema são resolvidas pelas crianças naturalmente, seja na visualização e construção do calendário, na divisão de integrantes de uma equipe para trabalho, nos jogos ou na organização da roda de conversa no início das atividades.

Ao brincar de contar histórias, nos jogos de inventar ou no reconto de uma leitura realizada pela professora, as crianças formulam hipóteses para a resolução dos seus problemas e assumem comportamentos em busca de alternativas com a intenção de transformar a realidade (GIRARDELO, 2006; KLEIMAN, 2005; ABRAMOVICH, 1997).

Para Kátia Smole, “as habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto os alunos leem, escrevem e conversam sobre as ideias matemáticas” (SMOLE, 2004 p.2)

O binômio Rotina/Matemática poderia derivar para: a rotina da matemática, o que também poderia remeter aos processos fragmentados ou tradicionalmente isolados das vivências das crianças, mas o que as professoras contam é que cada vez mais os conteúdos previstos na disciplina são mobilizados com a intenção de articular as diferentes aprendizagens. Para elas, a utilização de histórias infantis como recurso pedagógico é uma das muitas formas de buscar significado para a aprendizagem da matemática em sala de aula.

Entretecer

... Entrelaçar ao tecer, entremear fios. A palavra entretecer caminha por entre estes significados e algumas compreensões podem ser tecidas nesse estudo que aborda as possibilidades de relações entre a alfabetização em matemática e as histórias infantis. A pesquisa é um processo, está sempre em movimento e a perspectiva dessa abertura a outras experiências e olhares pode seguir para novas investigações e outros desdobramentos. Apresento alguns enlaces e arremates, a partir do que já foi exposto.

A História Oral foi utilizada como metodologia qualitativa dessa dissertação de caráter temático. A abordagem para as entrevistas com as professoras empregou as fichas de palavras-chave elaboradas a partir da temática/objeto da pesquisa com o intuito de instigar as lembranças e o desenrolar da entrevista. Nesse processo, há um direcionamento para o objeto de estudo de modo a vincular o tema à entrevista. As professoras contam sobre suas práticas, fazem reflexões e surgem formulações sobre o uso das histórias infantis como um recurso pedagógico na aprendizagem da matemática.

Com as crianças entrevistadas, a abordagem teve como princípio o jogo de inventar histórias binômio fantástico e esse recurso foi utilizado a partir do entendimento de que, as fichas com palavras-chave não seriam a melhor opção para instigar crianças de cinco a oito anos a contar suas histórias. O jogo (no qual as fichas com palavras para desencadear a criação de uma história são elaboradas pelas crianças) e as fichas utilizadas com as professoras, têm o mesmo valor e intenção, usando tratamentos distintos para atingir o objetivo de uma narrativa livre sobre o tema.

Para sistematizar algumas compreensões a partir das textualizações das entrevistas com as professoras, retomei o jogo binômio fantástico com o objetivo de dar visibilidade ao que as professoras atribuíram mais importância, estabelecendo relações entre o aprendizado em matemática e as histórias infantis.

Para que a analogia com o jogo fosse autêntica seria preciso responder à pergunta: como as professoras iriam escolher suas palavras se elas não estavam presentes? E, mesmo que estivessem, um “novo” encontro não resultaria nas mesmas ideias, lembranças ou pontos de vista. Como estratégia, busquei encontrar nas textualizações as palavras que representassem o tom que cada professora imprimiu à sua narrativa. Após alguns ensaios e com o auxílio de um aplicativo que busca a frequência com que as palavras se repetem em um texto, o resultado constituiu-se em uma imagem, em forma de nuvem de palavras. Dois pares de palavras compuseram os binômios desencadeadores da sistematização de um cenário, apresentado no capítulo anterior.

Como uma experiência de observação, após a sistematização, retomei as fichas com palavras-chave utilizadas nas entrevistas, de modo a contrapor com as palavras formadas pelas nuvens. Como hipótese inicial, acreditava que elas seriam as mesmas, ou teriam significados aproximados, dado o fato de que as professoras discorreram a partir desse recurso. Um aspecto interessante a partir dessa observação: muitas palavras chave estão presentes, mas o que despertou maior atenção é o conjunto das palavras que não estão em primeiro plano e que denotam as estratégias, os encaminhamentos do trabalho, outros recursos didáticos, os objetivos e as inseguranças. Enfim, o entrelaçamento da práxis e suas subjetividades na rotina de ser professora.

O olhar para este segundo plano, nas nuvens de palavras, costura algumas reflexões. Um dos questionamentos iniciais dessa pesquisa era: o uso das histórias infantis como recurso pedagógico, na alfabetização matemática esconde a fruição da leitura ou o deleite, a imaginação e a criatividade tornavam o conteúdo significativo. Uma das compreensões acerca dessa pergunta é de que, para algumas das professoras entrevistadas, o trabalho realizado pode caminhar em paralelo. Há o tempo da leitura deleite, da formação do sujeito leitor, mas a contação de histórias nas aulas de matemática pode abrir possibilidades na ampliação da aprendizagem, trazendo o lúdico e novos lugares de significação para as crianças, tendo em vista que as ideias matemáticas partem da investigação, elaboração e resolução de diferentes situações problema ou de jogos, construídos com e por elas. Trazendo as histórias como

cenário e entrelaçando a metodologia investigativa como elemento desencadeador do processo de construção do conhecimento⁴⁰.

Em outras situações a utilização das histórias infantis, lidas, contadas ou inventadas como recurso pedagógico, tem o papel de disparador para uma sequência didática com atividades pré-elaboradas. A cobrança do cumprimento do currículo estabelecido, em muitos momentos, diminui as relações entre o que a criança tem para contar, seus conhecimentos prévios e as possibilidades de escuta da professora. A experiência de escuta sensível, calma, atenta e que busca nas singularidades da criança a relação com o outro do processo de aprendizagem, sofre com a urgência dos tempos escolares⁴¹

Os recursos pedagógicos mobilizados na rotina de sala de aula possibilitam o entrelaçar dos conhecimentos a partir da vivência das crianças, mas ainda existem laços que precisam ser amarrados, como por exemplo, o laço da interdisciplinaridade, no qual há uma permanente busca por mais diálogo, articulações e formação. As professoras contam do medo de “forçar a barra”, quando o disparador de um projeto, o tema gerador, pode levar para muitos conhecimentos (conteúdos) e que uma “coisa puxa a outra” e o objetivo inicial do trabalho se perde. Essa afirmação me leva a pensar que a interdisciplinaridade ainda é vista como a junção de diferentes disciplinas e conteúdos em um projeto, deixando de lado o entendimento de que esta é uma *ação* que necessita diálogo e interação entre o grupo. Para além dos conteúdos, a interdisciplinaridade é entremeada pela experiência daqueles que a vivenciam⁴².

⁴⁰ Esta possibilidade é também uma proposta pelo Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores – CINFOP, UFPR. Segundo Ettiène Guérios, uma das autoras do caderno de avaliação do curso, “Questões do cotidiano infantil, do mundo que os rodeia, de âmbito cultural, podem compor um vasto temário. Pode-se, também, utilizar figuras, cenários, ou converter textos de imprensa, histórias, notícias, em enunciados de significativos e interessantes problemas” (GUÉRIOS et al, 2005 p. 31)

⁴¹ Para Larrosa, “a experiência requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm [...] suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (LARROSA, 2002 p. 24)

⁴² Japiassu evoca que a interdisciplinaridade não é um tipo de conhecimento, mas de ação e por isso “precisa ser entendida como uma atitude [...] sem ter a ilusão de que basta a simples colocação em contato dos cientistas de disciplinas diferentes para se criar a interdisciplinaridade”(JAPIASSÚ, 2006, p. 27)

O letramento em matemática está orientado para a inserção das crianças nas diversas práticas sociais. Os mais variados recursos pedagógicos, entre eles as histórias infantis e os procedimentos metodológicos que propiciam a aprendizagem do sistema alfabético de escrita, simultaneamente às conexões com ideias, que mobilizam conhecimentos associados aos números, às medidas, ao espaço e às formas e às representações por meio de gráficos, tabelas ou diagramas, ampliam o olhar, proporcionando lentes matemáticas para a experiência de leitura deste momento escolar.⁴³

A matemática é um desafio, todas as relações que podem ser feitas e que se evidenciam na fala das crianças quando estão inventando e contando histórias tem muita matemática e estão presentes mesmo quando o professor não está formalmente trabalhando os conceitos da disciplina, mas ele está fazendo matemática com as crianças. As experiências escolares que provocam situações em que as crianças vivenciam, brincam, inventam e criam histórias ampliam as relações com o mundo real e podem constituir caminhos para a atividade matemática na alfabetização.

⁴³ Desta maneira, seria possível mudar “a visão estreita de que a matemática é apenas uma ferramenta para resolver problemas, para uma visão mais ampla de que a matemática é um caminho de pensar e um organizador de experiências” (ONUICH, 1999, p. 208).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, Gostosuras e Bobices**. 5ª ed. Scipione, São Paulo, 1997.
- ANDRADE, Maria Cecília Gracioli. In: **Escritas e Leituras na Educação Matemática**. Org:
- BRASIL, **Parâmetros Curricular Nacional: matemática**. Secretaria de Educação Fundamental. -Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Acervos complementares: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental**, Brasília: MEC/SEB 2009.
- _____.Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Currículo, Alfabetização e Língua Portuguesa. Cadernos 1 a 8**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____.Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Matemática. Cadernos 1 a 8**. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1.º, 2.º e 3.º anos) do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2012.
- BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, Arte e Política. Obras escolhidas**. São Paulo, Brasiliense, vol. 1, 8ª ed, 2012.
- CASCUDO, Luis, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Niterói, RJ. Ediouro, 1972.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense -Universitária, 1987.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo. Companhia das Letras. 2009.

FERREIRO, Emília. & TEBEROSKY Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre. Artes Médicas ,1986.

GARNICA, Antonio,Vicente,Marafioti. **História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação**. *Zetetiké*, CEMPEM-Unicamp, Campinas, v.11, n.19, pp. 09-55, 2003.

_____. **Manual de História Oral em Educação Matemática, outros usos, outros abusos**. SNHMat-SBHMat. 2007

_____. **Registrar Oralidades, Analisar Narrativas**: sobre pressupostos da História oral em Educação Matemática. *Ci.Huma. e Soc. em Rev. Seropédica*, v.32, n.2, Julho/Dezembro de 2010.

_____.; FERNANDES, Dea Nunes.; SILVA, Heloísa da. **Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer**: notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 25, n. 41, dez. 2011. p. 213-250.

_____. **Cartografias Contemporâneas: Mapeando a formação de professores de matemática no Brasil**. Appris. Curitiba. 2014.

GIRARDELO, Gilka. **Voz, presença e imaginação: A narração de histórias e as crianças pequenas**. UFSC, 2007. Disponível em: <http://www.nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka>

GIRARDELO, Gilka. **Por que toda criança precisa brincar (muito)?** UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka>

GUÉRIOS, E. et al. **A avaliação em matemática nas séries iniciais**. Curitiba: UFPR, 2005.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KLEIMAN, Angela, B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Ed. REVER. CEFIEL/UNICAMP. 2005

_____. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. IEL- Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP. Campinas. 2007. Disponível em:

http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento_AngelaKleiman.pdf Acesso em: 05/06/2015.

LARROSA, Jorge Bondía. **Filosofia para Niños: Discusiones y Propuestas**. Walter O. Kohan e Vera Waskman (Org). Buenos Aires. Novedades Educativas. 2000.

_____. **La experiencia de la lectura: estúdios sobre literatura y formación**. México. Fondo de Cultura Económica. 2003.

_____. **Experiência e Alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

_____. **Tremores: escritos sobre a experiência**. São Paulo, Autêntica, 2014.

MALDANER, Anastácia. **Educação Matemática: Fundamentos teóricos-práticos para professores dos anos iniciais**. Porto Alegre, Mediação, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. 5ª.ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. SOUZA, Luzia Aparecida. FERNANDES, Déa Nunes. **História Oral em Educação Matemática: Contribuições para um referencial**. Ciências Humanas e Sociais em revista – v. 32, n. 2, jul/dez. 2010. Seropédica(RJ): ed. Universidade Rural.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NACARATO, Adair Mendes; MENGALI, Brenda Leme da Silva; PASSOS, Cármem Lúcia Brancaglioni. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NACARATO, Adair Mendes. Eu trabalho primeiro o concreto. **Revista Educação**, v.9, n.10, 2005, p.1-6. Disponível em : <<https://flautas.files.wordpress.com/2010/10/eu-trabalho-primeiro-noconcreto.pdf>>. Acesso em: 05 de abr.2015.

ONUICHIC, Lourdes de la Rosa. **Ensino-aprendizagem da matemática através da resolução de problemas**. In BICUDO, M.A.V. Pesquisa em educação matemática: Concepções e perspectivas. São Paulo: Unesp, 1999. p. 199-218.

PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Departamento de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos : orientações pedagógicas para os anos iniciais**. Angela Mari Gusso ... [et al.] Curitiba: SEED/DEB, 2010.

- PERRONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Proj. história, São Paulo. 1997.
- RODARI, G. **Gramática da Fantasia**. Trad. Antonio Negrini. São Paulo. Summus, 3ª ed. 1982.
- _____. **Histórias para brincar**. Trad. Cide Piquet. São Paulo, Editora 34, 2013.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa, 41. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- SINCLAIR, Hermine. (org). **Produções de Notações na Criança: linguagem, número, ritmo e melodias**. São Paulo, Cortez. 1990.
- SMOLE, Kátia. MUNIZ, Cristiano Alberto. **A matemática em sala de aula: reflexões e propostas para os anos iniciais do Ensino Fundamental**. Porto Alegre, Penso, 2013.
- _____. et al. **Era uma vez na Matemática: uma conexão com a literatura infantil**. 5ª ed. São Paulo: IME/USP-CAEM, 2004.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. **Letramento: Caminhos e descaminhos**. Belo Horizonte: Pátio, 2004.
- _____. **Letramento e Alfabetização: As muitas Facetas**. Revista Brasileira de Educação, n.25, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 10/03/2015.
- SOUZA, Solange Jobim. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin**. 11ª ed. Papirus. Campinas, SP. 1994.
- SPINILLO, Alina Galvão. **Para que serve a matemática na perspectiva das crianças**. In: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **Quantificação, registros e agrupamentos**. Brasília: MEC, SEB, 2014, p. 32.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VEIGA-NETO, Alfredo; LARROSA, Jorge. **Literatura, experiência e formação (uma entrevista com Jorge Larrosa)**. In: COSTA, Marisa V. (org.) **Caminhos**

investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação. 3ª ed., RJ: Lamparina. 2007.

ANEXOS

- Transcrições completas das professoras entrevistadas:

PROFESSORA	LOCAL DA ENTREVISTA	DATA
Marlene de Fátima Gonçalves	Terraza Café, Shopping Pátio Batel, Curitiba	21/02/2016
Lúcia da Rocha Alves Pinto	Escola Municipal Elírio Alves Pinto, Araucária	23/03/2016
Marcia Regina Kosinski	Escola Municipal Nadir Nepomuceno Alves Pinto, Araucária	23/03/2016
Claudete Rosa Cosmo	Escola Municipal Maringá, Curitiba	07/04/2016
Kátia Andrea Volcov Reizer	Escola Municipal Vila Zanon, Curitiba	13/04/2016

Gravação: Professora Marlene de Fátima Gonçalves

Duração do Áudio

Primeira parte: 00:29:25

Segunda parte: 00:29:41

Escola Municipal Elírio Alves Pinto, Araucária

Local da entrevista: Terraza Café, Shopping Pátio Batel, Curitiba

Em: 21/02/2016

Sinalização utilizada na transcrição das entrevistas gravadas	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(inc)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	<i>Itálico</i>
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	[minúscula]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos ou da fala de outros narrada pelo entrevistado durante a gravação	“entre aspas”
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá

Professora Marlene: A escola é a escola Elírio Alves Pinto, é uma escola de periferia, bem de periferia do Município de Araucária. A nossa comunidade, assim, tem uma parcela bem considerável de alunos bem carentes, a estrutura familiar complicada, tem problemas sérios na escola, por conta dessa estrutura familiar que são diversas e complicadas mesmo, né. E...., mas é uma escola pequena, é um lugar agradável para trabalhar, mas a estrutura física é um horror, está saindo uma escola nova agora para esse ano talvez quando você for na escola já esteja na escola nova e você vai ver a diferença dos espaços lá. o espaço que a gente trabalha atualmente é um espaço bem ruim, a gente não tem cancha funcionando, então as aulas de ed. física são feitas na...ou no, no patiozinho coberto que a gente tem na entrada ou atrás da janela, da minha janela, então ta dando aula e as crianças tão lá, gritando...correndo...porque no horário de ed. física eles estropolam mesmo né...então o espaço, assim..bem

ruim para dar aula, mas em compensação tem grupo de trabalho na escola muito preocupado com a aprendizagem das crianças de verdade e comparando assim, eu já estive em outras escolas com estrutura física melhor mas que a qualidade do trabalho, a preocupação dos profissionais não era a mesma, então eu me orgulho assim da escola porque os profissionais preocupam mesmo com as crianças e a gente vê o trabalho acontecer né, pois é...eu trabalho horas na mesma escola, agora há uns 4 anos acho...na mesma escola e sempre com alfabetização, né já tenho 16 anos como alfabetizadora desde primeiro ano de magistério já iniciei com alfabetização me encantei e nunca mais larguei, trabalhei e já tive experiências com outras turmas mas sempre volto para alfabetização. Nesses anos, teve um ano só que eu fiquei fora de turma de alfabetização, nos outros anos em escola, sempre com turmas de alfabetização. e as turmas são pequenas lá, eu trabalhei esse ano com alunos, no período da manhã e no período da tarde são turmas pequenas, mas a gente tem dificuldades de aprendizagem que em outras escolas em turmas maiores eu não tive, sabe? é por conta da realidade mesmo, realidade social... muita gente desempregada... muita criança que mora só com a avó...que tem problemas, assim de crimes na comunidade, de crianças que teve o pai assassinado...que teve mãe que já partiu e ficou a vá...fica um pouco com um , um pouco com outro...são problemas bem sérios que é claro que interferem na aprendizagem da criança. mas as turmas são pequenas

PESQUISADORA: hoje você dá aula para quais anos? 1º?2º?

Professora Marlene: 2º ano

PESQUISADORA: as duas turmas são de 2º ano?

Professora Marlene: trabalhava com primeira série né, quando era outra nomenclatura...agora segundo anos. Início de alfabetização. ah eu adoro!

PESQUISADORA: e nos programas de formação...os que você participou...

Professora Marlene: além do PNAIC...

PESQUISADORA: pró letramento também, ou não?

Professora Marlene: não, não...pró letramento ficou de fora...o município não assinou lá e esse ficou...perdemos o pró letramento

PESQUISADORA: Huhum...

Professora Marlene: quer dizer, eu participei assim... bons programas de formação, da prefeitura de fazenda rio grande na época que eu iniciei a carreira...tinham uns programas de formação muito bons, Curitiba também teve alguma coisa...trabalhei seis anos em Curitiba...araucária eu acho que... fora agora o PNAIC, né que eu acho que em formações a gente tem tido é uma organização muito fraca, fico preocupada...nós tivemos um ano ou dois, dois anos eu acho...com uma autora de livro didático que eu não lembro o nome dela...a autora do "Linhas e entrelinhas" ela fez formação acho que dois anos consecutivos no município de Araucária, então formação a gente com relação a alfabetização, letramento foi mais ou menos esse periodo aí com ela e depois ficou as coisas a gente acha...até estava fazendo uma análise esse ano nas próprias formações, que as coisas ficou muito esparças...você trabalha um ano, tem muita formação de história, aí outro ano fica a formação de geografia...outro ano tem alguma coisa de lingua pportuguesa , mas falta a interdisciplinaridade né? a gente não ve as coisas trabalhadas no conjunto durante a formação aí você vai para escola as pessoas cobra , ah...cade a interdisciplinaridade?

PESQUISADORA: é verdade...

Professora Marlene: acho que fora o pnaic, acho que tem sido muito pouco

PESQUISADORA: o que a gente vai fazer agora...é um...

Professora Marlene: é uma brincadeira!

PESQUISADORA: é mais ou menos uma brincadeira...a ideia é que seja proximo disso...eu montei algumas fichas com palavras, ou com expressões, que são muito utilizadas na escola ou na nossa vida...na graduação, na formação...e elas tem cores diferentes e se tratam tres momentos da tua vida...então a tua vida escolar, a tua história como aluna...a tua formação como professora, e tua prática docente hoje de sala de aula, então são tres momentos que eles não precisam ser separados por epocas, você pode ir contando conforme você achar melhor, você não precisa usar todas essas palavras, você pode escolher as que te chamarem mais atenção, as que te interessarem mais, mas aquelas que a intenção é do que faz as tuas memórias se voltarem para questões da formação ou da tua vida como aluna ou da tua vida como professora. então a ideia é que as imagens te façam lembrar de coisas e que você pode pegar uma ficha

comentar sobre ela... outra...a questão cronologica dessa história você que decide como ela vai ser, como você achar melhor...

Professora Marlene: nosssa... a gente vai ficar aqui até a noite!

PESQUISADORA: não necessariamente...

Mar: muitos café então!

Professora Marlene: Puxa, histórias contadas...bom, acho que quem não tem na vida lembrança das histórias que avô, avó contava...pai e mãe quando se reuniam, né acho que começava ali, mas eu particularmente gostei muito de histórias, eu escrevo literatura infantil, sempre gostei demais de histórias, mas assim na minha formação a gente tinha pouco acesso a livros, né? é...pouco acesso a livros de histórias , então eu lembro quando eu era criança, estudava numa escola pequena, que era estadual na época, mas não tinha livros, então eu devia ser uma boa alua, porque a professora sempre me mandava fazer coisas na sala da diretora e tinha uma estantezinha na sala da diretora, mas deviam ser duas prateleiras de um metro de comprimento mais ou menos cada uma que tinha alguns livros de literatura e era o que a escola tinha, mas minhas professoras nunca levavam tudo para escola, e toda vez que eu ia lá fazer alguma coisa, devia estar na segunda ou terceira série, eu ficava olhando para aquele e pensava, puxa...por que a professora não leva? mas a gente tinha pouco acesso a livros mesmo. Quando eu fui para quinta série, a biblioteca...a escola tinha biblioteca e a primeira coisa que eu fiz foi correr para fazer carteirinha, eu lia tanto na escola que a bibliotecária na sexta serie ela não anotava meus livros na carteirinha porque eu levava um livro numa aula vaga e no final da aula eu trazia para devolver e pegar outro, ela nem anotava mais...ela leva depois você me entrega e foi lá que eu comecei a ler e ler bastante mesmo. Me casei muito cedo é...engravidei com 15 anos e casei, então na época que eu me casei eu tinha alguns livros em casa, e como não ia para biblioteca...nem sabia acho que tinha uma biblioteca pública lá na cidade, mas eu relia as histórias que eu tinha em casa acho que umas 10 vezes cada livro pegava, lia de volta, lia outra vez, porque eu gostava muito de ler...e a ideia de ir para escola foi quando eu tive minha primeira filha, ela estava na pré escola e era uma menina muito inteligente, mas passou o ano todo fazendo coisinhas lá na sala de aula e não aprendeu a ler nem uma palavra, quando chegou o final do ano eu

pensei, nossa mas tão inteligente...passou o ano inteiro na escola e não lê nada...aí nas férias eu comprei um conjunto de canetinhas coloridas, um caderno de desenho e comecei a ensinar ela com "a-e-i-o-u, ba, be ,bi,bo,bu...do jeito que eu tinha aprendido...enfim"...em fevereiro ela voltou para aula lendo todas as sílabas simples e nesse período de férias eu pensei assim: se eu consegui alfabetizar uma eu consigo alfabetizar mais...e eu lembro até que era um domingo, eu cheguei na casa do meu pai falei para ele: pai, eu acho que eu vou voltar a estudar, o que que você acha? Ele respondeu para mim: eu não tenho que achar nada, quem tem que achar é teu marido...mas aí na segunda feira, estava super empolgada, já era fevereiro...fui na escola perguntar se tinha vaga, aí eles: ah tem, tem...traga isso, isso corri lá na escola que era a de oitava série era bem próxima, corri lá pegar uma declaração de que tinha concluído a oitava série e fui lá, mas foi assim...pela expectativa que eu tinha em relação a minha filha, né? Poxa, você não aprendeu? e foi assim, meio que sonho o magistério para mim...fiz numa escola muito boa...escola Júlio Shimanski em Araucária eu achei que era um dos melhores magistérios da época, a gente percebia quando estava na faculdade...depois os cursos....a facilidade que a gente tinha para leitura e interpretação de texto, que outras pessoas de outras escolas ficavam lá, se quebrando para entender...bom...histórias em casa....era o que tinha que contava na oralidade mesmo, de deixa ver o que mais que tem aqui...deixa eu escolher outra palavra...histórias na escola: não lembro muito de histórias na escola...hoje quando eu olho assim, a gente conta tanta história na sala de aula, né...faz relação de história, dos conteúdos de ciências...faz relação com história...conta a história se conta com histórias...na nossa época não...era tudo tão, era...tão assim...disciplinar, as coisas...parasse que não tinha história no meio, não lembro...eu lembro das coisas que eu lia...

Inventadas: as minhas (risos), adorava inventar histórias desde criança e as brincadeiras eu gostava de brincar no grupo, mas eu gostava muito de brincar isolada também eu ficava fazendo minhas festas lá inventava que eu era princesa do milharal, ficava contando minhas histórias...brincando...e inventando que tinha uns amigos imaginários lá, minha irmã até acreditava...contava com tanta veracidade as coisas que ela acreditava (risos)

PESQUISADORA: (risos) imagino...

Professora Marlene: no período escolar eu nunca vi relação de escrita com matemática...de leitura com matemática...matemática para mim sempre foi uma coisa muito isolada...sempre tive uma certa aversão a matemática, mas sempre fui bem porque eu estudava muito, tinha dificuldade não entendia direito, eu chegava a chorar e resolver exercício em casa...não conseguia e eu chorava! Daí ia lá, brincar, fazer alguma coisa, depois eu voltava...até conseguir, depois eu sempre estudei muito a área de exatas quando eu estava na escola, em todos os períodos, no período do magistério também, nunca tive dificuldades, assim, sempre tirei notas boas, mas não era a disciplina que eu tinha facilidade para compreender né, mas não...da época da escola eu não consigo relacionar isso...de escrita e matemática não (pausa).

As relações entre as disciplinas: também...a época da escola mesmo no magistério era muito difícil você ver relação entre uma disciplina e outra...raramente conseguia fazer mesmo história e geografia que parece tão lógico de fazer relação, né, mas...não conseguia fazer. Hoje quando eu converso com a minha filha tem um namorado que é professor de geografia, ele relaciona bastante as coisas na história e geografia, eu falo: nossa! Se eu tivesse aulas assim, na época, teria aprendido a gostar muito...alfabetização foi minha paixão, quando eu iniciei...é...a gente começou na fazenda rio grande, eu e um grupo de amigas fizemos um concurso lá, um salário muito baixo, mas...para experiencia né? a gente pagava passagem, na época não tinha carro, ia de ônibus, mas e eu fiquei com muito medo de pegar alfabetização e não peguei alfabetização no meu primeiro ano, peguei uma turma de quarta série na época tinha aquele projeto acelera brasil e a gente tinha muitos alunos bem fora de idade, minha turma era metade de alunos entre 14 e 16 anos, brigavam...era um terror assim...foi quando chegou o mês de maio eu tive uma confusão com a turma porque a gente também não tinha hora-atividade então quem dava ed. física era o professor do turno e eu tive uma confusão com os alunos lá na ed. física, um grande bateu num pequenininho e eu me indignei com a turma, cheguei para diretora e falei: ó não entro nunca mais nessa sala, aí ela falou para mim, está bom, então você fica segunda feira, era uma sexta, segunda você vai para primeira série, era uma turma que estava sem professor desde o início do ano, a gente já estava em maio, então eles ficavam com estagiário...um

estagiário um dia...outro no outro...assim até o mês de maio...tudo bem, na segunda feira, eu cheguei e olhei para minha turma de quarta série e eu queria chorar, porque daí como que eu ia dizer, que eu quero eles de volta né? mas aí já tinha falado que ficaria e eles acharam bom, porque era mais fácil conseguir um professor para quarta série do que alguém que quisesse alfabetizar, e eu fui morrendo de medo porque assustavam tanto a gente que era tão difícil de fazer né, e entrei naquela turma de alfabetização mas eu lembro das carinhas até hoje, assim...lembro que eu cobrava muito deles até o final do ano, mas eu lembro que quando eu iniciei as professoras trabalhavam com primeira serie dentro da escola vieram para mim com aquela coisa de babebibobu e aioioi e olhei para aquilo lá e pensei não, não é o que eu quero fazer, acabei de sair do magistério né, não é o que eu quero fazer, eu quero tentar aquilo que eu aprendi e comecei com eles por meio de texto, e funcionou, funcionou...então nunca tive a prática de trabalhar com silabas, só com silabas e inicia por essa, dois é essa, depois aquela...porque eu queria mesmo testar se aquilo que eu tinha aprendido no magistério dava certo e depois eu percebi que deu, eu tive uma experiencia com colega que entrou dois anos depois na fazenda rio grande e veio me pedir umas dicas de como trabalhar porque ela pegou turma de alfabetização e aí quando eu falei para ela a metodologia que eu trabalhava, e passei alguns materiais para ela, olha: trabalha a partir do texto...conte muita história... deixe livros soltos para eles verem lá comecem e ela ficou meio com medo, mas será que vai dar certo...falei para ela: olha, se a gente não contar com quem acabou de sair do magistério e não fizer a tentativa, quem vai tentar, né...vai ficar o resto da vida desse jeito? Então pelo menos tente, se não der certo...mas para mim pelo menos deu...e hoje ela é uma alfabetizadora melhor do que eu, aprendeu muitas coisas...foi uma experiencia muito bacana, mas nunca mais quis abandonar a alfabetização depois que iniciei com eles sempre busquei fazer relação entre as disciplinas, mas eu acho que teve uma época que eu trabalhei em Curitiba, que a gente abusava muito...pegava um texto por exemplo as borboletas lá...do...borboletas...do Vinicius? Brancas, azuis, amarelas e pretas... (murmúrios) tem uma poesia das borboletas. pegava essa poesia, começava a trabalhar com as borboletas, daí buscava um texto que trabalhasse...é....com a metamorfose...e ia buscando coisas, que trabalhasse com cores que a poesia

trabalhava com cor, mas daí quando você via puxava muita coisa, aquilo lá nunca acabava, uma coisa puxava outra, mas a gente também não tinha claro naquela época o que era a interdisciplinaridade, em Curitiba, eu saí da rede na época em que começou a se discutir um pouco mais, eu lembro que nós tivemos uma palestra com a Madeselve, da Federal, e depois da palestra dela eu...nossa...você me desconstruiu porque tudo que eu faço para fazer aula não é interdisciplinaridade, é "encher linguiça" porque ela tinha falado que a gente ficava enchendo linguiça e não...mas daí depois eu acabei indo para São José dos Pinhais e também não teve nenhum trabalho assim...acho que era pouca formação de alfabetização...muito pouco...e Araucária menos e a gente acaba vai trabalhando como você sabe trabalhar, uma coisa aqui, outra coisa ali...e acaba não fazendo muito, eu voltei a pensar nisso agora com o PNAIC, nessa relação entre disciplinas e o que é trabalhar com interdisciplinaridade, eu voltei a pensar nessas coisas de volta agora...a olhar pro currículo né, ano passado se discutiu muito com as meninas na escola, que a gente olha, fica trabalhando uma porção de coisas e quando você olha o currículo está lá inteiro e tem um monte que não trabalhou, mas você trabalhou um monte de coisas em sala de aula de aula! mas não estava no currículo...então a gente começou agora com um pouco...é mais do cuidado, olhar a partir do currículo para trabalhar..ah....o uso de literatura, na rotina da sala de aula...as vezes pegava uma história ia lá na estante, e agora com esse monte livro que o PNAIC trouxe, ia lá na estante pegava um livro muito legal, que dá uma sequência didática bacana e começava a trabalhar com as crianças mas estava acontecendo muito nos primeiros anos, depois, quando você ia olhar novamente não tinham muitos conteúdos...os de língua portuguesa você abarca lá,

PESQUISADORA: sim...

Professora Marlene: porque qualquer literatura você consegue tirar muita coisa da língua portuguesa, mas quando tinha matemática, ou história, geografia...as coisas iam ficando de lado...agora acho que um novo momento de aprendizado a gente estar olhando para...primeiros conteúdos, depois eu vou buscar quais as literaturas que conflitam conteúdos e que possibilitem essa relação interdisciplinar né, isso eu achei bacana que a gente começou a discutir agora... (pausa)

Hum....escolher...programas de formação eu já falei...língua materna e matemática: ah eu acho que a gente sempre trabalhou até as pesquisas né...eu leio muito ...eu gosto muito de ler, então sai artigos em jornal, em revista...é...eu gosto muito de ler as coisas que estão saindo e parte de língua materna, eu acho que a gente vem, apesar das de muita dificuldade a gente sabe ainda aquém do que a gente precisava estar mas acho que tem tido muita discussão, sempre tem muita pesquisa...e a parte de matemática não, a parte de matemática é tão fraca em pesquisa nos anos iniciais sempre pensei assim, que matemática é uma coisa meio natural com as crianças, eles aprendem matemática desde pequenininhos, é como aprendem a língua materna, mas quando você chega na escola e você quer sistematizar a questão de leitura e escrita, você tem pesquisas que respaldam a sistematização e para parte de matemática acho que tem muito pouca coisa escrita, procura coisas para trabalhar matemática e não tem, a gente olha os livros didáticos se for olhar os livros didáticos de língua portuguesa de alfabetização, se for pegar por exemplo dos últimos dez ou quinze anos ele teve uma evolução muito interessante, existem livros bom hoje em dia de língua portuguesa, que trabalha com a questão da alfabetização mas que também trabalha a ampliação, letramento, questão de visão de mundo, se você pegar os de matemática, a maioria deles tem o mesmo padrão que tinha a dez anos atrás, mudou muito pouco...dá a impressão assim que a matemática estava muito parada, acho que o PNAIC agora veio dar uma mexida para isso e ver se caminha para frente...as rotinas e histórias, bom a sala de aula virou rotina, eu sempre gostei, eu não sou...não vou dizer que tive mudança radical e 100 por cento com o PNAIC porque sempre utilizei muita história de sala de aula mas o fato de ter agora uma estante de livro na sala eu lembro no dois anos atrás eu entrei na sala de aula acho que estava tendo uma festa na escola e os pais estavam lê então sala aberta, cheias de exposição e aí no finalzinho da tarde que já estava diminuindo o público ali na escola eu entrei na minha sala e fui organizar os livros no meu armário, abri a porta da sala, sentei lá e comecei a organizar umas coisa aí entrou umas meninas, não eram minhas alunas, eu estava na sala, e duas delas estudavam naquela mesma sala no período da tarde e uma delas estudava na outra sala eram alunas do segundo ano, entraram na sala as três assim, como se eu não estivesse lá daí sentaram na cadeira, uma

abre um livro de história, as duas sentaram do lado dela: eu vou ler para vocês, não elas eram do primeiro, não eram do segundo, do segundo era a minha turma, segundo ano, elas eram do primeiro ano...uma foi ler e as outras ficaram do lado dela assim, foram lendo os livros aí uma hora uma delas que era da foi lá e pegou um livro meu, que eu tenho três publicações, pegou um livro meu e trouxe, sentou e esse aqui, foi ela que escreveu...apontou para mim....dai nesse momento que elas me perceberam na sala de aula, eu achei tão interessante...pensei assim: se não tivesse uma estante de livros que elas se sentiam donas, porque é nosso né, a gente vai lá e pega o livro quando quer e devolve quando quer, ninguém fica pegando no pé, elas não teriam entrado na sala comigo lá dentro...coisa que pertencia a elas, eu achei assim uma experiência legal...ó, nunca vou esquecer, achei muito legal e daí elas só...esse livro foi ela que escreveu, falei: oi too aqui...achei uma graça...(risos)

PESQUISADORA: risos

Professora Marlene: e meus alunos este ano, para você ver já tive que brigar com o aluno: não é hora de ler: agora põe esse livro na caixa de leitura, eu canso de dizer, e vou explicando...e a aluna que estudava em casa, a mãe as vezes marcava às vezes tarefa e devagarinho começou a ler ela sentava bem do ladinho, pequena né, tão grudadas as estantes, começou a pegar livro da estante e essa era...final do ano...mas em sala, mas eu tive...briguei...porque ela...você veja acho incrível, porque no início do ano, assim, um sufoco para aprender a ler, falei: agora ela deslança né ela não precisa mais...ela lê tanto, tanto, tanto que as informações vão...e assim, super esperta. é...eu tive uma vez uma discussão com uma pedagoga minha, que ela falava assim: ah, seus alunos eles leem mas a escrita deles não tá boa, né muito erro ortográfico...tudo bem, eu falei para ela, mas a gente vai ficar discutindo aqui o resto da vida e não vai sair daqui, porque eu aposto na leitura...eu acho que é com a leitura que a criança transforma ela vai melhorar a escrita pela leitura e essa aluna minha desse ano, é um exemplo disso, porque tanto que ela superou erros ortográficas, assim, que você não imaginaria...porque em julho ela não estava lendo ainda e agora pro final do ano ela escreve quase sem erros ortográficos, quase, assim...ss/ç e mesmo assim como ela pergunta...a maioria das coisas, ela ...e nada que eu sentei para ensinar...era muito desatenta, as coisas que ela

aprendeu com a leitura dos livros, muito, muito legal! Essa rotina acho que o PNAIC sistematizou isso de um jeito que...agora não morre mais. Ah letramento o tempo todo, menina! tem....e criança é tão bacana porque eles...você começa a falar um assunto de ciências, eles lembram de uma coisa, que viram na televisão, que viram no computador, que tem um livro na sala...é muito interessante você estar trabalhando com eles um conteúdo lá, as vezes, de história, de geografia e o aluno: professora, mas tem uma coisa aqui no livro que eu vi e correm lá pegar, eles contam aonde está...a gente trabalhando com matemática...com horas, e eu comecei a falar para eles, era o início do conteúdo, né...aonde é que surgiu...e o menino lá: professora eu vi uma ampulheta! eu não tinha mostrado o que era ampulheta ainda, eu vi ampulheta no livro! E foi lá e encontrou o livro e mostrou aonde é que estava o desenho da ampulheta e o livro nem era de literatura, era um livro de matemática! Encontrou aonde é que estava daí eu falei para ele: mas como é que você sabia que isso aqui era ampulheta? Você tem um brinquedo em casa, viu na televisão? não, porque eu li aqui embaixo...(risos) ele gravou o que era a ampulheta! muito, muito bacana...ah letramento com matemática, letramento é meio com tudo, a gente tem trabalhado bastante, a partir...isso a partir do PNAIC, essa parte vou confessar que eu falhava muito antes...é sempre olhava para matemática como uma serie de conteúdos para trabalhar, a gente aproveitava aqueles exercícios que não extrapolam muito a questão do letramento, e eu sempre preocupada que a criança aprendesse a fazer a leitura do relógio...muito mais do que ela entender o que era o tempo, o que é a hora...mais preocupada que ela conseguisse resolver aqueles exercícios né, prod/problem/ também trabalhava muita coisa para...e...resultado da operação, mesmo com instrumental mas resultava em coisas...agora desses dois anos para cá, trabalhando com PNAIC...que a gente tem trabalhado muita coisa com eles, eu digo, quando falo a gente porque acaba ficando um grupo né, planeja e troca ideias e mas muita coisa de problemas abertos para eles pensarem, e fica muito divertido, as respostas, muito divertido...e quando você vai para uma situação problema que exige cálculo percebe que eles estão mais espertos para pensar, escolher a resposta certa, e antes tinha mais dificuldade, mesmo trabalhando com eles com problemas que quase sempre acabavam tendo um resultado tão matemática

ali...é...eles tinham dificuldade de compreender vários tinham dificuldade de aprender, e agora como a gente trabalha bastante problema aberto, mesmo a criança que tem dificuldade, que ainda não consegue fazer a operação, mas consegue dar uma resposta...e eles vão mais seguros, e levantar hipótese do que está acontecendo ali, o que pode ser, ficam mais a gente trabalha com mais história, para poder levantar depois um problema, então eles ficam mais atentos a aquilo ali porque o problema é interessante... ábaco aberto, livreto e outro material, está fazendo às vezes um trabalho em equipe e as vezes falta alguma coisa...ah é só entrar mais alguém na nossa equipe e vai dar certo. Então eles mesmos sabem ver esse tipo de problema, acho que letramento em matemática o tempo todo...a gente fez esse ano o trajeto escola, era um trabalho de geografia, mas no final estavam trabalhando bastante matemática, eles trouxeram de casa, com a ajuda do pai e da mãe e uma colega minha de escola tinha feito o trabalho, depois perguntei para ela: como você fez? Ah, não...já corrigi já mandei para casa...daí eu falei: como assim já mandou para casa? Mas você não conversou com eles? Ah, já corrigi, dei nota e mandei para casa...Nossa e eu estou lá ainda...e um dia eu falando com eles, de um por um no quadro e pedindo para explicar...peguei a primeira criança e está, vamos ver...você mora aqui, passa...passou aqui...me contando e daí, que número é tua casa? Se eu for procurar a tua casa eu não encontro...não tem número...você não colocou número aqui...rua, não tem nome da rua...se eu for para casa..., mas eles sabiam direitinho de onde que ia e para onde que ia. Tinha uma menina que deve ter feito sozinha, a mãe não ajudou, mas ela fez umas montanhas, e a escola tinha um buraco no final da rua e tem umas colinas para subir...e ela falou para mim...não a minha casa é aqui! Mas então eu percebi, ah então eu sei, sobe aqui essa rua, vai descer lá...e sobe de novo daí é tua casa...e realmente faz, eles sabiam os lugares...daí teve uma menina que fez uns desenhos, uns rabiscos...e eu: que é esse negócio aqui que eu não estou entendendo...ah! Isso aqui é o barrinho, porque para chegar perto da minha casa tem um barrinho no meio...

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

Professora Marlene: Eu deixei a estagiaria... eu não né, na verdade a escola que organizou para estagiaria ficar com a minha turma nessa formação,

que teve no mês de outubro, ficou dois dias na minha sala, eu deixei tudo programado, bonitinho, para ela trabalhar e expliquei para ela o que ela tinha que fazer. Falei para ela, nesse dia aqui ela ia passar um filme sobre a família monstros, depois trabalhar um outro livro de literatura que eu tinha deixado e alguns conteúdos de língua portuguesa e alguns jogos de histórias de matemática, então eu falei para ela: você vai fazer assim, dessa forma, vai fazer com eles, vai conversar, mesmo que vá metade da aula, esse horário é de conversa...deixa que eles falem o que eles pensam. Depois quando eu voltei ela falou assim para mim: ela está fazendo pedagogia né, ela falou assim para mim: Marlene, eu aprendi mais com as explicações que você me deu aquele dia e com esses dois dias que eu fiquei na tua turma do que eu aprendi em um semestre inteiro na disciplina de alfabetização. porque daí ela fez as atividades e viu como aquilo foi produtivo na sala de aula com as crianças, né então no final dessa atividade que eu dei para ela tinha um jogo na parte de matemática, envolvia sistema monetário e tudo mais, e ela falou: eu trabalhei com alunos de terceiro ano que não davam conta de fazer um jogo usando o sistema monetário como os teus alunos fizeram, porque a gente trabalhou desde o início do ano com os alunos, claro um pouquinho né, lá com os palitos...tapetinho...depois é...para cédulas só de dois reais eles usavam depois foram fazendo trocas...aí chega no final do ano claro que eles dão conta, pois você tá trabalhando né, está fazendo todo dia. eu não tinha falado de jogos, bom, jogos...nunca trabalhei com tanto jogo na minha vida...trabalhei...eu tive um período na secretaria de educação e quando eu voltei eu voltei com uma turma de alfabetização na minha escola e voltei para trabalhar com o suporte pedagógico em outra escola, então suporte pedagógico são alunos com dificuldade de aprendizagem, mas que não tem uma avaliação para uma multifuncional, sala de recursos, né? tem lá uma professora tem lá uma professora, uma espécie de professor de aula de reforço mesmo, então primeira coisa que eu pensei: nunca trabalhei com isso, mas se a metodologia que a professora está usando na sala de aula não está sendo suficiente para que eles aprendam, não adianta eu querer dar tarefa no caderno e comecei a procurar os jogos que a escola tinha e emprestava até de uma escola para outra, eu trabalhava em duas escolas, dois dias em uma e dois dias em outra com os alunos, e no final do ano a gente fez, participei dos dois

conselhos de classe que teve na escola, final do ano quando teve o ultimo conselho teve crianças que eu olhei assim e pensei...não progrediu muito, eram só duas aulas por semana mas essa criança não progrediu muito, mas as professoras de turma acharam que progrediu um monte! de coisas que não fazia, não se expressava, não fazia e final do ano elas faziam, e foi o suporte pedagógico porque a metodologia da sala era a mesma, o que tinha de diferente era o suporte pedagógico, então comprovei para mim mesma o quanto dava certo trabalhar por meio de jogo claro que tem que pensar, se eu queria trabalhar a parte de matemática , tinha que ter um jogo... se era sistema monetário...dependendo do que era, tinha que programar um jogo que tivesse a ver com o conteúdo que eu queria ensinar, mas eu achei que foi muito, muito produtivo e as crianças gostavam, que daí na visão deles, até é uma coisa que a gente discutia as vezes com as meninas do pai, que a criança vai para escola e diz que só brincou, eu particularmente acho uma maravilha, quando a criança chega pro pai e para mãe e diz: eu só brinquei...porque você ensinou um monte de coisas, deu um monte de conteúdo naquele dia, e a criança chega em casa e diz que só brincou...outro dia o que ela quer? ir brincar na escola! Do ponto de partida para aprendizagem é isso, a criança tem que gostar de ir para escola.

PESQUISADORA: Huhumm...

Professora Marlene: Eu tenho orgulho de dizer que meus alunos adoram ir para escola, tem aqueles dias de chuva e tem professores que juntam turma lá...vão passar um vídeo...e coisa e tal...eu nunca faço isso com os meus alunos, vem dois ou três, a gente vai fazer um jogo, vai fazer uma atividade em sala de aula...não tem história de filminho, tem mania, início do ano, não conhecem a professora direito ficam levando filme de casa, levam dvd...professora! Passa o filme...eu escolho filme para eles, uns dois ou três durante o ano, eu não vou dizer que não passo, as vezes até quatro..., mas é o filme que eu escolho, não o que eles levam. E nesses dias até para aproveitar para fazer jogos, uma atividade diferente, para montar um jogo novo que daí tem pouco aluno e é mais fácil de fazer, né. mas eles gostavam, então um tempinho assim, intervalo, final de aula, intervalo entre uma atividade...porque tem alguns anos, eu estava lá em São José ainda, eu cheguei na escola e pensei assim: a gente dá um monte de conteúdo para as crianças, mas tem criança que fica na metade do caminho, ela

não consegue fazer a metade da tarefa, daí você pula aquilo lá e vai para outra, porque ela não conseguiu mesmo e vai para frente, então quando eu estava em São José, acho que foi em dois mil e sete, uma ano de eu sair, eu cheguei na escola início do ano com uma meta: a partir de hoje todos os meus alunos fazem todas as tarefas. E eu sigo essa meta até hoje, então eles têm assim, eu chego na sala de aula, se a atividade é de alfabetização, a gente trabalhou com uma literatura, depois eles tinham que completar palavras...terminou essa tarefa, vai brincar, e eu continuo ajudando aqueles que não terminaram. Quando todo mundo termina a gente vai para tarefa seguinte. E eu não gosto de sobrecarregar aluno, se o meu objetivo hoje era essa tarefa de língua portuguesa, eles tinham que fazer a leitura, uma interpretação oral e depois completar palavras, porque eu vou sobrecarregar eles de tarefa se a tarefa ali era aquela? Então eu deixo eles livres para brincadeira, mas daí as brincadeiras são coisas mais organizadas, por exemplo, se já trabalhamos com o jogo do tapetinho, então hoje, jogo do tapetinho está lá na lista, então pode pegar. Tem o tabuleiro de operações? Pode usar o tabuleiro de operações, então eles têm alguns jogos...leitura sempre pode, eu tenho aluno que pode ter brinquedo na caixa mesmo, porque acho que tem momentos em que tem que ter brincadeira livre, e eles deixam a caixa de brinquedo, "Professora, pode pegar livro? " Então livro sempre pode, nunca está de fora. Mas tem dia que pode jogos de Matemática, tem os jogos da caixa do (ininteligível), você conhece aqueles jogos (ininteligível) de alfabetização? (Ininteligível) também aqueles que eles já conhecem, que já sabem jogar, e fica lá para que eles possam jogar, assim que todo mundo termina a tarefa, a gente volta para recomençar essa nova etapa da atividade ali. E eu acho que tem funcionado muito bem, porque até os alunos com mais dificuldade, eles podem não dar conta sozinhos, mas com a sua mediação eles sempre concluem todas as tarefas que você trabalha ali. E não sobrecarrega as outras. Minha filha brigava quando ia para a escola, que ela falava assim "mãe, a gente termina uma tarefa, a professora dá outra, a gente termina mais uma, a professora dá mais uma e dá mais uma, a gente nunca descansa. E daí tem aluno que não faz nada, porque eles não sabem fazer e ficam lá e não fazem nada. E aí a gente faz um monte de tarefa e a professora vai dar prêmio para aquele que não fez nada. No dia que ele consegue fazer uma coisa sozinho, ela

vai lá e dá uma folha para ele pintar. E para a gente ela não dá nada. ” Então sabe essas experiências (ininteligível) dos filhos também, né, as reclamações, meus filhos falam, levam muito jogo para casa para treinar, às vezes, para ver como funciona, e elas falam que elas não tiveram na escola nada desses jogos. (Ininteligível) elas conheceram lá em casa, quando eu levei da escola. Então quando eu faço jogos assim, estou elaborando coisas, às vezes compro algum jogo diferente, [elas ficam] “nossa, essas coisas eu não tinha na escola, eu não tive isso na escola”. Essas reclamações deles me fazem pensar também como é que a gente trata a criançada lá na escola, o que as crianças contam, (ininteligível) demais a escola (ininteligível), contam demais. E é interessante, assim, quando a gente está trabalhando na oralidade, você está trabalhando o conteúdo, por exemplo, sobre os meios de transporte, aí está trabalhando lá, olha, tem que usar cinto de segurança, porque é perigoso, aí alguém conta uma história de alguém que se acidentou. Daí todo mundo tem uma história para contar, daí que não tem um real, inventa, né, e você sabe que eles estão inventando, mas eles inventam. Eles adoram contar. E os jogos, quando você pergunta para eles, assim: “o que vocês gostam na sala, as coisas que vocês gostam de fazer na escola”, sempre está “gosto dos jogos, gosto de brincar, gosto dos jogos”, eles nunca dizem “gosto da aula de História, gosto da aula de Geografia, gosto de fazer tarefa...” Às vezes tem algum puxa-saco que diz que gosta de tarefa. Mas eles falam que eles gostam de brincar, gostam de jogar...

Pesquisadora: É, criança, né? Criança...

Professora Marlene: As narrativas em sala de aula, a gente tem feito também bastante oralidade... Narrativas de coisas deles mesmo, eu acho isso sempre bem importante colocar. E produções escritas mesmo, né, que a gente faz, produções escritas sobre atividades feitas na escola, sobre as coisas que eles fazem em casa, muito no coletivo. A parte da Matemática é bacana que dá sempre para a gente fazer narrativa coletiva. A produção textual, narrativa oral mesmo. Eu fiz uma atividade com os alunos, esse não era a turma de alfabetização, era de suporte pedagógico, mas que também era de alfabetização, porque a maioria das crianças tinham dificuldade com alfabetização. Então a gente trabalhou com um jogo e eles tinham que, no final, me descrever as regras do jogo. “Me ensina agora como jogar”. Foi muito

bacana, estavam em cinco alunos na sala, e aí eu ia gravando eles falando as regras do jogo. Mas era interessante que ninguém conseguia falar tudo que precisava para jogar. (Ininteligível) “não, não conseguiu, não entendi. Faltou coisa, começava o que você falou que daí pega os seus dez reais e troca por cédula de dois, mas quem te deu esses dez reais, de onde você tirou isso? Passa para o próximo, tenta contar”. Menina, foi muito bacana! E eu nunca tinha feito uma experiência de fazer eles relatarem oralmente, né. A gente acha que fazer narrativa tem que escrever, tem que escrever. Eu brigo muito até com a pedagoga lá da escola, a gente está conversando com eu falo, olha, a gente tem que parar com essa mania de achar que tudo que a criança faz tem que estar registrado no caderno. Se você quer aquela produção textual no caderno da criança, não precisa ela copiar. Digita. Imprime para todo mundo, passa no estêncil, roda para todo mundo, né. Porque daí eles têm lá no caderno. Agora, imagina, você fez uma produção coletiva, fica bem bacana, mas vai dar lá duas páginas de caderno. Você tem criança que não tem nem coordenação motora suficiente no segundo ano para copiar. E aí? Quer dizer, além de fazer, de cada vez que vai produzir um texto, eles pensam “vamos falar pouco, porque tem menos para copiar”. Então tem umas coisas que a gente perde muito tempo nas turmas de alfabetização. Registro demais no caderno, copiar texto do quadro, copiar questão de interpretação do quadro. O dia que essa estagiária ficou na minha turma, eu falei “olha, pelo amor de Deus, essas questões que estou deixando de interpretação aqui, são na oralidade.” Porque se cada criança que vai interpretar e vai escrever, você tem que fazer [a reescrita] daquilo lá, né. E aí, como é que fica? O tempo que você gasta? Dois dias, três dias reescrevendo interpretação que dá para fazer na oralidade? Então essas coisas eu tento, assim, controlar a quantidade de escrita deles no caderno para não ficar muito cansativo, [a escola fica chata]. Chato. A gente tem feito muito, escrito bastante, regras de jogo com as crianças também na escola. Então eles jogam, depois a gente faz na oralidade, e daí eu vou escrevendo, depois passo para todo mundo as regras daquele jogo. Falo para eles: “oh, vocês vão chegar em casa, se quiser ensinar o pai e a mãe a jogar, está aqui”. O pai e a mãe leem a regra e dá para jogar em casa também. Ah, eu acho que falei meio de tudo que você me perguntou. De tudo que você me ofereceu aqui. (Inaudível) Olha, antes de fazer

o (ininteligível), eu não usava muito História e Matemática, e depois o pessoal começou a pesquisar que história que dava para trabalhar, (ininteligível) Matemática, nossa, a maioria delas têm, né. Mas tem que ser sem forçar a barra, porque muita coisa na Matemática a gente colocava lá aquelas coisas absurdas, que não tinham relação nenhuma com Matemática, a gente forçava (ininteligível). E agora não, agora olha quanto livro, quanta coisa tem, às vezes não tem uma porção de coisas que dê para fazer relação com a Matemática no mesmo livro, mas você aprende com as crianças, por exemplo, a contar o número de páginas que tem o livro, eles olham e “ah, professora, esse livro aqui tem vinte páginas, esse aqui tem doze páginas”, né. A contagem, deixa lá, 1, 2, 3, vamos contar juntos aqui para ver aqui quantas páginas tinha o livro, que (ininteligível) [situações-problemas] que depois dê para você fazer, resolver com eles no problema aberto, que serve depois também para a produção textual, né. Localizar também alguns livros que tenham possibilidades de trabalhar com a Matemática de forma mais esquematizada mesmo, a questão das medidas, né, que tem alguns livros bem bacanas que trabalham medidas. A gente pesquisa umas coisas aí na internet também com eles. (Inaudível) E bem bacana, a gente começa a fazer isso, né, procurar, trazer histórias para eles que tenham a relação da história com a Matemática, e às vezes eles mesmos contam lá, “oh, professora, esse aqui, olha, aquele conteúdo que você trabalhou aquele dia que estava falando de hora, esse livro também fala”. Eles vão trazendo umas coisas também. A troca com os professores. Você conhece um livro, mas daí você tem um outro colega que fala “ah, legal, você trabalhou esse livro? Tem esse outro aqui também, olha, que bacana, que dá para trabalhar”, coisas que antes a gente não visualizava no livro, né. Parecia que o livro era só para trabalhar com Língua Portuguesa. Quando muito, né. Porque tem muita gente que nem usava para trabalhar em Língua Portuguesa. E agora você fica caçando, vai trabalhar tal conteúdo, espera aí, qual a história que tem? Descobri umas riquezas. Às vezes me decepiono, vou pelos títulos lá na livraria, até compro livro, né, olha que bacana esse aqui, chego em casa... não, não dá para trabalhar com esse livro. Mas eu tenho feito muita atividade (ininteligível). No que é possível fazer, né? Tentando não forçar, tentando ser interdisciplinar sem forçar muito a barra com as crianças. Mas a gente tem usado muito mais histórias. Eu acho que, eu diria

para você assim, que há uns três, quatro anos atrás, minhas aulas de Matemática raramente tinham um livro de história envolvido. E hoje em dia eu acho que em 70% das aulas de Matemática tem alguma história. Às vezes não dá... da história, não tem um livro de história, mas pelo menos uma narrativa oral, né, coisas que você lembra de contar ou inventa mesmo na hora para ilustrar aquele contexto, e funciona muito bem. É muito legal. (Inaudível) E jogos a gente tem construído com eles na sala de aula. A partir de leitura também, né. Vai trabalhar com determinado conteúdo e já começa a pensar que jogo que dá para fazer. O sistema monetário, nossa, falei muito mais nesse último ano do que eu trabalhava antes com eles, por conta dos jogos. Porque aí eu trabalhava um conteúdo novo, envolvia o conteúdo, mas envolvia também o sistema monetário. Envolvia conteúdo em um jogo sobre horas, né, trabalha lá a questão do tempo. Uma coisa que eu aprendi que achei bem relevante, é a gente trabalhar com a criança muito mais para ela ter a noção dos conceitos, nos anos iniciais. Acho que antes a preocupação era muito grande em você ensinar conteúdo. E agora a gente percebeu que... eu acho que nem todo mundo ainda, tem gente que está difícil de fazer entrar na cabeça, mas a importância que é a criança ter a noção dos conceitos, ela compreender como aquilo funciona antes de internalizar o conceito. Então como funciona a passagem da hora, o sistema do tempo, a relação de coisas com o dia a dia dela, com as atividades da sala de aula. Eu fazia assim, a minha rotina tinha uma coisa de pontual nos conteúdos. Por exemplo, o calendário, se era lá no segundo bimestre – acho que agora (ininteligível) é trimestre – mas se era lá no segundo trimestre que iniciava calendário, no início do ano eu não dava muita importância para aquilo. (Ininteligível) calendário, mas ia dar uma ênfase maior quando chegava no segundo trimestre porque era conteúdo. Então hoje eu fiz uma inversão total nas coisas que eu trabalho. Agora, o relógio está lá no primeiro dia, e eu começo, no primeiro dia, a mostrar para eles como se vê a hora. Não interessa que o conteúdo está lá para o último trimestre, é no primeiro que eles vão começar a olhar lá para o relógio. Calendário, eu gosto do calendário linear, fica fácil para eles visualizarem, então a gente trabalha desde o primeiro dia da aula, quantos dias tem esse mês, eles não sabem que é 30, né, mas esse mês tem 30 dias, então a gente suprime lá, guarda o 31, que esse mês não vai ter 31. Todo dia a

gente muda o calendário, daí eles usam o outro calendário, mas o linear é o que a gente marca todo dia com as crianças. O tempo também, que é importante olhar com eles, todas essas coisas que antes tinha um momento lá do conteúdo que você colocava, eu, da minha parte, puxei tudo lá para o início do ano. Então a gente trabalha desde o início do ano, chega no final do ano a maioria das crianças está conseguindo fazer a leitura de um calendário, está conseguindo entender quantos dias passaram, quantos dias faltam. E antes eu não conseguia atingir isso com eles, porque a gente trabalhava assim pontualmente, quando chegava o momento do conteúdo, e no restante do tempo a gente não dava muita (ininteligível) para o ano inteiro. Olha que coisa difícil de entender, o tempo, né. Uma criança de seis anos... os nossos alunos, (ininteligível). As crianças do segundo ano têm seis anos, fazem sete em setembro, outubro... entendeu, o tempo não é (inaudível). (Inaudível) Leitura (ininteligível) que eu falei, eu acho que quanto mais lê, melhor vai ficando a escrita. Teve um ano que eu peguei uma turma de segundo ano, na metade do ano, foi o ano que eu voltei da Secretaria de Educação, e as crianças estava com muita dificuldade, então a maioria não lia sequer palavras simples ainda na metade do ano. (Ininteligível) consoante, vogal. Não ia para frente. E eu trabalhei com esses alunos. Quando chegou no final do ano, eu ia ter que reprovar vários alunos, que lá a gente tem que reprovação, e eu falei para a pedagoga, “olha, eu assumo essa turma no terceiro ano, aprovo todos os que eu acho que tem que aprovar, e assumo eles no terceiro ano, mas é para (ininteligível), todos os alunos da minha turma e os que couberem mais, mas os meus, quero todos”. E daí eles concordaram. Então no ano seguinte, eu fui fazer trabalho de alfabetização com eles. Mas eu tinha iniciado ali no segundo ano. E tinha uma aluna minha que no final do ano ela lia super bem e fazia produções textuais inclusive com paragrafação já, sabe, organizadinho assim, pontuação, e quase nada de erro ortográfico. E aí olhando para ela eu pensava “é a única”, porque era uma turma bem complicada de trabalhar mesmo, muito difícil aquela turma. Mas essa menina, o que ela teve de trabalho? A mãe trabalhava o dia inteiro e fazia tarefa com ela à noite, mas nada além dos livros que ela levava da escola para ler, do que as leituras que ela fazia na escola, ela não tinha coisas além daquilo, para dizer “ah, essa daqui foi mais estimulada em casa, a mãe produzia, corrigia com ela”, não, o diferencial dela é

que essa aluna adorava ler. As outras crianças não gostavam. Ela lia o tempo inteiro, ela preferia ler do que brincar. Então... E no final do ano, [do terceiro], a escrita dela estava a escrita de criança do quarto, quinto ano. E a experiência dela de escrita era da escola. Não era mais que os outros, porque não dava mais para ela que para os outros. Então acho que... eu acredito muito (ininteligível), essa relação vem (ininteligível) interfere na (inaudível).

Pesquisadora: Bem, se você achar que tem mais alguma coisa que você queira comentar, que você lembra... ou que você achar que é suficiente...

Professora Marlene: Não, eu falei muita coisa.... (Ininteligível)

Pesquisadora: A gente pode (ininteligível) um outro momento também.

Professora Marlene: Falei do (ininteligível), das (ininteligível) coisas... ah, eu acho que assim não... Só se você quiser (ininteligível) alguma pergunta mais direcionada. Eu acho que já (ininteligível) até demais.

Pesquisadora: Eu vi o (ininteligível) que a sua (ininteligível) foi fantástica. Esse (ininteligível) que contou várias coisas, quando você estava na escola, de como foi a sua... né, magistério... E (ininteligível).

Professora Marlene: Ah, minha formação foi Letras. Que eu gostava muito de ler e fui fazer Letras, mas nunca tive vontade de trabalhar fora da alfabetização. (Ininteligível – áudio todo cortado) os programas de formação (ininteligível). (Ininteligível – áudio todo cortado). Eu fico [emputecida] com os livros didáticos, o livro (ininteligível – áudio cortado). (Ininteligível) quando você vai trabalhar lá, você trabalha naquele livro para responder aquelas questões que eles propõem, você gasta uma aula inteira para responder três questões (corte) crianças, porque tem cinco, seis linhas de escrita. Como é que você vai fazer isso com criança pequena? Em vez de vir atividades de “ligue uma coisa com outra”, a letra inicial, para ajudar a alfabetizar mesmo, (ininteligível) trabalha, faz a leitura com eles, conversa, acho que o próprio material tinha que ajudar a alfabetizar. E nos cursos de formação, programa de formação, você não tem, o Letramento eu sei que não tem. Mas fora o (ininteligível) eu não... nos municípios não tem hoje um programa, pelo menos em Araucária, na época que eu trabalhei em Curitiba eu senti que faltou também (ininteligível) ... não, 2000, 2005, acho

que faltou também, foi muito pouco que teve, (ininteligível) tenho esperança que tenha mais. Eles peguem aí a rabeira do foguete e continuem, porque se eles querem melhorar alguma coisa tem que melhorar a alfabetização. Falei com o pessoal, quando você conversa com professores de quarto, quinto ano, quem é que tem dificuldade com os alunos que foram bem alfabetizados? Você não tem, os professores estão reclamando de que, de aluno que não aprendeu a escrever, que não consegue interpretar um texto, Prova Brasil, do que se reclama? De criança que não tem capacidade de [interpretação], que não iniciou lá do jeito que tinha que ser (ininteligível) alfabetização. (Inaudível) tinha que valorizar mais, ter mais material (ininteligível), não valoriza.

Pesquisadora: (Ininteligível) é verdade.

Professora Marlene: Mas eu tenho esperança, eu sou uma pessoa otimista até demais, né, eu acredito, eu sou otimista, (ininteligível). Sabe que a maior parte dos gestores vão lá com outros interesses que não de mudar e melhorar coisas que (ininteligível). Eu ainda sou otimista, (ininteligível) até meio utópico.

Pesquisadora: É, a gente tem isso, né.

Professora Marlene: (Inaudível)

Pesquisadora: Fechamos?

Professora Marlene: Acho que fechamos.

Pesquisadora: Então vou guardar minha caixinha.

Professora Marlene: Sua caixinha mágica.

Gravação: Professora Claudete Rosa Cosmo

Duração do Áudio: 00:28:13

Escola Municipal Maringá, Curitiba

07/04/2016

Sinalização utilizada na transcrição das entrevistas gravadas	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(inc)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	<i>Itálico</i>
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	[minúscula]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos ou da fala de outros narrada pelo entrevistado durante a gravação	“entre aspas”
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá

Professora Claudete: Então, eu trabalho com a literatura, eu acho assim, é bem produtivo, além da criança ter esse leitura de [leite] que a gente vai explorar os personagens, vai ver aquele momento de emoção mesmo, o que que tem atrás da história verificar todo esse lado, você consegue aliar matemática, porque uma das atividades que eu fiz que deu muito certo com o terceiro ano, foi trabalhar história dos “elefantes nunca esquece” ‘nossa’ muito boa aquela história, a gente explorou toda a história, por que que ele foi abandonado, a questão de abandono, a questão de aceitação, o preconceito, a diferença, tudo isso e feito os cartazes e não foi forçada a barra, mas a gente tinha que trabalhar ali medidas de comprimento, de peso também, ‘nossa’ a gente conseguiu fazer coisas maravilhosas, trouxe para a sala um elefante de um metro e um pouquinho, não era tamanho ideal do elefante, só que a gente mediu com barbante e conseguimos mostrar na sala qual seria o tamanho dele no real, que não caberia na sala, que não teria como a gente trazer nem foto e eles também não iriam ver por aqui, porque não é daqui da nossa região, mas nos desenhos que eles fizeram, que depois faziam relato, eles conseguiram desenhar o tamanho deles bem pequeno e o elefante gigante então, eles conseguiram entender direitinho a proporção de cada... do elefante, das coisas, comparamos com a porta, com a carteira, armário, livro então, foi assim um trabalho...

Pesquisadora: Essa é uma turma de terceiro ano?

Professora Claudete: De terceiro ano. E claro que não para na matemática ai a gente já conseguiu ir lá para produção de cartazes ai já vem a

questão do preconceito envolvemos ali com a história então, eles vão ajudando a conduzir, quando a história é gostosa e você dá a margem para criança criar, você consegue desenvolver assim um projeto maravilho. Aqui a gente trabalhava muito com projeto e esse ano começou com segundo ano, já estou passando para sequencia didática, mas não estou deixando dos livros de literatura também, que esse ano eu comecei trabalhar do monstrinho para ver as regras de comportamento ali, como ele deveria se comportar na sala, que ele foi expulso da sala porque ele chegou virou tudo e não conseguia desenvolver ou deixar a professora desenvolver o trabalho, e nem os alunos a ouvirem alguma coisa e daí nesse também já na matemática pensando eu criei um joguinho, que até está lá na sala, que é um monstrinho e eles não tem cabelo e você daí coloca primeiro desafio começa, vai ter cinco fiozinhos de cabelo que são os grampinhos de roupa e quem que vai escolher careca, que ele vai ficar até o final careca ou até o final cabeludo e daí a dupla começa num jogo de dados aonde tem mais um, menos um e os sinais de mais e de menos ali e ele começa a jogar, se conseguir mais um põe um grampinho, se conseguir menos um vai tirar aquele fio do cabelo, daí faz toda a contagem com o grupo então, porque eles estão agora nesse processo inicial dos números então, consegue fazer a contagem, consegue visualizar o sinal e ir incorporando esses conceito matemáticos da adição. E assim sempre eu estou procurando, a sequência é bem longo e você acaba ai achando uma outra história de monstro então, estamos nesse enfoque agora. E assim quando for trabalhar medida, com certeza vou escolher algum outro livro de literatura, porque ano passado com a turma da manhã também eu tinha feito do jacaré que foi feito esse eu consegui fazer o tamanho total dele o comprimento e deixar no quadro, eles visualizavam o tamanho, os mediram o tamanho real que tem o animal ali. Então, é outra questão também tangram, 'nossa' foi muito gostoso trabalhar esse que a gente achou sapo apaixonado pelo pato, são dois animais totalmente diferentes, sapo e o pato, um se apaixonou pelo o outro e todos animais falaram "ah, não vai dar certo, um voa o outro não sai do chão e um tem as quatro patas o outro só tem duas" e ninguém acreditava e eles enfrentaram esse preconceito e acabaram ficando junto e ali a gente conseguiu fazer o tangram a dobradura do sapinho, do pato e eles começaram "ah, deixa eu fazer mais esse e surgiram outras histórias vindo até ai para passar

para a música do ciranda, cirandinha, conseguimos fazer as personagens, a Terezinha ela com formato diferente mais abaixadinha o outro correndo e assim a gente fazia pessoas com vários movimentos então, eu acho que tanto de um livro de literatura ou de uma música, você pode dramatizar e pode ir aliando aos conteúdos, e claro não precisa ser necessariamente a matemática, mas você consegue unir todos e eu acho que fica um trabalho muito prazeroso.

Pesquisadora: No fundamental é mais fácil.

Professora Claudete: sim. E a gente vê a alegria das crianças, porque claro que não fica uma sala tranquila, porque ai quando eles começam a criar ele quer mostrar, um inventa uma coisa o outro já inventou outra, não são coisas iguais ali então, o desafio se torna, você tem que também estar correndo o tempo todo, tem que estar aberta para essa (ininteligível), porque não é fácil, mas é gostoso, é bom você vê o resultado final ali para conseguir dizer “ah, é isso que eu queria mesmo e deu certo esse resultado” e vê também depois quando eles vão ver uma situação problema pronta, eles conseguem pensar e analisar em cima daquilo, porque desperta a curiosidade, agilidade ambiental deles fica assim bem mais aguçado. E o mais também de histórias em casa que eles chegam contando para os pais, os pais também contam outras coisas e ajuda a criar, eu acredito que eles fazem muito com os filhos, porque eles chegam mostrando e ai no mostrar já querem construir outro, sempre vem resultados de casa e toda vez que você pede para eles “ah, eu gostaria que você montasse um boneco, por exemplo” ‘nossa’ a gente vê a participação dos pais em peso mesmo e aqui principalmente esse comunidade ela colabora muito então, é bem participativa, mas a gente vê que a alegria da criança em fazer e mostrar lá que vem esse retorno, porque senão eles não iriam conseguir tirar. Seria assim essa questão do letramento, eu acho que ajuda bastante porque se a criança é curiosa ela vai pesquisar sozinha, você dá aquele enfoque e todo livro que você leu para ela, ela quer emprestar, ela corre a farola para procurar se tem ou ela pega o meu, porque muitos livros a gente acaba comprando, porque não tem, às vezes o livro que você gostaria, mas daí você leu “você me empresta, professora?” ele leva mesmo, lê, mostra para os pais, então essa alegria sempre faz com que a gente se anime a continuar nesse trabalho cada vez mais animada.

Pesquisadora: Essa questão às vezes que aparece, que matemática é essa que tem nas histórias, porque percebemos muito os problemas de contagem nesses primeiros anos, mas será que tem outros, outra matemática dentro dessas histórias?

Professora Claudete: Uma coisa assim que eu acho que até os livros de literatura eles estão proporcionando a isso. Agora para essa fase de segundo ano mesmo, tem aquela história dos dez saczinhos então, eles veem gradativamente ali a contagem, um, depois um ficou doente, os dez ali primeiro, um ficou doente, ficaram nove, outros aconteceu isso ficaram... até chegar no zero, então tem a contagem decrescente, depois no final mostra que eles aparecerem novamente a ordem crescente. Então, mesmo explorando os personagens a questão de ordem dele, consegue, outros livros que tem ali dos pezinhos, 'nossa' aquela contagem de cinco em cinco foi uma maravilha, (ininteligível) outro pezinho dele quando lê a história você acaba já criando a figura e eles vão te dando base para você "olha, contando esse, mas ele só tinha um pé, se eu tivesse dois então já ia para o dez" então, a coisa vai acontecendo. E eu acho que nem precisa procurar muito, livro de literatura agora quase todos eles estão dando o enfoque ou na história ou na matemática, não é só aquela leitura mesmo de leite para você ler e ficar fantasiando, de literatura mesmo no mundo da fantasia já mudou bastante então, você vê a mais que da "Branca de Neve e os sete anões", então ali com só sete você pode fazer outros jogos reunindo os sete, joguinho, fazer a contagem também nos anõezinhos, com os próprios anõezinhos e se casa um tivesse o casaco que estava com três botões já vem a multiplicação. Então, sendo maior a criança você consegue já pensar mais em cima.

Pesquisadora: Não necessariamente o livro para isso?

Professora Claudete: Não precisa, às vezes só relembrar uma história e depois que você clareou a mente para abrir para que eles pensasse em cima disso eles ajudam, "ô professora, isso aconteceu isso assim, assim" então, regras do jogos você cria quando você vê você já está mudando, mesmo porque às vezes imaginou aquilo e na hora do jogo não dá tão certo. Outra história que deu muito certo lá foi a "Bruna Galinha de Angola" então, trabalhamos a questão do racismo, a questão de respeito mesmo a cultura africana que contribui tanto

aqui para o Brasil e depois ali a gente conseguiu nas pintas da galinha ali formar um jogo também, que jogava o dadinho ia conseguindo palitinhos então, fazendo um montinho, quando conseguia dez palitos não ia fazer amarradinho como a gente está acostumado, mas pegava uma pintinha e colava na galinha então, se você jogasse bem, se tivesse sorte, sua galinha ia estar cheia de pintinhas, senão ela ficaria com pouco e ali a gente depois dessa passamos ai quando trabalhamos lá com os animais a pôr pintas na onça, até teve uma dinâmica com os pais eles se empolgavam muito, então essas coisas assim acontece se a gente levar a sério e não desistir também, porque tem muitas vezes assim, acha “ah, não vai dar certo”, mas se você começar com coragem ali a coisa vai acontecendo mesmo.

Pesquisadora: A questão da leitura e da escrita de matemática junto com as histórias, também me causa uma curiosidade, porque como acontece essa escrita não só registro da atividade da resolução de problemas e tudo?

Professora Claudete: O que tem acontecido bastante da questão de leitura em matemática é a questão do relato que eles vão contar o que aconteceu, ai “eu ouvi a história e nós fizemos isso e depois a professora montou um jogo” coisas estranhas que acontecem no jogo, que eles também colocam, então eles acabam formando nesse relato um texto então, o texto ali depois a gente vai ver.

Pesquisadora: Então, isso também é trabalhado?

Professora Claudete: Também então, entra daí a parte da escrita, que é uma coisa assim que partiu de uma coisa que ele construiu, que ele jogou, que ele ouviu e o relato tem mais entusiasmo do que você simplesmente vai pegar e escrever sobre uma figura ou escrever que a história que só li e mandaram escrever. Então, ele vivenciou, ele construiu e o relato sai uma coisa assim bem mais organizada, muitas vezes até questão do parágrafo que é tão difícil entrar na cabecinha deles, eles conseguem lembrar, porque cada vez que ele tem uma nova ideia ele vai lembrar naquela parada e vai começar o parágrafo. Então, a gente daí acaba fazendo reescrita de um dos relatos ou faz um relato coletivo também para não ser sempre relato individual. Então, variando ali ou outras vezes cria de jogos com eles então, ai que acontece a escrita na matemática

você colocando calculando os números matemáticos e também a parte de escrita que sempre você está ali corrigindo, organizando e reestruturando.

Pesquisadora: Nessas histórias sejam horas de jogos, a geometria aparece também, ou é menos?

Professora Claudete: Aparece. Aparece bastante e principalmente quando a gente já foca que eu quero aquilo e você vai tendo a intenção, quero eu desenvolva isso então, ela aparece. E mesmo não aparecendo tanto, a gente está cercado o tempo todo questão de número, a questão de forma. E aqui como você observou nessa escola então, é rica em forma e tudo e a gente sai bastante até para ver a questão tronco dos arvores, ver o que se vê de diferente no muro, casinha que eles construindo lá atrás, formato de janela, formatos... então, além de você estar em sala lendo, chamando atenção para as formas, você está levando lá na quadra e observa e isso e aquilo e eu vejo que essa questão de observação, depois quando abre uma página no livro “ah, lembra aquele dia que a gente foi ver” e eles adoram mesmo, até vim quando você vai medir a arvore eles já vão lá abraçar a arvore então, é bem animado mesmo de trabalhar quando a gente faz, só que na verdade você sair da sala gera aquele conflito, porque um quer falar mais do que o outro, daí quando na sala um espaço fechado você consegue manter, depois ali você tem que observar, deixar, não tentar interferir muito, quando volta ai a gente consegue estabelecer a regras ali, vamos lá um de cada vez, cada um tem seu tempo para explorar as ideias e a gente daí tenta organizar o trabalho ali.

Pesquisadora: Quiser dar mais uma olhadinha...

Professora Claudete: Desse aqui das relações com a disciplinas, uma coisa quando que se trabalho com projeto é uma coisa bem fácil de você fazer sem ficar forçando a barra, porque em tudo você consegue conciliar está fazendo a língua portuguesa que é o básico que a gente acaba focando mais nisso, porque eles precisam ler e escrever, mas claro, que vai talheando ali, mesmo na língua de portuguesa contagem de número de letras, contagem das silabas, então o tempo todo você está ali, é organizar em gráfico, gráfico é uma coisa assim que quase todos os trabalhos você está relatando através de um gráfico, porque você faz a pesquisa, você quer organizar o resultado de alguma maneira então, volta daí na matemática.

Pesquisadora: Você lembra de um projeto do ano passado que tenha conseguido aliar tudo isso?

Professora Claudete: Esse do elefante consegui, porque daí depois a gente procurou a medida de outros animais e fizemos um comparativo, foi também feito gráfico das medidas ali e teve a questão de maior, menor, qual o animal maior, mais pesado, mais leve, e daí claro que já vem outro livro aliado aquele primeiro, porque tem ali o tamanho dos animais então, ali vem vários animais que a gente consegue também estar aliando a isso. Então, você começa em um livro, geralmente você acaba puxando outros que vão dar uma base maior. Um dos projetos que foi trabalho em anos anteriores, que era da “Nubia vai ao Egito” então, além de toda questão do respeito, as diferenças, vem a questão da África mesmo, a gente daí conseguiu ver no mapa para aonde que ela ia, ligando ali a história, o que que ela iria levar na mala, listagem de objetos, a contagem, quanto que ela deveria de dinheiro para essa viagem, se ela quisesse comprar tal coisa, como que... tinha determinado valor, comprou tal objeto quanto que sobrou para ela, então dá para fazer situações problemas bem variadas mesmo, dos presentes que ela trouxe, imaginando que ela voltou com os presentes, qual deles que você gostaria de ganhar? Então, faz a votação com as crianças e conseguia também organizar em gráfico então, todas em qualquer trabalho se consegue fazer.

Pesquisadora: Isso foi a partir de um livro?

Professora Claudete: A partir de um livro, “Nubia vai ao Egito”, mas é um livro já para crianças maiores, mas já relacionado ao quarto ano, foi um outro projeto. Eu até tenho ali tem fotos e o relato, só que está no pen drive, mas poderia abrir para você dar uma olhada.

Pesquisadora: Se você puder me passar alguma coisa para poder ilustrar...

Professora Claudete: Daí eu já pego ali contigo. Então, acho que seria isso o que tem.

Pesquisadora: É, lembrando o que é dentro da rotina, me interessa essa questão, se isso ocorre muito ou não.

Professora Claudete: O que ocorreu das histórias inventada, uma que deu muito certo foi quando eles fizeram, guiaram vários personagens e também

animais, objetos com o tangram e depois eles tinham que criar em cima daquilo que eles desenharam então, passou das formas ali eles conseguiram montar história e cada um fazia o seu relato lá e já colocando “era uma vez um sapinho que estava na lagoa” e ai fazia a casinha com tangram também e na casa morava um menino, então, do jeitinho deles, criava a imagem e em cima da imagem criava a história.

Pesquisadora: A história à partir da imagem que eles montavam.

Professora Claudete: Sim. Então, mesmo com as formas geométricas você pode fazer uma maquete à partir daquilo ali, para não ficar todos aqueles cubos e pirâmides solta, monta a maquete, você trabalha ali o conteúdo de história e pode até contar uma história em cima daquilo.

Pesquisadora: Como é que está nesse segundo ano, essas questões todas?

Professora Claudete: Agora nesse começo assim, não está dando para trabalhar muito, porque tem crianças assim que estão bem compreendendo bem a construção do número, tem outros que estão até três, cinco, então, você tem que fazer um trabalho mesmo de construção lá para base. Então, por isso que eu estou usando bastante a questão de materiais manipuláveis, palitinhos no pratinho e tentar despertar essa vontade, nesses primeiros momentos assim não consegui muita coisa, espero até mais o final do ano a gente estar com eles bem mais espertos.

Pesquisadora: Fico pensando as questões de localização, de como trabalho isso essas histórias puxam também, de localização, de localização espacial, porque sabe, não só da geometria, mas de localização, se isso envolve no terceiro eu sei que mais.

Professora Claudete: Sim. Também acontece, porque mesmo até para você conseguir trabalhar a questão de época ali, que época que está acontecendo, local, se até visualizando as imagens direita, esquerda, a gente consegue fazer um trabalho bom nesse sentido, mas com eles que o tempo de concentração é bem curto, ainda assim não consegui muito fazer esse trabalho, porque as histórias geralmente são um pouquinho mais longa e o tempo de concentração é bem curto, você tem que estar, coisas assim bem básica nesse primeiro momento, espero que daqui uns dias a gente consegui fazer já começo,

eles se concentrem mais. Questão de roda de conversa que eu faço muito com eles, também nesse primeiro momento não está dando, você lê a história a discussão tem que ser poucos itens e rapidinho, porque eles são muito ativos e eles querem fazer, fazer, não sei se eles estão acostumados a esse ritmo, eles chegaram eles tem que fazer, fazer, a primeira coisa pegou o livro eles já querem “o que que eu vou escrever?” eu falei “não, nós não vamos escrever, vamos discutir, vamos pensar” agora eles já estão começando a pensar “não, eu tenho que saber o que eu estou escrevendo” tem que pensar naquilo, tem que saber de onde que veio isso e não só simplesmente escrever por escrever, essa coisa mecânica. Então, até a gente conseguir esse comportamento deles de reflexão, de respeitar e vez do colega, de ouvir, de construir, é bem difícil, mais complicado mesmo.

Pesquisadora: Mas as questões aparecem, né?

Professora Claudete: Aparece, com certeza e às vezes daquele que a gente menos espera, que às vezes é a criança que tem muita dificuldade de memorização, de fazer mesmo ali o básico e na hora que você está conversando surge ideias bem legal de crianças, ideias bem criativas, que talvez o outro que é rápido, que já está lendo que está preocupado em escrever não pensou naquilo então... É, e essas são as surpresas.

Pesquisadora: A rotina ainda não se estabeleceu em sala?

Professora Claudete: Não, ainda do jeito que eu gostaria de ser essa história, toda aquela reflexão, não está dando, cada dia a gente está reconstruindo, mas ainda não está como eu gostaria que fosse.

Pesquisadora: Mas a tua rotina de sala sim?

Professora Claudete: Sim, de sala sim. Com eles ali a gente tem estabelecido a questão da agenda, então eles tem agenda todos os dias verificar, checar agenda, já vai no início a lição de casa ali e daí já vamos para retomada da lição que eles levaram, se conseguiram resolver e quem não conseguiu quais as dúvidas para ai repassar para as atividades mesmo de sala.

Pesquisadora: Nessa rotina existe a roda de conversa de início ou depois do final de semana, ou alguma coisa para eles contarem coisas de casa, ou não?

Professora Claudete: De casa não, não todos os dias, mas um ou outro dia a gente consegue ir mais relacionado ao tema que você vai trabalhar ou ao

livro que você leu, sempre você dá o espaço que eles querem contar, mas não especificamente coisas de casa todas as vezes, essa roda de conversa sempre é em torno do conteúdo que você está desenvolvendo ou da história que você leu que sempre eles vão colocando coisas do cotidiano mesmo.

Pesquisadora: Sim, sim, entendi. Muito bem. Lembrou de mais alguma coisa, contar mais alguma coisa?

Professora Claudete: Eu acho que a questão de oralidade desenvolve bastante então, até que às vezes você tem que ficar controlando, porque daí eles passam a querer contar tudo o tempo todo então, oralidade desenvolve bastante e a gente vê que de maneira organizada que o começo quando você começa a trabalhar eles levantam a mãozinha você acha que vai falar sobre o assunto e outra coisa que eles querem falar e agora não, agora já estão mais ligado aquele fato mesmo do que está acontecendo ali na sala, são poucas vezes que é para outro assunto.

Pesquisadora: Sim.

Professora Claudete: Porque as crianças pelas vivencia deles eles são curiosos e eles adoram contar, contar tudo, então você tem que sempre estar analisando para você conseguir desenvolver o trabalho da maneira que você quer, não (ininteligível).

Pesquisadora: Mas você estava me contando no começo o fato de você trabalhar com uma outra professora, de quanto isso é rico.

Professora Claudete: É, porque daí você acaba conhecendo o projeto que ela desenvolve e ela também o seu e você aliado aquilo você já pensou em determinado livro as atividades parece que já aparece ali na frente “ah, vamos fazer isso” e “ah, é dessa maneira mesmo e da maneira que a gente trabalhava gostava muito de dar papelzinho sem nada ali e a criança escrever, a criança recortar, então eles fazer essa construção, que eu não gosto de muitas coisas prontas, eu gosto de ter o texto, gosto de ter algumas atividade que claro, precisa mesmo, mas a maioria eles construindo, recorte e colagem muito disso ai e a gente combinava muito nesse sentido dessa criação então, por isso que desenvolvia e também pelo fato de vários anos juntas então, você acaba já conciliando, combinando ali.

Pesquisadora: Sim, sim. É verdade.

Professora Claudete: Mas também toda mudança a gente encara assim com vontade.

Pesquisadora: Tira a gente do conforto também.

Professora Claudete: É, tira do conforto, mas você consegue entrar no novo ritmo e também e tipo não tentando mudar, mas tentando conciliar e tentando fazer o melhor para que o grupo desenvolva, porque quando você está num grupo você quer o crescimento e não ficar parado.

Pesquisadora: É verdade, é verdade. Então, você que me diz, fica à vontade.

Professora Claudete: Acho que da minha parte então era isso, né, o que tinha para colocar, não sei se ajudou...

Pesquisadora: Ajudou muito, claro, com certeza, com certeza.

Professora Claudete: então eu posso te mostrar ali com o pen drive a atividade para você ver. por escrito até, se quiser fazer algumas anotações.

Pesquisadora: Uhum, vamos lá.

Fim da transcrição.

Gravação: Professora Lúcia da Rocha Alves Pinto

Duração do Áudio:

Primeira parte: 00:15:00

Segunda parte: 00:14:15

Escola Municipal Elírio Alves Pinto, Araucária

Em: 23/03/2016

Sinalização utilizada na transcrição das entrevistas gravadas	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(inc)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	<i>Itálico</i>
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	[minúscula]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)

Citações literais de textos ou da fala de outros narrada pelo entrevistado durante a gravação	“entre aspas”
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá

Pesquisadora: Oi Lucia, o que a gente utiliza para dar uma estimulada na memória são as fichas e as palavrinhas que você pode organizar da maneira que você quiser, você pode falar de algumas, de todas ou não, como você preferir

Professora Lúcia: Posso mexer?

Pesquisadora: Fique à vontade

Professora Lúcia: Que legal você já usar isso, é bom né?

Professora Lúcia: Pode ser assim?

Pesquisadora: Como você quiser

Professora Lúcia: Está bom, você quer que eu explique porque?

Pesquisadora: Como você preferir, se você quiser ir contando...

Professora Lúcia: Então, ah eu pensei logo que a criança chega na escola a gente já busca a rotina, a organização de sala de aula as regras, os limites, daí calendário, daí quando eu to estipulando o calendário olhando todo o dia o calendário para identificar a criança, para já ela ter um tempo né, o tempo já está dentro da geografia de história de matemática, da língua portuguesa e eu costumo sempre colocar os dedos da criança, (mostra a mão aberta) para que ela saiba que tem segunda, terça, quarta, quinta e sexta, mais domingo é o primeiro dia da semana só que o domingo é um dia de descanso então a gente tem que começar os dias úteis né, segunda, terça, quarta, quinta e sexta e daí em sala eu estipulo dias de algumas atividades diferenciadas terça, o dia da massinha, então é atividades de língua portuguesa, ciências ou matemática, sempre duas atividades uma antes do intervalo uma depois já para começar a organizar pro sexto ano para eles tenham essa quebra de horário de tempo, porque a gente vive em função do tempo, infelizmente, ai segunda eu faço duas atividades, já pensando na terça que eles vão desenvolver alguma coisa, eles exploram a massinha mais daí eu vou pedir alguma coisa que eu trabalhei, então assim, eu trabalhei o nome, eles tinham que moldar o nome para coordenação motora mesmo, para modelagem das letras do nome depois tinha que andar pela sala identificar a primeira letra do nome deles todos, contar as letras do nome na

massinha que daí eles estão mexendo né, daí depois eles acabam é... daí com mediação porque daí como neste ano eles tem que moldar o que começa com a primeira letra do nome daí eles moldam daí e você direciona o que eu você quer para tirar da tua aula, mais ai depois você então deixa um pouco livre. Ele sabe que segunda é dia que é mais pesado assim, que pé o dia que faz a roda da conversa do que fez final de semana, é senta vê o calendário vê o que a gente vai trabalhar antes do intervalo o que depois, então sempre os combinados eles precisam da rotina, pois estão no primeiro ano, então assim e daí eles pegam. Terminou a atividade, cada um sabe que vai lá pega o livrinho que eu já arrumo depois do intervalo, já deixo arrumado daí eles já sabem “professora se eu terminar a atividade eu já posso pegar o livrinho“ então se já vai condicionando que é o momento deles olharem daí na quinta eu sempre escolho uma literatura que devo fazer uma sequência didática, então na quinta eles sabe, que tem aula deles a literatura sentar, eu costumo sento no chão, eles sentam em volta, as vezes eles sentam lá em roda, eu vou andando conversando e mostrando o livro, daí tem uma sequência didática e mais atividade ou de ciências ou de português e daí sexta que é o último dia da semana, eles tem o dia do brinquedo que daí nesse dia além deles pode, eles trazem o brinquedo daí a gente sai uns 20 minutinhos para deixar com que eles brinquem livre em sala de aula, que numa atividade ou outra eu faço algum quebra cabeça, algum jogo de sequência mais assim na aula ali ou quinta ou segunda, daí na sexta é o dia do brinquedo livre para você ver a interação deles a as socialização, daí eles trazem o brinquedo e faz de conta é visível eles entrarem, eles primeiro ficam observando se eu to olhando e depois ele começam a não perceber mais a minha pessoa lá a interagir você vê ali a construção dos papeis né, significativo no dia do brinquedo, então eles já aprendem a contar os dias da semana a rotina ai que mais, historinhas contadas na no dia de na quinta-feira que eles tem a leitura depois você pede para que cada aluno conta o que entendeu da história na sala, então é tem uma literatura eu vejo os bonequinhos, ou de varetinha ou de dedo ai eles tentam criar novas histórias, mais assim sempre com o foco da história principal, então eles fazer o reconto né, recontar então eles criam novos papeis então é bonitinho de ver no primeiro ano que fiz até essa semana passada o dos três porquinhos daí ele contaram os personagens que eram cinco e ai tinha o caçador o lobo a vovó

e a chapeuzinho, ah! Não, quatro! e daí eles preparam grupos de cinco, e perguntei “ como vocês vão resolver agora? “ Só que eu fico e eu montei os fantoches que cada um, porque eu tenho dezenove alunos, um ficou com cinco e outro ficou aí só sei que eles resolveram “professora e se eu pegar mais um lobo, eu posso ser a mamãe loba e o filhinho? ” Eu achei assim bem interessante por que eles conseguiram se organizar naquele grupo, tem um que não quis ser o lobo quis ser a chapeuzinho, então assim ele foi criando. Tinham cinco alunos e quatro personagens, aí eu falei, “eu preciso contar para ela” hahaha, ai deixa eu ver, essa daqui vai entrar aqui, porque seria um,

E o porquê da alfabetização e letramento a gente sempre procura colocar, porque eu não posso só alfabetizar éh, a criança ensinado ba, be, bi, bo, bu, mais eu tenho que fazer com que ele entenda quando eu to lá trabalhando, tem a história da gotinha, eu estava montando a sequência, uma sequência didática, em que momento ela fala da chuva da água, em que momento a chuva e a água, vai está influenciando na minha vida e em casa né, e a exploração sempre da oralidade, a gente sempre trabalha muito na oralidade com séries iniciais, daí a gente nunca trabalha sozinho só português sempre eu to lá no dia.

Pesquisadora: Me conte para a gente exemplificar, com relação a essa questão das histórias que você falou... do fantoche e das relações que você disse, como você vê essa parte da matemática dentro desse letramento e como ela acontece? Tem um exemplo disso?

Professora Lúcia: Então. Nesse caso, eu acabei trabalhando contagem, bem a matemática lá mais, porque eu tom iniciando a história dos números né e a bem aquela história como que, a relação como iniciou com a contagem porque o símbolo um numeral um algoritmo né?

Pesquisadora: Algarismo

Professora Lúcia: Porque o algarismo um se eu poderia associar um bichinho a uma pedrinha, porque tinha que ter isso, porque dos cinco dedos que não comportaria trabalhar na mão só, eu posso usar como meio, como meio para contagem então sempre eu tenho fazer essa associação ali desde os conceitos básicos que é importante, são importantes na matemática, o maior o menor, o gordo, o magro, o alto, o baixo, então sempre nas histórias eu vou puxando os

conceitos básicos, fino, comprido, curto, sempre tento ver nas histórias éh, o que eu posso tirar de conceito ,matemático que vai fazer a diferença lá na construção do número né,

Pesquisadora: E eles percebem?

Professora Lúcia: Por que é importante a escrita, por que é importante o ler, por que é importante o escrever e daí tem o significado que ao longo da história eu precisava criar símbolos que tivessem significado, não é?

E na matemática quando estou trabalhando os conceitos de comprido e grande a gente explica para o aluno lá no início, eles são pequenos, a compreensão não é 100%, mas assim, mas assim eles têm uma ligeira noção quando eu estou fazendo as comparações, “ah nessa história o personagem é alto ou baixo? E as vezes até dependendo do aluno que é mais curioso ele pergunta “por que você está perguntando isso professora? ” Aí eu explico que é importante saber o porquê é direito e por que é esquerdo, porquê é em cima e porquê é embaixo, porque lá quando eu for aprender a adição e a subtração alguns conceitos já tem que estar internalizado, mas você explica para a criança no nível de compreensão dele.

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

Pesquisadora: O que mais assim, onde a gente parou?

Professora Lúcia: A gente parou aqui na matemática.

Pesquisadora: Isso.

Professora Lúcia: E o que é matemática a gente vai explicando o porquê surgiu a matemática o porquê da importância de contar, onde estão os números no nosso dia a dia. Então a gente volta ali para as histórias em casa, as histórias inventadas o “inventada” aqui seria pelo homem não é porque no caso precisa ter a construção do número, por que eu preciso saber contar, por que eu preciso subtrair.

E é até impressionante assim quando você tem o ajudante do dia e daí você conta o número de folhas que ele vai entregar da atividade a ser realizada e sobra, e alguns alunos chegam e falam “professora faltou”, daí você senta com o aluno você faz o pareamento, vamos colocar todas as folhas, naquele momento mesmo você pega e fala “olha você tem uma folha na tua mão e tem 19 crianças, vamos contar quantos alunos, você deu uma para cada, você acha

que faltou ou você acha que sobrou? ” Daí você tem que explicar o conceito do que é faltou e do que é sobrou, no primeiro ano eles não tem esse conceito formado, e aí cabe a nós explicar o que é sobrou, mas sempre com o material concreto para que ele visualize o que é sobrou e o que é faltou.

Pesquisadora: Sim, para ficar claro.

Professora Lúcia: Para ficar claro para eles. Por isso que a gente junta bastante material reciclado, tampinha, eu procuro juntar muita tampinha de garrafa de várias cores e aí a gente separa por cores, separa por quantidades nos potinhos, depois você trabalha nos potinhos de maionese mesmo, você trabalha onde tem mais, onde tem menos, depois você faz um monte alto, um monte baixo, você pergunta onde tem mais, onde tem menos, faz a divisão entre eles com as pecinhas e daí você pergunta se está certo, se aquele recebeu mais, se aquele recebeu menos, tudo com material, ou palito de sorvete, mas eu gosto bastante das tampinhas coloridas.

Pesquisadora: Sim, é bom.

Professora Lúcia: Nossa eles sabem juntar, sabem tirar não é.

Pesquisadora: Nas histórias você comentou bastante que os problemas de contagem aparecem muito claramente.

Professora Lúcia: Muito porque é a base desse primeiro ano mesmo, trabalha com a contagem.

Pesquisadora: Mais aparecem questões voltadas para localização, por exemplo, dentro da história, no espaço da história, aonde estava o personagem...

Professora Lúcia: Sim, sim.

Pesquisadora: Começo, meio, a localização.

Professora Lúcia: Sim, sim.

Pesquisadora: A localização disso, o percurso como marca, ou isso não aparece ainda?

Professora Lúcia: Aparece porque quando você faz o reconto da história a criança vai retornar à história você vê que eles contam lá do início, as vezes eles se perdem na metade, mas daí eles mesmo “opa” ele mesmo faz uma análise e daí ele volta, “ah esqueci professora”, mas ele teve essa atitude antes na história, mas eles já vão seguindo aquela sequência da história mesmo.

Pesquisadora: Ah que bacana.

Professora Lúcia: É muito bacana.

Pesquisadora: E de localização também.

Professora Lúcia: Também, sim onde aconteceu, porque quando você começa a trabalhar o livro, a exploração da capa, o que eles viram no desenho, o que eles acham que é o desenho, e daí alguns mais identificam lá o desenho quando é visível o desenho na frente. E eles tem uma necessidade de quando você está contando a história e adivinhar o final, é muito interessante, alguns acertam e outros não, então entre eles tem a discussão, mas assim é visível essa sequência porque a gente trabalha muito “o que aconteceu agora? O que vem depois” até para trabalhar a sequência didática da atividade, você vai seguindo uma lógica.

Pesquisadora: Sim, tem um caminho.

Professora Lúcia: É, e daí você vai perguntando e eles vão sabendo. Tem até uns livros que trabalham muito essa sequência, eu peguei esses dias um livro que vai trabalhar os números mais em literatura, assim, falando do jacaré que doía o dente e daí chegou um personagem e ele falou o nome do personagem e ele sugeriu alguma coisa para o jacaré e depois chegam dois personagens e sugeriu uma segunda coisa, aí quando você vai ler para a criança você faz a sequência, o primeiro personagem lá, por exemplo, a raposa, sugeriu que ele, ele estava com dor de dente, sugeriu que ele colocasse um palito na boca e o outro, daí você tem que colocar a sequência, o segundo sugeriu que ele tomasse água, então quando chegar no terceiro, o primeiro sugeriu que ele colocasse um palito na boca, o segundo dando nomes, né? Tomasse um copo de água e o seguinte, então eles precisam fazer essa sequência.

Pesquisadora: Sim. É historinha de acumulação.

Professora Lúcia: É.

Pesquisadora: É, eu acho que é.

Professora Lúcia: É bem isso.

Pesquisadora: Bacana. A sequência didática a partir de uma história, como é na sala?

Professora Lúcia: É bem tranquila, eles fazem porque eles já têm essa rotina, essa sequência, essa sistematização das atividades então para eles é natural.

Pesquisadora: Uhum, mas como ela é um exemplo assim, uma sequência a partir de uma história, você lembra de alguma?

Professora Lúcia: Deixo só pensar, eu tinha que pegar uma que eu já trabalhei, deixo ver. Eu tenho o Beleléu e os números, então ele vai lá contando lá como é que foi a história. Daí depois que eu conto a história a gente faz a análise da história, a interpretação oral não é e daí na sequência eles precisam saber como você falou dessa acumulação, ele fala lá de quantos, sobre os personagens e já vai colocando os números de 1 a 10 e daí a criança precisa estar lembrando, mas isso sempre na oralidade com a mediação do professor, então eles vão fazendo e vão seguindo já a organização da história, bem tranquilo assim, não tem muita diferença.

Pesquisadora: Acontece a partir de qualquer história?

Professora Lúcia: Aparece com qualquer história.

Pesquisadora: E aí há o registro disso?

Professora Lúcia: Sim. Nós temos até o portfólio então as atividades mais significativas que eu consiga ver a evolução da escrita e a evolução da construção do número a gente já vai deixando no portfólio.

Pesquisadora: Ah entendi. O registro.

Professora Lúcia: É, eu teria que... só que está com a... Peça para a Marlene para você estar vendo as atividades que foram feitas no 1º ano e nesse 2º, ela tem o portfólio.

Pesquisadora: Ah ótimo.

Professora Lúcia: Tem, daí você vai ver aluno por aluno, tem alguns que quando eles faltam as vezes fica difícil de a gente aplicar novamente porque daí não dê uma atividade individualizada, o intuito é que seja individual mais do coletivo, não fazer a atividade lá com o aluno sozinho porque tem toda uma discussão do grupo, o aluno quando o outro interfere ele pensa, ele ajuda a formalizar o pensamento do que quando você aplica para ele sozinho, daí é o seu e o pensamento dele (ininteligível) e na sala não, um fala, outro fala, eles começam a perceber as ideias dos colegas e começam a soltar as comparações deles.

Pesquisadora: Que bacana.

Professora Lúcia: É bem, bem interessante. Mais alguma coisa?

Pesquisadora: Você que me conta.

Professora Lúcia: Esse programa de formação assim depois que eles colocaram o PNAIC esses programas foram bem interessante porque a gente pode sistematizar algo que a gente já fazia, e as vezes não guardava a atividade sabe, não organizava em portfólio. O nosso trabalho do 1º ao 5º ano já é uma sequência, já é uma sistematização, essa relação a interdisciplinaridade com as disciplinas para nós é mais fácil assim porque você acaba pegando um conteúdo e determinado conteúdo você consegue trabalhar em todas as disciplinas não é.

Pesquisadora: É.

Professora Lúcia: É, e o PNAIC veio para que a gente tivesse um novo olhar sobre o que a gente já fazia, só que formalizasse em documento, então foi bem interessante. O que mais?

Pesquisadora: Aproveitou.

Professora Lúcia: Aproveitou, algo mais que você queira saber?

Pesquisadora: Não sei, se você quiser comentar mais alguma coisa, que você lembre, que tenha relação. Aí fique à vontade e se você achar que é isso.

Professora Lúcia: Assim os jogos a gente sempre estão realizando algum jogo em sala de aula, mais desde que tenha a função ou na matemática ou no português, não o jogo só pelo jogo. É que é assim a criança possa explorar no jogo, as vezes um dominó mais que eu consiga observar se ele está entendendo como é a contagem ou se ele está só jogando para divertimento.

Pesquisadora: E existem jogos de histórias?

Professora Lúcia: Tem, tem jogos de sequência sabe, aqueles jogos que você vai contando, além da matemática que você tem que contar as casas e daí você parou naquela casa você acaba interpretando as vezes uma história, interpretando as vezes uma situação, você consegue criar jogos dentro da matemática com as histórias.

Pesquisadora: Ah ótimo, que bacana.

Professora Lúcia: Por isso que eu falo que nas séries iniciais nós conseguimos fazer a interdisciplinaridade bem tranquilo, diferente dos professores do 6º ao 9º ano que as vezes tem um conteúdo específico que ele não consegue puxar as outras disciplinas e as vezes nem quer.

Pesquisadora: Sente mais dificuldade.

Professora Lúcia: É, até por causa do tempo, porque o tempo é curto, é curto, em pedaços, em blocos, e ele não tem as vezes a oportunidade de estar contando com o professor da outra área por que pelo tempo não é (ininteligível)

Pesquisadora: Aham.

Professora Lúcia: E a gente nota no Estado que as vezes o professor está condicionado a trabalhar aquele conteúdo e ele nem quer dar abertura para outros, que nós colocamos no Estado, o professor de matemática (ininteligível) os jovens em determinados conteúdos e fica difícil explicar em sala, e que de repente um jogo, a construção de um jogo na atividade do jogo o professor pode trabalhar certos conteúdos.

Pesquisadora: sim, mais tem uma certa resistência.

Professora Lúcia: Tem, não sei se é pela dificuldade do tempo, da falta de tempo nessa construção dos jogos.

Pesquisadora: A gente gostaria que fosse mais.

Professora Lúcia: Fosse é.

Pesquisadora: É verdade.

Professora Lúcia: É isso, mais alguma coisa?

Pesquisadora: Bem tranquilo, bem sossegado, obrigada

Fim da gravação.

Gravação: Professora Marcia Regina Kosinski

Duração do Áudio: 00:45:00

Escola Municipal Nadir Nepomuceno Alves Pinto, Araucária

Em: 23/03/2016

Sinalização utilizada na transcrição das entrevistas gravadas	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(inc)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	<i>Itálico</i>
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...

Comentários descritivos do transcritor	[minúscula]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos ou da fala de outros narrada pelo entrevistado durante a gravação	“entre aspas”
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá

Professora Marcia: É, mas dentro do ano, além disso e aí fiz um quadrinho que comecei a trabalhar com os meus, então, todo dia depois dia dez né? Você já trabalha dizendo com eles, então no começo da aula vinte dias você trabalha dizendo você não obriga, mas eles têm que saber, de 0 ao 10 eles têm que sabe né? Mais eles não precisam saber lá do 11, eles aprendem porque, como você trabalhou, são 200 dias letivos, só 10 no mês que você não trabalhou né? Nos outros você vai trabalhar todo dia, quanto que vale isso aqui, está até uma graça ali, tem uns espertinhos que fala é uma dezena né? E eles só tem cinco anos né? Então você está trabalhando lá o calendário que é que eles precisam né? Para saber que dia que foi ontem, que dia que é hoje, aquela rotina hoje é dia de aula com as outras professoras, um dia de mexer no computador, dia do brinquedo, mais além disso se está trabalhando lá, sabe eu achei, acho bem legal assim, sabe daí! É uma prática que eu tenho desde o ano passado, então eu tinha aluno ano passado que sai com 6 anos do primeiro ano sabia contar até o 100 né? Então achava assim meu Deus é incrível porque, mais aí, nunca fazendo atividade, vamos fazer atividade! Agora do 1 ao 10, do 1 ao 10 a gente até trabalha mais por que eles precisam aprender a contar né? Tem aluno que não sabe nem contar, mais depois disso né? Eles avançarem assim, acho tão, é bacana né? Quando eles pegam o jeito do que que é dezena deles, no começo eles tem que decorar né? 30 o 40 mais daí vai embora assim, acho bem, bem legal! É daí se perguntou né? Daí livro de literatura se a gente usa para a matemática, também por conta do PNAIC né, antes a gente usava, mais usava eu né? Eu usava “ não nem esquentar cabeça”, usava menos né? Fiz uma atividade lá dos opostos, não sei se é isso que se quer?

Pesquisadora: Pode ser!

Professora Marcia: Uma atividade dos opostos lá, então é a gente trabalha as noções topológicas, vendo lá o maior o menor no livro né? No livro didático ou lá no, na atividade que tinha que marcar né? Daí a partir daquele livro lá, dos

opostos, eles fizeram, eles, por que nem tudo, oh! Esse livro menor que esse mais ele não é o menor em relação aos objetos que tem nessa aula oque que é maior o que é menor em relação ao que né? Então achei que foi bem bacana por que trouxe para ali, para a sala de aula né?!

Pesquisadora: Como foi com eles?

Professora Marcia: Foi bem legal, sabe eu achei assim, que ele foram me dizendo né? Nhá, eu fiz o ano passado essa, eles foram me dizendo professora esse é menor, então oque que é maior, o que que é menor? Mais oque que é menor que isso? Oque que é menor ainda quer isso? Né? Então foi nossa, foi! Acho que melhor do que você ficar passando lá no livro didático que sempre vem né no começo do ano um monte de coisa, marque um x no maior no menor, no pequeno no grande mais em relação ao que? Aquilo ali só mais e no geral né, todas foi também cutucada pelo PNAIC né e daí por causa do livro de literatura mesmo né, foi uma atividade que eu fiz e achei assim bem bacana e na verdade a gente começa a ter um olhar diferente para o livro de literatura daí, que as vezes só conta historinha lá acabou-se né! Então achei que foi bem bacana mesmo, esse ano eu fui trabalhar a história dos números com meus ali, fiquei até decepcionada sabe! Porque fala fiz lá dramatização das pedrinhas né, das tampinhas né? Não deu muito certo daí tinha aquele outro livro “eles queriam contar” você conhece esse livro?

Pesquisadora: Hum, hum, sim

Professora Marcia: Dai quando eu levei o livro, que daí eu passei no Datashow e eles foram, daí eu senti que eles entenderam sabe? Mais enquanto eu trabalhei na sala com dramatização e eu contando lá para eles parece que eles n]ao visualizaram o livro eles não tinham entendido, depois né, ainda tem uns que não entenderam, que decepciona a gente mais eles são bem maduros né como eu te falei

Pesquisadora: É uma construção

Professora Marcia: É mais então daí eu acho que foi bem bom daí a gente passa o livro lá e eles verem assim “ah professora, nossa aquilo que você falou né? ” E falei é, aquilo que eu falei para vocês então eu vi daí eles começaram a perceber né?! Que o número tem uma função né, e como que foi construído e daí que foi passado para o calendário e eles começaram, tem aqueles que já

sabe o que que é dezena né? Como que forma a dezena por conta desse processo né? Que não foi assim rapidinho, é demorou mais de um mês de aula aí, tem língua portuguesa, tem matemática mais assim acho que está bem demorado, acho que está bem lento mais que vai caminhar né? Espero que caminhe!

Pesquisadora: Vai caminhar claro!

Professora Marcia: é tem que caminha né? Eu sei se que é, tipo assim as atividades que eu faço ou a reação deles?

Pesquisadora: Não, pode ser a atividade de que maneira eles, eles é

Professora Marcia: Mais em relação a eles!

Pesquisadora: Em relação a eles em relação a tua prática se isso deu certo, não deu certo, como você me disse “fiquei frustrada com isso “

Professora Marcia: Mais é por conta da, do jeito da turma né?

Pesquisadora: Hum, hum

Professora Marcia: Agora daí oh! Veja mesma coisa aconteceu o ano passado só que a turma reagiu diferente né? Então no começo fiquei assim bem chateada com a turma né? Porque poxa vida a gente se esforça, se dedica mais que eles não centravam né? Não ficavam, não prestavam atenção agora eles estão começando a entrar no ritmo, a turma fechadinha do CMEI né? Caíram ali. Tem um aluno com bastante dificuldade que ele tem problema foi avaliado ele perturba muito a turma, ele agita ele briga, então atrapalha muito o andamento da turma mais em relação daí, ao ano passado vendo que depois de tudo aquilo que a gente trabalhou o ano inteiro tem aluno que né? Então daí eu falo assim, então é assim é esse o caminho por mais que demore mais, ainda mais com essa turma eu vou continuar do meu jeito assim sabe! Esse jeitinho assim ligando uma coisa cá outra, usando o livro de literatura né? Que o livro de literatura aqueles outros [] nós fizemos também com eles o ano passado, ano passado não, ano retrasado nós fizemos uma outra atividade lá, foi bem bacana porque eu até nem, quando a gente lê isso outra vez né? Eu nem tinha percebido que é a cuca né? Ela estava lá no cantinho todas as páginas daí eu só fui mostrando e não falei da cuca então a gente não percebe, e eles percebem muito antes que a gente né, quando eu perguntei, contei as histórias perguntei para eles quem que apareceu, eles sabiam que era a cuca, e ela é pititiquinha né que ela aparece

lá, falei assim “ meu deus e eu li duas vezes para perceber que a cuca estava lá” porque eu li, eu fiz a leitura das palavras, e eles fizeram a leitura das imagens né? Então acho que eles percebem muito melhor do que a gente né?

Pesquisadora: É um outro olhar né?

Professora Marcia: É, a gente vê, mais vai naquilo, eu vou pensar nhoque que eu vou fazer e pronto né? Veja! Eles já não né, tão escutando enquanto a gente lê a história eles estão prestando atenção na imagem, e a gente lê a história daí vira, olha ali um pouquinho e nem percebe bem né?

Pesquisadora: E esse momento deixou de ser só uma leitura de leite.

Professora Marcia: Haha deixou né, fez uma atividade em cima da, da do livro lá né? Dos numerais de relação do numeral, quantidade né, e assim achei bem bacana porque ele também precisa muito recortar né, a gente fez uma atividade de recorte não de pintura porque as vezes pintar muito as vezes também cansa né, mais precisa desenvolver isso e daí era perto da época do folclore né, daí a gente liga com outras coisas, eles tinham um filme do saci de 1952, sabe! Daí eu contei com eles quanto tempo que já, e ele era em preto e branco né o filme é do sítio do pica pau amarelo daí eu trouxe para eles e daí eu falei “nossa já faz tantos anos” não mais vamos contar né, daí eu fui contando de 10 em 10 então eles fizeram relação com outras coisas né, não só aquele, aquela atividade em si, então foi bem bom

Pesquisadora: Mais essa, essa questão da literatura de depois de uma sequência didática ela é presente?

Professora Marcia: Éhhh1 eu acho que tem coisas que a gente não consegue fazer, não consegue e também não tem muito tempo para ficar pensando só em sequência, mais quando você consegue colocar assim ah1 eu acho que rende mais sabe, faz, faz mais sentido para eles né? Até para mim quanto professora eu acho que é melhor sabe! Que daí eles veem assim que tem uma unidade que a professora falou né! Num dum jeito que fez relação com aquilo outro, tanto é que esse da história dos números que te falei eu acho que quando eu passei eles queriam contar no Datashow fechou então eles “Aí “ eles pecam né eles são espertos a professora passou só por passar né? Ela tinha né, acho que eles percebem, é isso eles conseguem perceber porque, quando eu estava fazendo na sala de aula não chamou atenção? Porque que depois? Que

eles viram né? Que eu não estava fazendo aquilo só por fazer né, então eu acho que daí que eles começaram a se concentrar mais, não sei um trabalho assim meio diferente né, um trabalho na escola, e as vezes a gente na escola dava mesmo atividade mais isolada assim né, porque por exemplo, Ah! Alguma coisa que a gente vai trabalhar lá, né, não tem como você ligar com tudo fazer uma. Eh! André! Então não tem como a gente fazer na sequência didática né, não dá eu pelo menos não consigo, porque não tenho tempo pra isso, não né, tem nem imaginação pra isso, criar pra todos os conteúdos, eu acho que com o passar do tempo a gente aprimorando as velha e vai criando outras né, mais assim vamos sentar e ver uma sequência didática pra todos os alunos é impossível que nem aquele, “ dez casas e um posto” eu já usei né, daí a gente trabalha a casa, a rua né, trabalha as cores, porque ele é um livro assim que dá pra você organizar uma sequência didática além de ser uma leitura bem boa né, porque tem um final, o elefante mais além disso você consegue organizar conteúdos né, “Você tem que ver lá com a tia da, com o diretor lá com o diretor” esse era o meu ano passado aluno, é, também tem o cantinho da leitura lá, que eles pegam e trocam livrinho todo dia né, que tão meio perdida ainda esse ano sabe!, tem dias que eu esqueço de mandar eles porque eles me deixam tão atarantada que as vezes assim o ano passado e retrasado funcionava um relóginho né ai agora “professora vamos troca o livrinho” ai vai trocar, ai hoje eu não quero trocar né, mais sem cobrança levava embora trazia daí, ai tenho um bauzinho, bauzinho de menino e um de menina, sabe, carrinho assim sabe, livrinho de literatura assim simples né, só que o livrinho ele abre né, eu mando para as meninas e dos meninos, esse ano meio cedo ainda não mandei mais eu mando eles querem levar a lancheira com o livrinho, acho bem bacana também, que quanto mais eles leem melhor é ne, “ah eu não vou levar porque eu não sei lê “mais não é pra lê, não precisa lê só o desenho, a escrita, pode ler o desenho também eles gostam bastante, ai eu vejo que eles contato com o livro e melhor né?

Pesquisadora: Sim!

Professora Marcia: Então!

Pesquisadora: Ajuda né?

Professora Marcia: É,

Professora Marcia: Ah, então se falando da matemática, esse daqui é matemática nas histórias né nós colocamos a história na matemática, então eu fiz um, da função social, eu fiz uma história copiei num livro lá, fiz uns cartõezinhos da função social dos números que não tinha escrito, daí a menina ia com o pai buscar um livro da história dos números lá numa livraria e daí aparecia diversas funções e números né, daí eu fui pedindo para eles contarem né, olha, oque que tem, oque que aconteceu aqui? Ele foram contando né, então a história teve um início, meio e fim mas era assim pra contar que na vida da gente né sempre o número está presente que a gente tem que né, olhar no ônibus, no relógio, na placa, no preço das coisas e ainda estava dentro de um livro né, daí foi bem bacana né, por isso que eu falei pra você por isso que eu trabalho tanto a história dos números dentro da sala, um monte de coisa lá né, pesquisa em casa, oh” qual o número do sapato né, qual o número da casa, número do telefone daí não entendeu nada daí parece que fechou sabe, eles perceberam que sabe! Daí que eu comecei a trabalhar diferente, daí eu achei que também era uma matemática dentro da história daí né, que eles foram inventando lá dentro da sala.

Pesquisadora: E eles foram contando?

Professora Marcia: Foram, foram contando que era um, eu pintei assim né, tirei copiei lá, pintei então veja o que aconteceu aqui, “a menina”, onde que ela está indo? “ Está indo com o pai dela” oque que ela está fazendo: “está no ponto né” daí eles foram contando que eles foram buscar alguma coisa né, que tinha um bilhete lá né, que ela tinha que procurar daí tinha o endereço da rua, daí ela chegou num lugar lá que nem sabiam dizer a livraria né, ela foi comprar um livro, daí eu retomei né, daí então como é essa menina, oque que daí, porque eu estava trabalhando em função dos números mais eles contaram foi bem bacana, eles que inventaram a história né,

Pesquisadora: Hum, hum

Professora Marcia: É que mais

Pesquisadora: Que mais?

Professora Marcia: Pois é, oh! Contadas na minha turma este quase não tem história contada assim sabe é muito pouco porque as histórias deles assim, não dá pra deixar muito assim, só quando eu pego um livro, porque senão eles

tumultuam muito a sala, mas lê livro eu sempre leio pra eles se a gente não lê o livro eu vou mandando pra inf. ali né que tem o que eles mandaram daí eu acho que é melhor que até no livro, é bom o contato com o livro mais ali todo mundo vê melhor a imagem então eu acho que pra minha turma que compensa mais eu gosto de trabalhar assim, deles contarem história, inventar, ainda não deu esse ano né, infelizmente mais acho que vai dar sabe!

Pesquisadora: E como era nas anteriores?

Professora Marcia: Ah eles gostam bastante né, éh! Engraçado que as vezes a gente pede vai ler esse livro né, e até engraçado né, eles contarem a história lá, pelo desenho e depois quando eles aprendem que tem começo e meio e fim, porque assim eles sem saber as vezes isso né, então começa a ler lá e eles vão ler o livro lá, eles vão contar história eles não sabem falar baixo né, assim eles vão falar alto, então era uma vez e conta sabe! É bem é nossa é bem legal chega a ser engraçado né, porque agora escute aqui que eu vou contar pra você né, então eles contam um pro outro, eu também gosto de chamar ele na frente, venha contar história pra professora para turma né, tem uns que tem uma oralidade melhor contam melhor outro já nem tanto né, mais acho que desenvolver esse gosto pela leitura independente né se está lá falando que tem sentido ou não tem, o sentido não importa mais está fazendo pelo menos a leitura da imagem né, e eu preciso fazer isso nessa minha turma porque eles tem muita dificuldade, até 'a gente trabalha os símbolos agora, placas eles não sabem sabe! Fazer a leitura de símbolo, de placa de embalagem ainda sabe! Acho que eles estão naquele mecânico pegou lá né, tinha uma embalagem de sabão em pó, mais assim sem ser colorida né, só tipo as letras lá, então o omo que é muito presente eles sabiam, mais a margarina delícia eles não sabiam, leite ninho eles não sabiam, só porque " Tchau André "só porque estava na lata achavam que era Nescau, então é uma turma que não para pra ler a embalagem, perceber o mundo que está a volta né, e isso já tinham, já tinham que sendo estimulado e eles já tinham que saber né, mais eles não conseguem ainda, mais com o passar do tempo eles vão aprender, porque eu também sou teimosa né, Haha, então acho né, porque isso é importante " Ah eu não quero levar o livro" tem dessa viu, não quero levar, mais minha mãe não vai ler, mais você vai ler, então agora nesse começo não deixei eles lerem pra mim ainda porque não, não tempo

mesmo assim, por questão de organização da sala né, porque tem que organizar e eles tem que aprender né, que tem que ficar em silêncio quando a professora está falando, senão ficam nem quando a professora está falando quanto mais quando um colega for falar então, eles aprenderem dá pra trabalhar de outra forma né, porque tem que respeitar o outro né, mais acho que vai tem que ir, mais nas outras, mais nas outras turmas.

Pesquisadora: Todo ano vai.

Professora Marcia: É, só que esse ano está mais complicado, então está mais difícil, mais assim terminou o ano e a turma estava boa você vai pegar uma turma nova, ah não é igual a turma do ano passado. Esse ano eles estão bem difíceis sabe, bem nossa está muito difícil assim, então mais eu vou mais devagar né, vou demorar mais, mais vou conseguir.

Pesquisadora: Cada turma tem seu ritmo.

Professora Marcia: É, espero que se eles demorar, as vezes está indo, está indo, está indo, não está indo mais quando fecha né, aquele conteúdo que a gente vai fechar eles aprendem né então, né eu gosto de trabalhar, que min há turma é sempre mais tagarelinha sabe! Porque eu gosto mesmo que eles participem, falem, deem a opinião dele mais desse ano eu to cortando a oralidade da minha turma porque tem que ter o respeito né, o respeito para falar do outro, então tem que falar, tem que falar mais tem que respeitar, batem um no outro, como ele batem um no outro, brigam, xingam sabe! Põe pé de maldade para o outro cais, então tem que cortar para poder liberar aos poucos, é assim minhas turmas o ano passado, ano retrasado elas são sempre falantes mais elas participam de acordo com que a gente está falando, tão falando do cachorro, é do cachorro né, e essa turma ai ela viaja sabe! Viaja está falando cachorro eles já vão falar da bicicleta do sabe assim, então por isso né que nesse começo aí eu to cortando mesmo a oralidade deles para eles aprende que aquele momento é que tem que ser a fala da oralidade mais de forma coerente e que tem que até as vezes e o respeito né, porque a turma é falante eles têm uma oralidade boa não né, não significa isso né, porque eles têm que desenvolver né, o respeito e ter uma oralidade, como eu podia dizer eh! Organizada né, falar de qualquer coisa a qualquer momento e tudo pode né, eu né, na escola pelo menos tem que

ser organizado senão daí a gente também senão eles têm uma oralidade, tem que ser né, mais não em função não pode ser de qualquer jeito, não o que mais?

Pesquisadora: O que mais que a gente tem aqui

Professora Marcia: Oh! Programa de formação eu acho que os professores que tão lá dando informação pra gente elas tem as vezes a mesma prática que a gente aquilo que eu te falei no começo o que me faz melhor ir lá no PNAIC, as vezes é uma palavra sabe porque, elas falam isso aqui é legal, esse é legal mais você tem adaptar pra tua turma né, e pro teu jeito de trabalho, não adianta eu querer fazer uma atividade lá que ela falou que é legal, mais não, não é do meu jeito de trabalhar né, porque assim, ai a atividade pode ser maravilhosa mais você fez com a turma mesmo não é do meu perfil, então não adianta eu querer colocar que não dá certo então eu acho lá as informações pra mim elas não são tão boas, mais elas são boas porque ela cutucam sabe, mais eu organizo minha atividades mais de acordo com aquilo que eles falam mais do meu jeito daí sabe! Então acho que eu fiz muita atividade boa depois que sabe, até as meninas, “ai me empresta eu quero também sabe” é metodologia de cada um mais na hora que a gente organiza atividade, se eu for lá e pegar atividade pronta eu tenho aula de um jeito, mais na hora que eu organizo ela, penso e o registro dela eu to pensando no encaminhamento né, copiar é uma coisa, mais você pegar e organizar é outra e acho o resultado final que sai melhor né, acho que a formação do PNAIC né, agora as outras elas são muito fraquinhas né, a do PNAIC ela chega a cutucar, porque as professoras que dão, elas são professoras né, então elas não perderam o chão da sala de aula por isso que é bom, é então daí ela cutuca a gente, então ela fala faz assim, faz assado mais daí você faz lá no grupo “ai sabe aquele dia eu fiz assim com meu aluno” uma troca de experiência entre os professores é bem válido acho que é o que faz vale a pena sabe! Porque as vezes você vai lá né, acho que por isso que é bom.

Pesquisadora: E aqui como é que fica?

Professora Marcia: A leitura aí a matemática, a leitura no sentido de matemática mesmo

Pesquisadora: É a leitura, tem a matemática aí não tem

Professora Marcia: Como assim? Tem matemática na leitura? Ou leitura tem né, só que é assim os alunos pequenos a gente não diferencia né, “agora é aula de matemática

Pesquisadora: Sim

Professora Marcia: A gente vai falando assim para eles, então tem que ter né, senão tiver leitura matemática, eles pensarem na matemática e tudo é tudo junto a gente não trabalha até história, geografia, ciência, português, matemática eles tão tudo ligado né, a gente não diferencia para eles, trabalha junto então eles nem percebem, tem turma né, que as vezes “nós vamos ter matemática? ” Porque para eles matemática o pai e a mãe as vezes falam em casa né, tem aluno já “nós não vamos ter matemática? ” porque eles ficam colocando a matemática, a família fica coloca, mais eu era ruim em matemática né, eu era muito ruim em matemática, aí é a matemática para eles é tão simples né. Eles usam faz tempo então nem percebem essa diferença de matemática, português, história, geografia e ciência. Então é tudo junto, então tem leitura tem na quadrinha né. No português n[eu] tem a matemática, como na matemática tem a língua portuguesa, eu hum, eu não “ah hoje eu vou trabalhar matemática” ele não sabe eu trabalho tudo junto sabe! E daí tudo junto e misturado mais assim eles entendem, eles aprendem né, então

Pesquisadora: Então o que você poderia me fazer é me dá um exemplo de uma atividade assim que você faz em sala? Tudo junto e misturado.

Professora Marcia: Por exemplo essa dos 10, da literatura, trabalha literatura que é o livro das bases imposta, trabalha as cores tem que escrever o nome das cores, por exemplo ou identificar as cores, tem a sequência né, tem o percurso que você faz de casa né, tem a tua rua que eles desenham lá, então você trabalhou história né, porque daí, “ah na rua nem sempre foi assim” trabalhou literatura, trabalhou língua portuguesa porque literatura é língua portuguesa tão junto, trabalhou matemática, sequência né, porque lá tem uma casa, duas casa, então acho que, o que estava na frente o que estava do lado né, que são oque que tem lá na tua rua né, geografia, então eu acho que né, é uma atividade que se trabalha tudo junto né, no final do ano assim, mais no final do ano a gente trabalha, fui eu que organizei até, eu tenho que trabalhar embalagem, embalagem, embalagem só que embalagem a gente trabalha no

começo do ano rótulo né, diferente, então eu fiz umas atividades sobre haja ai é até engraçado sobre as embalagens sai eles trouxeram daí a gente fez um mercadinho, é uma atividade que trabalha tudo, fez um mercadinho e daí compra e venda mais daí, mais assim não trabalhando assim “ah, esse dinheiro, esse valor” assim do jeito deles porque como que uma criança de cinco anos vai saber da troca, é assim é difícil né, pra eles mais era mais como brincadeira daí a gente separava os alimentos, de higiene né, os alimentos, os as, embalagens de higiene de “deixa eu me lembrar” higiene a comida é! Qual que era o outro? Higiene e limpeza, comida, aí é mais um não lembro até qual que era outro me fugiu daí a gente faz uma lista sabe, daí todo dia a gente separava, agora o que que pode guardar na geladeira, o que que não pode ficar junto todo dia a gente separava classificações era essa que é a matemática daí depois a gente conta né, conta o que vê, escreve higiene, higiene e limpeza, são os alimentos e, Meu Deus! Até to vendo a tabelinha três listas, ai me fugiu credo, não, não vou lembrar daí, a gente trabalha na embalagem data de validade né, daí pega produto daí, como é no final do ano eles desenham pra que que serve daí a gente manda lá eles escolherem um produto e fazer tentativa de escrita, como que ele pega aquele produto e como que ele pode preparar aquele alimento né, então normalmente tem que pegar um produto que não dá pra comer na hora né, senão abre o pacotinho, então ensinei eles já, então por exemplo esse daqui né, você não pode comer na hora tem que preparar como que faz? Então as vezes eles trazem pacote de miojo né, e miojo sabe! Que engraçado eles sabem fazer daí verdade sabe! Teve uma aluna assim na turma minha que que já sabia escrever melhor sabe! Então e eu sou muito assim, pedagoga dizia que eles fazem porque eu divido o quadro, mostro sabe!, então é engraçado que também eles dividiam o espaço, e colocavam os passos, isso é texto de instrução então eles já faziam aqueles passos lá, as vezes nem faziam direito mais fazem o desenho do que que tinha que fazer, também é daí, eu trago gelatina pra eles, a gente faz gelatina e escreve daí produz, coletivamente como que faz a gelatina eu trago faço uma embalagem na atividade do picolé também trago picolé, então tudo trabalhando a embalagem, trabalho o português daí a data de validade, teve um aluno que uma vez que falou bem assim, então de 2014, lembro até porque daí veio o ano de 2015 e as coisas que eu trouxe pra eles trouxe geladinho e vencimento do

geladinho é de um ano né, trouxe o picolé que também era um ano e trouxe a gelatina e tudo vencia em 2015 daí ne, ai depois a gente trabalhava várias vezes ai “ah eu não quero que chegue 2015” mais ele não tinha entendido que fabrica mais ainda , “ mais ué porque Vinícius?” Porque todas as coisas gostosas vão acabar “Oi Laiana tudo bem? ” Então tudo bem? Então vai no banheiro. Estava chovendo né? Ah ! Não porque que se não veio?

Laiana: É porque estava chovendo e minha mãe daí foi trabalhar, aí eu não vim, estava chovendo demais

Professora Marcia: Está louco com você, não pode faltar. Tchou! Então achei que foi bem legal sabe eu, aquele foi o primeiro ano que eu

Laiana: Quando, que dia se vai ficar com nós?

Professora Marcia: Só segunda – feira gora amanhã não tem aula, porque já está com saudade? Capaz que você está com saudade, o que que é aqui? Biblio...

Laiana: Teca.

Professora Marcia: É então daí aquele ano, foi o primeiro ano que eu organizei as atividades sabe, foi bem a gente faz um gráfico daí haha!

Laiana: A minha mãe já sabe o dia que ela tem que levar a pasta

Professora Marcia: Está marcado, lá no bilhetinho que a professora mandou na atividade viu!

Laiana: Tia, professora!

Professora Marcia: Mas vai dar tempo, mais vai no banheiro que tua professora esta esperando viu?

Pesquisadora: Um toquinho né?

Professora Marcia: É, tem que me abaixar pra falar com ela, então eu acho que essa das embalagens também é um sabe, não nada a ver com livro de história mais trabalha né, pra vida deles ali ne’, então eles é bem é bem bacana e um ano eu fiz até bolo com eles na sala, que a turma deixava né, esse ano não é mais lá pro final do ano né mais é uma atividade bem bacana né, porque daí eles começam, até umas mães vieram falar “agora tem que ficar olhando a data de validade porque eles ficam falando né” mais ele aprendem né, um monte de coisa né, 12 meses né, porque daí é o outro ano, esse menino falei assim, “mais oh será que a fábrica vai fechar?” Hahaha, será que a fábrica vai fechar ou vai

continuar fazendo? Ah “ela vai fazer” daí hoje eles fabricaram mais, então percebeu que de um ano né, ele não percebeu que eu construí mais, mais ele falou que em 2015 ia acabar as coisas gostosa né, mais foi bem legal, é bem legal essa atividade assim, e demora assim um mês mais ou menos a gente trabalhando né, porque é bem bacana

Pesquisadora: Não dá pra (00:34:55) []

Professora Marcia: Não, é bastante né, oh é língua portuguesa é matemática e além de tudo assim é, eles percebem bem né que é a função social da escrita né, do, de você saber ler de você, acho que é bem bacana né, bem joia.

Pesquisadora: Acho que isso acaba entrando aqui né?

Professora Marcia: Também é!

Pesquisadora: Que daí é esse e é também o em matemática né,

Professora Marcia: É!

Pesquisadora: Não é verdade mais que é isso aqui né?

Professora Marcia: É sim, é a construção mesmo né? A construção da que mais? Ah! História em casa eu mando também sabe, umas lá, aquela do mais daí assim, mando essas pra casa mais daí pra ter o contato com o livro, rasgou o livro estragou lá, aquela outra também é aquela conhece o bebeléu e os números, então eu fiz um bebeléu daí eles levam o bebeléu pra casa daí eu fiz uma atividade também assim, de contagem mesmo, eles levam o bebeléu pra casa e o bebeléu tem que achar alguma coisa que comece com a letra que está determinado naquele dia na tua casa, na tua casa vai o A, né, então o livro que fala só de matemática né

Pesquisadora: Hum, hum

Professora Marcia; mas daí eles vão lá, levam mais que cadê tal coisa está, foi para o bebeléu né, fala né, daí eu fiz um roteirinho lá e eles tem de trazer, foi para você né? A letra A, põe lá dentro da caixa alguma coisa com A, traz aquela coisa e daí a gente vai montando o alfabeto completo com as coisas que eles trazem e junto com isso eu mando um livrinho sabe, naquele dia eles vão pra casa daí, ela é mais tradicionalzinha assim, mais é bem bacana porque é A, tem que pintar o que começa com A e junto coma a família escrever, mais assim pra ter a lição de casa, pra fazer a lição de casa, porque eu gosto de mandar

sempre uma liçãozinha pros pais também irem acompanhando mais é bem legal né. “Ai quando que eu vou levar o bebeléu, quando que eu vou levar o bebeléu? ” Então é bem legalzinho eles gostam porque né trabalhou a história vai

Pesquisadora: E esse ano já tem o bebeléu?

Professora Marcia; Não, não tem ainda

Pesquisadora: Ainda não tem o bebeléu

Professora Marcia: Porque eu comecei a trabalhar a história da escrita né, então éh! Áhn, daí com o passar do tempo vou mandar, já fiz o livrinho organizei mais não mandei o bebeléu ainda pra casa, e sabe que tem aluno assim, que eu tenho lá o cartaz das letras com alguma coisa, daí depois que a gente tira que a gente vai fazendo, quando eles, tinha um aluno que não sabe, saiu o ano passado sem saber todas as letras do alfabeto, mais eu lembro bem que ele trouxe uma injeção sabe, mais assim não com a agulha sabe, só a seringa daí a mãe dele escreveu lá que era injeção, daí ele trouxe, o que que começa i Miguel? Sabe, estava lá outras coisas, e injeção é mais difícil ele falava injeção sabe, eu achava incrível, porque ele trouxe, então e ele não sabe até hoje, a professora. Ontem a gente estava conversando com a professora falou que ele não sabe todas as letras, tinha dificuldade de aprender assim, né, muita dificuldade a mãe ajudava assim, a gente ajudava só ele sabia. Mais é porque tem sentido para ele deixar eu atender que é minha filha. Então eu acho que nossa é uma atividade bem legal, eu trabalho de manhã e as veze no caso esse ano eles chegam eles não, puxam a carteira não sabe nem onde vão sentar, ficam tudo parado, os meus já entram já sentam, quando eu falo assim, tem bilhete para colar, tragam a agenda e eu abrir a agenda. Então mais ela pegou até um livro do PNAIC para levar para ele ver, daí ela falou assim que na escola dela, e eu o que eu faço.eu misturo mesmo eu faço salada mista lá mais no o resultado sempre se eu acho que dá certo, né a minha turminha do ano passado bem boa a professora falou que eles estão bem né, quem dá o parecer é a professora, porque a avaliação é bem complicada né, as vezes está bom para mim para o outro não está né, então eu acho que é isso.

Fim da gravação.

Gravação: Professora Kátia Andrea Volcov Reizer

Duração do Áudio: 00:55:21

Escola Municipal Vila Zanon, Curitiba

Em: 13/04/2016

Sinalização utilizada na transcrição das entrevistas gravadas	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	(inc)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	<i>Itálico</i>
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	[minúscula]
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos ou da fala de outros narrada pelo entrevistado durante a gravação	“entre aspas”
Fáticos	ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá

Professora Kátia: Então eu não escolho, eu posso ler todas?

Pesquisadora: Você escolhe a que você quer começar, você faz na ordem que você achar melhor, fala de todas ou não.

Professora Kátia: Então assim, eu acho que a gente pode começar pela alfabetização, que é a minha área. Para mim a alfabetização é o ponto principal da vida escolar de uma criança e nesse processo é onde vai ficar todas as coisas boas que a criança vai aprender e as ruins, e hoje eu posso te afirmar pela minha vivência tantos anos de trabalho, que as coisas ruins estão marcando mais do que as boas nesse processo.

Pesquisadora: Como assim?

Professora Kátia: é porque vem vindo... nós somos cobrados para que a criança saia lendo e fazendo operações simples até o final do ano, o que acontece? Tem professores que leva isso ao pé da letra então, eles acabam esquecendo a parte lúdica do aprender e do ensinar, as relações interpessoais com esses alunos então, abandona-se toda a vivência que a criança tem fora da escola, o que importa é conteúdo. Muitas vezes a criança vem, eu já tive casos de pegar alunos que vieram de outra escola, meu Deus, com pânico em três semanas de aula, esse ano, por exemplo, eu tive um aluno, só que infelizmente

foi uma judiação que a família teve que se mudar para Lapa, ele teve que ir embora, em três semanas de aula em outra escola o menino pegou um trauma que ele não queria mais, ele tinha pânico da escola, ele tinha pânico da professora, ele tinha pânico de tudo, ele entrou aqui na nossa escola chorando três dias, no quarto dia ele vinha sorrindo. Então, sabe, essas cobranças, eu digo estou falando politicamente mesmo, estão tão fortes em cima do professor, que o professor quer cumprir conteúdo e acabou, ele quer fazer parte pratica ali e ele esquece do momento de cada aluno, do tempo de cada um de aprender, não está levando em considerando isso vai passando como se fosse uma máquina em cima de tudo para conseguir no final do ano a criança estar lendo, não importa se ela não sabe o que ela está lendo. Então, aqui ó, como entrar no letramento, a criança não consegue fazer nenhuma relação com o que na escola com o que ela vive, quando ela vai fazer uma leitura ela não consegue, não faz interpretação, porque ela está só decodificando, porque toda a vivencia dela que é tão, tão rica que a gente tem que estar explorando para que ela coloque todos os sentimentos, que ela tenha vontade de contar o que ela conhece, o que ela desconhece, que ela tem a liberdade com o professor, porque a partir desse ponto que a gente consegue saber como a gente deve encaminhar o trabalho, se a gente não conhece essa realidade como que a gente vai encaminhar? Você precisa saber o que os teus alunos sabem, conhecem, então... e está faltando isso. Alfabetização e letramento, tudo bem, mas param na alfabetização e letramento, ele é abandonado, a criança não consegue fazer relação, porque a criança não é ouvida, porque isso atrapalha, toma tempo, uma atividade que ia fazer em uma aula você faz em duas. Então, isso vai dificultando o trabalho, isso vai... e essas coisas vão ficando marcadas neles.

Pesquisadora: Você está me dizendo então, que falta escuta?

Professora Kátia: Falta escuta muita, tanto que assim, eu já fui... eu já ouvi que professores tem que consertar meus alunos no ano seguinte, porque falam demais, só que eu não consigo ver uma criança de cinco anos dentro de uma sala de aula que não fale, para mim é impossível, como que ela vai aprender sem falar? Então, eu acho que ai tem um... então, entrando aqui, ó, nessa parte na oralidade, meu Deus do céu, a gente conhece essas crianças só nesse momento é quando eles têm oportunidade de falar e não falar por falar, que ai

que eu digo que entra a oralidade, é uma fala direcionada, é uma fala buscando o conhecimento para que esse conhecimento seja produtivo dentro da tua sala de aula, não é sentar e ouvir só que ele fez no final de semana, tudo bem, tem momento para isso, mas é busca de trabalhos para que a criança consiga raciocinar para falar, que ela conseguia falar no que ela está falando, para que ela tenha discernimento do que ela fala e não só falar por falar, porque isso é claro que todos falam, mas agora como esse entendimento de saber se colocar, saber o que falar na hora que você pergunta, que você faz uma pergunta para a criança saber se colocar, colocar a sua posição, saber argumentar e isso vai ficando, porque é perda de tempo para muitos profissionais. Então, aí fica difícil, a gente ter um bom trabalho, porque essa criança vai estar como no segundo ano? No quinto ano? Que é onde a professora vai estar trabalhando, meu Deus do céu, textos as crianças vão estar tendo que elaborar texto com que conhecimento? Com que vocabulário? Se você não fala, se não conhece, se não lê, se não ouve. Aí fica aquela criança com vocabulário restrito, aqueles textos sem entendimento, sem concordância. É assim nesses momentos que a gente tem ideia, compartilha, porque ela é muito minha parceira, muito.

Pesquisadora: A professora Carla?

Professora Kátia: Aham.

Pesquisadora: E ela é quinto ano?

Professora Kátia: Quinto ano. Então assim, quando são atividades coletivas a gente tenta fazer junto ou quando ela precisa de uma ideia ela vem falar comigo, a gente bola, quando eu tenho alguma coisa que ela pode aproveitar, então a gente é bem parceira, por isso que sempre está assim. Então, o que as crianças contam para mim é primordial para o meu trabalho, eu quero ouvir, eu quero saber o que eles têm para trazer e o que eu posso oferecer para eles a partir disso, desse ponto. Falando de programas de formação, eu tenho muito a agradecer, como você falou de (ininteligível), eu tenho uma pessoa que é a pupila dos meus olhos é a Justina e o pouco de sei de matemática hoje, de como trabalhar matemática, porque eu estou na rede há 10 anos então, eu falo que eu brincava de ser professora antes de entrar na rede, porque eu trabalhava em escola de educação infantil pequenas, essas escolas de bairro e hoje eu percebo que aquilo é brincar de ser professor e a Justina me ensinou o que era

matemática, porque para mim eu vim daquela leva de pessoas que odiava matemática, porque eu não aprendi matemática, as pessoas não me ensinaram, meus professores foram horríveis, eu era uma criança com dificuldade, porem como eu tirava nota eles não queriam saber como eu tirei nota, se foi meu pai que me ensinou, se foi minha mãe, se foi... mas não foi na escola. Então, eu vim com aquela birra de matemática e quando eu entrei na rede comecei a frequentar os cursos de formação que a gente era obrigada no começo, entre aspas, e comecei a perceber que realmente eu não tinha conhecimento, eu não sabia trabalhar e comecei a buscar cada vez mais então, daí parou do obrigado por vontade então, eu tinha, eu queria aprender e eu tive o prazer de ter muitos cursos de formação com a Justina e ela me ensinou o que era trabalhar matemática, de ter a outra visão da matemática, só que assim, nada vale uma formação, de nada vale se a gente não colocar em pratica então, o que eu vejo hoje é isso, as pessoas fazem o que são obrigadas ou porque o sistema obriga a ela fazer por horas lá, para ter suas horas, para o seu crescimento, ou financeiramente falando por algum motivo especifico, para conhecimento são poucas pessoas que ouço e assim, eu digo que aprendi ali. No PNAIC, o PNAIC de matemática para mim acrescentou na parte teórica, na pratica não, porque a pratica que apareceu no PNAIC era minha pratica de anos então, ali não, mas na teoria me acrescentou muito então assim, só que esse é um exemplo, as pessoas iam para ganhar R\$ 200,00. Quando você hoje, quando você volta, tudo muito lindo, caixas matemática, jogos, materiais manipuláveis, tudo é lindo, no ano do PNAIC, se você hoje for eu queria saber, queria fazer essa pesquisa, quantas escolas usam normalmente o material feito no PNAIC? Quem tem todo esse material? É feito por momento.

Pesquisadora: Você vê isso aqui?

Professora Kátia: Não, não.

Pesquisadora: Vê em outras escolas?

Professora Kátia: Uhum. Eu vejo na fala das pessoas, porque a gente se encontra em cursos, em lugares, então assim, você percebe que é tudo, só é feito pela cobrança, não é pensando no aluno e é sério isso, é sério, é muito triste. Quando você ouve assim, porque eu sou uma pessoa que eu não gosto muito de repetir material, eu repito materiais bons então, tem materiais, depois

eu vou te mostrar os meus jogos, que eu faço para ter para sempre então assim, tem coisas que eu faço para sempre, porque eu posso não usar, tem material que eu uso todo ano, tem material que eu não uso todo ano, depende a turma que eu estou, só que eles estão lá, eu sei que uma hora eu vou usar novamente, ano está ali só porque eu tinha que fazer para mostrar para alguém, então assim, os cursos, os programas de formação, tudo seria muito valido se as pessoas conseguissem tomar aquilo como reflexão do seu próprio trabalho, de o que mudar, o que permanecer, mas não acontece, infelizmente.

Pesquisadora: Nos programas de formação, como aparecem as histórias?

Professora Kátia: Então, falando em histórias fica complicado, porque eu trabalho em dois segmentos então, de manhã eu sou agente de leitura, à tarde eu sou professora de primeiro ano então, eu frequento formação de agente de leitura e de professora. Eu fico no meio termo falando em histórias, por que? Porque como agente de leitura você não pode usar o livro como um material didático, certo. A literatura está aqui para incentivar a leitura, para a criança ter o prazer de ler o que ela quiser, a hora que ela quiser. Na sala de aula o livro já é utilizado como apoio, eu penso que, como tudo na vida tem um meio termo, dentro da minha sala eu não uso livros só como subsidio para trabalhar alguma coisa, eu uso sim, às vezes em algumas sequência, em um encaminhamento eu uso, mas dentro da minha sala como aqui na escola em todas as salas eles têm o cantinho da leitura com livros bons, para hora que eles querem, quando eles terminam as atividades eles podem pegar o livro, sentar num lugar onde eles quiserem na sala, fazer a leitura sozinho, com amigo, pedir... então, eles têm os outros momentos então, acho que fica assim e eu vou te falar que eu gosto, tem livros maravilhosos, porque a criança principalmente quando ela gosta de ler, quando ela ouve uma história que depois essa história está participando da atividade dela, do que ela vai fazer do registro, ele tem prazer, porque ela tem conhecimento daquilo, ela tem propriedade para falar sobre aquilo, ela viaja, se você quiser fazer uma produção de texto a criança cria sobre aquilo, porque ela vivenciou e é uma coisa que dá prazer a ela então, eu particularmente não vejo mal, o que eu vejo sim, se o livro só for usado com esse objetivo, se a criança não tiver outros momentos com ele, ai sim, então, dela nunca ter o prazer de

ouvir uma história. Aqui na escola todas as quartas-feiras tem o tempo de ler então, vinte minutos a escola inteira para, para ler, o professor e os alunos e funcionários, esse é o momento que ora a professora conta história, ora uma história de fantoche, outra com livro, as crianças podem ler revistas, podem ler gibis, podem ler os livros, cada semana cada professora organiza de uma maneira. Então, eu penso que foi propiciado para as crianças a literatura por prazer, a leitura por prazer em outros momentos não tem mal nenhum, só que é isso que eu disse para você que eu fico no meio termo, porque quando eu vou de manhã em um lugar eu ouço “não pode ser usado” aí quando eu estou de tarde eu vou PNAIC, todos os PNAIC era só a parte de livros então, daí fica aquela... só que assim...

Pesquisadora: Como fica a teoria prática nisso?

Professora Kátia: É, eu tendo, é isso que eu falo, ponderar, eu pondero. Eu aproveito o momento da biblioteca, porque eu atendo todas as turmas, eu aproveito para que eles tenham esse momento de prazer mesmo, que é o momento de vivenciar o livro, de conhecer autor, eu aproveito esse momento e na minha sala eles têm esse momento com agente de leitura da tarde, tem comigo em outros momentos e eu uso quando eu acho que necessário. Agora, é importantíssimo a história, seja ela... ela tem que estar sempre, porque ali que a criança consegue dar asas à imaginação mesmo, que ela consegue viver tanto que a criança, meu Deus, eles pedem às vezes parar contar três, quatro vezes o mesmo livro que você não pode ouvir mais e ele quer, eles querem porque aquele ficou marcado por algum motivo. Então, por isso que aqui na escola já faz oito anos que a gente tem o projeto do tempo de ler, nem um ano a gente deixa passar, a gente repete, tenta ir renovando, oras eu faço Contação de histórias para toda a escola, uma vez no mês eu faço Contação para todos, porque eu acho muito importante a literatura tem que estar na vida deles, porque se não for agora depois fica difícil. Sexto ano em diante já começa cobrança em cima de livro que é o que eles odeiam, é síntese, é não sei o que então, eles... o adolescente já começa a deixar de gostar de ler então, a gente tem que aproveitar agora para formar esses leitores. E assim, o máximo é quando a gente deixa, dá a oportunidade a eles, por exemplo, que nem na minha turma essa época do ano não tem ninguém lendo, quando eles têm essa intimidade com o

livro, porque no começo do ano eles vem “pro, não sei ler” eu falo “mas você consegue ler as imagens então, você consegue o autor pela imagem, ele também consegue transmitir o que ele quer, o que ele pensou na hora de escrever o livro’ então, no começo eles ficam meio receosos depois, primeiro eles inventam a história como eles querem, da maneira que eles pensaram e eu deixo aquele livro fica rolando e eles vão criando as suas histórias, quando eu leio porque ai chega no determinado momento que está na hora de mostrar o que o autor realmente quis, que não era o que a gente imagina é uma coisa, ‘nossa’ é muito engraçado, ai eles, falam, ai eu começo a questionar “por que que vocês achavam que estava acontecendo isso?” Ai que vem as interferências das hipóteses deles, “por que que você pensava que era assim? ”, “ah, professora porque tinha tal figura”, “ah, porque a cara dele estava desse jeito”, “ah, é porque ele estava vestido assim” então, só que as invenções saem do arco da velha, por que? Porque eles têm acesso a vários então, quando eles têm um leque grande de informação ‘nossa’ a cabecinha vai longe, vai longe. Na matemática eu percebo que os livros vieram, veio muito material bom agora do PNAIC para trabalhar matemática, até assim, tem livros mais antigos que, para quinto ano, quarto ano, que eles ficam meio esquecidos da parte lúdica do ensinar. Então, eu percebo que assim, alguns professores que quando conhecem alguns livros se animam para mudar o seu trabalho a partir do livro, isso que eu acho um ponto muito positivo, porque eles não têm um foco, eles têm o livro didático então eles trabalham em cima daquilo aí às vezes no livro didático aparece uma sugestão de um livro, elas vêm até a biblioteca e perguntam “professora, você tem esse livro aqui?” na maioria das vezes a gente tem, tipo da “Família Gorgonzola” partindo dali que elas se animam para fazer outros tipos de trabalho, porque elas não têm, tem muita gente que é, voltando na formação, que não faz, não participa então, não tem acesso a esse conhecimento de diversificar o trabalho, ai quando acha alguma coisa assim, e na maioria das vezes o que tem no livro didático é livro de literatura infantil, que onde eles partem o trabalho, ali ela já começam a pegar ideias de outras professoras e daí o trabalho já começa a ter um outro direcionamento. Então, eu acho que foi muito, é muito produtivo desse jeito que eu falei, não partindo sempre dele, mas ampliou muito o trabalho e esses cursos de formação, vou

usar o exemplo do PNAIC, porque é o que está mais, foi aonde as pessoas que fizeram tiveram a oportunidade de conhecer os dois lados, a teoria e a prática, porque normalmente na formação nossa, capacitação nossa da rede normalmente eram práticas, uma pincelada de teoria e algumas práticas, porque era o que as pessoas precisam no momento, as pessoas precisavam mudar o seu trabalho, mas daí ficava faltando um pouco da teoria e no PNAIC eu vi as duas coisas, a teoria e a prática e pegou muito na parte do letramento matemático, eu vi muitas pessoas mudaram a sua visão em relação a matemática com esse curso, com esse programa, porque o trabalho com a matemática em sala era muito mecânico, muito sistemático assim de matemática é, aprender os números e fazer continha, isso, isso que é matemática, essa é a função do professor ensinar matemática, ele tem que saber conhecer os números e fazer conta.

Pesquisadora: Era separado (ininteligível) do mundo.

Professora Kátia: Isso. Mas cadê a matemática fora daqui? Então, começando na minha turma, por exemplo, ainda eu tenho uma briga muito grande porque assim, eu sei que eu tenho um cronograma para cumprir, eu sei disso, mas não é por isso que eu vou pular coisas importantes para os meus alunos então assim, sempre eu trabalhei parte de classificação, seriação, ordenação, todos os critérios mais sequencias no início dos dois primeiros meses, porque muitas crianças nem escola frequentaram. Então, para mim aí saia disso passava para quantificação, contagem de réstia numérica, contagem de material, contagem, contagem, contagem, aí eu encontrava com alguma de outra escola a pessoa falava “‘nossa’ eu já estou no número nove”, pergunto a criança sabe o que são nove coisas ou ela conhece a estrutura, ela sabe a quantidade, ela sabe... não, ela sabe que ele símbolo se chama nove, tá, e daí? Cadê a importância? Então, eu sempre me preocupei muito com isso em trabalhar essa base primeiro para daí partir para o sistema de numeração decimal e trazer muito deles para dentro da escola, a importância do número, porque hoje em dia então mudou tanto os nossos... ‘nossa’ as crianças hoje não são o que nós fomos, meu Deus, eles têm acesso a tanta coisa. Então assim, eu tento que eles tragam primeiro tudo, aonde que o número está, traz, traz, traz figuras ou até criança que não traz figura fala, aí qual é a importância daquele

número, por que que ele é tão importante? Por que que é tão importante o número de uma casa? Por que que é tão importante um número de um calçado? Por que? Então, levantar muito questionamento em cima disso para que ele saiba, ele consiga entender a importância daquilo que está por vir. Então, quando começar o trabalho com número, a criança saber da onde que veio, não é só olhar no quadro e copiar, que é o que acontece então, daí chega lá no terceiro ano, quarto ano, não sabe o que é dezena, não sabe, não conhece a ordem dos números ou a gente sabe que foi passado, mas não foi compreendido então teve alguma falha em algum lugar. Então assim, eu busco dentro da minha sala constantemente na oralidade estar trabalhando a medida de tempo calendário todos os dias, eu não faço registro, eu não trabalho com a parte escrita, só que na oralidade eu trabalho todos os dias, todos, então meses, ano, dias, dias da semana, ontem, hoje, passado, presente, futuro, diariamente, diariamente, por que? A criança a gente já sabe o quanto é difícil para eles, o calendário é muito difícil para criança aprender, se não for batido isso todo dia e com significado, o que vocês fizeram ontem? O que teve de aula ontem? Volto na rotina. O que nós fizemos? Então, hoje é quarta hoje é o dia do tempo de ler, o que terá amanhã? Para que eles tragam as informações, para que estejam sempre fazendo a cabecinha funcionar, porque para nós é fácil, a criança olhar, decorar e escrever, tá, a minha parte eu estou fazendo, mas estou fazendo o todo? Estou fazendo tudo o que é preciso para essa criança ser letrado? Não, está falho. Então, nessa parte eu acho que tem que ser muito revisto, porque se nem na língua portuguesa é trabalhado da maneira correta o letramento, imagina na matemática, que tem pessoas que nem sabem que existe o letramento matemático, nem pensa, é só literalmente a decodificação de símbolos e as operações então, é complicado. E assim, o legal da matemática é que querendo ou não a gente está usando ela ensine outras disciplinas. Lá quando você está fazendo... e as pessoas não conseguem pensar dessa maneira, fala "ai, meu Deus do céu, como que eu vou fazer essa sequência, vou colocar tudo primeiro" primeiro, que não vai colocar tudo, você colocar o que for pertinente o que é cabível ali, mas na construção de um gráfico, meu Deus, são tantas oportunidades que a gente pode aproveitar lá em geografia, simular 'enes' situações que a gente pode trabalhar, mas que a pessoa foca matemática só

naquele conteúdo fechadinho que tem ali na disciplina mesmo, não abrindo o leque para outras situações que ai entra também o que a gente está falando do letramento, nas outras coisas que a gente vive ela e nem sabe que está vivendo, porque às vezes a criança fala “ah, professora, mas aonde que eu vou usar matemática, aonde?”

Pesquisadora: Pergunta que não quer calar.

Professora Kátia: Então, não percebe que mesmo não conhecendo os números, não conhecendo as nossas crianças aqui, ninguém passa eles para trás com troco, eles trazem um conhecimento e aonde que eles vão usar? Meu Deus do céu, em tanto, quando ele vai utilizando dinheiro ou quando ele vai... eu penso que é nossa obrigação trazer isso para eles, porque na família a matemática é única exclusivamente operações. Então, na hora que eles vão resolver uma situação problema mesmo da vida quantas pessoas ficam paradas não conseguem encontrar soluções para aquilo, não conseguem, porque a cabeça está parada.

Pesquisadora: Resolver problemas, né.

Professora Kátia: Não conseguem, só que desde o começo, cadê essa resolução de problemas no nosso dia a dia? Sempre alguém acaba resolvendo e não permitindo com que eles pensem, por que? Porque leva tempo, é isso que eu volto no tempo, tudo leva tempo então, atrapalha o andamento. Então as coisas acabam ficando, acabam passando batido por isso, porque as pessoas se preocupam mais com a quantidade do que a qualidade e é difícil para quem está do outro lado tentando fazer da maneira correta, “ah, meu Deus, mas você está aí ainda? Meu Deus, você está fazendo isso ainda? Ai, mas...” e assim, a gente tem, eu aprendi que não me importa muito o que os outros falam. Aqui na escola eu tenho um exemplo, a nossa pedagoga ela tem muito conhecimento, ela estuda muito, ela lê muito, só que ela é uma pessoa difícil de passar tudo o que ela sabe, porque ela tem tanto conhecimento que ela joga aquilo em cima de você, blubblublu, sabe, é tudo, então tem horas que você não consegue, você fica assim, né. Quando eu entrei aqui, como eu disse, eu sei hoje que eu não sabia trabalhar, eu aprendi a trabalhar na prefeitura e eu devo muito a ela, ela me ensinou muito a Rosana. Eu vinha com material que era o que eu na minha vivência de escola particular...

Pesquisadora: Achava...

Professora Kátia: Sabia que era daquela maneira que era para trabalhar, mas eu não sei quanto tempo, eu acho que eu vou te falar que durante uns cinco anos ela me fez voltar com as minhas atividades, cada vez eu voltava com menos então assim, eu apresentava dez atividades para ela no começo ela mandava eu reformular as dez, mais para frente eu voltava com dez ela mandou reformular oito, até hoje ela manda eu consertar uma letra que está errado, nunca passou sem ela riscar minhas atividades até hoje, nunca, algum risquinho ela faz, só que assim, o que ela me ensinou muito é valorizar a produção da criança e infelizmente na rede privada isso não existe, o que existe ao belo aos olhos, se está bonito visivelmente, ai, que lindo, tudo muito lindo, caderno lindo, tudo perfeito, está perfeito e para mim era isso. Eu não conseguia ver o belo na produção deles, porque esteticamente não era e ela conseguiu com que eu visse o outro lado que para chegar naquilo o que aquela criança pensou, passou, sofreu, porque teve crianças que para fazer aquilo, 'gente' foi um... então assim, e com essas 'chapuletas' que eu levei, entre aspas, foi que eu fui crescendo até um dia que eu fui participar e ela sempre retrucava tudo o que eu falava, fui participar do ... ai meu Deus, agora me fugiu o nome, daquele seminário de matemática que teve na PUC, nacional, e lá participei de 'n' palestras foram três dias então 'nossa' eu aproveitei tudo o que eu pude mais um pouco e vim com um monte de ideias para trabalhar, ai em uma das... teve oficina e uma das oficinas foi trabalhado um jogo de senha, era "senha" o nome do jogo, que era de possibilidades de acerto, eu cheguei na segunda-feira na minha permanência, preparei o material maravilhoso e quando eu terminei eu pensei, hoje se a Rosana falar que eu não vou aplicar, hoje eu não volto sem aplicar minha atividade, sabe por que, Marcia? Porque eu tinha argumento, eu tinha tanta certeza do que eu queria trabalhar, do que eu queria alcançar, qual era o meu objetivo, o que eu estaria avaliando, eu tinha tanta... pela primeira vez na minha vida eu tinha tanta certeza que eu fui comigo, hoje ela não me vence, só que eu não estou falando isso para você como uma crítica, não, por isso que eu digo que ela me fez crescer muito, porque eu aprendi isso com ela, você tem que ter argumento na hora de falar, se você não tiver fique quieta, pegue, guarde tua folhinha leva para sala amasse e jogue fora ou você vá lá reformule apresente,

se tiver que fazer de novo faz de novo, eu cheguei para ela, ela falou “não, você não vai, isso ai não é para a idade dos seus alunos, você não vai trabalhar” eu falei “vou, eu vou Rosana, você sabe por que que eu vou? Porque que quando eu pensei nesse jogo, eu pensei nesse jogo por esse motivo então, eu ia estar trabalhando raciocínio, eu ia estar trabalhando as possibilidades, eu ia estar podendo, lá, lá, com isso eu vou poder avaliar isso e isso é isso no meu aluno”, “pode aplicar”. Então isso virou uma meta, assim, eu coloquei isso como filosofia de vida, eu não falo se eu não tiver argumento, aí eu fico quieta, eu não vou discutir com quem tem, eu vou aprender com quem tem. Então, agora, quando você tem argumento e você tem certeza do que você está fazendo, não tem porque, não tem porque a pessoa fazer com que você mude de opinião, então assim... e desse dia em diante eu tive mais confiança de fazer, de aplicar as minhas atividades e a matemática para mim na sala praticamente só trabalho com jogo, praticamente, uma vez por semana tem jogo, eu tenho dois horários, quatro horários por semana que eu trabalho matemática, dois horários em um dia, não, três, na semana, um deles é jogo os outros por que, três? Por exemplo, eu fiz um jogo na sexta-feira a aula foi só para execução do jogo eu não consegui fazer registro naquele dia e para mim na minha avaliação o registro vai ser importante, porque eu estou finalizando um trabalho de sequência então, o registro vai ser importante para que eu possa avaliar as crianças, já fiz avaliação no jogo ali, mas agora eu preciso do registro, só que não deu, não deu sexta, então o meu planejamento já tive que reformular, hoje eu vou trabalhar, eu vou rever o jogo, vou refazer a sequência para que eles possam lembrar, que eu fotografei, hoje eu vou colocar novamente para que eles façam o registro. Então assim, eu penso que se a matemática ficasse gostosa em sala de aula e não só nas séries iniciais, sempre, não tem porque não ser delicioso em todos os anos, eu sei que vai chegar uma hora lá, ensino médio, eu vejo a minha filha hoje, claro, mas é porque já foi a base, ela já sabe a parte que ela precisava principal para estar trabalhando o que ela está trabalhando agora ela já conhece e aí vem o ponto, conhece bem ou não? Então, se a gente consegue encontrar estratégias para trabalhar de uma maneira que eles tenham prazer por aquilo o aprendizado vai ficar muito mais fácil. Então, isso que eu penso que falta isso nos outros anos, porque acaba ficando a parte com material manipulável e jogo, primeiro e

segundo ano, do terceiro ano em diante vai acabando. Entendeu? Então, isso que eu acho muito sério. Outra coisa que nem eu te disse da medida de tempo lá p calendário, é muito difícil para eles o entendimento, a mesma coisa, é trabalhado ferrenho primeiro e segundo, só que ainda não está apropriado ainda ao conhecimento do jeito que tinha que estar, porque nós, eu trabalho mais na oralidade, o segundo ano oralidade com pouco de registro, um pouco, 'gente' terceiro tem que continuar na oralidade e o registro, para quarto e quinto ano está na ponta de língua então, as coisas vão se perdendo. O que eu vejo que quando, por exemplo, aqui na escola, como eu construo muito material, eu divido muito meu material então, as meninas vão adaptando e na escola que ninguém faz? Quando tem uma, duas que fazem e compartilham, porque tem gente também que tem o seu e está ali escondidinho que é para os meus, eu vou fazer o melhor, então, são os meus alunos, não são os alunos da escola, eu não quero que o aluno do quinto saia bem daqui, porque se eu tenho esse pensamento que a minha turma eu vou dar isso para a minha turma para as outras não, é porque eu não estou nem aí como é que ele vai sair daqui, qual é a formação dessa criança. Então, quanto tem alguém que faz e compartilha eu acho que já um lucro, a gente já sai no lucro então, aqui nós fazemos muito isso então, material é compartilhado, eu tenho muito material que 'nossa' terceiro ano, quarto ano usa, quinto ano usa, fazem as adaptações e usam o material então, eu acho que isso que está faltando em todas as escolas é essa preocupação deixar prazerosa a aula e focar no raciocínio, a criança tem que aprender a pensar, resolução de problema é só aqueles, a gente vê quando é "prova Brasil", meu Deus do céu, quando tem alguma coisa que saiu do Joãozinho tem cinco balas, ganhou mais duas, com quantas balas Joãozinho ficou?" Saiu disso, ninguém mais faz.

Pesquisadora: Você acredita que nesse ponto a utilização da história com a matemática em sala de aula pode ser uma forma de melhorar, de ajudar, de ser um recurso que significativo para isso?

Professora Kátia: Muito significativo, porque quantos livros trazem neles a história precisa da resolução ali, os personagens vão encontrando forma de resolver aquele problema e assim, é o que eu falei, eles transferem o que eles leram ali, o que eles ouviram na história, eles conseguem, eles têm a capacidade

de passar isso para a vida deles. Então, se é possível, porque a criança a cabecinha viaja então, ali se a gente conseguiu encontrar uma solução para aquele problema daquela maneira discutindo, argumentando, por que não dentro da sala? Então, partindo daquela história, “vamos mudar então o problema era daquele jeito na história, como que a gente pode resolver esse problema de outra maneira? Na história foi resolvido dessa forma, mas existe outra maneira de resolver? Como que poderia ter feito? ”

Pesquisadora: Então você está me dizendo que tem matemática aí?

Professora Kátia: Sim, indiferente se você está trabalhando, se você escolheu aquele livro com o intuito da matemática, não necessariamente, por isso que eu digo que ele está nas outras áreas, ele não precisava, você não precisou escolher aquela história, eu vou trabalhar este livro para trabalhar resolução de problemas, não, você utilizou aquele livro para o prazer da leitura, a criança leu, ouviu, foi delicioso, na sua aula de matemática você pode levar aquele questionamento, “crianças, olha, a personagem tal, viveu essa situação e encontrou essa solução, quero que você me digam aqui, alguém pensou de outra maneira, que poderia ter encontrado outra maneira?”, ‘gente’ olha, quantas ideias vão sair e se não sair ai que é um problema, ai que a gente tem que buscar outras formas que essas crianças consigam pensar dessa forma raciocinar para poder encontrar soluções, porque se eles não falam nada o problema é pior ainda, é maior ainda se ninguém falar nada. Rotina foi o que eu falei, a rotina é importantíssimo na minha turma, se eu não faço a rotina as crianças ficam perdidas, perdias, porque a passagem de tempo para eles é muito complicado, se visualmente está ali eles sabem o que vem antes de uma atividade, depois, eles vão organizando o raciocínio, pensamento deles fica menos ansiosos, eles conseguem organizar o raciocínio e organizar até o seu sentimento, porque, por exemplo, uma aula de educação física é uma aula que eles esperam ansiosamente, se eles não sabem o dia que ela é e no dia eles sabem que é aquele dia, mas eles não sabem que horas eu não dou aula, porque eles ficam eufóricos “professora, o professor está chegando? O professor está chegando? O professor está chegando? ” Agora, se ele viu a rotina, ele sabe o que vai acontecer, ele olha para lá e espera, ele nem pergunta. Então ali, no momento que eu vou trabalhar calendário eu trabalho contagem, eu trabalho, quando eu

trabalho eu faço a chamada eu faço a contagem da quantidade de meninas, de meninos, eu faço com eles a quantidade total de alunos, na quantidade total em vez de mostrar o resultado, porque eu coloco lá, o nome deles na chamada e o número referente a quantidade, no resultado como sempre é um número alto, o que eu falo para eles? A gente passa para o quadro valor lugar, eu mostro a quantidade de alunos então ali já vai o concreto, contar a quantidade um palito para cada criança, dali eu passo lá retomo, então vamos ver quantos palitos para gente formar dezena? Dez. Já separa, já estou trabalhando ordem, ali quando eu vou trabalhar o calendário a passagem do tempo, o antes, o depois, peço para eles procurarem no quadro numérico o dia, eles mostram o número que era referente ao dia de hoje, variação de calendário, tenho três tipos de calendário na sala para que eles possam, porque está aí na vida, não é só aquele que está na sala de aula, peço para eles trazerem outros diferentes de casa, com que eles já viram, tudo isso. Na educação infantil a história está diário, todos os dias, ou a professora contando, o que eu faço das histórias da minha sala é isso, final de atividade eles podem ler histórias, quanto tem alguma história lá no expositor que eles queiram muito ai em um determinado momento eu paro e leio para eles e aquilo que eu te falei, quando o livro, quando eles gostam do livro aquilo vai uma, vai duas, vai três, vai quatro, vai cinco vezes, quantas eles acharem que é necessário para matar a vontade de ouvir a história. Jogos de histórias, não entendi.

Pesquisadora: É possível fazer jogos a partir de histórias?

Professora Kátia: ah, sim, é possível fazer jogo a partir de qualquer coisa.

Pesquisadora: Então, as histórias podem conter jogos de podemos fazer jogos de histórias, de palavras.

Professora Kátia 'Nossa', jogo...:

Pesquisadora: Isso faz parte da rotina ou ainda não se pensou nessa questão?

Professora Kátia: Ó, isso faz parte da minha rotina, mas acredito que não faça parte da rotina de todos os profissionais. Como eu uso muito livro, eu faço muitos jogos partindo de livros ou ora usando personagem, fazendo jogo de percurso, fazendo jogo de palavras, personagem, palavras, isso para mim na verdade acho que a maioria dos meus jogos partem de histórias, porque o meu

trabalho eu faço muito esse conhecer didático partindo de história, não necessariamente o trabalho começando pelo livro, pode ter outro ponto de partida que não foi o livro, mas uma hora vai chegar nele. Então, 'nossa' é muito possível, eu acho que o jogo é possível partindo de qualquer coisa da vivência, de uma coisa que eles tragam, a gente consegue fazer jogo partindo de qualquer coisa.

Pesquisadora: Muito bem. Tem mais alguma coisa que você queira contar?

Professora Kátia: Eu acho que falei... história em casa eu acho que ainda está meio complicado o trabalho, porque a realidade das famílias de hoje não permite, é uma pena, mas eu fiz um trabalho, eu estou fazendo um projeto com um livro que " O aniversário do seu alfabeto" e na proposta as crianças levam o seu alfabeto para casa, o boneco o mascote o livro com jogos então, eles levam dois jogos, levam um alfabeto móvel, uma mascote e o livro e mais um caderno com diário do que eles fizerem naquele momento com algumas informações pensando na matemática, porque lá como o livro fala do seu alfabeto, eu queria que eles falassem um pouco deles então ali eles colocam a idade, com quem eles moram, o tamanho, a altura, o tamanho do sapato, algumas informações deles e é engraçado que, a maioria das crianças volta contando que a família não leu o livro ou não jogaram, "por que o que aconteceu?", "Ah, porque a minha mãe não tem tempo" e a gente sabe que a realidade é essa, infelizmente, são poucas as família, porque isso é estrutura de família, porque sem tempo todos nós somos, eu também não tenho tempo, eu também trabalho, eu também tenho ocupação na minha casa, é igual de todo mundo, a diferença é que a gente sabe a importância que isso na vida do filho e isso infelizmente aqui as nossas famílias, não são todos as família que tem, então a gente percebe que fica falho.

Pesquisadora: que pena.

Professora Kátia: É uma pena, mas então...

Pesquisadora: Tem que se insistir, insistir.

Professora Kátia: Ah, a gente vai tentando, vai tentando e vai cobrando e vai incentivando, vai propiciando situações para que isso vá mesmo que volte não do jeito que a gente queria, mas foi e vai mais uma vez e vai mais uma vez

e assim nós vamos tentando e tentando e tentando, de pouquinho em pouquinho a gente quer ver se consegue alguma mudança.

Pesquisadora: Educação é isso, né, tentando, tentando.

Professora Kátia: E vai ser sempre.

Pesquisadora: é verdade. Que bom, gostei muito, obrigado.

Professora Kátia: De nada.

Pesquisadora: Obrigada.

Fim da transcrição.

Documentação: Termos e consentimentos para as entrevistas

A digitalização dos termos de consentimento da entrevista, seu uso e publicação de todos os colaboradores da dissertação, bem como os originais e áudios das entrevistas estão sob a guarda da pesquisadora, poderão ser requisitados a qualquer tempo, por pesquisadores e/ou instituições que se disponham a cumprir as exigências dos procedimentos metodológicos em História Oral, constituindo fonte histórica de referência para futuros trabalhos, sendo necessária a identificação do entrevistado.

Modelo dos documentos utilizados para autorização das entrevistas com as professoras:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

portador(a) do RG: _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para a pesquisa de Mestrado intitulada até o momento, **TEM MATEMÁTICA AÍ? ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E O USO DAS HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS EM SALA DE AULA – POSSIBILIDADES**, desenvolvida pela pesquisadora Marcia Costa Graichen Murbach, no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), DA Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa em Educação Matemática - Alfabetização Matemática, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41) 30163024 ou do email: marcia.murbach@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: buscar por meio dos estudos em alfabetização matemática perceber possibilidades do uso das histórias para

crianças como recurso de aprendizagem juntamente com o conteúdo de alfabetização matemática previsto.

Minha participação a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de entrevista aberta com o uso de narrativas organizadas a partir de entrevistas com professores alfabetizadores, gravadas em arquivo de áudio e posteriormente transcritas e textualizadas para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada a dissertação terei acesso à transcrição e textualização da entrevista momento em que poderei concordar com seu conteúdo e realizar as alterações que julgar necessárias. Posso ainda me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo, sanção ou constrangimento.

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do
participante/entrevistado: _____

Assinatura da
pesquisadora/entrevistadora: _____



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu,

portador(a) do RG: _____ e CPF: _____

declaro, por meio deste termo, que autorizo na íntegra, o uso das informações prestadas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo sem restrições de prazos e citações, a ser veiculado de forma impressa ou digital na dissertação de Mestrado intitulada até o

momento, **TEM MATEMÁTICA AÍ? ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E O USO DAS HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS EM SALA DE AULA – POSSIBILIDADES**, desenvolvida pela pesquisadora Marcia Costa Graichen Murbach, no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), DA Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa em Educação Matemática - Alfabetização Matemática, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, bem como em trabalhos e textos produzidos relacionados a essa pesquisa, desde a presente data.

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste termo.

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Assinatura _____ do
entrevistado(a): _____

Assinatura _____ da
pesquisadora/entrevistadora: _____



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu,

portador(a) do RG: _____, afirmo que após ter lido o texto da textualização da entrevista concedida em, ____/____/____, e após ter feito minhas considerações e solicitado as alterações, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra o uso e publicações das informações por mim concedidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base no áudio coletado.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de Mestrado até o momento intitulada, **TEM MATEMÁTICA AÍ? ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E O USO DAS HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS EM SALA DE AULA – POSSIBILIDADES**,

desenvolvida pela pesquisadora Marcia Costa Graichen Murbach, no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), DA Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa em Educação Matemática - Alfabetização Matemática, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste termo.

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do
participante/entrevistado: _____

Assinatura da
pesquisadora/entrevistadora: _____

Modelo dos documentos utilizados para autorização das entrevistas com as crianças:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA A FAMÍLIA

Pai e mãe,

Eu, Marcia Costa Graichen Murbach, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, desenvolvo, em meu trabalho de mestrado, um estudo que apresenta como tema a alfabetização, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Espero contar com seu apoio para abordar a questão apresentada em minha pesquisa, que tem como propósito evidenciar relações entre o aprendizado em matemática e a utilização de histórias infantis nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Por esta razão, gostaria da sua autorização para uma entrevista com seu filho/filha. A entrevista será realizada na escola de forma espontânea e lúdica a partir de um jogo onde as crianças contam histórias. As entrevistas, serão um elemento para trazer à tona a fala das crianças sobre como entendem o que é Matemática.

Na certeza de que sua contribuição poderá se refletir na construção de compreensões significativas no entendimento sobre a alfabetização e a matemática, agradeço-lhe antecipadamente.

Atenciosamente,

Marcia Costa Graichen Murbach
Pesquisadora

Carlos Roberto Vianna

Orientador



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu,

_____ portador(a) do RG: _____ e CPF: _____

_____ declaro, por meio deste termo, que autorizo na íntegra, o uso das informações prestadas por meu filho/filha: _____ nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em suas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo sem restrições de prazos e citações, a ser veiculado de forma impressa ou digital na dissertação de Mestrado intitulada até o momento, **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E O USO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS EM SALA DE AULA**, desenvolvida pela pesquisadora Marcia Costa Graichen Murbach, no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), DA Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa em Educação Matemática - Alfabetização Matemática, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, bem como em trabalhos e textos produzidos relacionados a essa pesquisa, desde a presente data.

Esta cessão afasta os responsáveis pelo entrevistado(a) e seus herdeiros de receberem qualquer espécie de indenização ou compensação em virtude do uso e administração do material.

A pesquisadora por sua vez se compromete a utilizar o material citado com objetivos educacionais.

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste termo.

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do responsável pelo entrevistado(a): _____

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: _____



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
portador(a) do RG: _____ e CPF: _____
residente em: _____

declaro, por meio deste termo, que concordei e autorizei meu filho/filha: _____ data de nascimento: ____/____/____ a ser entrevistado(a) para a pesquisa de Mestrado intitulada até o momento, **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E O USO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS EM SALA DE AULA**, desenvolvida pela pesquisadora Marcia Costa Graichen Murbach, no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa em Educação Matemática - Alfabetização Matemática, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone (41) 30163024 ou do email: marcia.murbach@gmail.com.

Afirmo que aceitei a participação do meu filho/filha por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: buscar por meio dos estudos em alfabetização matemática perceber possibilidades do uso das histórias para crianças como recurso de aprendizagem juntamente com o conteúdo de alfabetização matemática previsto.

A colaboração do meu filho/filha a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de entrevista aberta com o uso de narrativas organizadas a partir de entrevistas com crianças, alunas do Ensino Fundamental, gravadas em arquivo de áudio e posteriormente transcritas e textualizadas para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final seja implementada a dissertação terei acesso à transcrição e textualização da entrevista momento em

que poderei concordar com seu conteúdo e realizar as alterações que julgar necessárias. Posso retirar a participação do meu filho/filha desta pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo, sanção ou constrangimento.

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Assinatura _____ do
responsável: _____

Assinatura _____ da
pesquisadora/entrevistadora: _____



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu, _____

_____ portador(a) do RG: _____ e CPF:

_____ residente no endereço:

_____ responsável legal por: _____, declaro

por meio deste termo que após ter lido o texto da textualização da entrevista concedida em, ____/____/____, e após ter feito minhas considerações e solicitado as alterações, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra o

uso e publicações das informações por mim concedidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base no áudio coletado.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito e textualizado da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de Mestrado até o momento intitulada, **ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E O USO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS EM SALA DE AULA** desenvolvida pela pesquisadora Marcia Costa Graichen Murbach, no Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), DA Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa em Educação Matemática - Alfabetização Matemática, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste termo.

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Assinatura _____ do
responsável:

Assinatura _____ da
pesquisadora/entrevistadora: